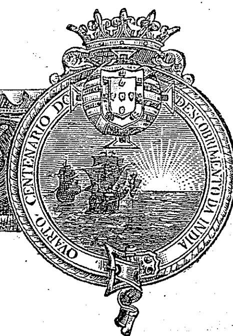




ESTUDOS

DE

PHILOLOGIA MIRANDESA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso Superior de Bibliothecario-archivista,
Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOLUME II



ESTUDOS

DE

PHILOLOGIA MIRANDESA

VOLUME II

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.ª qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

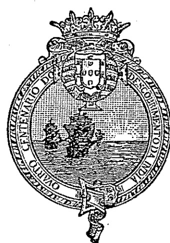
CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

ESTUDOS
DE
PHILOLOGIA MIRANDESA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor do Curso Superior de Bibliothecario-archivista,
Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOLUME II



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1901

PARTE III

THEORIA DO MIRANDÊS

I

Origem do mirandês, condições em que se constituiu, e sua evolução geral

O mirandês é evolução do latim. — Theoria da filiação das lingoas. — Se o mirandês foi importado ou é autochtone. — A Terra-de-Miranda na epoca romana e medieval. — Razões da existencia do mirandês, e da sua conservação. — Influencia do português e do hespanhol. — Mirandês archaico.

A origem do mirandês é o latim. Isso ficou directamente demonstrado na Grammatica, onde estabeleci a cada passo a correspondencia completa que existe entre os phenomenos mirandeses e os latinos. Ninguem poderá duvidar d'isto. Só os pyrrhonicos. Mas os pyrrhonicos estão fóra de combate, porque as armas dos combates scientificos são os factos e a razão; e os pyrrhonicos nem se submettem a esta, nem acceitam aquelles. Por tanto, *non ragioniam' di lor*...

Outr'ora havia individuos que se compraziam em discutir se certas lingoas eram ou não filhas de outras, apresentando para isso apenas argumentos theoricos. Entre nós são celebres a tal respeito os celtomanos, aos quaes me referi no meu opusculo *A philologia portuguesa*, p. 34 sqq.; elles queriam provar que o português provinha do celtico. Hoje a sciencia ri-se d'essas e semelhantes tentativas. Para se mostrarem as relações entre as lingoas, não se fazem considerações especiosas; trata-se de estabelecer comparações. Se, por

exemplo, eu mostrei que os phenomenos mais essenciaes do mirandês acham a sua razão de ser no latim, e só por este se explicam, que o *ǫ*, o *ĩę*, o *öu*, o *öũ*, o *lh-*, o *ʃ*, o *ç*, que os processos de formação do plural e do feminino dos nomes, que os pronomes, os numeraes, os verbos, as preposições, as conjuncções, os adverbios, tudo isto, e o mais que omitto, é de origem latina, que dúvida póde haver da veracidade da proposição que enunciei? O mirandês é pois uma das evoluções do latim; digo *uma*, porque a lingoa latina evolucionou de diversas maneiras, conforme os paises, tornando-se aqui mirandês e português, alli gallego, asturiano, hespanhol, catalão, mais alem gascão, provençal, francês, valão, e noutras direcções ladino, sardo, italiano, romeno. A ideia que hoje se fórma das lingoas é tal, que nem já mesmo com rigor se póde dizer que ha lingoas filhas e lingoas mães. Estes modos de expressão «remontent à une conception de l'histoire des langues et de leurs rapports qui ne saurait longtemps se maintenir»[1]. De facto, haveria pouca exactidão em se dizer que, v. g., «o port. *ceia* vem do lat. c e n a», pois que a expressão *vem* denota que existe uma lingoa d'onde a segunda palavra partiu, e que por consequencia ha separação entre c e n a e *ceia;* todavia a verdade é que *ceia* e c e n a são fundamentalmente uma só palavra: a primeira modificou-se, e tornou-se successivamente, sem interrupção na lingoagem, *cẽa, cea, ceia.* Os Romanos, quando vieram para a Lusitania, trouxeram a palavra latina, e diziam c e n a; na Idade-Média os nossos avós disseram *cẽa;* no sec. XVI a palavra tinha já a fórma *cea;* modernamente apresenta-se com a fórma *ceia.* Veiu passando de bôca em bôca, desde a epoca romana até

---

1 Gaston Paris, crítica ao *Dictionnaire générale de la langue française* de Hatzfeld & Darmesteter, extraida do *Journal des savants* (1890), p. 16.

hoje; conforme as bôcas que a pronunciaram, assim se modificou, sem nunca deixar de viver. O que se nota em relação a esta palavra nota-se em relação a quasi todos os phenomenos grammaticaes do português, considerado nos seus elementos tradicionaes e populares. Logo o português não vem do latim, mas, pelo contrário, é lenta transformação do latim, é latim alterado. O mesmo se applica ao mirandês e a todo o romanço. Sem dúvida, quando se considera o latim de Cicero e o mirandês do *pastorico* de Angueira, a differença é capital entre ambos: é comtudo differença mais apparente do que real. Cicero dizia l o c u s, o pastorico diz *lhöugo:* a palavra é fundamentalmente a mesma. Asseverar que o mirandês é filho do latim, sería o mesmo que asseverar, tratando-se de uma só pessoa, que o velho é filho da criança, apesar de entre estes dois estados da vida, observados em separado, haver tambem muitissima differença, como, noutra ordem de ideias, entre o latim e o mirandês, que são do mesmo modo duas phases de uma só lingoagem. Isto que acabo de notar é o que na realidade se deu, é a exposição dos factos taes como succederam; no uso geral, porém, para commodidade da expressão, não ha inconveniente em effectivamente se dizer que tal lingoa é filha de outra. O caso está em não tomar por interpretação fiel da verdade o que não passa de mera metaphora.

A respeito da origem latina do mirandês surgem dois problemas, que convém desde já elucidar:

provém o mirandês directamente do latim vulgar trazido na epoca romana para a Terra-de-Miranda, e é por isso autochtone, transmittido lá, sem solução de continuidade, desde essa epoca até hoje?

ou provém de um idioma vizinho, importado, já depois da epoca romana, para aquella região?

Começarei pelo segundo problema. Realmente póde a alguem afigurar-se como plausivel que o territorio mirandense fosse pouco a pouco colonizado na Idade-

Média por gentes vindas da Hespanha, que trouxessem comsigo a sua lingoa, que depois aqui evolucionaria até hoje. Mas, — alem de não haver necessidade de suppor isto, porque, se existe certa semelhança entre os phenomenos grammaticaes do mirandês e os dos idiomas de Leão e Asturias, ella explica-se perfeitamente, como veremos no cap. III, sem se recorrer á ideia de importação linguistica —, a hypothese cruza-se com graves difficuldades, porque é preciso admittir: ou que era completa a solidão da raia trasmontana, onde ao lado do mirandês se fallam outros idiomas que estão nas mesmas circumstancias, e cuja existencia se ha-de explicar como a d'este; ou que, sendo antecedentemente povoada a raia, a lingoa dos recem-vindos supplantou e substituiu as que deviam cá preexistir: ora, nem a Terra-de-Miranda, — para aqui fallar só d'ella —, foi totalmente deserta desde a epoca romana, que é a que importa aqui considerar (este ponto trata-se adeante, p. 7 sqq.), nem a supposição de que o mirandês é lingoa implantada se torna acceitavel, sem que se acceite a importancia e preponderancia dos recem-vindos, e *ipso facto* a inferioridade dos povos autochtones, — o que não se póde demonstrar. Sem dúvida muitas infiltrações no nosso territorio haveria de povos vindos do outro lado da fronteira em diversas epocas; devem, porém, ter sido insensiveis: quem chegava, facilmente se fundia com as populações preexistentes, como hoje succede ainda, tanto com os povos que vem de lá para Portugal, como vice-versa. — Logo, se havia povoação antiga, havia lingoa; e não existem motivos para deixar de crer que esta era a mirandesa.

Resta-nos pois o segundo problema, cuja solução só póde ser affirmativa. O mirandês ha-de considerar-se não só como continuação do latim vulgar que se fallou na epoca romana no territorio correspondente á Terra-de-Miranda, mas como um dos idiomas do systema linguistico do Noroeste da Iberia. Este ponto será tratado

com algum desenvolvimento no cap. III, p. 43 sqq. Aqui basta apenas indicar as condições em que o mirandês se desenvolveu.

Durante a epoca romana, o rincão de Miranda não se subtraiu, como disse, á influencia do povo-rei. Em Setembro de 1883 encontrei na aldeia de Duas-Igrejas cinco inscripções romanas funerarias, que publiquei na *Revista Lusitana*, I, 67-68, d'onde passaram para o *Corp. Inscr. Lat.*, II (Supplemento), 5657-5661. Alem d'estes, outros vestigios romanos encontrei em terras perto de Miranda, como, por exemplo, moedas, de que obtive algumas. Posteriormente aos meus achados, mais alguns se tem feito por lá. O illustrado tenente do exercito, o Sr. Albino Pereira Lopo, conservador do Museu Archeologico de Bragança, diz-me que neste Museu ha objectos romanos das seguintes localidades: Aldeia-Nova,—uma lapide funeraria inteira, de granito, parte de outra, de marmore grosseiro, um fragmento de cranio humano encontrado numa sepultura que estava perto do sítio em que appareceu a última lapide, uma porção de pão (trigo, centeio e *centeninho*) encontrado nesta sepultura, fragmentos das vasilhas que continham o pão, e finalmente duas moedas de cobre; Picote,—cinco lapides funerarias com inscripções, fragmentos de tegulas, um *pondus* de barro, uma moeda de *Turiaso*, e varios fragmentos de objectos de bronze; Malhadas,—duas moedas de cobre; Sendim,—uma moeda de prata (que, pelas informações que tenho, é um denario iberico, *argentum Oscense*). O Rev.do Moraes Calado, digno Conego-prior da sé de Miranda, a cuja benevolencia nunca recorro em vão quando preciso de alguma informação historica de Miranda, diz-me tambem o seguinte, em carta de 7 de Maio de 1898: «Ainda não ha muito que enviei para o Museu de Bragança uma moeda de cobre do tempo de Tiberio. Nas arribas do Douro, ou ribas, junto a Aldeia-Nova, apparecem vestigios irrecusaveis de uma habitação romana, muitas sepulturas,

com as competentes lapides. Foi nesse sítio que appareceu a tal moeda do tempo de Tiberio». — Sobre este assunto vid. *Norte Transmontano* (jornal de Bragança), de 18 e 25 de Março de 1898 e de 8 de Abril do mesmo anno; e *O Archeologo Português,* III, 212 e 244, IV, 1-6, 154-155 e V, 143; e cf. I, 11-12. — Não ha pois dúvida que a Terra-de-Miranda foi povoada na epoca romana. D'este facto porém a dizer-se que a cidade de Miranda se chamou *Concium,* como diz Fr. Bernardo de Brito[1], vae grande distancia! Miranda nunca se chamou *Concium* em epoca alguma[2].

O P.^e^ Carvalho da Costa[3], seguido por Pinho Leal[4] e por J. Maria Baptista[5], affirma que Miranda não só se chamou *Contium,* mas *Paramica* e *Sepontia!* O êrro é repetido pelo Sr. Albino Ferreira[6], que adoptou sem ponderação o que algures viu escrito. Á cêrca de *Sepontia Paramica* cf. o que eu disse no meu vol. I, p. 141.

Comprehende-se, pois, que tendo sido habitada a Terra-de-Miranda pelos Romanos, ahi se fallasse a sua lingoa. Já a respeito das cinco lapides funerarias de Duas-Igrejas, a que a cima me referi, eu disse na *Revista Lusitana,* I, 68: «como ellas appareceram no territorio em que se falla a lingoa mirandesa, provam pelo seu lado que o latim foi fallado nesse territorio, o que vem em apoio da minha theoria, aliás em harmonia com os principios glottologicos, de que o mirandês não re-

---

1 *Geographia da Lusitania,* 1597, fl. 8 *v.*

2 A fórma *Concii* encontra-se em Julio Obsequens, *Prodigiorum Liber,* ed. de Iahn, Leipzig 1853, que diz: «*Concii* homo ex speculo acie orta combustus» (p. 115, cap. XIV). Não só não ha aqui a minima allusão á Hispania, e muito menos ao territorio de Miranda, mas o philologo Heinsius tem a fórma *Concii* como erronea por *Antii* (vid. *obra cit.,* nota).

3 *Corografia,* s. v. «Miranda».

4 *Portugal antigo e moderno,* s. v. «Miranda».

5 *Corografia moderna de Portugal,* I, 390.

6 *Dialecto mirandez,* p. 60.

sulta de uma mistura do português com as lingoas de Hespanha, mas representa pelo contrário uma phase directa do idioma dos Romanos modificado *in loco* pelos povos d'aquella parte da Lusitania». Isto combina com o que escrevi no vol. I d'estes *Estudos*, p. 103.

Ao dominio romano succedeu na Lusitania, como é sabido, o dominio dos Barbaros, no sec. V, e o arabico no sec. VIII. Não conheço restos archeologicos d'estas epocas encontrados na Terra-de-Miranda; todavia, recorrendo a outras fontes, alguma cousa poderemos apurar a tal respeito. A p. 100 do vol. I estabeleci que o nome *Sendim* era de origem germanica; a p. 260–261 do mesmo volume mostrei que no vocabulario mirandês havia outras palavras germanicas, taes como *lua* («luva») e *lista*; a pp. 62 e 83 do mesmo volume encontramos no onomastico mirandês a palavra arabe *Aldeia*, e a p. 69 a palavra arabe *Atenor*. Da existencia das palavras deduzimos assim a preponderancia dos povos a cuja lingoa ellas pertencem. Com quanto a estes factos não se deva attribuir valor absoluto, porque as palavras podiam ter vindo de fóra, possuem comtudo algum, sobretudo *Sendim* e *Atenor*, tanto mais que, tendo estado o vizinho territorio de Zamora submettido aos Godos e aos Arabes, como diz Fernandez Duro nas suas *Memorias historicas de la ciudad de Zamora*, I, pp. 161 sqq. e 169 sqq., não é nada improvavel que a acção d'esses povos chegasse até Miranda[1]. No tempo

---

[1] A p. 60 do seu *Dialecto mirandez* diz o Sr. Albino Ferreira que Miranda foi conquistada em 746 pelos Arabes, e que estes lhe deram o nome. Quanto ao primeiro facto, onde estão as provas historicas d'elle? Ora, sem provas, não se fazem taes affirmações. Quanto ao segundo, ninguem, depois do que se leu no meu vol. I, pp. 33–34, lhe dará attenção.—Se cito o Sr. Albino, não é porque eu attribua ao seu trabalho a minima importancia (vid. o meu vol. I, p. XI sqq.), mas porque este autor se faz eco inconsciente do que outros disseram; e, combatendo eu o último em data, combato implicitamente todos os anteriores a elle.

de D. Sancho I começam a apparecer, como vimos no vol. I, p. 37, etc., documentos escritos á cêrca da Terra-de-Miranda. Fica pois assente que esta região, se foi habitada na epoca romana, o continuou a ser, mais ou menos, na alta Idade-Média; digo *mais ou menos*, porque as agglomerações humanas então eram geralmente pequenas, e constituidas por meros *villares*, *granjas*, *villas*, *póvoas*, segundo o que na Parte I, cap. III, deduzi da anályse dos nomes geographicos da região.

Que razões houve para que se formasse um idioma especial na Terra-de-Miranda, e logo a tão pouca distancia d'ella, em muitas localidades do concelho de Vimioso, e no de Mogadouro, por exemplo, se falle já português? Em primeiro lugar lembrarei o que já disse no vol. I, pp. 127 e 475, que o mirandês não é unico alli: ao Noroeste, na raia, ficam os idiomas riodonorês e guadramilês; num documento do Mogadouro, anterior ao anno de 1311, citado no vol. I d'estes *Estudos*, p. 127, mencionam-se vocabulos com caracter dialectal bem pronunciado; em Avellanoso, tambem na raia, deve ter-se fallado algum dia mirandês (vid. adeante, p. 46 sqq.); alem d'isso, como mostrei no vol. I, p. 36 sqq., a Terra-de-Miranda era a princípio mais extensa que hoje; e o mirandês tem perdido terreno desde a Idade-Média para cá. As razões da formação do mirandês e dos outros idiomas vizinhos, tanto em Portugal, como na Hespanha, são multiplas, e não differem, em geral, das que concorreram para a constituição de todos os idiomas particulares em que um principal se scinde. Ainda assim, notavel é que Tras-os-Montes nos offereça tres unidades linguisticas tão caracteristicas, ao passo que no Entre-Douro-e-Minho, na Beira, etc., não succede isso, embora lá a lingoa portuguesa apresente differenciações, mas não tamanhas.

A p. 41–58 do vol. I indiquei as condições topographicas, climatericas e ethnographicas da Terra-de-Miranda, que, por terem certa uniformidade, facilitavam a pro-

ducção do phenomeno linguistico de que me estou occupando[1]. Se estas condições avultam tanto ainda hoje, quanto mais não avultariam na Idade-Média, epoca em que o phenomeno se produziu? Quanto maiores são os caracteres differenciaes entre duas ou mais regiões, quer no que se refere á geographia physica, quer á ethnographia, á anthropologia e á historia, tanto mais facilmente se realiza a scissiparidade dialectal, como se observa na Suiça, na França, na Italia. Encravada por um lado no territorio leonês, limitada d'outro por um rio importante como o Douro, a Terra-de-Miranda, como em geral toda aquella zona da provincia trasmontana, estava em bellas condições para que alli se criasse uma falla especial; por ventura tambem alguma antiga tribu lusitanica deixaria alli os germens de uma differenciação ethnica que contribuisse para isso. A propria denominação *Terra-de-Miranda,* que, como vimos no vol. I, p. 37, data pelo menos do tempo de D. Sancho I, contém a sancção popular d'esta unidade geographico-social.

Constituido o idioma, importa investigar como elle se manteve até hoje, embora dia a dia cada vez mais circumscrito. Algumas das causas d'esta manutenção estão nas proprias condições que concorreram para a sua constituição; outras estão no relativo insulamento do territorio, só modernamente posto em contacto intimo com o resto do país por estradas, jornaes, aulas primarias; outras no atraso intellectual dos habitantes, que, —*felix culpa!*—, os levam a amarem e a conservarem o que é seu, ainda que de algum modo divorciados do pensar commum. Á medida que estas e semelhantes causas vão desapparecendo, o idioma vae-o tambem, como no vol. I, pp. 128 sqq. e 153 sqq., o mostrei

---

1 Cf. tambem algumas observações genericas que fiz nas *Lingoas raianas de Tras-os-Montes,* p. 5 sqq.

com algum desenvolvimento. *Ibidem,* p. 158, vimos como a phonetica hespanhola, não obstante a luta exercida em todos os tempos pelo idioma português contra o mirandês, contribue em parte, pelo seu lado, para a persistencia d'este: de facto o mirandês é raiano, e é só na raia que se apresentam as ilhas linguisticas importantes.

Sem embargo da semelhança que em certos casos ha entre o mirandês, de uma parte, e o hespanhol e português, da outra, — o que ora contribue para maior fixação dos elementos d'aquelle, ora para a gradual fusão com os das lingoas vizinhas, sobretudo com os da portuguesa, por ser no territorio o idioma dominante —, a differença é manifesta para os Mirandeses, que tem dos factos plena consciencia: vid. o vol. I, p. 158. O notavel contraste que elles encontram, por exemplo, entre a sua região e a vizinha Terra de Sayago, que é como que o Alvernhe hespanhol[1], levou-os mesmo a applicarem a

---

[1] «Aux environs de Zamora est un petit quartier de pays, nommé Sagjago (*sic*), composé de plusieurs bourgs, villages & hameaux, dont on dit que les habitants sont fort grossiers, tant pour le langage, que pour la manière de vivre». Alvarez de Colmenar, *Les délices de l'Espagne et du Portugal,* t. I, Leide 1707, p. 150 (Consultei esta obra na Bibliotheca Nacional de Madrid em 1899).

Á cêrca de Sayago publicou D. Cesáreo Fernandez Duro um curioso artigo no *Boletin de la Sociedad Geográfica de Madrid,* t. VIII. — Vid. tambem *Diccionario enciclopédico hispano-americano,* s. v. «Sayago».

O habitante de Sayago chama-se *sayagues,* palavra synonima de «rustico». Por isso os poetas do vizinho reino, para darem certa graça satyrica ás suas composições, empregavam mais ou menos phantasticamente o fallar *sayagues,* como entre nós se emprega o gallego, a lingoagem saloia, etc. Assim, Francisco de Quevedo, *Las tres musas ultimas castellanas,* Madrid 1716, p. 65 (Musa VII, Euterpe), traz um «romance sayagues burlesco». — Foi por desconhecer a significação de *sayagues,* e a existencia da terra de Sayago, que o Sr. Theophilo Braga na sua *Historia da litteratura portuguesa,* vol. IX, *Sá de Miranda e a eschola italiana,* Porto 1896, pp. 295 e 296, perguntou duas vezes se *sayagues*

esta as seguintes fórmulas que dizem contra o *anubrado*, «nevoeiro» (cf. tambem *Trad. pop. de Port.*, p. 291):

1. Retẽ-te, retẽ-te,
Retẽ-t', anubrado,
Bai-te descargando
Pa la Tïęrra de Saiago.

2. Retẽ-t', anubrado,
Pa la Tïęrra de Saiago,
Cũ tùę molhïęr barbuda
I tùę perrica aguda («ligeira»).

Fórmulas analogas correm no resto do país, como mostrei nas minhas *Tradições populares de Portugal*, § 112.

Confinado entre o português e o hespanhol, não admira que o mirandês tenha de ambos recebido elementos lexicaes, com especialidade do português. No decorrer da leitura da GRAMMATICA que publiquei no vol. I se encontraram já muitos exemplos. Aqui darei ainda outros:

a) Palavras provindas do português:

abernuncio, palavra que já de si é tambem litteraria em português,—lat. ecclesiastico abrenuntio;

---

significava «fallar da gente do Suajo». Por igual motivo diz o Sr. F. Adolfo Coelho no *Diccionario etymologico* que a palavra *saiagues*, a que dá por definição «o que veste saial», vem de *saio*. O mesmo repete o Sr. Candido de Figueiredo no *Novo diccionario da lingoa portuguesa:*—nem outra cousa era de esperar d'elle!

Nas *Memorias parochiaes* (sec. XVIII) a que me refiro adeante, p. 21, os parochos de Malhadas e da Póvoa empregam, em vez de *Terra de Sayago*, a expressão *partido de Sayago*. Diz o primeiro, por exemplo: «Ao oriente se avista o *partido de Sayago*, que he do bispado de Zamora, reyno de Leão» (vol. XXII, fls. 245 sqq.). Aqui *partido* está no sentido hespanhol de «districto», «divisão territorial juridica ou administrativa».

ameixoa, «ameixa», palavra que, como o mostra o etymo *damáscina[1], o derivado gall. mod. *ameixenda* < **ameixeneda*, e o latim barbaro do sec. x (em documento de origem portuguesa) *Ameixenedo* > *dasmascinetu-, devia ter originariamente um *n* intervocalico, que não podia cair em mirandês (vid. a GRAMMATICA, § 109);

amóbeto, «móvito», palavra que mesmo em português não é de origem popular.

assobiar, que, por vir do lat. sibilare, devia conservar o *l*, se fosse mirandesa de origem (GRAMMATICA, § 112)[2];

baleia, que, se viesse directamente do lat. ballaena, como veiu o port. *baleia* e o hesp. *ballena*, devia ter *-lh-* (GRAMMATICA, § 141)[3];

belo, que por vir do lat. bellu-, devia ter *lh* em mirandês (GRAMMATICA, § 141);

janela, que, se fosse mirandesa de origem, teria tambem *lh*, por vir do lat. *ianuella (cf. GRAMMATICA, § 141).

trevo, que por ter como etymo *τρίφυλον, —vid. vol. I, p. 252, nota 2—, devia conservar o *l* (cf. *assobiar* supra).

---

[1] Vid. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, § 179 (in *Grundriss der romanischen Philologie*, de Gröber); e Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, I, p. 473.

[2] A palavra latina sībilare está representada de duas maneiras em português:

a) por *assobiar* = *a-(s)sobiar* < assībĭlare tendo-se o primeiro *i* atono, embora longo, mudado em *o* por influencia da labial vizinha;

b) e por *silvar* < > hesp. *silbar*, de **silibare*, **silivar*, tendo havido metathese do *l*, e syncope do *i* postonico, como em *solteiro* < solitariu-.

[3] Á cêrca da fórma ballaena, com *ll*, vid. *Revista Lusitana*, II, 373.

b) Palavras provindas do hespanhol:

bulda, «bulla do Pápa», hesp. tambem *bulda;*
cerilha, «phosphoro de cera», hesp. *cerilla;*
duana, «alfandega», do hespanhol *aduana* (a palavra *duana* não é especial ao mirandês, usa-se em toda a raia);
triteiro, «palhaço ambulante», «comediante», do hesp. *titerero;* digo que a palavra é hespanhola, porque em mirandês não se usa a fórma primitiva *títere.*

Como o mirandês só está em contacto com idiomas de Portugal e de Hespanha, não póde, — abstrahindo do que lhe viria dos idiomas dos Barbaros e Arabes—, ter recebido influencia de outros senão d'esses; quando em mirandês apparecem palavras oriundas de outros idiomas, ellas passaram para elle por intermedio do português ou do hespanhol: *caceto*[1], *centinela*[2], *chapeu*[3], por exemplo, que são de origem francesa, vieram pelo português. — A influencia do português é mais forte, mais íntima, do que a do hespanhol, pelo facto de o mirandês se fallar em territorio de Portugal, onde o português é a lingoa official e geral. A influencia do hespanhol na phonetica mirandesa é nulla; nem mesmo se exerce na morphologia; limita-se ao lexico, phenomeno perfeitamente exterior. A influencia do português exerce-se tambem principalmente no lexico.

Depois de conhecida a origem do mirandês, e as condições da sua existencia, sería interessante conhecer a sua evolução geral. Infelizmente faltam-nos testemunhos directos do mirandês archaico, pois o que pude descobrir é tão pouco, que quasi equivale a nada. Esses tes-

---

1 Vid. o vol. I, p. 308.
2 Vid. no mesmo vol. a GRAMMATICA, § 114-OBS. 4.
3 Cf. fr. mod. *chapeau,* ant. *chapel.* As palavras portuguesas *chapeleiro, chapelaria, chapelinho* attestam ainda o ant. fr. *chapel.*

temunhos são de duas especies: a tradição oral; e os documentos escritos. Pela anályse phonologica tambem se descobrem fórmas antigas, como a cada passo vimos na GRAMMATICA; assim, v. g., antes de se dizer *öubeilha,* devia dizer-se **oubeilha* ou **oubelha,* e **obelha* (§ 78); mas isto são testemunhos indirectos, e que tem valor relativo, embora real. Quando converso com os Mirandeses, principalmente com os velhos, muitas vezes lhes ouço dizer — tal e tal palavra é antiga, já se não usa em toda a Terra-de-Miranda, ou usava-se d'antes: nesse caso está por exemplo *q'redes,* que citei no vol. I, p. 370, *abólo* (ou *abǫlo*) a p. 329, *yęra* por *era,* a p. 417, e outras. Pelo que respeita a documentos, já quando tratei da geographia no vol. I, p. 61 sqq., indiquei algumas fórmas antigas de nomes de terras, como *Barceosa* (sec. XIII), *Costantim* (sec. XIII), *Ifanez* (sec. XVI). Aqui cito algumas palavras avulsas que respiguei em documentos dos seculos XVI–XVIII.

Sec. XVI:

O documento de que me sirvo é o *Livro do tombo das demarcações dos luguares das comarcas de Tralosmontes e dantre Douro e Minho que estam ao longuo da raia, estremo de Castella e Gualiza,* fls. 24 sqq., documento que existe na Torre do Tombo, e cuja cópia, na parte que me interessa, devo ao Sr. Pedro de Azevedo. Este documento é de 1538, e contém certas expressões locaes da raia de Miranda, umas que são nomes communs, outras que são nomes proprios, — como:

arrife, na phrase «arryfe de pedra»; a palavra *arrife* usa-se noutras localidades de Portugal. Viterbo, *Elucidario,* tambem a cita num documento bragançano do sec. XVI, e compara-o com *arrecife.* A palavra *arrecife* é arabica, vid. Dozy & Engelmann, *Glossaire,* pp. 198–199. Mas virá *arrife* de *arrecife?* (por intermédio de **acerrife,*

**aç'rrife?*). *Arrife* e *Arrifes* encontra-se no onomastico português do Sul, o que, com o facto citado a cima, prova que a palavra foi outr'ora usada em todo o país.

Candena, na phrase: «hũa cruz grande de pedra, que se chama a *Cruz de Candena*». De certo *candena* foi na origem nome commum, pois se encontra no onomastico de Hespanha *Candenosa* (Cantabria), *Candenal* (Asturias). Em astur. ha mesmo *candanal,* que parece variante de *Candenal,* e que significa, segundo Rato de Argüelles, *Vocabulario bable,* s. v., «sitio de tierra blanquecina». No onomastico da Galliza ha *Candendo,* que faz presuppôr **Candenedo:* cf. *ameixenda,* que citei a cima. Outras fórmas se poderiam citar no onomastico quer gallego, quer português, mas não desejo levar mais longe a anályse.—Em virtude do significado de *candanal* em asturiano, talvez a palavra seja aparentada com o latim *candidus* e *candens.*

Carqueijal, «cabeço..... que se chama *Pena do Carqueijall*». No português commum não se encontra *carqueijal,* mas sómente *carqueija,* em gall. *carqueixa,* em astur. *carquexa;* cf. o hesp. *carquexia* e o catal. *carquexia* e *carqueixia.* No nosso onomastico não só se encontra *Carqueijal* mais de uma vez, mas *Carqueijo, Carqueijido, Carqueijosas, Carqueijoso;* no onomastico da Galliza ha *Carqueijedo* e *Carqueijeda.*

carril, escrito *caryll,* «carreiro». Tambem em hesp. *carril,* «camino estrecho y sólo para un carro» (*Dicc. hesp.* de Barcia); em gallego a palavra tem pouco mais ou menos o mesmo sentido.

Cerdeira, «serra de Cerdeira». Em mirandês, como no dialecto beirão, ha *cerdeira,* que significa «cerejeira», e no onomastico, sobretudo no Centro e Norte do reino, a par de *Cerdeira,* ha *Cer-*

deiral, Cerdeiredo, Cerdeiro. Em gall. ha como nome commum não só *cerdeira,* mas tambem *cerdeiral,* ambos os quaes existem no onomastico. É curioso que ao fruto *cereja,* do lat. *ceresia, corresponda aqui, como nome da arvore respectiva, *cerdeira,* que evidentemente tem outro radical.

Cinheiro: «E dahy fforã decendo a *Vall Cenheiro,* decendo a hũ valle onde estava outro marco, e na metade do *Vall de Cynheiro* amostrarã outro marco, e ao dyante amostrarã outro marco entre *Vall Cynheiro* e os Valles». *Cinheiro* deve ter sido na origem tambem nome commum, pois no onomastico de Leão se encontra *Ciñera;* o suffixo leva a crer que a palavra de que se trata pertence ao reino vegetal: como em grego ha κίννα, que significa certa herva, poderiamos talvez ver aqui o etymo da nossa palavra, pois que -νν- = *-nn-* estavam perfeitamente representados por *-nh-* em mirandês, e por *-ñ-* em hespanhol. Claro é que neste caso, como nos semelhantes, o grego só podia ter vindo por intermedio do latim vulgar.

Corvaceira: «teso [isto é, altura, cerro], que por seu nome chama a *Pena Corvaceira*». No onomastico português é frequente esta palavra; no da Galliza tambem se encontra *Corvaceiras.* — O radical parece ser o mesmo de *corvo: Corv-ac-eira;* cf. *lam-ac-eira, Gest-aç-ô.*

Godinho: «Vall de *Godinho*» (em mir. deve ser *Godino*). A palavra *Godinho* é bastante frequente no onomastico de todo o país; tambem ha *Godinhos, Godinha, Godinheira, Godinhares, Godinhaços.* No onomastico hespanhol encontro só uma vez *Godina,* nas Asturias. Vê-se que a palavra *Godinho* foi na origem nome commum, e que, a julgar das outras fórmas, se decompõe

verosimilmente em *God-inho;* com o th. *god-* relaciona-se talvez tambem *Godela* em Portugal e Galliza, e *Godella* e *Godelleta* em varios pontos da Hespanha. Com a mesma familia de palavras se relacionará ainda *Godim* e *Agodim,* do nosso onomastico, e *Godin,* do onomastico gallego (ant. genetivo *Gutini:* vid. o vol. I d'esta obra, p. 80). Cf. mais: *Goda* e *Godão* em Portugal, e *Godas do Rio* na Galliza.

malhoeira: «os antigos com que se ffor ver esta terra da Raya lhes poderã dyzer os nomes por õde vay a *malhoeyra*», i. é, a divisão (em mir. devia ser *malhoneira*). Vid. o artigo seguinte.

malhões: «marcos e *malhões*» (em mir. devia ser *malhones*); *malhões* são marcos divisorios de terras. A fórma port. ant. correspondente no sing. é *malhom,* apud Viterbo no *Elucidario,* s. v., que tem como parallela em hesp. *mojon.* Viterbo, *loc. cit.,* tambem traz *moiom* como português antigo no sentido de «linde» = limite-, porém *moiom* ou não é português, ou é raiano. O etymo parece estar no lat. *moleone- (*molione-), derivado de moles.—Em *malhão,* de *molhom,* o *o* mudou-se em *a* por influencia de *malhar* ou *malho.*—De *malhom* deriva *malhoeira,* que vimos no artigo precedente.—No «Vocabulario trasmontano» publicado pelo Sr. Augusto Moreno in *Revista Lusitana,* v, acho a seguinte notícia, que importa aqui citar: «*amalhoar* (uma terra de mato),—é pô-la aos *malhões,* isto é, juntar algumas estevas e giestas, pelas pontas, e atar-lhes á roda um vincelho. Os *malhões* indicam que a terra está vedada» (pag. 26); cf. *ibidem,* p. 96, *malhão.* Parece que estas palavras se relacionam com a estudada a cima: num caso o *malhão* serve de marco divisorio (feito de pedra); noutro serve de vedação (feito de giestas).

Morigo: «está hy hũ marco, que se chama *Morygo*». Ignoro o sentido primitivo d'esta palavra.

referta: «e que nunca sobre iso vyrã esta villa de Miranda ter nenhum debate, contenda nem demanda e *Refferta* cõ Castella». Vê-se do contexto que «debate», «contenda», «demanda» e *referta* são synonimos entre si. Muitas vezes nos documentos officiaes acham-se a seguir termos synonimos, com o fim de se attingir maior clareza. Em hespanhol ha effectivamente *refertar* = *reyertar,* «contender», «altercar», com o derivado *refertero,* «polemista». O etymo creio dever buscar-se em *r e f e r t u - (< > *relatus*) = r e - f e r t u s, de *refero;* cf. tambem o port. *offerta,* o fr. e prov. *offert,* o ital. *offerto,* que só podem explicar-se por *o f f e r t u - (< > *oblatus*); igualmente temos o fr. *souffert,* o prov. *suffert* < *s u f f e r t u -. São participios analogicos, formados como *apertus* (de *aperire*), *refertus* (de *refercire*) e outros. O catalão levou mesmo um pouco longe este processo, pois tem, por exemplo, *omplert, cumplert, suplert, establert,* etc.

retorto: «até onde chega ho caminho de *Carvalho Retorto,* que vay para Alcamiças». A palavra *retorto,* «retorcido», < lat. r e t o r t u = r e - t o r t u s, nada tem especial, a não ser o seu emprêgo.

urreta, mir. mod. *öurreta:* «hyndo mais pera diante, amostrarã outro marco *a cabeça de Urreta d'agia*» (i. é: *á cabeça* [= *ao cabeço*] *de Urreta d'aguia*). Noutro ponto do documento leio: «cabeço do Reto do Callvo», que se repete outra vez; talvez *do Reto* esteja por *d'Orreta* = *d'Urreta*. Á cêrca da palavra diz Viterbo no seu *Elucidario,* s. v., o seguinte: «*Orreta,* valle profundo entre montes, e com mui estreita margem, que apenas

admitte poucas fiadas de oliveiras, ou outras arvores. Esta palavra antiga ainda hoje tem uso em Tras-os-Montes». Effectivamente ouvi-a por lá muitas vezes, não só em Miranda, mas longe.

Sec. XVII:

Não encontrei documentos nenhuns que sirvam para o assunto de que me estou aqui occupando.

Sec. XVIII:

Os documentos de que me sirvo para fazer os meus extractos são as Memorias parochiaes existentes em ms. na Torre do Tombo, e redigidas no sec. XVIII. Estas Memorias constam de descripções das differentes freguesias do reino, feitas pelos parochos, por ordem do govêrno, e destinadas a servirem para a organização de um grande diccionario geographico: cf. *O Arch. Port.*, I, 267–268 (artigo do Sr. Pedro de Azevedo). Os parochos da Terra-de-Miranda deixaram muitas vezes transparecer certos mirandesismos em meio da lingoagem litteraria de que se serviam. São estes mirandesismos que aqui transcrevo, indicando entre parenthesis, nas citações, os numeros dos volumes e das folhas. Embora seja duvidoso para mim se em Atenor se falla mirandês, segundo o que escrevi no vol. I, p. 60, não deixo de incluir na lista seguinte algumas expressões colhidas na informação do parocho d'aquella freguesia, por terem cunho popular.

alcaceres: «tem hua (*sic*) boa faceira, aonde se colhem muitos *alcaceres* e muloens» (V, 757 sqq.). Deve ler-se *alcacéres*. Em hesp. temos *alcacel* ou *alcacer*, «cebada en hierba» (Barcia). Na Beira-Baixa chama-se *alcacêr* o centeio em verde destinado ao pasto dos animaes. No Alemtejo tambem existe *alcacél*, segundo vejo nos *Vestigios da lingoa arabica*, de Sousa & Moura, Lisboa 1830, s. v. Vi-

terbo, no *Elucidario,* cita *alchaʒar* (sec. XIII) e *alcacer* (sec. XVI). No «Vocabulario trasmontano», publicado pelo Sr. Augusto Moreno in *Revista Lusitana,* v, encontro a p. 24 o seguinte artigo: «*alcacél,* pimentos, tomates, cebolas, etc., que se compram para pôr na horta. Ao *verde* para as bestas não chamamos». Vê-se que é neste sentido de pimentos, cebolas, etc., que o parocho empregou a palavra *alcacéres,* e não na do sentido de cevada verde. — O etymo é arabico, — *alcacîl:* vid. Sousa & Moura, *ob. cit.;* e Dozy & Engelmann, *Glossaire,* s. v. — Não sei se a palavra existe hoje em mirandês; é provavel que sim.

ancha, larga (IV, 58). O mesmo em mirandês moderno: vid. o meu vol. I, p. 283.

arbores, arvores (v, 757 sqq.). Nota-se aqui *b* por *v,* segundo um dos caracteres do mirandês.

arribas: «*arribas* do Douro» (II, 181; XVI, 1089). Em vez de *ribas* < lat. r i p a s, com *a* prostethico; cf. GRAMMATICA, § 151-*a*.

bacum: «gado *bacum*» (XIV, 461), vaccum. Temos aqui outra vez *b* por *v*.

carreteiro, o homem que conduz o carro (XXX, 1817). Derivado de *carreta.* Cf. hesp. *carretero.*

charqueirão: «hum *charqueirão* que avia anos estava seco» (XXXV, 1180). A fórma mirandesa devia ser *charqueirōũ* ou *charqueirõu.* Derivada de *charco,* como o port. *poceirão,* de *poço.* Os diccionarios portugueses tambem citão *charqueirão,* mas a palavra não é geralmente usada.

conceilho, concelho (XIII, parte I, 215–217). Do lat. c o n c i l i u m. A fórma mir. mod. é *cunceilho,* e já de certo o era no sec. XVIII, mas o parocho só representou em mirandês a terminação *-eilho.*

dismos, dizimos (XLI, 1865). — Deu-se syncope do *i* postonico: cf. GRAMMATICA, § 70.

Estevo, Estevão (XIII, parte I, 215–217): < lat. Stephanus = Στέφανος, com *-v-* < *-b-,* ainda que em mirandês a palavra deve ter *-b-* (cf. a GRAMMATICA, § 99), mas o parocho fez um mixto de lingoa litteraria e lingoa popular. A fórma *Estevo,* quanto á sua terminação, é analoga ás pop. port. *Cristóvo* < (por *Christovão*) *Christophanu- = Christophorus (cf. ital. *Christofano*), e *orfo* < orphanu- (litter. *orphão*).

faceira: «os linhares ahonde chamão a *Faceira*» (II, 1180). Nesta expressão é *Faceira* nome proprio, mas a cima, s. v. *alcaceres,* vimos outro texto, em que ella é nome commum. De facto *faceira* existe ainda hoje em mirandês, e por toda a raia trasmontana (muitas vezes ouvi lá tal palavra); não posso dar uma definição rigorosa, mas de modo geral direi que *faceira* é um campo com bom chão para frutos, situado ordinariamente, como creio, junto das povoações. Quando fiz uma das minhas viagens pela raia trasmontana, e ia a cavallo no meu burrinho, aconteceu muitas vezes perder-me; o meu guia, logo que avistava uma *faceira* de trigo, dizia que era isso signal de que ficava perto uma povoação. Uma variante de *faceira* é *faceiro,* que encontro no «Vocabulario trasmontano» de Augusto Moreno, in *Revista Lusitana,* v, 88: «*faceiro* (subst.),—quasi o mesmo que veiga; em geral, campos fecundaveis e planos, cêrca das povoações».—Quanto ao etymo, talvez *faceira* e *faceiro* fossem na origem adjectivos derivados de *face:* (terra) *faceira,* (campo) *faceiro,—em face* das povoações; cf. *fundeiro,* «o que está no fundo»; *deanteiro,* «o que está adeante». Todavia *face* não póde ser palavra da origem da lingoa, como tambem o não é em português: cf. hesp. *haz* < facie-, port. *az* < acie-.

freiguesia, freguesia (xvi, 634). — Fórma corrente em português antigo. Em mir. mod. *fraguesia;* de origem portuguesa, senão em mir. devia haver o *l* correspondente ao hesp. *feligresia.*

horto: «nos *hortos* particulares ha hortaliça» (xxxiv, 911). Em mir. diz-se *orto;* significa «quintal». — Lat. hortu-. Cf. hesp. *huerto,* port. ant. *orto* (horto).

labrantia: «terra *labrantia*» (xiv, 471), isto é, lavradia. Cf. hesp. *labrantio.* Lat. *laborantivu-, sobre o th. laborant- do participio do presente de laborare; cf. *lavandeira,* tambem formada de participio.

linhar, terra onde se cria linho: vid. o texto citado a cima, s. v. *faceira.* Em português actual diz-se *linhal* ou *linhar.* A fórma mir. mod. é *lhinal,* de *lhino* < lat. linu-. Em hesp. ha *linar.* No onomastico port. *Linhares.*

mare, mar (xiii, parte i, 215-217). Sobre o *-e* vid. Grammatica, § 119. Noutra cacographia mirandesa, tambem do sec. xviii, encontrei *mari.*

muloens, melões (v, 757 sqq.). Em mir. consta-me porém que se diz *melones,* sing. *melõu;* o *u,* devido a influencia da labial vizinha, é comtudo phenomeno muito natural.

Ourreta da Silva, (xiii, parte i, 215-217). Nome proprio de sítio. Cf. supra.

paramio: vid. o meu vol. i, p. 140 sqq.

raça de sol, restea de sol (xiii, parte i, 215-217). Ainda hoje em mir. se diz *raça de sol.* Na Beira-Alta e Baixa diz-se *reça.* Em Mogadouro e Lagoaça «*raça* de sol», «*raçada* de sol»: vid. *Revista Lusit.,* v, 102 (artigo de Augusto Moreno). Em hesp. *raza,* fórma analoga á mirandesa. — O etymo do port. *reça* será o lat. restis, na fórma derivada *restia; o hespanhol e o mirandês experimentariam influencia de *raça, raza,*

ou tem *a* < *e*, por influencia do *r* vizinho. O grupo ST + *i* póde dar *ç* (*z*): cf. *moço* (*mozo*) < *musteu- (mustus), *Çaragoça* = *Zaragoza* < *Caesaraugustea ou *Caesaraugustia.

reluzes: «cristaes a que chamam *reluzes*» (XXX, 1937 sqq). Parece que estes *crystaes* não serão aqui mais do que estalactites e estalagmites, porque o parocho falla d'elles referindo-se a uma gruta. O etymo está em *reluzir* (*reluzes* é substantivo verbal); todavia em mir. diz-se *relhuzir*.

sebada, cevada (V, 757 sqq.). A palavra está mal escrita quanto ao *s* por *c*. O *b* por *v* é phenomeno mirandês que já encontrámos a cima.

sentir: «nem sinto que nella haja previlegio» (V, 757 sqq.), onde *sinto* está no sentido de *consta-me, creio,* como succede na lingoagem familiar de outros pontos do país.

sirve, serve (XIII, parte I, 215–217). Á cêrca de fórmas mirandesas semelhantes vid. o meu vol. I, p. 380.

Numa busca que algum dia farei em cartorios publicos e particulares da Terra-de-Miranda é provavel que maior número de palavras mirandesas colha, e talvez na maior parte mais caracteristicas do que estas, pois na lista precedente nada se averiguou quanto á grammatica, a não ser o valor de *b* dado ao *v* primitivo, o desenvolvimento do *i* na terminação *-eilho,* a prothese de *e* (-į) em *mare* (marį), a acção da labial em *mulões,* e a fórma verbal *sirve;* o mais tem apenas importancia lexicologica.

II

Variedades dialectaes do mirandês

O mirandês não se falla uniformemente em toda a Terra-de-Miranda. — Sub-dialecto central. — Sub-dialecto raiano. — Sendinês.

A palavra *mirandês* designa de modo geral o conjuncto das fallas populares, e indigenas, da Terra-de-Miranda. O povo, porém, estabelece neste conjuncto de fallas certos grupos, chamando *falla atravessada* á que se usa na raia sêcca (*atravessada,* entende elle, de *hespanhol!*); *sendinês* á de Sendim; e *mirandês* propriamente dito á do resto da Terra-de-Miranda. Esta distincção é razoavel, e representa até certo ponto a realidade; eu a adoptarei, substituindo apenas a primeira pela de *raiana,* e chamando á terceira *mirandês normal* ou *central,* — normal, por ser a que corresponde á maior parte do territorio, e a que tomei por norma na minha obra, e tambem por ser nelle que estão escritos quasi todos os trabalhos que ha em mirandês, — e central, por ficar entre a falla de Sendim e as da raia.

O sendinês tem caracteres phoneticos importantes, que lhe dão independencia dialectologica. O mirandês raiano parece offerecer sobretudo algumas differenças morphologicas em relação ao central. Diversidades lexicaes ha-as, como é natural, por toda a Terra-de-Miranda: assim diz-se na Povoa *abe-rapina,* e em Duas-Igrejas

abe-rapinha; diz-se *ruga* na Povoa e Malhadas, e *rùȩ̂* em Duas-Igrejas; uns dizem *beldre, beldro,* outros *belhõũ* (port. «vello»); em Villar-Sêcco diz-se *pa-lí,* em Duas-Igrejas *pa-lhí;* em Especiosa diz-se *noſöutros* e *boſöutros,* e em Duas-Igrejas *nós* e *bós.* Pelo menos são estas as informações que colhi.

Entremos agora mais particularmente no nosso assunto. Denominando *sub-dialectos* as referidas variedades dialectaes, temos pois: I) *sub-dialecto normal* ou *central;* II) *sub-dialecto raiano* ou *septentrional;* III) *sendinês* ou *sub-dialecto meridional.* Talvez possa ainda constituir-se um 4.º grupo com as fallas mirandesas do concelho de Vimioso, — mirandês occidental; mas faltam-me elementos para dizer se sim ou não. Por ora contentemo-nos com aquella divisão, que porventura eu ainda modificarei um dia, após novos estudos, e nova viagem á Terra-de-Miranda.

I. Mirandês central:
Os seus caracteres ficam superabundantemente discriminados na Parte II d'esta obra, onde tratei da GRAMMATICA MIRANDESA; não preciso pois de voltar ao assunto.

II. Mirandês raiano:
Já tambem na mencionada GRAMMATICA me referi aqui e alem ao mirandês raiano. Exporei agora todavia no conjuncto o pouco que me foi possivel apurar.

A raia sêcca mirandesa é constituida pelas seguintes aldeias: Paradella, Ifanez, Constantim, Cicouro e S. Martinho de Angueira.

De modo geral dizem-me que na raia se usa *antonces,* ao passo que no Sul se usa *antóces* e no centro *antõũ:* vid. a GRAMMATICA, p. 450. É tambem da raia *abolo* (ou *abọlo?*), e talvez o archaismo *q'redes.*

Um amigo meu escreve-me que em Paradella o mirandês é muito castelhanizado; provavelmente isto significa que os caracteres intermedios que o mirandês possue

em relação ao português e ao hespanhol, são lá mais proximos do hespanhol do que noutras localidades.

Em Ifanez, como lembrei na Grammatica, p. 448, diz-se *pa-'lhina, po-'lhina, aquina,* por *quina,* ao passo que, por exemplo, em Duas-Igrejas se diz *alhi* e *eiquí;* e diz-se *calhe* (cf. hesp. *calle*), e não *ruga,* nem *rùḙ;* mas a lingoagem d'esta terra tem muitos phenomenos grammaticaes em commum com o mirandês central, por ex.: *sǫlo* < lat. sŏlo (Grammatica, § 58); *lhuç* e *lhume* com *lh-* < *l-* (Grammatica, § 111); *andã* no indicativo, e *andḙ̃* no conjunctivo, como se viu na Grammatica, pp. 420 e 422.

A lingoagem de Constantim, a julgar do que observei, tambem não differe, senão no vocabulario, e pouco, da lingoagem do centro. Á cêrca de Cicouro não tenho informações especiaes.

Em S. Martinho de Angueira estive de passagem umas horas, e colhi alguns factos linguisticos. Entre os pronomes ha: *ésto, ésso, aquésto, aquésta,* que não se usam em Duas-Igrejas, e parece que ha *mĩu* (ou *mĩęu*), a par de *mìu.* Fórmas avulsas que tambem ouvi: *tolho* por «lodo» [1], em mir. central *lhodo; lureiro,* em mir. central *löureiro; sǫlo,* em mir. central *chano; frol,* pl. *froles,* em mir. central *flor—flores.* Fórmas verbaes interessantes são: *yęra,* no mir. central *era; caier,* no mir. central *caer* ou *cair,* e *dǫlgã,* a par de *dǫlã.* Na maioria dos phenomenos grammaticaes, a falla do povo de S. Martinho não differe da do centro da Terra-de-Miranda: *frìḙ, Marìḙ, tìḙ* (Grammatica, § 56); *tĩęrra, cĩęlo* (§ 50); *nǫbe, bǫno, pǫsto, ǫsso* (§ 58 e Obs. 2); *lhougo* [ou *lhöugo?*] (§ 58-Obs. 5); *carbõu* [ou *carbõũ?*], *tissõu* [ou *tissõũ?*] (§ 110-*b*), no pl. *carbones,*

---

1 Cf. hesp. *tollo, atolhar, atolladero, atolladal, atolladar;* port. *atolar-se, atoleiro.* Temos assim a conhecida correspondencia de *-ll-* mir. e hesp. a *-l-* português.

tissones (§ 165); *máno, rána* (§§ 3-*b* e 109); *queiſo, beiſo* (§ 44), *yẹ, yẹrba* (§ 51-*d*); nos pronomes, *you* (*yöu?*), *nós, bós,* e como pronome atono *mos* (p. 354); nos verbos observa-se o mesmo que em Duas-Igrejas em *amã, jantórũ, fúrũ, dizẹ̃,* etc.; na syntaxe, ao passo que em mir. central se diz *bọn',* com *n,* antes de vogal (Grammatica, § 307), em S. Martinho diz-se *bọ̃* ou *bũọ̃* mesmo antes de vogal (em pausa porém *bũọno*). Como espécime da falla do logar de S. Martinho aqui transcrevo o Padre Nosso e Ave Maria, d'onde se verá melhor que ella não offerece differenças phoneticas em relação á do centro:

Padre nọsso que stáis no cịẹlo, santificado seia l bọsso nome, beng' a nós l bọsso reino, seia feita la bọssa buntade, assi na tịẹrra como no cịẹlo; l pã nọsso de cada dìẹ mos dái oije; perdonái-mos, Sinhor, las nọssas dibdas, assi cumo nós perdonamos a los nọssos debedores; nũ mos deixeis caiér ã tẹntaciõu [*tentaciöũ?*], mas lhibrai-mos de todo l mal, amẽi Jeſus[1].

Abe Marìẹ, chena de gracia, l Senhor yẹ cum bós, benta sodes antre las molheres [*molhịẹres?*], bento yẹ l fruto[2] de l bọsso bentre, Jeſus[3]; Santa Marìẹ, mái de Dìus, rogai por nós pecadores, agora i na ora de la nọssa mọrte, amẽi, Jeſus.

O Rev.do P.e Francisco Meirinhos, venerando reitor de Avellanoso, teve a bondade de me offerecer, entre outras, a seguinte composição mirandesa de sua lavra, a qual aqui transcrevo, tambem como texto comprova-

[1] Ou *Jaſus,* como em Duas-Igrejas?
[2] Ou *fruito,* como em Duas-Igrejas?
[3] Vid. nota 1.

tivo da lingoagem que se falla em S. Martinho de Angueira, d'onde elle é natural. Apesar dos seus 76 annos de idade (1899), o Sr. Reitor de Avellanoso dedilha ainda a lyra, como qualquer joven árcade.—Para deixar á lingoagem do Sr. Reitor toda a espontaneidade, publíco o texto tal qual m'o enviou, e reproduzo-o ao lado com a orthographia phonetica que nesta obra adopto.—Na transcripção feita pelo Sr. Reitor ha as incertezas naturaes de quem por um lado tenta reproduzir do melhor modo uma lingoa que não tem tradições litterarias, e do outro luta com a orthographia portuguesa e com a hespanhola.

LA NINA

PERDIDA NO CAMPO, E ACHADA NO LHOGAR

Original	Transcripção phonetica
1	1
Y-era num daqueilhes meses, quando cantava la rolha, e a certas ninas pequeinhas, qualquier cousa se le entolha.	Yȩra ũ d'aqueilhes meʃes, Quando cantaba la rolha[1], I a estas ninas pequeinhas Qualquie̥r couʃa[2] se l' àntolha.
2	2
Havi-e comprado mieu pai um tagalhico de ouveilhas, e fumos y-o-u, e la nina alha pal monte com eilhas.	Habìȩ cumprado mie̥u[3] pai Um tagalhico[4] d' oubeilhas[5], I fumos, you[6] i la nina, Alhá pa l monte cũ eilhas.

---

[1] Em Duas-Igrejas ouvi dizer *'róla*.

[2] Melhor talvez *cöuʃa*. E assim tambem *öubeilhas, söus, yöu, öutro, röuca, passöu*, nas quadras 2, 5, 8, 10, 11 e 12.

[3] Ou *mìu*.

[4] = *tagalh-ico*, deminutivo de *tagalho*, «conjuncto de sete ovelhas»; *tagalhico* significa tambem, em geral, pequena porção de ovelhas.

[5] Vid. nota 2.

[6] Vid. nota 2.

3

Lhevemos nussa merenda,
i-era de trigo bien goapo,
para cenar a la nuite.
Las castanholas num saco.

4

El die estava muy cralo
el monte cheno de froles.
Los paxaricos cantavam
las su-os cantigas d'amores.

5

La nina apanhava froles,
e arranjava sous ramicos,
e cantava su-os cantigas
a par de los paxaricos.

6

Cada couza que fazi-e
la palombica innocente
como eram sin malicia
fartava de rir la gente.

3

Lhebémos no̬ssa merenda
(Ye̬ra de trigo bĩẽ̬ guapo!)
Para cenar a la nuite.
Las castanholas[1] num saco.

4

L dìḙ staba múi cralo[2],
L monte cheno de froles;
Los paxaricos[3] cantabã
Las sùḙs cantigas d' amores.

5

La nina apanhaba froles,
I arranjaba sous[4] ramicos,
I cantaba sùḙs cantigas
A par de los paxaricos.

6

Cada couſa[5] que fazìḙ
La palombica[6] einocente,
Como erã sĩ malicia,
Fartaba de rir la gente[7].

---

1 «Castanhetas».

2 Em Duas-Igrejas ouvi dizer *claro,* como em português. Em port. ant. tambem se encontra *cralo* (dissimilação). Esta palavra é de origem litteraria em português; e em mirandês é de origem portuguesa: senão em ambos estes idiomas os *cl-* lat. estariam representados por *ch-*.

3 *Paxaricos,* «passarinhos». Cf. gall. *paxaro.*

4 Vid. nota 2 da pagina precedente.

5 Vid. nota 2 da pagina precedente.

6 «Pombinha».—Cf. hesp. ant. *palomba.* Tambem em cantigas populares portuguesas se encontra *palomba.* Diz-se em mirandês *palumbica?*

7 Na redacção d'esta quadra commetteu-se um anacolutho, devido á significação vaga do pronome *cada.* O sentido é: «como eram sem malicia as cousas que a pombinha fazia, a gente fartava (ou fartava-se) de rir».

7

Y-a quage al anuitecer
eilhi al valhe del pino,
emponteila para casa
e perdi-o-se no camino.

8

Y-o-u cuidei queilha abrie ido
dreitica a tener a casa
num-me tornei acordar
De la buona la rapaza.

9

Mie mai coidando que estava
comigo bien recolhida,
e elha lalma de Dius
toda la nuite perdida.

10

Ai... Ai... mie nina del alma?...
para dezir la verdade
solo de y-o-u lo contar
dame muita senhardade.

7

Yá quaije al anuitecer,
Eilhí al balhe de l pino[1]
Ampuntei-la[2] para caſa,
E perdìu-se no camino.

8

You cuidei qu'eilha habrìe ido
Dreitica[3] a tener a caſa;
Nũ me tornei a 'cordar[4]
De la bọna la rapaza[5].

9

Mìe mái, coidando[6] que staba
Comigo bĩẽ recolhida;
E eilha, l alma de Dìus,
Toda la nuite perdida!

10

Ai... ai... mìe nina de l alma!
Para dezir la berdade,
Solo de you[7] lo cuntar
Dá-me múita senhardade[8].

---

[1] «Alli ao Valle do pinheiro» (talvez nome de sítio).

[2] «Encaminhei-a». Tambem se usa em tal sentido *empontar* na nossa lingoagem familiar.

[3] «Direitinha».

[4] = a acordar. Vid. GRAMMATICA, § 38.

[5] Em port. «da boa da rapariga». A expressão *la bọna la rapaza* está por *la bọna de la rapaza*, onde a preposição *de* serve de designar o que grammaticalmente se chama apposto definitivo: cf. Epiphanio Dias, *Gramm. port. elementar*, 9.ª ed., § 154. A preposição *de* perdeu-se por processo analogo a outros mirandeses que vimos no vol. I d'estes *Estudos*, pp. 473-475.

[6] Em Duas-Igrejas ouvi dizer *cuidar*. Em gallego tambem se diz *coidar*, com *o*.—Lat. cogitare.—Todavia na quadra 8 o Sr. Reitor escreve *cuidar*.

[7] Vid. nota 2 da p. 31.

[8] Significa: «pena, tristeza».—Tendo eu perguntado ao Sr. Reitor se haveria engano na escrita d'esta palavra, elle por duas vezes

11

Aparciu al outro die
arrimadica a u-a esquina
toda rouca de chorar
la cuitadica la nína.

11

Aparciu a l outro[1] dię
Arrimadica a ũa[2] squina,
Toda rouca[3] de chorar,
La cuitadica la nina[4].

12

Naide deixe asi angicos
solos al Dius temedou,
pude suceder amuitos
Lo que a esta le passou.

12

Naide deixe assi anjicos
Solos al Dius te me dou[5]:
Pǫde soceder a múitos
Lo que a esta le passou[6].

Este trecho vem confirmar o que já disse a cima: que as differenças da lingoagem da aldeia de S. Martinho em relação ás do centro são morphologicas (em pequeno número) e lexicologicas.

III. Sendinês:

No pequeno opusculo, que em 1886 publiquei no Porto com o titulo de *Lingoas raianas de Tras-os-Montes,* dei já uma notícia, embora imperfeita, d'este sub-dialecto. Como estive em Sendim em 1884; como aqui em Lisboa fallei por vezes com um soldado da guarda-fiscal natural da lá, e perfeito conhecedor do sendinês; e

---

m'a confirmou. A palavra, de facto, explica-se phoneticamente muito bem pelo lat. singularitate- > **sing'lar'dade* (Gram., §§ 70 e 103) > *senhardade* (Gram., p. 285). Vem, pois, *senhardade* a significar na origem o sentimento d'aquelle que está só: tristeza e soledade! como diria Herculano.—Cf., quanto á evolução phonetica, o port. arch. *senhos* < singulos.

[1] Vid. nota 2 da p. 31.

[2] Ou melhor *ũŋa.*

[3] Vid. nota 2 da p. 31.

[4] Em português: «a coitadinha da menina». Sobre a omissão do *de* vid. a nota 5 da p. 33.

[5] Ou melhor *döu.*—A expressão «a l Dius te me dou» significa em português: «ao Deus dará». O artigo tem por fim determinar, não o substantivo seguinte, mas toda a phrase.

[6] Vid. a nota 2 da p. 31.

como o Sr. Francisco Maria Guerra, a quem já me referi no vol. I, pp. IX e 407, teve a amabilidade de me offerecer muitas notas: posso aqui tratar um pouco mais amplamente d'este sub-dialecto do que do raiano.

As differenças essenciaes entre o sendinês e o mirandês do resto da região são as seguintes, quanto á phonetica:

a) em sendinês o L latino inicial não se palatizou como em mirandês, conservou-se intacto como em português; ex.:

lat. l a n a { mir. central e raiano: *lhana*
send. *lana*.

vid. GRAMMATICA, § 111.

b) em sendinês o E aberto latino deu *i*, ao passo que nos restantes sub-dialectos deu *i̊ę̯*, nas condições estudadas na GRAMMATICA, § 50; ex.:

lat. f ĕ s t a { mir. central e raiano: *fi̊ę̯sta*
send. *fista*.

d) A *-ìe* mir. corresponde tambem *-i* em send.; ex.:

Send.	Mir. central e raiano
ti	*tìę̯*
tis	*tìę̯s*
mi[1]	*mìę̯*
di	*dìę̯*
jantarí (1.ª pess.)	*jantarìę̯*
jantarís	*jantarìę̯s*
jantarí (3.ª pess.)	*jantarìę̯*
jantarímos	*jantarìę̯mos*
jantarídes	*jantarìę̯des*
jantarĩ (= *jantarím*)	*jantarìę̯̃*
bi	*bìę̯* («via»).

vid. GRAMMATICA, §§ 56 e 231–232.

---

[1] Mas no masculino diz-se *mìu* como em mirandês normal.

c) A *ǫ* (*ůǫ*) mir. corresponde em send. *u;* ex.:

lat. h o r t u - { mir. central e raiano: *ǫrto* (*ůǫrto*)
send. *urto*.

vid. Grammatica, § 58.

d) A *-ùȩ* mir. corresponde em send. tambem *-u;* ex.:

Send.	Mir. central e raiano
ru	*rùȩ* (a par de *ruga*)
tu	*tùȩ*
su	*sùȩ*
dus	*dùȩs*.

vid. Grammatica, § 64.

e) Á syllaba final mirandesa *-îȩ*, que é accentuada no 2.º elemento (ditongo crescente), corresponde em send. *-íȩ̃* ou *-íȩ̃*[1], com o accento no 1.º elemento; ex.:

Send.	Mir.
quíȩ̃ ou *quíȩ̃*	*quîȩ̃*
bíȩ̃ ou *bíȩ̃*	*bîȩ̃*
cíȩ̃ ou *cíȩ̃*	*cîȩ̃*.

mas se estas palavras se tornam procliticas, os digraphos reduzem-se a simples vogaes,—*quĩ, bĩ, cĩ:* vid. Grammatica, § 50 e Obss.

f) Parece que não existe em sendinês a terminação mir. *-öũ:* cf. Grammatica, § 110. Nos meus cadernos encontro *röuquidão, satisfação, são*[2]; o Sr. Francisco Maria Guerra cita-me tambem: *licião, tencião, determinacião*, que, por causa do *i*, estão mais proximas da terminação lat. -i t i o n e-, do que as fórmas portuguesas correspondentes. No plural, porém, diz-se *calçones, botones, cundiciones*, sem *i*.

---

[1] Á cêrca d'esta differente orthographia vid. vol. i, p. 220-nota.

[2] Todavia devo dizer que noutro caderno tenho *söũ*.—Este ponto fica, pois, ainda para averiguar.

g) No fim de palavra, em syllaba atona, diz-se *-ẽ*, e não *-ẽ* (como succede em mirandês); por ex.: *tenẽ, debẽ, fujẽ*.

h) A cêrca de certo valor do *i* vid. adeante, p. 40, nota 4.

Creio serem estas as principaes differenças phoneticas. Pelos §§ *e, f* (se os factos mencionados neste último são bem exactos) o sendinês assemelha-se mais ao português do que ao mirandês central e raiano. No restante o sendinês é igual á falla vizinha: é assim que mantem o L e N latinos intervocalicos, por ex.: *cuneilho, bino, cheno, tronar, arena, corona, sano, buno, maçana, benir, escalada* («escada»), *pala* («pá»), *malo, salir, colubra* («cobra»), *cilo* («ceu»), *molino;* tem *öũ*, por ex.: *öubir, löugo, yöu, stöu, röuca, söu* («seu»), *töu* («teu»); tem *mìu, tìu* («tio»), *ìuga* («egoa»); tem *mari̯, torri̯, fami̯, parti̯;* tem *deixã, séiã*, com *-ã;* tem *mái* e *múito* (sem nasal); tem *ũ* atono em *cundiciones, cumprei.*

As differenças phoneticas imprimem, já se vê, certo caracter á morphologia: é assim que as fórmas verbaes que em mir. tem *-ìẹ*, tem *ì* em send., como mostrei; á fórma *yẹ* do verbo *ser* corresponde em send. *yi*. Vid. sobre isto a GRAMMATICA, p. 418.—Á cêrca de *deira* vid. a GRAMMATICA, p. 431.—Em vez do mir. *trago* e *trazo* diz-se em send. *tráio* [*trayo?*]; cf. hesp. arch. *trayo*.—O plural do pronome pessoal *él* é, não *eilhes*, como em mir., mas *eilhos;* cf. hesp. *ellos*. Outros pronomes interessantes são: *esto*, e os que já citei na GRAMMATICA, p. 355, *comeyo* («comigo») e *cunteyo* («comtigo»), onde eu disse que elles correspondiam aos antigos pron. port. *mego, tego, comego;* não sei porém se esta affirmação é exacta, poisque encontro nos meus cadernos tambem *ameio* [*ameyo?*] < amicu-, e *feio* [*feyo?*] < ficu-, factos que nos mostram não só *ei* por *i*, mas syncope de *g* secundario (isto é, nascido de c latino depois de vogal palatal: amicu- > *amigo* > *ameio*); outro exemplo d'esta syncope está (sem fallar

em *fieira,* «figueira»), em *dia* («diga» < dica-) e *diã* < dicant.—Entre os adverbios noto *antoces* (Grammatica, pp. 450–451).—Correspondentemente ao mirandês *ne* diz-se em sendinês *no,* como em português, e parece que *ne̥l.*—Em vez do mirandês *até* o Sr. Guerra escreve *ata* (vid. adeante, p. 41) e *atal,* em ligação com o artigo.

Como facto de phonetica syntactica cito este, que tambem se dá em S. Martinho de Angueira (vid. supra, p. 30): o adj. *buno* em próclise torna-se *bũ,* pelo menos antes de consoante, por ex.: *bũ pai.*

Ás differenças grammaticaes correspondem, como é natural, differenças lexicologicas, sem fallar naquellas que dependem das differenças phoneticas; por exemplo: «collete» diz-se em send. *sartũ,* com accento no *ũ* (cf. dialecto gitano *serta,* «camisa»), ao passo que em Duas-Igrejas se diz *jaleco;* «flor», em mir. central *flor,* é em send. *fról,* no pl. *fróles,* fórmas que tambem apparecem em port. arch., da última das quaes veiu, quanto a mim, o nosso appellido *Froes,* que é propriamente o pl. port. de *frol;* «jaqueta» diz-se em Duas-Igrejas *béstia,* e em send. *rabona,* palavra derivada, parece, de *rabo*[1]. Mas não posso dar aqui a lista completa de todas as differenças.

Já na Grammatica mirandesa eu havia indicado os pontos de separação que ha entre o sendinês e o mirandês normal; aqui porém repeti-os em globo para maior commodidade dos leitores, e augmentei-os.

---

[1] Se ha alguma semelhança entre esta palavra e o adj. hesp. *rabon,* fem. *rabona,* que se applica «por antifrasis al animal á quien se ha cortado el rabo» (*Dicc. da Acad. Hesp.*), póde a designação de *rabona* ser na origem um deminutivo em *-on;* cf. port. pop. *coixão* (de *coixa*); o deminutivo em *-on* é frequente em francês.—Cf. na mesma ordem de ideias *rabona* em Mogadouro e Lagoaça, onde significa «enxada de cabo curto»: vid. *Revista Lusitana,* v, 102 (artigo de Augusto Moreno).

Trancreverei agora alguns textos neste sub-dialecto: o primeiro texto (canções) foi colligido por mim da bôca do povo, em Sendim, em 1884; os outros foram-me enviados pelo Sr. Guerra.

a) *Canções:*

Yirba cidreira no mónte
Yi regalo de los pastóres:
Deixã l ganado na yirba
I bã a bér los söus amóres.

Miu canibete de prata
Caìu no mar, afogöu-se:
L amór que tu me tenís
Era pöuco i acaböu-se.

Se la parréira nuba déira
Bei/os cumo dá abraços,
Tódo l timpo gastarí,
Amór miu, ã seguir töus passos.

Yöu hei d' ir a l cilo ã bida,
Solo por ber nusso Senhór,
Que me deixöu néste mundo
Cumo öubeilha sĩ pastór.

Quĩ me déira d' eiquí bér
Quĩ yöu tráio no sentido:
Fracisco i Antonho...
I Manúl l mais q'rido.

Los mìus ulhos que são döus botones,
São colhidos na frol de l töu rostro;
Las tùes faces são tã carmelindas
I tu sós ũŋa dama de gusto[1].

---

[1] Não parece ser de origem popular. Tem, porém, como todas as outras, o merito da lingoagem.

Las tùes faces mimoſas
I los töus ulhos cristalinos
Desanquietã la mi' alma,
Cauſa-me[1] grandes deſatinos[2].

L sol, que se bái desponendo
Alhá pela bena de Chabes,
Di-le a l mìu amór
Que benga, qu' yöu murro de saludades.

Saludades de trés dies
Para mi[3] são trés somanas:
Quĩ chegará a l Domingo[4]
Cum saludades tamanhas?

Fustes a dezir mal de mi'
A quĩ mìu peito adora:
Se múito me q'ri d'antes,
Múito mais te quiro agora!

b) *Carta:*

Amiio[5] Manul: Nel domingo po la manhana tengo tenciāo de iir[5] fazer-te ũa bejita, por esso nũ báias co las bacas, manda ũ rapaç culhas[6], que yöu tengo gana de falar cumtiio[5], e para esso debo star ende a las nube de manhana temprano. Böu alhá nũ solo por bér-te, mas tamĩ para te pedir ũ fabór, porque bĩ sabes que yöu tamĩ serí capaç de te lo fazér ã tales cundiciones.

---

[1] = *cauſã-me,* tendo-se absorvido a nasal do *a* no *m* seguinte.

[2] Esta quadra não é de origem popular.

[3] O *i* aqui tem certo som especial.

[4] Parece que o *i* d'esta palavra, e em *cumtiio,* se pronuncía differentemente do *i* ordinario, talvez tendendo para *e;* mas nada posso agora adeantar a isto. Terão alguma relação com esse phenomeno as fórmas *cunteyo, comeyo, ameio* e *feio,* por «comigo», «comtigo», «amigo», «figo», citadas a cima? Nem o *i* na primeira palavra será rigorosamente *i* nem o *e* nas segundas será *e.* Cf. no § *b)* d'estes textos a graphia *amiio.*

[5] A cêrca do *ii* vid. supra, nota 4.

[6] «Com ellas».

Cumo te dixe l öutro di, cumprei a Antonho Grigúiro la caʃa que tení ã ru de las Frangas por nube libras; cumo yöu solo tengo site, tenes de m'amprestar dus ata[1] e̥l brano, que benda e̥l centeno u e̥l biino[2], i antoce te las pago. Fui acupar-me cũ Francisco Binhão, i nũ me las quijo amprestar; yöu bĩ sabí que las tení, mas acá l aspero. Ata l domingo. Dá-le múitas bejitas a la tu ti, i töus armanos i mái.

c) *Phrases e adagios:*

Quĩ múito durme pöuco aprende.

Anque diã que nó, l home fui criado por Dìus.

A los rapazes hái que dá'-le pã nũa mano i palo nöutra.

Los que fúrẽ̥ sanos de corpo i alma nũ são prọbes.

Pã d'oje, carne d'onte i bino de l öutro brano
Fázẽ̥ l ome sano.

Quĩ cena i löugo se bái a deitar
Mala nuite ha-de passar.

Náide faga mal cũ se̥ntido que l' ha-de benir bĩ.

Que l' amporta a náide las bidas de náide?

Múito i bĩ
Nũ hái quĩ.

Bunos dis, armano!

Bunas núites!

---

[1] Sôa *atá?*
[2] Vid. p. 40, nota 4.

*

Outros pequenos textos foram insertos no vol. I, pp. 355 e 414-nota (cantigas), e no citado opusculo *Lingoas raianas,* p. 12.

Deixo ao Sr. Francisco Maria Guerra o cuidado de profundar o estudo scientifico do sendinês, como seu idioma natal que é. Creio que ninguem como elle póde dar-nos desde já uma grammatica desenvolvida e um vocabulario extenso d'este sub-dialecto.

III

Caracteres e classificação do mirandês

Relações linguisticas do mirandês com os idiomas vizinhos. — Dialecto trasmontano-raiano. — Português em geral. — Guadramilês. — Rionorês. — Fallares de Ermisende e Castromil. — Gallego em geral. — Berciano. — Fallares de Boal, Franco e Navia. — Asturo-leonês. — Communidade dos phenomenos linguisticos. — O que se entende por lingoa e dialecto. — Logar do mirandês no quadro dos idiomas do Noroeste da Iberia.

Quando na Grammatica expus os factos phoneticos, morphologicos e syntacticos do mirandês, tive o cuidado de os ir comparando, sempre que isso vinha a proposito, e eu o pude fazer, com os factos semelhantes dos idiomas vizinhos; ao mesmo tempo vimos os caracteres d'aquelle, quer em relação ao latim, quer em relação a estes ultimos idiomas. Convém agora, para que melhor se comprehenda em que consistem as peculiaridades e as differenças, considerar em grupo o que primeiro se estudou avulsamente, e ampliar as comparações. D'este novo exame se evidenciará qual o lugar que o mirandês occupa no quadro dos idiomas do Noroeste da Iberia, pois são taes idiomas os unicos que tem de entrar na discussão.

Em Portugal o mirandês confina unicamente com as fallas que constituem o conjuncto que na classificação dos dialectos portugueses chamo *sub-dialecto trasmon-*

tano-raiano[1]; ellas rodeiam-no pelo Sul e Occidente. Só caminhando-se mais para NO. se encontrarão, dentro ainda do nosso país, em Rionor (ou Riodonor) e Guadramil, outras fallas que se afastam dos dialectos portugueses propriamente ditos.

Ao Sul da Terra-de-Miranda fica o concelho do Mogadouro. Ao Occidente fica toda a parte do concelho do Vimioso que não está incluida na moderna área geographica do mirandês.

O mirandês tem maiores semelhanças com as fallas de Vimioso do que com as do Mogadouro; todavia é á região do Mogadouro que pertence o documento medieval que citei no vol. I, p. 127, e onde se lê *sou*, «seu», correspondente ao mir. mod. *söu*, e *soum*, «são» (do verbo *ser*), correspondente ao mir. mod. *söũ*. As lingoas modificam-se com o tempo; se se pudessem obter mais documentos com textos dialectaes, descubrir-sehiam certamente outros pontos de contacto. No «Vocabulario trasmontano» publicado pelo Sr. Augusto Moreno na *Revista Lusitana*, vol. V, e que contém palavras de Mogadouro[2] (e Lagoaça[3]), encontro *alcacél* (p. 24),

---

[1] O povo trasmontano chama á lingoagem portuguesa popular da raia *falla chamorra*, por opposição á *falla politiga* ou portuguesa culta: assim ouvi, por exemplo, em Montezinho, cuja lingoagem offerece bastantes particularidades, taes como preteritos em *-érũ* na 1.ª conjugação (por analogia com a 2.ª), *cheu* por «cheio» (gallego meridional *cheo*), *teis* por «tens», como em berciano, *muto* a par de *munto*, tratamento de *vós*, etc.

[2] Num doc. do sec. XIII (vid. APPENDICE I, doc. n.º 3) o nome d'esta terra é *Mogodoyro*. Se Mogadouro não ficasse tão longe do Douro, eu perguntaria se a fórma *Mogodoyro* poderia decompor-se em *Mogo-Doyro*. Como é sabido, *mogo* em português antigo significa «marco». No emtanto, se a villa fica longe do rio, o concelho péga com elle.

[3] A fórma antiga do nome d'esta terra é *Lagõaça* (vid. APPENDICE I, doc. n.º 5) = *lagõ-aça*, de **lagõa*, o que está de accôrdo com o que á cêrca de *lagôa* disse no vol. I, p. 123: effectivamente o fem. de **lagão* devia ter sido **lagõa*, antes de ser *lagoa*.

canhona, «ovelha» (p. 35), *raça* de sol (p. 102), que são palavras da Terra-de-Miranda; encontro mais: *faceiro* (p. 88), variante do mir. *faceira; malhão* (p. 96), que parece tambem ser mirandês; *rabona* (p. 102), que se relaciona com a palavra mirandesa que tem a mesma fórma; *palanco* (p. 99), que é de certo o etymo de *Palancar,* aldeia do concelho de Miranda (vid. o vol. I d'estes *Estudos,* pp. 93–94); *peina* e *peinaços* (p. 100), que se relacionam com o mir. *peine* «pente»; no mesmo Vocabulario lê-se ainda *cochina* (adj.: «çuja»), que tem como fórma parallela em mir. *cochino* «porco», *cochina* «porca» (subst.); e *aterlondar* «atordoar», que talvez se relacione com o mir. *stelondro* «estrondo». Pela minha parte ouvi empregar na falla de Meirinhos, do mesmo concelho, *ourifeiro* «ourivez», palavra a que corresponde a mir. *öuribeiro* (cf. *Revista Lusitana,* v, 52 e nota). Os factos mencionados, porém, uns por serem em pequeno número, outros por não serem especiaes da região em que foram colligidos, não bastam para só de elles se concluir que o mirandês se estendia outr'ora mais para o Sul; se isso succedia, o que não é improvavel, faltam as provas: hoje em Mogadouro falla-se português.

Entre o mirandês e as fallas do concelho de Vimioso ha, em certos casos, muitas analogias. Á cêrca d'estas fallas vid. os meus «Dialectos trasmontanos» publicados na *Revista Lusitana,* II e III; ainda porém não publiquei tudo o que tenho colligido. Na Matella, por exemplo, diz-se *fai* «faz», como em mirandês; na villa de Vimioso póde ouvir-se *töu, söu,* que são tambem pronomes mirandeses. Em Campo de Vibora ouvi: *lougo,* cf. mir. *lhöugo; sou,* cf. mir. *söu; stubisse,* como em mirandês; *pujo,* cf. mir. *pufo; iou,* cf. mir. *yöu; rifa,* «riso», como em mir. (cf. hesp. *risa*); *sẹntar, sacramẹntado, bẹnder,* com *ẹ,* como em mir.; *muntõu,* com *ũ* < *õ* atono, como em mir.; *naquestas* «em estas», cf. mir. *aquesto; Joã,* como em mir.; *houbo,* em mir.

höubo; tén̄e, cf. mir. *ténẽ; bén̄e,* cf. mir. *bénẽ; iba,* como em mir.; *haba,* como em mir.; *-ábã* no imperf. dos verbos da 1.ª conj., como em mir.: todavia ha na lingoagem de lá muitos phenomenos que são contrarios á grammatica mirandesa, como a terminação *-ia* (*dezia,* etc.), *beu* «veiu», *screbeu, bô* e *bõu* «bom», *bẽi* ou *bãi* (com *â*) «bem», etc. Ou no Campo de Viboras, que é povoação que logo se encontra quando se sae da Terra-de-Miranda por S. Pedro da Silva, se fallou algum dia mirandês, e d'isso ficaram uns restos, ou a lingoagem d'aqui constitue um dos pontos de transição do mirandês para o português.

Quem vae do concelho de Miranda pelo NO. para o de Vimioso[1], a primeira povoação a que chega fóra da Terra-de-Miranda é Avellanoso, na margem esquerda do rio Angueira. Em Avellanoso falla-se português, como tive occasião de verificar quando lá estive, mas os phonemas grammaticaes da falla de lá analogos aos do mirandês são muitos: *oufar* «usar», *oubrigado, oubdecer; Einés* «Ignês», *einemigo, Eigito;* a terminação *-éilho* (que não ouvi nas povoações vizinhas fóra da área mirandesa); *rõi* «ruim»; *quêi; bubimos, bubistes* «bebemos», «bebestes»; *dizẽ, quérẽ, bénem* «vem», *iba* «ia»; *faleito* «feto», como em mirandês, do lat. filectu, com o -L- caracteristico do mirandês, *mulo,* com o mesmo -L- caracteristico, — em port. ant. *muo* (cf. *Serra do Mu*), lat. mulu-; *xórdo* «surdo», como em mirandês e gallego; o phenomeno syntactico mirandês que estudei no vol. I, pp. 473-475, encontra-se igualmente no onomastico de Avellanoso: *Ourreta la' cer-*

---

[1] A fórma antiga d'esta palavra é *Vimeoso* (vid. Appendice I, doc. n.º 5), que provavelmente no sec. XIII se pronunciava *Vimẽoso,* pois no mesmo doc. alatina-se a palavra em *Viminoso.* De facto o etymo é *viminosu-, do th. vimin- (nomin. vimen, «vime»). — O nosso onomastico contém outras palavras da mesma familia: *Vimeira, Vimeiro, Vimieira, Vimieiro.*

vas[1], *Ourreta*[2] *l inferno, Peinha la pala,* onde ao mesmo tempo se vê, como que petrificado, o *l* que corresponde ao do artigo mirandês; no referido onomastico se encontra ainda *Lameirona* (cf. *-ona* em mirandês no vol. I, p. 123). Comparando-se a propria palavra *Avellanoso*,— que vem do lat. a v e l l a n a- «avellã», como *Pedroso,* de *pedra, Salgueiroso,* de *Salgueiro, Nagoso* = **Nogoso,* de n u c e- «noz» —, com as fórmas irmãs *Avelloso, Velloso, Vellosos, Avellosa, Vellosa,* que se repetem no onomastico português, nota-se que a primeira se differença das outras pela manutenção do -N- latino intervocalico, o que constitue um ponto de separação radical entre mirandês e português: póde pois asseverar-se que *Avellanoso* é até certo ponto uma fórma petrificada, uma especie de meio termo entre a fórma genuinamente mirandesa d'esta palavra, isto é, *Abelhanoſo* ou *Abilhanoso,* e as fórmas genuinamente portuguesas, isto é, *Avelloso* e *Velloso*[3]. É por estas razões que supponho, como

---

[1] *la'* por *las,* porque o *-s* foi absorvido pelo *ç-* seguinte; cf. GRAMMATICA, § 38.

[2] É provavel que nesta palavra e em todas as outras com o ditongo *ou* este se pronuncie *öu.*

[3] Como disse no vol. I, p. 333, ha em português certos nomes derivados que conservam o *n* que caiu nas respectivas fórmas primitivas, como *canito,* no Sul, — cf. *cão* < c a n e- —; por tanto parecerá a alguem que *Avellanoso* estará neste caso, e será pois um exemplo pertencente a uma classe geral, e não um facto de valor puramente local, como eu creio que é: a isso objectarei que a circumstancia de *Avellanoso* se encontrar u m a s ó v e z no onomastico (representado pela *Corographia moderna,* de J. M. Baptista, que tem um rico indice onomatologico), ao passo que *Avelloso* e as outras fórmas irmãs, que citei, se encontram pelo menos d o z e v e z e s, sem fallar noutras fórmas da mesma familia, e numerosissimas, como *Avellada, Avellaes, Avellal, Avellar, Avelleda, Avelleira, Avelleiras, Avelleiro, Avellinho, Vellal, Velledo, Velledos, Vellida,* todas igualmente s e m o -N- o r i g i n a r i o, e algumas pertencentes tambem ao N. de Tras-os-Montes, é sufficiente para fazer pôr de parte tal ideia.—A palavra *Avellanoso* está para o espirito do povo bastante afastada de *avellã,* para que

disse no vol. I, p. 475-nota, que em Avellanoso se fallou algum dia mirandês, ou pelo menos um idioma intimamente apparentado com elle, supposição aliás perfeitamente verosimil, pois que o termo d'esta povoação péga com o termo de S. Martinho de Angueira, povoação já mirandesa.

Continuando a nossa viagem pelo NO., passamos por Valle-de-Frades, e, para lá do rio de Maçãs, por Paradinha, Rio-Frio, Quintanilha, Deilão, Petisqueira. Vejamos algumas semelhanças e differenças entre as lingoagens da maior parte d'essas terras e o mirandês.

Em Valle-de-Frades diz-se *bubiste, öubo, cumpréste,* como em mirandês, mas apresenta a lingoagem de lá bastantes differenças, taes como o ditongamento de *o* ao pé das labiaes, *puoço, muoço, buote, fuoste, fuogo* (mas *roto, dote*[1]), e o ditongamento, com labialização, do *a* accentuado, tambem ao pé das labiaes, *rapuœs, capuœs, puœta.*

Em Paradinha não estive; a lingoagem porém não deve differir da das vizinhas.

Sobre a falla de Rio-Frio ha um excellente artigo do Sr. Gonçalves Vianna na *Revista Lusitana,* I, 158 sqq.;

---

este pudesse pôr em connexão uma com a outra; já não assim *avellanal,* que entra perfeitamente na categoria que estudei no cit. loc. (vol. I, p. 333),—poisque na formação dos nomes significativos de sitios plantados de arvores ou abundantes de frutas o suffixo *-al* (e aqui quasi *-nal*) é vivaz, ao passo que *-oso* não: por isso desde o momento que o suffixo *-oso* passou á classe dos suffixos mortos (cf. GRAMMATICA, §§ 177 e 178), *Avellanoso,* se fosse palavra portuguesa, tinha perdido o *n,* como o perdeu *Avelloso, Velloso,* etc.—É curioso que num texto português do sec. XIII, que cito no APPENDICE I, doc. n.º 5, se leia *Avelaoso,* que talvez se pronunciasse *Avelãoso.* Temos assim ao lado da fórma, que supponho mir., isto é, *Avellanoso,* a fórma port. *Avellaoso,* que ia a caminho de se tornar *Avelloso* e *Velloso,* mas que o não chegou, porque a fórma indigena prevaleceu. Este documento confirma o raciocinio precedente.

[1] Este ditongo *uo* differe do mir. *ŭọ.*

nessa falla se encontra: *iba,* como em mirandês; *öuvo* (ou *öubo*), cf. mir. *öubo; aende,* cf. mir. *ende; bubela* «poupa», cf. mir. *böubįęlha; canhona,* como em mirandês; *tagalho* «rebanho», como em mirandês (vid. supra, p. 31, nota 4),— embora as differenças entre o português de Rio Frio e o mirandês sejam muitas, pois os phenomenos caracteristicos d'este, como *-l-, -n-, uǫ* ou *ǫ, įę,* etc., não apparecem lá.

Em Quintanilha *buber* faz no pret. *bubistes,* cf. mir. *bubiste;* o pret. de *ser* é *fumos, fusteis,* cf. mir. *fumos, fustes;* diz-se *rõi* «ruim», cf. mir. *rũi* ou *rǫ̃i; qualquera,* cf. mir. *qualquįęra* e *qualquera.* É difficil decidir se a palavra *Quintanilha,* pela manutenção do *-n-,* pois esta palavra vem de q u i n t a n a (cf. port. *quintãa, quintã*), tem um resaibo da phonetica mirandesa, ou se este *-n-* entra na categoria de que fallei no vol. I, p. 333 (*botanico,* de *botão,* etc.) e a cima, p. 47, nota 3; o facto de no onomastico do Sul existir *Quintanilha* póde apoiar a primeira hypothese, mas este nome, por se applicar a uma quinta, quem sabe se terá origem no de um antigo proprietario? No onomastico de Leão e noutros da Hespanha apparece repetidamente *Quintanilla.* Apesar das semelhanças que citei a cima entre a lingoagem de Quintanilha e o mirandês, exitem muitas differenças: assim o pret. da 1.ª conj. é *cortárũ* ou *cortáro* (mir. *-órũ*), usa-se a terminação *-elho* (mir. *-eilho*), diz-se *tẽi* ou *tãi,* etc.

Deilão[1] pertence ao territorio chamado *A Lombada,* que consta de mais outras povoações. Os habitantes

---

[1] Para o estudo da etymologia da palavra *Deilão* note-se que não só ha em Portugal, na Beira, outro lugar com este nome, mas que ha nas Asturias *Deilan.*—Talvez o etymo esteja num derivado de *Dellius,* por ex.: f u n d u s D e l l i a n u s. Como é sabido, ha muitos exemplos analogos. No *Onomasticon* de De Vit citam-se varios *fundi* Delliani.—Nas inscripções romanas da Peninsula tambem se encontra o gentilico *Dellius.*

d'este territorio chamam-se *lombardeses,* e a sua lingoagem *falla lombardesa.* De Deilão escreve Pinho Leal no *Port. ant. e mod.,* II, 466: «fica proximo da raia, e a gente d'aqui já falla mais hespanhol do que português». A última affirmação não é exacta, comquanto a lingoagem de Deilão contenha certas particularidades notaveis: ahi ouvi *soi* «sou», hesp. *soy,* mir. *söu; binhiste,* mir. *beniste; fui, fuste, fumos, fustes,* como em mir.; *fago, fáis, fai,* como em mir.; *si, assi,* como em mir.; parece que ha a terminação *-om* e *coraçom,* etc. (pl. *corações*). A lingoagem de Deilão é o português-popular (raiano) de Tras-os-Montes.

Na Petisqueira[1], que fica no extremo da raia, ha phenomenos um tanto especiaes, como: *fuxe* «foge», com *x* por *j,* como no gall. *fugir* (mas diz-se *Joã*); *acá, ũŋa, fuste, diẓẽ, fórũ;* o conjuncto da lingoagem d'essa terra differença-se porém muito do mirandês.

Até aqui tenho comparado o mirandês unicamente com fallares portugueses da raia sêcca, mais ou menos seus vizinhos, e pertencentes á mesma latitude geographica. Se estendermos a comparação a outros fallares, ou mesmo á lingoagem geral portuguesa, e ainda ao gallego, que está tão intimamente relacionado com o português, acharemos tambem, ao lado de differenças essenciaes, semelhanças palpaveis. Nesta pequena excursão dialectologica fazemos alto na Petisqueira, porque para lá ficam duas zonas linguisticas que não pertencem ao português; d'ellas me occuparei mais a baixo.

Entre o mirandês e o português geral do N. de Tras-os-Montes ha outras analogias, alem das citadas, como: o ditongo *öu,* que se ouve por extensos territorios; o *o*

---

[1] A palavra *Petisqueira* parece, pelo suffixo, significar sítio onde ha abundancia de quaesquer productos naturaes. Existe, pelo menos, mais um lugar e um quinta, com este nome, em Portugal (na Beira, e em Tras-os-Montes). Cf. ainda o nome de de um casal no Algarve *Petisques.*—Mais não posso adeantar.

e *e* abertos; o ditongo *íu*, ex.: *fríu, ríu;* e os sons *ch*, e *b* = *v*, e a distincção entre *s* e *ç* de um lado, e *ʃ* e *ʒ* do outro, — tudo isto observavel em grande parte de Portugal. Algumas das semelhanças e differenças phoneticas mais sensiveis entre o mirandês e a nossa lingoa commum constam das seguintes tabellas:

a) Semelhanças:

Sons originarios	Port.	Mir.
-A(V)I	*amei*	*amei*
-AV-	*ouro*	*öuro*[1]
F-	*fazer*	*fazer*
-T-	*amado*	*amado*
N-	*nu*	*nudo*
PL-	*cheio*	*cheno*
CL-	*chamar*	*čhamar*
FL-	*chamma*	*čhama*

e alem d'isso: o modo de tratar as vogaes atonas finaes (*-o* = *-u*, etc.); a existencia de vogaes nasaes provenientes das syllabas -ANE-, -ENE-, -INE-, -ONE-, -VNE- (vid. GRAMMATICA, p. 257); o *l* gutturalizado; a sonoridade do *ʃ* e do *ʒ*; as palataes sonoras *x* e *j*.

b) Differenças:

Sons originarios	Mir.	Port.
Ĕ	*tie̜rra*	*terra*
Ŏ	*fûo̜nte, fo̜nte*	*fonte*
-N-	*rana*	*rãa, rã*
-L-	*malo*	*mau*
-L	*lhobo*	*lobo*
-LL-	*galhina*	*galinha*
-NN-	*panho*	*pano.*

---

[1] Aproximo estes sons por causa do ditongo. Em hespanhol AV deu *o*.

A par das semelhanças e differenças phoneticas, ha outras, quer de grammatica, quer de lexico. Pela maneira de formar o plural dos nomes acabados em *l* e em nasal o mirandês separa-se tambem radicalmente do português: o primeiro diz normalmente *caracol—caracoes, fim—fins;* o segundo *caracol—caracoles, fĩ—fines.* As differenças dos artigos definidos —*l* em mirandês, *o* em português—, são capitalissimas. Os verbos mirandeses do typo de *balanciar* não se encontram em português. Os preteritos mirandeses em *-órũ* constituem outro ponto formal de separação. Pelo contrário, o processo de formar o plural dos nomes acabados em vogal, os artigos indefinidos, grande parte das flexões verbaes, são communs ao português e ao mirandês. Quanto ao lexico encontramos ora as mesmas palavras nos dois idiomas, como *braço, faca, mal, monte, nuca, obra, ser,*—abstrahindo, já se vê, das minudencias da pronúncia,—ora palavras diversas, como *ambelhigo* «umbigo», *argolha* «argola», *atlondrar* «atroar», *chano* «chão», *çada* e *eixada* «enxada», *ceridonha* «celidonia», *fatíla* «fatia», *lhunar* «luar», *moncas* «monco», *trebo* «favo».

Antes de passarmos ao gallego, que, apesar de já ficar fóra de Portugal, está tão estreitamente relacionado com o português, devemos estacionar um pouco em Guadramil, Riodonor, Ermisende e Castromil, para observarmos as lingoagens d'estas quatro aldeias, as duas primeiras das quaes pertencentes a Portugal, e as duas últimas já a Hespanha.

Riodonor (ou Rionor) e Guadramil acham-se situadas no extremo Nordeste de Tras-os-Montes, concelho de Bragança, logo a seguirem á Petisqueira. Ahi existem duas interessantes ilhotas linguisticas de que dei notícia no meu opusculo *Lingoas raianas de Tras-os-Montes,* Porto 1886. A historia d'estas povoações ascende já, pelo menos, á idade-média. O meu erudito amigo Pedro de Azevedo, official da Torre do Tombo, desenterrou

neste rico archivo a respeito d'ellas umas valiosas notícias, que teve a bondade de me resumir assim: «No Livro das Inquirições, que se diz ser o Livro 2.º das Inquirições de D. Affonso III, vem a cópia de uma em latim que tem a data (a cópia) de 1301 (era de 1339). Nesta encontram-se os dois nomes de Rio de Onor e Guadramil orthographados, o primeiro: (fls. 160 *v.*) *Barrio de Riuulo d'oor,* (fls. 165) *Rio d'oor;* e o segundo: (fls. 115 e 165) *Galdramir,* (fls. 160 *v.*) *villar de Galdramiro*». D'este documento vê-se que, se as povoações são hoje pequenas, —em 1884 Rionor tinha 26 fogos, e Guadramil 20,— não eram tambem muito grandes na idade-média, pois que Rionor não passava de um *bárrio* ou *bairro*[1], e Guadramil de um *villar*. Tratemos separadamente de cada uma das povoações, e comecemos por Guadramil, que é, como disse, a que primeiro se nos depara.

A palavra *Guadramil* acha-se sob differentes fórmas no onomastico do vizinho reino: *Gardamil* e *Gradamil* na Galliza; *Guadramire* na provincia de Salamanca. Em Portugal encontra-se no Minho *Guardamilo.* Foi na origem talvez nome de homem, em genetivo, como *Constantim,* que estudei no vol. I, p. 76 sqq.; de facto no *Port. Mon. Hist.* encontra-se como nomes de homens, no sec. X: *Vidramiro*[2] e *Vedramiro*[3],—de certo nomes germanicos, como outros muitos terminados em *-miro,* v. g., *Ramiro, Theodemiro, Ranimiro,* etc.; a consoante v- < > w- está várias vezes representada por *g(u)* em romanço, em palavras de origem germa-

---

[1] *Bárrio* é palavra ainda usada em Tras-os-Montes para significar divisão de uma povoação: cf. *Revista Lusitana,* II, 116 (hesp. *barrio*). Com effeito só metade da povoação de *Rionor* ou *Riodonor* é que é portuguesa; a outra metade é hespanhola; e já o mesmo se diz no citado documento medieval.

[2] *Dipl. et chartae,* pp. 89 e 100.

[3] *Ibid.,* pp. 100 e 109.

nica, por exemplo no port., hesp., ital. e prov. *guerra* < wërra, no fr. *guérir,* port. *guarir* < warjan, no port., hesp., prov. *guardar,* fr. *re-garder* < *√warda = warta, etc. Por tanto parece-me provavel a aproximação que faço, e isto vem em apoio do que fica dito a p. 9 á cêrca de ser povoada a raia trasmontana na alta idade-média.—Entre o guadramilês (assim chamo á lingoa de Guadramil) e o mirandês ha semelhanças e differenças, umas e outras fundamentaes. Vejamos algumas.

a) Semelhanças:

Sons originarios	Guadr.	Mir.
Ĕ	*tami̊ę̌*	*tami̊ę̌*
Ŏ	*bů̥ǫno*	*bů̥ǫno*
-N-	*manhana*	*manhana*
PL-	*chano*	*chano*
-L-	*solombra*	*selombra*
ĔV	*mìu*	*mìu*

e alem d'isso *-ũ-* e *-ẽ̥-*, ex.: *cumparancia, bẹ̥ntana; öu* < AV; *öu-*, ex.: *ourri̊ę̌ta; l* gutturalizado; nasaes; *-ũ;* muitas fórmas pronominaes e verbaes.

b) Differenças:

Sons originarios	Mir.	Guadr.
L-	*lhabar*	*labar*
-LL-	*abelhana*	*abelana*[1]
j	*jardĩ*	*xardĩ*
-ia	*dìe*	*dia*
ʃ	*Jaʃus*	*Xassús*
-lh-	*coneilho*	*coneyo*

[1] Não tenho senão este exemplo e *galina.*

e alem d'isso numerosas differenças morphologicas, pois, ao passo que o artigo mir. é *l*, o guadr. é *öu*, e nos verbos ha preteritos terminados no pl. em *-onẽ̥*, como *punióñẽ̥*, *labónẽ̥*, *saliónẽ̥*.—Incidentemente se vê que o guadramilês, se tem pontos de contacto com o mir., os tem tambem com o gallego (*x* <> *j*, *ss* <> *ʃ*) e com o asturo-leonês (*y* <> *lh*), distinguindo-se d'estes ao mesmo tempo.

Riodonor é a fórma official; *Rionor* a popular (mas tambem ouvi popularmente a primeira); àquella corresponde a medieval *Riodoor*, que provavelmente se pronunciava em português *Riodõor*. Como disse a cima, metade da povoação é portuguesa, e a outra metade é hespanhola. D'esta diz Madoz, *Dicc. Geogr. de España*, XIII, 1849, denominar-se tambem *Rionor*, e dá-lhe naquella data apenas 12 vizinhos e 42 habitantes. O Riodonor português tem lá o nome de *Riodonor-de-Baixo*; o Riodonor hespanhol tem o de *Riodonor-de-Cima*. As lingoagens das duas localidades differem pouco entre si. Aqui occupo-me só da da povoação portuguesa. Chamar-lhe-hei *riodonorês*, ou, mais brevemente, *rionorês*. Vejamos tambem as relações que existem entre mirandês e rionorês:

a) Semelhanças:

Sons originarios	Rionorês	Mir.
Ĕ	*bi̊ẽ̬*	*bi̊ẽ*
Ŏ	*bůọ̬sso*	*bůọ̬sso*
PL-	*chober*	*chober*
-L-	*ci̊ẹ̬lo*	*ci̊ẹ̬lo*
ĔV	*mìu*	*mìu*
-ia	*dìẹ̯*	*dìẹ̯*

e alem d'isso *-ũ-*, *-ẽ̥-*, *-u̯-*, muitos pronomes e muitas fórmas verbaes (entre estas, por exemplo, preteritos perfeitos do indicativo em *-órũ*).

b) Differenças:

Sons originarios	Mir.	Rionorês
L-	*lhabar*	*labar*
-LL-	*galhina*	*galína*
-N-	*mano* / *cheno*	*man* / *chẽ*
-d-	*passado*	*passau*
j	*birje*	*birxe*
-lh-	*bi̯ẹlho*	*bieyo*
-ASIV	*beiſo*	*beisso*

sem fallar nas que existem na morphologia, por exemplo, no pl. dos nomes em *-õ*, que é *-ós*, sem *n*.—Ainda assim, as differenças entre as flexões verbaes rionoresas e as mirandesas são menores que as que ha entre estas e as guadramilesas (me parece). Vê-se implicitamente que o rionorês se aproxima do gallego e do asturo-leonês pelos mesmos caracteres que observámos no guadramilês, e alem d'isso pela syncope do *-d-*, mas se distingue tambem, por exemplo, do gallego neste último phenomeno, no modo de tratar o *-lh-* e na ditongação de Ĕ e Ŏ; juntamente vimos que ha differenças entre o rionorês e o guadramilês, e fundamentaes, quaes são as que resultam da maneira differente de tratar o -N- e o *-d-*.

Ermisende (tambem se escreve *Hermisende;* a pronúncia local é *Ermesende*) fica no partido juridico de Puebla de Sanabria, provincia de Zamora, diocese de Orense,—antigo reino de Leão. D'ella escreve Madoz, no *Dicc. Geogr. de España,* IX, 1847, p. 503: «situada entre unas sierras en la raya de Portugal». O mesmo A. attribue-lhe 142 vizinhos e 559 almas.—Estive lá em 1884, e fallei com diversas pessoas. A lingoagem é fundamentalmente portuguesa[1], pois tem *j, ſ, ʒ* e

[1] Os proprios Ermesindenses me diziam: «nós fallamos português».

vogaes nasaes, syncopa o -L-, ex.: *moínho* < molinu-, transforma o -N- em resonancia nasal, ex.: *chão* < planu-, representa o Ĕ e Ŏ pelas simples vogaes *e, o,* e não por *ọ* ou *ŭọ* e *ĭẹ,* como o mirandês; todavia tem em commum com este e com o gallego vários phenomenos phoneticos e morphologicos, ex.:

Port. de Ermisende	Gall.	Mir.
pã	*pan*	*pã*
trais	*tras*	*trais*
trai	*trai*	*trai*
iba	*iba*	*iba*
dixo	*dixo*	*dixo*
báia	*vaya*	*báia*
faga	*faga*	*faga;*

tem alem d'isso como o mirandês, os preteritos da 2.ª conj. em *-iste,* ex.: *bendiste.* Como phenomenos proprios possue, por exemplo, preteritos da 1.ª (por analogia com os da 2.ª) em *-érũ,* ex.: *scapérũ,* imperfeitos do conjunctivo em *-ésse,* ex.: *toquésse.* Tambem lá ouvi *c* e *z* hespanhoes, por vezes, a par de alguns vocabulos da lingoa do vizinho reino, como *Ostede* = Vd., *chacha* = muchacha, *juez, perdonar.*

Castromil-de-Castella é povo parochialmente annexo a Ermisende; fica no mesmo partido juridico que este. Segundo Madoz, *Dicc. Geogr. de España,* VI, 1847, p. 230, tinha naquella data 39 vizinhos e 151 almas. Ha na Galliza várias povoações com o nome de Castromil; por isso esta se chama *de Castella* (isto é, *de Castilla*).— Não estive lá, mas fallei em Tras-os-Montes com gente de lá.—As semelhanças da lingoagem de Castromil são antes com o gallego do que com o mirandês. Phenomenos caracteristicos communs ao gallego e á lingoagem de Castromil são, por ex.: *x* <> *j,* ex.: *xente, birxe; ss* <> *ʃ,* ex.: *cassa* «casa», *coussa* «cousa»; preteritos em *-che,* como *fizeche, fuche, binheche;* como no gal-

lego do Sul, diz-se em Castromil *mau* «mão», *irmau* «irmão», com syncope do -N- das fórmas lat. manu-, germanu-. Com o mirandês tem em commum, por exemplo, os preteritos fortes em *-o,* por ex.: *stobo,* mir. *stubo; fezo,* mir. *fizo;* e certos phenomenos avulsos, por ex.: *mái, ũa, mui* «muito» (em próclise). A lingoagem de Castromil é pois fundamentalmente gallega.

De facto o gallego não está circumscrito á Galliza actual. Ultrapassa-lhe os limites, ainda que ás vezes por graus insensiveis. A historia do gallego póde fazer-se a começar da idade-média: ha já algumas palavras gallegas num documento em latim barbaro do sec. VIII, publicado na *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos,* III, 585 sqq., se este documento é authentico, ou pelo menos da epocha a que o attribuem[1]. Na *España sagrada,* de Florez, acham-se tambem varios documentos medievaes. Na *Revista critica de historia y literatura,* II, 301 sqq., publicou o Sr. D. A. Martínez Salazar um texto do sec. XIII. Producções propriamente litterarias, a começar da idade-média, abundam: alem do que se encontra nos Cancioneiros portugueses, temos as *Cantigas* de Affonso X (sec. XIII), a *Estorea Troyana* (principios do sec. XIV, que o Sr. André Salazar vae imprimir)[2], as poesias de Macias (sec. XV). Para o estudo do gallego moderno ha igualmente numerosos elementos: textos e estudos lexicologicos e grammaticaes. O Sr. D. A. Martínez Salazar, illustre director da *Biblioteca gallega,* tem sido incansavel na publicação de obras a respeito da Galliza, e do gallego em especial; esta *Biblioteca*

---

1 Cf. *Revue Hispanique,* VI, 518.

2 A cêrca d'este texto publicou em 1898 na Coruña uns *Apuntes gramaticales* o Sr. R. Rodríguez: trabalho, em verdade, imperfeitissimo.—O Sr. J. Cornu publicará brevemente num volume consagrado ao philologo italiano Ascoli, e collaborado por diversos especialistas, uns extractos da *Estorea;* em Julho de 1900 vi eu em Praga, em casa do Sr. Cornu, as provas typographicas do trabalho.

conta já 40 e tantos volumes, parte dos quaes escritos em gallego. A par d'esta *Biblioteca* muitos trabalhos avulsos se tem publicado, litteratura amena, jornaes, etc. Como trabalhos grammaticaes posso citar, entre outros, *El habla gallega,* de Cuveiro Piñol, Barcelona 1876, 2.ª ed., e a *Gramatica gallega,* de Saco Arce, Lugo 1868, que, se pécca em parte pelas doutrinas philologicas, encerra comtudo excellentes materiaes e observações. O Sr. Francesco d'Ovidio, professor da Universidade de Napoles, publicou um extracto d'esta grammatica no vol. II dos *Manueletti d'introduzione agli studj neolatini,* Insola 1881, pp. 50, sqq. Como diccionarios temos: o de Javier Rodriguez, Coruña 1863[1]; o de Cuveiro Piñol, Barcelona 1876; e o, superior a todos, de Valladares y Nuñez, Santiago 1884, cuja posse devo á amabilidade do seu auctor. Um livro bastante curioso é *A gaita gallega tocada por o gaiteiro,* Pontevedra 1853, 2.ª ed.[2] A Liga Gallega publicou em 1898 na Coruña um *Catálogo de obras escritas en gallego,* onde o leitor encontrará indicação de tudo o que sobre o assunto viu a luz até áquella data: poesia, theatro, prosa, jornaes. Em virtude da bondade de que tem usado para comigo os escriptores gallegos, sobretudo os Srs. Martínez Salazar, Galo Salinas, Carré Aldao, e Garcia Ferreiro, possuo na minha livraria particular grande número de trabalhos litterarios gallegos.—O pouco que conheço do idioma gallego tenho-o adquirido pela leitura, pois ainda me não foi possivel ir á Galliza; apenas uma ou outra vez tenho observado a pronúncia de gallegos vindos para Portugal.—Entre o mirandês e o gallego ha muitas das semelhanças que existem entre o mirandês e o português, como: represen-

[1] Creio que raro. Comprei um exemplar em Madrid em 1899.
[2] Muito raro. Adquiri um exemplar em Madrid em 1899. Apesar de ser livro pequeno, e em 2.ª edição, custou-me 4 duros.

tação do ditongo lat. AV pelo ditongo *ou,* com ou sem modificação do *o;* A(V)I > ei, PL-, CL- e FL- representados por *ch-;* e tambem ha differenças analogas ás que citei a cima, p. 51, entre estes dois ultimos idiomas. Ao passo que o mirandês tem *ʃ* e *j,* o gallego representa estes dois sons por *s* e *x,* o que constitue distincção muito caracteristica. Na morphologia as semelhanças e as divergencias correm parallelas: nos preteritos *-o,* ex.: mir. *puʃo,* gall. *puxo; -st-* no mir., e *-ch-* no gall., ex.: mir. *puniste,* gall. *puñeche* ou *puxeche.*

Por motivo da extensão e constituição geographica da Galliza, o gallego offerece ao observador numerosas variedades. Já Saco Arce assignalou algumas na *Grammatica gallega,* pp. 231–232, em capitulo especial, intitulado «Subdialectos del gallego», e no decurso d'ella, por exemplo, pp. 32, 76. Uma das differenças mais importantes entre o Norte e o Sul consiste no modo de tratar o -N-: *mañan* no gall. septentrional, *mañá* no meridional; *cans* no primeiro, *cas* no segundo. A cima, quando fallei de Castromil, cuja falla se relaciona com o sub-dialecto meridional, vimos *mau* < m a n u -, que pertence á mesma categoria.

Na provincia de Leão ha um territorio bastante extenso, circumdado de serras, que o separam do resto da provincia e das Asturias e Galliza, chamado o Bierzo ou Vierzo, dividido em Bierzo-Alto, e Bierzo-Bajo; ahi tambem se falla um sub-dialecto gallego,— o *berciano.* Os meus textos para o conhecimento d'esta lingoagem são os *Ensayos poeticos en dialecto berciano,* de Fernandez y Morales, com uma introducção de Cubí y Soler, Leon 1861; não sei até que ponto elles representam, como se diz a p. 5, o *baixo-berciano,* porque seu auctor, comquanto educado no Bierzo, é natural de Astorga[1]. Ahi acho com effeito phenomenos contra-

---

[1] Vid. a INTRODUCÇÃO, p. 7.

dictorios, por exemplo, a manutenção de -L- em *malo, solo, volar,* e syncope em *doer, fieito.* Como diz Fernandez y Morales, o berciano «se castellaniza á medida que los pueblos del país..... se van acercando á Castilla, ó se galleguiza completamente segun que sus opuestos confines van tocando la Galicia»[1]. Neste sub-dialecto, se ha phenomenos que são inteiramente gallegos, ou galleco-asturianos, como *-che* na 2.ª pess. do preterito, *che* <> port. *te,* e, em commum com o português e até certo ponto com o mirandês, os ditongos *ei, ou,* ha outros que são mais asturianos, como a frequencia do deminutivo *-in,* por ex.: *pobrin,* a syncope do *-d-* secundario, isto é, proveniente do lat. -T-, ex.: *láo, contáo,* phenomeno que tambem é normal no castelhano ordinario e no andaluz. Phenomenos bercianos curiosos são estes: *peis,* pl. de *pé,* < lat. pe(d)es; *teis* < lat. te(n)is; *condiciois* < lat. condicio(n)es, *maldiciois* < lat. maledictio(n)es, *razois,*—ao passo que no sing. se tem *-ón*[2]. Em berciano a 1.ª pess. sing. acaba muitas vezes em *-ein,* tanto no preterito, como no futuro, por ex.: *faréin* «farei», *pagaréin* «pagarei», *atopéin* «atopei», *brinquéin* «brinquei». O gallego não é inteiramente estranho a este phenomeno, porque Sarmiento escriptor, gallego do sec. XVIII, empregava com frequencia as terminações *-ein* e *-eim* na 1.ª pessoa: *paseim, direim, cheguein, verein*[3]; no gallego moderno é corrente *estiven, andiven,* e mesmo se acha *falín, gardín,* etc.

---

1 P. 4.

2 Estes pluraes bercianos correspondem de algum modo aos catalães: pl. *excursions,* sing. *excursió.* Tanto em catalão como em berciano elles dependem das leis phoneticas. Em catalão é de regra cair o *n* final depois de vogal (por isso *excursió*); mas o *n* mantem-se antes de *s* (por isso *excursions*). Em berciano os phenomenos passam-se de outra maneira: *n* intervocalico cae (por isso *razois*), *n* tornado final fica (por isso *razón*).

3 Vid. Saco Arce, *Gramatica gallega,* pp. 77 e 177.

Outra localidade, fóra de Galliza, e de Leão, onde se encontram particularidades gallegas é Boal, no partido de Castropol, nas Asturias Occidentaes. Conheço alguns factos da lingoagem d'esta localidade pelo livro de B. Acevedo, *Boal y su concejo,* Oviedo 1898. Diz o A.: «Tiene el lenguaje de este concejo participación en el carácter de los dialectos de Galicia y de la Asturia Oriental» (pp. 57–58). Em confirmação d'isto encontro ahi effectivamente: *oveyias* «ovelhas», *llugar* «lugar», *mías* (como em mir. *mię̂s*), *meu, Antoniu, Xuán.*

Pouco mais ou menos nas mesmas circumstancias está a lingoagem de Franco, perto do mar, tambem no Occidente das Asturias. Para o estudo d'ella sirvo-me do livro de Fernandez y Fernandez, *El Franco y su concejo,* Luarca 1898. Phenomenos analogos aos gallegos são, por exemplo, a terminação *-eira,* tambem port. e mir., o ditongo *ou;* phenomenos do asturo-leonês são o *ll-,* por *l-* (tambem mir.), ex.: em *lluar, lleña,* e *-y-* por *-ll-,* ex.: em *muyer* < lat. muliere-, *ayéu* < lat. alienu-.

Noutros pontos das Asturias a lingoagem muda, como é natural. Quando estive em Madrid em 1899, tive occasião de fallar com um asturiano[1], e de observar muitos phenomenos phoneticos e morphologicos da lingoagem do concelho de Nabia, que fica ao Occidente de Franco, tambem perto do mar. Para o meu fim, poucos factos importa citar aqui: ŏ ditonga-se em *uo,* excepto antes de nasal: *nuosu*[2], *nuobo, nuobu* (mas *fonte, ponte*), phenomeno que é o protótypo do que se observa em mirandês, onde ha *ŭǫ* (ǫ); a o- atono corresponde *ou-,* como em mir. *oumano, oubeya, oureya;* um dos phenomenos

1 O Sr. D. Antonio Graiño, da Livraria de D. Victoriano Suarez, Calle de Preciados.

2 Não posso deixar de seguir a orthographia hespanhola: por isso *s* corresponde aqui a *ss* em português; escrevo *-u* em vez de *-o,* etc.

phoneticos mais interessantes d'esta lingoagem, já notado pelo Sr. Munthe no seu estudo sobre o asturiano occidental[1], é a correspondencia da africata *tṣ-* a L- e -LL-, ex.: *tṣougu* < l o c u -, *tṣargu* < l a r g u -, *tṣobu* < l u p u -, *etṣa* < i l l a -, *batṣena* < b a l l a e n a -, africata que, segundo tive occasião de verificar na Catalunha, corresponde como surda á africata sonora *dz* do cat. *dotze, tretze, setze,* cujo *t* aqui soa *d* (*dodze,* etc.).

É-me impossivel indicar todas as variedades do asturiano; nem isso importa ao fim que tenho em mira. Á proporção que se caminha para Occidente apparecem novos phenomenos. Na lingoagem de Lena, estudada num bem elaborado opusculo pelo Sr. D. Ramón Menéndez Pidal[2] encontra-se um facto,—a syncope do *-g-* secundario, isto é, proveniente de -C-, depois do ditongo *uí,* ex.: *chuíu* < l o c u -, *fuíu* < f o c u -,—que faz lembrar o que, como vimos a p. 37, se observa em sendinês, ex.: *dia* < d i c a -. No asturiano oriental ha phenomenos verdadeiramente notaveis, como estes de Llanes e Parres, citados no *Vocabulario bable* de Rato de Argüelles, p. V: *jïjo* < f i l i u -, *jacer* < f a c e r e -. No seu conjuncto o astur. offerece certas semelhanças com o mirandês: *ll-* < L-; *ch-* < FL-, CL-, PL-; o ditongo *ou; -u̯,* etc.; mas ha em asturiano phenomenos que não se observam em mirandês, como a syncope do *-d-* secundario, a correspondencia de *y* a *l* palatal, a de *x* a *j,* etc.

Para se encerrar esta digressão linguistica, resta fazer uma referencia ao leonês, pelo qual chegamos outra vez a tocar a Terra-de-Miranda. O reino de Leão, que no sec. XIII foi encorporado definitivamente no de Castella, era a principio muito extenso; no seu último estado cor-

---

[1] *Anteckningar,* etc., Upsala, p. 1887, § 35.—Vid. na *Revista Lusitana,* I, 278, uma desenvolvida noticia bibliographica d'este opusculo feita pelo Sr. Gonçalves Vianna.

[2] *Notas sobre el bable hablado en el concejo de Lena,* Gijón 1899.

respondia pouco mais ou menos, indo-se de N. para S., ás modernas provincias de León, Palencia, Valladolid, Zamora e Salamanca. Neste longo tracto de terra a lingoagem não póde ser uniforme: «las palabras generalmente son castellanas castizas; pero no deja de haber según los parages, algunas voces exóticas y de origen desconocido, cuyo significado solo se comprende en ciertos distritos; si a esto se añade el uso inmoderado que en algunos se hace de los diminutivos, la estraña pronunciación de otros, y la variedad de acento en todos, se sabrá sin sorpresa que á duras penas se entienden entre si los habitantes de los estremos de la provincia»[1]. Difficil cousa sería dizer em que consistia o antigo leonês, e as differenças que havia entre elle e o asturiano, mesmo tomando em conta os trabalhos importantes que citei no vol. I, pp. 262 e 386, nota I. Muitos phenomenos eram communs ás fallas das duas regiões, como *y* < > *l* palatal, o ditongo *uo*. É pena que na Hespanha não se façam estudos desenvolvidos sobre os modernos fallares d'estes sitios. No livro de versos intitulado *Querellas del ciego de Robliza*, publicado anonymamente por um professor da Universidade salamanquina, que teve amabilidade de me offerecer um exemplar d'elle, por intermedio do Sr. D. Miguel de Unamuno, quando estive em Salamanca em 1897, representam-se alguns phenomenos da actual falla popular d'aquella cidade, taes como: *los sus hijos*, com o artigo a preceder o possessivo, como em hesp. antigo e em mir.; *jui* < lat. fui, com o assignalado phenomeno, de *j* < *f*. Nas «Locuciones» e «Zamorismos» que acompanham as *Memorias historicas de la ciudad de Zamora*, IV, Madrid 1882–1883, encontro tambem *el mi sombrero* (o artigo a preceder o possessivo), e os suff. *-ico, -ica*, tão usuaes em mirandês; ahi se en-

---

1 Madoz, *Diccionario geografico de España*, X, 151.

contra *ñ-* < n-, como em asturiano, mas não como em mirandês: por este lado o mirandês separa-se do asturianò-leonês. Em Sayago, e certamente no resto da provincia, e ainda noutros pontos vizinhos, usa-se o tratamento de *vós,* como em mirandês. O *ll-* < l-, que, como vimos no vol. i, pp. 261–263, apparece no asturianò-leonês, aproxima d'elle a lingoagem de Miranda.

D'estas comparações conclue-se que, se entre o mirandês e os idiomas seus vizinhos ha muitas differenças, ha tambem muitas semelhanças, contactos intimos; ha casos em que se passa de uns para outros quasi insensivelmente. Vê-se que a rede linguistica do Noroeste da Iberia tem malhas inextricaveis. Foi-me preciso citar ao mesmo tempo as semelhanças e as differenças, porque, se citasse só aquellas, poderia parecer que as lingoagens constituiam uma unica, e, se citasse só as differenças, poderia parecer que as lingoagens eram no todo radicalmente antitheticas. Poucos phenomenos haverá no mirandês que não se descubram em idiomas vizinhos. O mesmo succede em todas as lingoas romanicas, quer por causa da communidade da sua origem, quer pelo parallelismo das condições em que se desenvolvem: assim o f- dá *h* em hespanhol e em gascão, ex.: femina > *hembra, hemne;* ct- está representado por *ch* no hesp. *nueche,* no prov. *nuech;* o mesmo grupo está representado por *it* no port. *fruito* (arch.), no fr. *fruit,* e ainda no prov. *fruit;* o lat. integra- deu *enteira* em provençal e em português; ca- no Norte da região provençal póde dar *ch-,* como em francês; o verbo stare deu *estar,* tanto em provençal, como em português; aequale deu *egual* nos mesmos dois idiomas; luna deu *lhuna* (*lluna*) em catalão, em mirandês e em asturianò-leonês; bonu- tornou-se *bo* em catalão, em gallego e em português popular; longe tornou-se *lueñe* em hesp. (arch.), e *luenh* em prov.; gn tornou-se *nh* (*gn, ñ*) em português, italiano e hespanhol, ex.: *lenha, legna, leña* < ligna; sum tornou-se *son* em prov.,

som em port. (arch. e ainda pop.); -P- permanece em italiano e romeno, deu *-b-* em port., hesp., prov., cat. e sardo, e deu *-v-* em fr. e ladino. São factos muito conhecidos. Não é preciso insistir mais nelles.—D'isto póde concluir-se que é verdadeira, em certo sentido, a theoria do Sr. Paulo Meyer, segundo a qual, «aucun groupe de dialectes, de quelque façon qu'il soit formé, ne saurait constituer une famille naturelle, par la raison que le dialecte (qui représente l'espèce) n'est lui-même qu'une conception assez arbitraire de notre esprit..... C'est que les phénomènes linguistiques que nous observons en un pays ne s'accordent point entre eux pour couvrir la même superficie géographique. Ils s'enchevêtrent et s'entrecoupent.....»[1]. Effectivamente, raro se encontrará numa lingoa um phenomeno que lhe seja especial, e não se encontre, realmente ou em germen, noutras da mesma familia. D'ahi a difficuldade de definir, de modo absoluto, em que consiste uma lingoa, com relação a outra semelhante.

Mas, como toda a gente tem consciencia de que, quando falla certa lingoa, falla essa determinada, e não outra; como ninguem confunde, por exemplo, um texto francês com um italiano; como existem no uso geral não só a palavra *lingoa,* com a sua congenere *idioma,* mas as palavras *dialecto, co-dialecto,* e ainda *sub-dialecto,* etc.: não é menos verdadeira a theoria do Sr. Ascoli, de que o que separa um idioma de outro não são os phenomenos caracteristicos em si, mas a contemporaneidade ou concorrencia d'estes com outros que são communs a idiomas com os quaes póde haver confusão: «il distintivo necessario del determinato tipo sta appunto nella simultanea presenza o nella particolar combinazione di quei caratteri»[2]. Quando na falla de

---

[1] In *Romania,* IV, 294.
[2] In *Archivio glottologico italiano,* II, 387.

certo povo se encontram os phenomenos $a + b + c + d = A$, que sempre apparecem relacionados uns com os outros, diz-se que este povo se serve do idioma A; quando na falla de outro povo apparecem os phenomenos $c + d + e + f = B$, sempre tambem relacionados entre si, diz-se que este povo se serve do idioma B; mas os idiomas A e B tem em commum, como se vê, os phenomenos $c + d$, o que succede nas lingoas que citei a cima, em relação aos factos apontados. Não ha distincção absoluta nesses phenomenos e leis de A e B; ha porém differença radical entre A e B quanto ás circumstancias do apparecimento de $a + b + c + d$, pois de um lado estão sempre em relação $a + b + c + d$, e do outro $c + d + e + f$. D'este modo, quando $a + b + c + d$ se encontram circumscritos em certa nacionalidade, em certa região, em certo país, constituem a lingoa A d'esta nacionalidade, d'esta região, d'este país: o mesmo se póde dizer da lingoa B, constituida por $c + d + e + f$.

Suppondo que

$a + b + c + d = A$ é o português,
$c + d + e + f = B$ é o hespanhol,
$a + b + e + f = C$ é o mirandês:

achamos que o mirandês tem $a + b$ em commum com o português, e $e + f$ em commum com o hespanhol; apesar d'isso fórma unidade linguistica, porque não só $a + b$ estão em desaccôrdo com o hespanhol, e $e + f$ em desaccôrdo com o português, mas porque $a + b + e + f$ apparecem sempre relacionados entre si. O mirandês mantem o L e N intervocalicos, como o hespanhol, e neste caso é hespanhol; transforma em certos casos CE e CI em *-ze-* e *-zi-*, como o português, e neste caso é português; mas differença-se do português e do hespanhol em que, quando apparece o -L- e o -N-, tam-

bem apparece o *-ze-* e o *-zi-*, o que não acontece nem em hespanhol, nem em português. Se ouvirmos um individuo dizer avulsamente *salir* e *rana*, sabemos que não está fallando português, mas não podemos distinguir se está fallando hespanhol, se mirandês; se o ouvirmos dizer, tambem avulsamente, *fazendo* e *rezar*, sabemos que não está fallando hespanhol, mas não podemos distinguir se está fallando português, se mirandês: todavia, se o ouvirmos dizer concomitantemente *salir*, *fazendo*, *rana* e *rezar*, ficamos conhecendo que a falla de que se serve é a mirandesa, porque d'entre os tres idiomas, hespanhol, português, mirandês, é este o unico em que *rezar* e *fazendo* coincidem com *salir* e *rana*.

Sem dúvida, muitas differenças que existem entre o mirandês e o hespanhol não apparecem quando ascendemos ao passado: o som *ʃ*, que hoje caracteriza o mirandês a respeito do hespanhol moderno, onde só existe *s*, existia em hespanhol antigo; palavras hespanholas que hoje tem *h* inicial, proveniente de F- latino, o que constitue outra distincção actual entre hespanhol e mirandês, tinham tambem *f* em antigo hespanhol; e assim por deante, já fallando propriamente do castelhano, já de outros dialectos hespanhoes. Mas d'aqui não ha de inferir-se que o mirandês é hespanhol, porque para isso tornava-se necessario demonstrar que *coincidencias d'estas se davam em toda a linha ao mesmo tempo*, o que não póde admittir-se, ou pelo menos não póde demonstrar-se. Tambem, quando comparamos entre si os outros fallares neo-latinos, achamos factos parallelos: o francês archaico possuia, por exemplo, o ditongo *ui*, que possue agora ainda o português, e possuia a palatal explosiva sonora, que possue agora ainda o italiano. Quanto mais antigos são os documentos que examinamos, tanto mais vizinhas nos apparecem do latim todas as lingoas da Romania. As differenças que se notam são pois sempre relativas, e não absolutas.

Pois que no mirandês ha phenomenos que ficam entre os do português e os do hespanhol, e pois que taes phenomenos constituem a *unidade linguistica* C, procuremos agora saber se esta unidade linguistica é lingoa, idioma, dialecto ou co-dialecto, pois que taes palavras correspondem a outras tantas *unidades linguisticas,* e de todas essas maneiras se tem chamado ao mirandês.

A palavra *lingoa* toma-se em accepção geral e em accepção particular. Em accepção geral é qualquer maneira de fallar, e tem como synonima a palavra *idioma,* que nesse sentido se presta menos a confusão que *lingoa.* Assim os Mirandeses dizem *la nossa lhengoa,* e todos nós dizemos a *lingoa de Vergilio,* a *lingoa de Barros,* para significarmos a maneira de fallar dos povos a que pertencem estes auctores. Resta pois considerar a accepção particular, ou de *lingoa* propriamente dita.

Se a noção de *unidade linguistica* resulta da concomitancia de certos phenomenos, a noção de *lingoa, co-dialecto* e *dialecto* resulta do número e importancia d'estes phenomenos, em opposição aos de uma unidade linguistica vizinha.

Um phenomeno linguistico é tanto mais importante quanto fôr mais raro e mais amplo: por exemplo, a syncope do L intervocalico é phenomeno raro em romanço, porque entre todas as lingoas romanicas de certa importancia é a portuguesa a unica em que elle se observa; e é phenomeno amplo, porque não lhe conheço realmente excepção nenhuma[1]: por tanto essa

---

1 Nas lingoas romanicas ha duas classes especiaes e principaes de vocabulos: — os de origem estrictamente popular, que datam do tempo dos Romanos; e os que foram introduzidos posteriormente, por intermedio da litteratura. Claro está que só entro aqui em consideração com os da natureza da primeira; entre os da segunda especie ha muitos em que o L se mantem. Só os primeiros estão sujeitos á lei apontada. Por ex.: *dor, door* < dolore-, *doer* < dolere, *doente* < dolente- são palavras de origem popular; *doloroso, dolente* são palavras de origem litteraria. Quando

syncope constitue phenomeno importante. Quanto maior fôr o número e importancia dos phenomenos que formam uma *unidade linguistica,* tanto mais razão haverá para que ella represente uma lingoa propriamente dita. O hespanhol é *lingoa,* porque ha nelle muitos phenomenos raros, como são, por ex.: *ll-* proveniente de PL- e CL-, *ch* proveniente de CT, manutenção de -N- e -L-, valor do *j* e do *z;* e todos estes phenomenos são amplos: contém pois muitos phenomenos importantes. Comprehende-se, porém, que para avaliar a importancia de um phenomeno linguistico variem os criterios, e que o que baste a uns philologos para elles chamarem *lingoa* a certa unidade linguistica não baste a outros. E isso dá-se effectivamente. As dúvidas cessam no entanto, em casos, como o do português e o do hespanhol, porque, alem de o número e importancia dos seus respectivos phenomenos caracteristicos serem grandes, cada uma d'essas lingoagens serve de orgão a uma litteratura rica, e a uma nação autonoma.—Tambem se chama *lingoa* a uma *unidade linguistica,* quando esta se encontra completamente insulada, sem parentesco algum conhecido com outras, como o vasconço (lingoa viva) e o etrusco (lingoa morta).

A palavra *dialecto* toma-se igualmente em várias accepções: umas vezes significa a particularidade local de uma lingoa nacional, como o andaluz a respeito do hespanhol ou castelhano; outras vezes a resultante da transformação de uma lingoa, como o português a respeito do latim, o indo-português de Ceilão, o macaista, e os crioulos de Africa, a respeito do português continental; outras vezes uma lingoa irmã e vizinha de outra que, por circumstancias politicas, etc., se tem como prin-

---

em glottologia se falla de uma lei, sem mais explicação alguma, entende-se que se trata de factos da natureza dos da primeira serie.—Cf. sobre o assunto o vol. I d'estes *Estudos,* pp. 310–312.—Tudo isto são factos elementarissimos em glottologia.

cipal, por exemplo, o picardo a respeito do francês. Em qualquer d'estes casos a noção de *dialecto* resulta da comparação com uma lingoa mais nobre a que está subordinado, e da qual differe mais ou menos. Se differe pouco, o dialecto é pouco notavel, se differe muito, é muito caracterizado, e então aproxima-se de *lingoa,* no sentido que expus a cima. Tambem neste caso o criterio da delimitação varía. Póde auxiliá-lo a consideração da ideia da litteratura, do povo ou da região: os franceses chamam *patois* ao dialecto inculto, isto é, sem litteratura, e chamam *dialecto* propriamente dito ao dialecto litterario; na Grecia os dialectos *dorico* e *eolico,* por exemplo, denominavam-se assim em virtude dos nomes dos povos que os usavam; na Italia o dialecto *calabrês* tira o seu nome da Calabria, onde domina. Tanto o criterio da delimitação varía que, como vimos a cima, ha philologos que são levados a não admittirem a existencia de dialectos, e a considerarem apenas os phenomenos avulsamente, porque numa área, cuja lingoagem se convencionou chamar *dialecto,* podem existir phenomenos de outra, que está nas mesmas circumstancias. Em todo o caso a noção de dialecto é commoda, para nos entendermos melhor, e corresponde á realidade dos factos, no sentido da concomitancia d'estes.

Muitas vezes num dialecto ha peculiaridades que constituem unidades linguisticas de terceira e quarta ordem: são os *sub-dialectos* e as *variedades.* A lingoagem do Baixo Minho, com o seu *áur* por *al,* o seu *ę̈,* etc., representa um sub-dialecto no conjuncto das fallas de Entre-Douro-e-Minho, as quaes denomino, segundo uma antiga nomenclatura, *dialecto interamnense;* e a lingoagem do Porto, com o seu *s* (ou *ç*) especial, representa uma *variedade* neste sub-dialecto: de facto, tanto o *áur,* como o *ę̈,* como o *s* ou *ç,* são phenomenos importantes (isto é, raros e amplos).

O mirandês será *lingoa,* na accepção especial, ou será *dialecto?* No sentido de lingoa insulada, já se vê

que não, porque está aparentado, de um lado com o asturianò-leonês, do outro com o galleco-português. Como não é instrumento de uma litteratura propriamente dita, pois o que nelle se tem escrito, e só ha pouco tempo, não passa de mera curiosidade philologica; e como não é orgão de uma nação, mas só de um povo circumscrito numa limitada zona geographica, a *Terra-de-Miranda:* póde tambem por este lado não merecer o nome de lingoa, embora, se os seus phenomenos fossem extremamente importantes, a consideração da ideia de litteratura e de nação nada valesse, como acontece ao vasconço, que é lingoa, e de nenhum modo dialecto. No meu opusculo *Flores mirandesas,* publicado em 1884, disse eu a p. 29: «o mirandês é uma lingoa fundamentalmente diversa das outras lingoas peninsulares». Com a palavra *fundamentalmente* eu quis significar *essencialmente,* isto é, que o mirandês tinha phenomenos que lhe davam independencia a respeito d'aquellas lingoas; e esses havemos nós visto que os tem. Comtudo, pois que a muitas pessoas este nome de *lingoa* pareceria ambicioso de mais, e pois que o mirandês, ao lado de phenomenos que contrastam com os do português, contém outros que são caracteristicos da nossa lingoa, por exemplo, as nasaes, o valor de *j* e *z*, adoptei em 1886, no opusculo *Lingoas raianas de Tras-os-Montes,* publicado pois posteriormente ás *Flores mirandesas,* a designação de *co-dialecto português,* para definir o mirandês. No primeiro opusculo que publiquei sobre elle, isto é, n-*O Dialecto Mirandês* (1882), eu tinha-lhe chamado *dialecto,* mas em relação ao latim, e pouco mais ou menos no sentido de *co-dialecto,* como digo *ibidem,* pp. 38–39. A questão de nome não faz muito ao caso para a comprehensão historica do mirandês; no entanto, *co-dialecto* é porventura a melhor das designações.

Com a expressão *co-dialecto português* quero significar que a unidade linguistica chamada *mirandês* goza de certa independencia glottologica, a bastante para que

ella occupe lugar entre as fallas de Hespanha e as de Portugal, e não seja mero dialecto nem do português, nem do hespanhol, mas que ao mesmo tempo, em virtude principalmente de causas de ordem geographica e sociologica, está mais subordinada á lingoa nacional de Portugal, do que á de Hespanha.

Só quem conhece as fallas todas de um país é que póde comprehender bem a essencia de uma classificação como esta. Para mim, que conheço sufficientemente, na sua grammatica, as fallas de Portugal, desde a foz do Minho até á do Guadiana, desde o recanto de Miranda do Douro até o Cabo de S. Vicente, a noção de *co-dialecto*, attribuida ao mirandês, é clara. Não lhe posso chamar *dialecto* (a não ser em relação ao latim, como, segundo disse a cima, tambem lhe tenho chamado), porque em tal caso ficavam sem nome conveniente as particularidades de lingoagem do resto do país, as quaes estão incomparavelmente em mais íntimas relações com o português normal, do que o mirandês, apesar de não se poderem chamar *sub-dialectos*, porque nessas mesmas particularidades ou dialectos ha *sub-dialectos*.

Sem me preoccupar muito com a nomenclatura, o que desejo frisar é o seguinte: o mirandês não é variante do português, porque encerra bastantes phenomenos em contraste com os d'este, e muitos mais do que os que bastam para se delimitar um dialecto português; e, não obstante ter alguns vocabulos muito proximos de antigos vocabulos portugueses, não é de modo algum uma fórma archaica do português, porque de muitos factos caracteristicos mirandeses, como *lhuna, ʒinolho, anȩ̂lho, tenhir,* não podiam vir as palavras port. *lua* (ou *lũa*), *joelho* (ou *geolho*), *anel, tingir,* que obedecem a outras leis, e tiveram pois outras evoluções.— Logo o mirandês não é propriamente português. Pelas razões expostas a cima, é idioma *sui generis,* muito vizinho d'este, e póde considerar-se seu co-dialecto.

Pessoas ha a quem custará acceitar a palavra *dialecto* applicada a factos portugueses, sendo sabido, como é, que um aldeão do Alto-Minho entende, á parte algumas expressões, a lingoagem de um aldeão do Algarve. Essas pessoas suppoem que, para haver dialectos, é necessario que as particularidades que os constituem sejam muitas, que os individuos que vivem numa zona geographica não entendam os que vivem noutras. Mas não devem pensar assim, já porque a palavra *dialecto* se tem applicado historicamente a fallares pouco diversos uns dos outros, como são, por exemplo, os dialectos gregos (e foi até dos Gregos que veiu para nós, por intermedio do latim, a palavra e a noção de *dialecto* = διάλεκτος!), já porque o que importa não é propriamente o nome, mas sim a cousa em si mesma. Ora a cousa em si mesma é esta:— em Portugal ha certas particularidades locaes de lingoagem, que podem chamar-se *dialectos*[1]; ha outras menos extensas, que podem chamar-se *sub-dialectos*[2]; ha outras ainda menos, que podem chamar-se *variedades*[3]; e ha finalmente idiomas que não cabem nestas categorias, e que por isso devem receber o nome de *co-dialectos*, se se prefere este termo ao de *lingoas*. Entre os ultimos conto o mirandês[4].

Quando a cima comparei o mirandês com os idiomas vizinhos, não procedi com ordem rigorosa, como se exigiria numa grammatica historica ou comparada, mas citei os factos mais ou menos ao acaso, embora esco-

---

1 São as fallas: de Entre-Douro-e-Minho (*dialecto interamnense*); de Tras-os-Montes (*dialecto trasmontano*, que poderá comprehender certas fallas raianas do reino de Hespanha); do principado da Beira (*dialecto beirão*); e do Sul (*dialecto meridional*, que comprehende tambem a lingoa de Olivença).

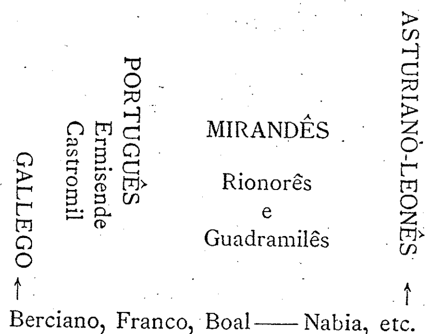
2 Por exemplo o *algarvio*, ou falla do reino do Algarve.

3 Por exemplo, como vimos a cima, a lingoagem do Porto.

4 Os outros co-dialectos portugueses, dentro de Portugal, são: o *rionorês* e o *guadramilês*, de que fallei a p. 52 sqq. Fóra de Portugal é de modo geral o gallego.

lhendo de ordinario os mais expressivos, e não evitei mesmo continuadas repetições; quis assim deixar no animo dos leitores incutida melhor a noção do parentesco que une esses diversos idiomas entre si, e que faz que ao primeiro exame seja difficil descriminar o dominio de uns do dominio dos outros. Os idiomas do Noroeste da Iberia offerecem á primeira vista o aspecto de uma campina coberta de flores variegadas, e ao mesmo tempo tão parecidas, que quem pretendesse formar com ellas ramalhetes uniformes se veria embaraçado ao principio na colheita. E comtudo a uma campina analoga o botanico vae, e delimita o que pertence a diversos generos naturaes. Assim tambem a respeito das lingoas procede o philologo.

Na excursão dialectologica que os leitores e eu fizemos por aquella extensa zona territorial, achámos que o mirandês estabelece transição do português e gallego para o asturianò-leonês. Incidentemente vimos que, se o rionorês e o guadramilês estão nas mesmas circumstancias que o mirandês, tem comtudo phenomenos que os aproximam muito do gallego; e vimos finalmente que ha uma serie de idiomas secundarios entre o gallego e o português, de uma parte, e o asturianò-leonês, da outra, ora mais vizinhos, ora mais afastados dos idiomas principaes. O que tudo sobresae mais claro no seguinte eschema:



O latim fallado pelos Romanos no Noroeste da Iberia experimentou ahi certo numero de modificações, a principio tenues, mas que augmentaram com o andar dos tempos: essas mudanças foram, num lugar as que posteriormente constituiram o *galleco-português;* noutro as que posteriormente constituiram o *rionorês-guadramilês;* noutro as que constituiram o *mirandês;* noutro as que constituiram o *asturianò-leonês*. Caminhando mais, encontrariamos as que constituiram o *castelhano,* o *catalão,* o *gascão,* o *provençal,* os idiomas do Norte da França, etc. Achamos assim desenvolvendo-se parallelamente aos outros fallares da Romania, e em particular aos outros do Noroeste iberico, os fallares cujo conjuncto hoje se chama *mirandês*. O mirandês não é lingoa mixta de português e de hespanhol[1], mas idioma intermedio, que se constituiu de per si só, desde a epoca romana até hoje, no territorio a que pertence. Nem pela sua grammatica, nem pela historia da sua região se comprehende que pudesse ser lingoa mixta. Em toda a Romania pullulam idiomas intermedios como este: o valdense liga o

---

[1] A algumas pessoas alheias aos estudos glottologicos assim o tenho ouvido dizer. Quando se compara, por exemplo, o mir. *ti̥ę̌rra, cenar, delor, melones, pǫ̌do, quejiste, bẹngo, iba,* com as palavras hespanholas que correspondem a estas; ou quando se compara o mir. *öutro, nũ, prumeiro, ne, söũ, fala* com as respectivas palavras portuguesas, quer da lingoa litteraria, quer da lingoa popular: póde effectivamente ser-se levado a fazer tal supposição; ella porém carece de fundamento, como vimos nos §§ da GRAMMATICA, onde deduzi as leis a que obedecem as referidas ou semelhantes palavras. Em todas as lingoas da mesma familia ha phenomenos iguaes entre si ou parecidos, embora numas mais do que noutras: se é por em mirandês se dizer *tengo* e *mi̥ę̌l* que se classificaria como hespanhol, tambem como italiano se poderia classificar, pois que nesta lingoa se diz *tengo* e *miele;* e se é por em mirandês haver *abeilha* e *hei* (em *hei-de*) que seria português, tambem se poderia dizer que era provençal, porque nesta lingoa ha parallelamente *abelha* e *ei* ou *ey*. Mas não vale a pena repetir aqui as considerações que já fiz supra, pp. 65 e 66.

provençal ao piemontês; o lyonense liga o franco-provençal ao francês; o franco-provençal liga entre si, como o seu nome indica, os dois grandes idiomas romanicos da França; o gascão tem phenomenos que como que estabelecem transição do provençal para o hespanhol. *Natura non facit saltus.*—Para avaliarmos mais profundamente as relações de parentesco que existem entre o mirandês e os idiomas seus vizinhos, tanto de lá, como de cá da fronteira, devemos transportar-nos pelo pensamento aos primordios da idade-média, em que não havia ainda Portugal propriamente dito, e em que as diversas comarcas do Noroeste da Iberia estavam entre si em identicas circumstancias sociaes, a que a criação do reino de Leão, nos principios do sec. x, deu ainda maior cohesão e uniformidade, pois chegou a conglobá-las.

PARTE IV

CAMONIANA MIRANDESA

ADVERTENCIA

Traduzir é sempre difficil. Lá dizem os italianos: *traduttore, traditore*.... Na traducção, de mais a mais, de uma obra poetica, do valor dos *Lusiadas,* e das outras do nosso epico, e para uma lingoa meramente popular, sem nenhumas tradições litterarias, como a mirandesa, a difficuldade augmenta, porque ao trabalho de interpretar com fidelidade o pensamento do poeta, e de não destruir totalmente a fórma artistica, —tanto quanto isso se póde conseguir em prosa, poisque foi em prosa que fiz quasi todas as minhas versões—, accresce o de representar com os acanhados recursos do vocabulario e da phraseologia vulgares o que está expresso com sublimidade num idioma de si opulento, e alem d'isso enriquecido e cultivado, com labor incessante, por várias gerações de escriptores,—qual era já o português no tempo de Camões.

Abalancei-me, porém, a esta empresa ardua, porque, como o mirandês está destinado a desapparecer, mais tarde ou mais cedo, segundo a terrivel sorte que per-

6

segue os idiomas que vivem nas condições d'elle, pretendi, á sombra de Camões, torná-lo lembrado dos vindouros, dotando-o com uma obra que, embora de pobre execução, tem comtudo necessariamente de ser compulsada por todos os que se occuparem do nosso epico.

Sem dúvida um individuo natural da Terra-de-Miranda achava-se para isso em melhores condições do que eu, que não sou mirandês, e apenas me interesso por este idioma, como me interesso por tudo o que se refere á glottologia e ethnologia nacionaes; mas, como antes de que me lembrasse de realizar uma traducção d'esta especie, ninguem, que eu saiba, se havia lembrado de tal[1], resolvi-me eu a metter mãos á obra.

Podia ter escolhido, em verdade, outras obras mais faceis de traduzir, e que, pelo seu merito, pudessem tambem contribuir para perpetuar a memoria do mirandês. Decidi-me no emtanto pelas de Camões, porque isso me agradou mais, —*trahit sua quemque voluptas*—, e porque, quando primeiro pensei no caso, andavam um pouco em moda as traducções camonianas: e quem vae com a moda, é do seu tempo...

Os trechos que traduzi pertencem a todas as classes das obras de Camões, ás da poesia e ás da prosa:

I. *Genero lyrico;*
II. *Genero epico;*
III. *Genero dramatico;*
IV. *Cartas.*

---

1 A *Camoniana mirandesa* está anunciada desde 1884: vid. *Flores mirandesas,* p. 30. Nesse opusculo publiquei já, a pp. 19 e 20, a traducção metrificada de duas estancias dos *Lusiadas.*

No genero lyrico escolhi algumas das poesias mais lidas e estimadas em Camões, como o soneto da *Alma minha* e as *Endechas a Barbara,* e outras que não offereciam grande embaraço na traducção. No genero epico escolhi, alem da proposição e de várias estancias sentenciosas, duas séries: episodios, como o acto heroico de *Egas Monis,* a *morte de D. Inês*, a *batalha de Aljubarrota* e a *aventura de Velloso;* e estancias que constituem outros tantos traços autobiographicos do poeta. No genero dramatico escolhi trechos interessantes de *El-rei Seleuco* e do *Filodemo*. Nas cartas escolhi a primeira.

As referencias bibliographicas são feitas á edição que das *Obras de Luis de Camões* deu em seis volumes, impressos em Lisboa, de 1860 a 1869, o fallecido Visconde de Juromenha.

I

GENERO LYRICO

(EXCERPTOS)

I

(Vol. II, p. 10)

Tu q' eras la mìẹ alma, i me fugiste
Tã cedo, d' este mundo desgustoſa,
Bibe sïẹmpre ne cïẹlo, ah branca roſa!
I yöu qued' acá na tïẹrra sïẹmpre triste.

S' alhá, nesse lhugar donde chubiste,
Pọde chegar d' la ḅida deloroſa
Ũŋ' alhẹmbrança, lhembra-te piádoſa
De l puro amor que nes mìus ọlhos biste.

I s' antẹndires que podrá mercer-te
Algo este mìu delor que me quedöu
Po la grande desgracia de perder-te,

Pid' a Dìus, que ls töus anhos ancurtöu,
Que me lhïẹbe d' acá tã brebe a ber-te
Cumo él de pïẹ de mi t' a ti lheböu.

II

(Vol. IV, p. 59)

Quîęro que me röubeis l' alma, i quanto yöu tubír, cũ tanto que me deixeis ls ǫlhos pra bos ber.

Nũ tengo nada que nũ séia bǫsso; despuis de me tirar la bida, tirai-me tamîę̃ la mǫrte; s' inda tengo algo que perder, quîęro que me lhebeis, cũ tanto que me deixeis ls ǫlhos pra bos ber.

III

(Vol. IV, p. 61)

Pus ls mius ǫlhos nũŋa funga, i atirei ũ tiro
co' eilhes a las grades d' ũŋa janela.

Ũŋa fidalga, por maldade, pegöu nes ǫlhos na mano, i atiröu-m' ũŋa pedrada co' eilhes a l coraçöũ. Apuis mirei par' eilha, armei la miȩ funga, acertei-le na janela, i bumba! cobrei-la.

IV

(Vol. IV, p. 73)

Hái ũ bĩẹ̃ que chega i fuge,
I chama-se este bĩẹ̃ tal:
«Tener bĩẹ̃ pa sẹntir mal».

Quĩẹ̃ bebìu sĩẹmpre nũ ser,
Indasque séia ã pobreza,
Nũ bìu l bĩẹ̃ de la riqueza,
Nĩ l mal de s' ampobrecer;
Él nũ ganhöu pa perder,
Mas ganhöu cũ bida eigual
Nũ t'ner bĩẹ̃, nĩ sẹntir mal.

V

(Vol. iv, p. 75)

Ls bo̬nos bi-los si̊e̬mpre passar ne mundo grandes tremi̊e̬ntos; i, para más me spantar, bi si̊e̬mpre ls malos nadar nũ mar de cunte̥ntami̊e̬ntos.

Cuidando alcançar assi l bi̊ẽ̬, tã mal öurdenado, fui malo, mas fui castigado. De modo que solo para mi anda l mundo cuncertado.

VI

(Vol. IV, p. 79)

Perdigõũ perdìu la pruma,
Nũ hái mal que le nũ benga.

L perdigõũ, que puſo l pensamiento nũ lhugar múi alto, perde las prumas cũ tanto bolar, mas ganha la pena de l tremiento[1]: yá nũ tẽ alas para se tener nel aire, nĩ nel biento: nũ hái mal que le nũ benga.

Quijo bolar par' ũŋa torre múi alta, mas achöu-se deſalado, i, quando se bìu assi deprumado, morrìu cũ múito delor... él ampeçab' a queixar-se: quanto más se queixaba, él más se sentìe, i nũ hái mal que le nũ benga.

---

[1] No texto português ha um trocadilho entre *penna* e *pena*, que o mirandês não póde reproduzir, pois á *penna* corresponde aqui, como vemos, «pruma».

VII

(Vol. IV, p. 85)

Inda nũ pọdo coincer
Este grande deſarranjo:
Que bós, sinhora, sendo anjo,
L Diabro bos querga tanto...
Bĩẹ̃ beio que dais sinal
De la mìẹ múita firmeza,
Porque ls Diabros quĩẹrẽ mal
A ls anjos por natureza.

Ũŋa gracia biba
Que neilhes le mora,
Par' eilha ser sinhora
De quĩẽ yẹ cöutiba...

Tã negro l söu pelo...
Nĩ l pobo eignorante
Yá diç arrogante
Que l löuro q' yẹ belo!

Negrura d' amor
Ã doce figura!
La nĩẹbe le jura
Trocar la quelor.

A quĩẽ neilha bíra
Mansidöũ tamanha
Bĩẽ parcíra stranha,
Braba[1] nũ parcíra.

Sumbrante animado,
Que l delor amansa:
Neilha ã fĩ descansa
Todo l mìu cuidado.

Esta yẹ la cautiba
Que me trái cautibo:
I, yá que neilha bibo,
Neçairo yẹ que biba!

---

1 O trocadilho imaginado por Camões não póde reproduzir-se em mirandês com perfeição, pois que o adjectivo feminino é *barbera* (melhor mirandês é *mala, prübersa, braba*) e o nome de mulher é *Bárbela*. Cf. estes *Estudos*, vol. 1, pp. 28 e 29, nota.

Traducção em prosa da poesia antecedente

Aqueilha cöutiba que me tẽ cöutibo, porque bibo neilha, yá nũ quiẹr q' yöu biba.

Yöu nunca bi nũ ramo de flores ũŋa roſa que fusse más guapa de l q' eilha pa ls mìus ǫlhos.

Nĩ las streilhas nẹl ciẹlo, nĩ las flores nẹl campo me parecẽ tã fromoſas cumo ls mìus amores: ũ rostro sĩ eigual, ǫlhos sossegados, negros i cansados, mas nũ cansados de matar... ũŋa gracia biba que hái neilhes, par' eilha ser la sinhora de quiẽ yẹ cöutiba... L pelo de la sùẹ cabeça yẹ tã negro, que l pobo, que nũ sabe l que diç, yá nũ cuida, a l bé'-lo, que l pelo löuro q' yẹ lindo.

Negrura d' amor... la cara tã doce, que la niẹbe jura que por eilha trocarìẹ la sùẹ quelor.

Assi tã alegre i tã mansa, i a l mesmo tiẹmpo cũ tanto tino, biẽ parece stranha, mas nũ parece prubersa. La sùẹ preſencia yẹ grabe, i fai abrandar la tremiẹnta: todo l mìu delor descansa neilha.

Esta yẹ la cöutiba que me trái cöutibo; i, yá que bibo neilha, yẹ neçairo que yöu nũ deixe de bebir.

X

(Vol. iv, p. 130)

Berdes söũ ls campos,
De q'lor de limöũ:
Assi söũ les ǫlhos...
De l mìu coraçöũ.

Campo, que te stendes cũ guapa berdura; öubeiļhas, que neilha teneis pástio: manteneis-bos de las yẹrbas que l brano trái; i yöu de las lhẹmbranças de l mìu coraçöũ.

Ganados, que paceis cuntentos, nu' antẹndeis l bǫsso pástio: isso que comeis nũ söũ yẹrbas, nó; söũ gracias de ls ǫlhos... de l mìu coraçöũ.

II

GENERO EPICO

(EXCERPTOS)

PROPOSIÇÃO DOS «LUSIADAS»

(Lus., I, I–III)

I

Las armas i les omes afamados
Que fúrũ de la tĩęrra Luʃitana,
Por mares d' atrás nunca nabegados,
Inda pr' alhá de l' ilha Taprobana,
Ã peligros i guerras bĩę̃ sforçados,
Más de l que prometìȩ la fǫrça öumana,
I antre gente de lõge stablecírũ
Nǫbo reino que tanto angrandecírũ;

2

I tamĩę̃ las lhȩmbranças glorioʃas
D' aqueilhes Reis que fúrũ alhargando
Fé, amperio, i las tĩęrras becioʃas
D' Africa i d' Aʃia andórũ arraʃando;

I aqueilhes que por obras balerosas
De la lei de la morte bã scapando:
Todo isso agora bengo eiqui cantar,
Se l' arte, más l angeinho, m' ajudar.

3

Nũ fale l sabio Grego nĩ l Troiano
Nas sues grandes biaiges que fazírũ;
Calhe-se de Lixandre i de Trajano
La fama de las guerras que bencírũ:
Q' yöu canto l peito unrado Lusitano,
A quiẽ Netuno i Marte öubedecírũ:
Fine quanto la Musa antiga canta,
Q' öutro balor más alto s' alhebanta.

Traducção em prosa

I

Las armas i ls omes afamados que salírũ de las bordas de l mar pertués, que queda a l Poniente, i passórũ ind' alhá de la Taprobana, más balientes pa rejestir a ls peligros i a la guerra de l q' era d' asprar de l ome, i stablecírũ antre gente de múi longe ũ reino nobo que tanto angrandecírũ;

2

I tamiẽ la glória deixada por aqueilhes reis que fúrũ stendendo la fé i l amperio, i andórũ arraſando las tierras pecadoras d' Aſia i d' Africa; i aqueilhes que por obras de balor se lhíbrã de la lei de la morte: cantando, los farei lhembrados por tódalas partes, se l angeinho i l' arte m' ajudárẽ a tanto.

3

Nũ se fale más de las grandes biaiges que l sabio Grego i l Troiano fazírũ por mar; acabe la fama de las bitórias de Lixandre i de Trajano, — porq' yöu canto l nobre peito de ls Pertueſes, a quiẽ öubedecírũ Netuno i Marte: acabe todo l que la Muſa antiga canta, porque s' alhebant' agora delantre de nós öutra balantie maior.

EXCERPTOS VARIOS

1

(Lus., I, CVI)

Ne mar sĩęmpre tanta tremĩęnta i tanto danho, tantas bezes pruparada la mǫrte! Na tĩęrra tanta guerra, tanto anganho, tanta necidad' anfadǫnha! Adonde pǫd' arrimar-se l ome fraco? Adonde tenerá segura la sùę̂ bida tã curta, que l cĩęlo nũ s' arme i nũ s' amofine contra ũ bicho tã pequeinho de la tĩęrra?

2

(Lus., VI, LXXXIII)

Ah! felizes aqueilhes que pudírũ morrer antre las lhanças aguçadas de ls Africanos, ã quanto defęndírũ cũ balor la santa Fé nas tĩęrras de ls Möuros! De quĩę se söubírũ nobres aciones, de quĩę quedã lhęmbranças múi grandes, de quĩę la bida se ganha cũ perdé'-la, a l mesmo tĩęmpo que las onras alcançadas neilha fáię̂ doce la mǫrte!

3

(Lus., VII, III)

Bós, Pertueſes, que sodes tã pöucos canto sodes fo̬rtes, que nũ peſaes l fraco poder bo̬sso; bós, q' a la custa de bo̬ssas numaroſas mo̬rtes, spalháis la lei de la bida eiterna: assi las so̬rtes söũ botadas po l ciẹlo, — que bós, por múi pöucos que séiades, fágades múito na santa crestiandade: que tanto, ah! Cristo, alhebantas ls pequëinhos!

FAÇANHA DE EGAS MONIZ

(Lus., III, xxxv–xli)

1

Nũ passa múito tie̬̊mpo, quandọ l fọ̌rte Princepe ã Guimarãis stá cercado de muitissema tropa; que d' esta maneira l einemigo frido fui pruparar-se de nọ̌bamente; mas l Princepe quedöu lhibre, porque l söu fiel mestre Egas öufreciu-s' a la dura mọ̌rte; si assi nũ fusse, podìẹ̑-se perder, por nũ star bie̬̊̃ prebenido.

2

Mas l bassalho fiel, coincendo que l söu amo nũ podie̬̊ rejestịr, bai a star cul Castelhano, prometendo q' el farìẹ̑ cũ que l Princepe beniss' a öubedecer-le. L einemigo alhebanta l circo öurrendo, cunfiado na promessa i na cuncencia d' Egas Moniz; mas l peito de l nobre moço nũ cunsinte star sujeito a öutra pessona.

3

Tenìe̯ chegado l prázio prometido, ã que l rei castelhano yá aguardaba que l Princepe, sujeito a las sùe̯s órde̯nes, le disse l öubediença 'sprada. Egas, bendo que quedaba por mintiroſo,—l que l Castelhano nũ cuidaba d' él—öubriga-se a dar la doce bida ã troco de nũ tener cumprido la palabra.

4

I bai-se culs filhos i la mulhĩe̯r a 'lhebantar la fiança, descalços i desnudos, de tal modo que más fáiẽ̯ piadade de l que pídẽ̯ bingança. I dezìe̯: «Grande Rei, se pretendes bingar-te de la mìe̯ astrebida cunfiança, eiquí bengo öufrecer-me a pagar cula bida l prometido.

5

Bés, eiqui tráio las bidas einocentes de ls filhos sĩ pecado, i de la mulhĩe̯r: se peitos generoſos i bo̯nos quédã sastifeitos cula mo̯rte cruel de ls fracos. Bés eiqui las manos i la lhengua creminoſas: dá-l' a eilhas solas todo' ls malos tratos i la mo̯rte, cumo fazìẽ̯ Cinis i l töuro de Perilo».

6

Cumo delantre de l algóç l cundanhado, q' yá bubìu la mo̯rte na bida, põ l cachaço ne cepo, i yá antregado aspéra po l golpe temible: assi delantre de l Princepe anreibado Egas staba öufrecido a todo; mas, bendo l rei aqueilha rala lialdade, tubo más fo̯rça la cumpaixõũ de l que la ira.

7

Era grande la fedlidade pertuesa de l bassalho que s' öubrigab' a tanto! Que más fizo l Persa naqueilha öucasiöũ ã que cortaba l rostro i las narizes? Darìu agoniaba-se tanto cũ isto, que, suspirando, dizìȩ mil bezes q' antes qrìȩ melhor l söu Zopyro sano de l que ser sinhor de binte Babilonias.

MORTE DE D. INÊS DE CASTRO

(Lus., III, cxviii–cxxxvi)

I

Adespuis d' esta felíç bitória, bulbendo Afonso pa la tierra luſitana a gozar de la paç cũ toda la glória q' él söubo ganhar na dura guerra, acunteciu [a] aqueilha miſarable i desgraciada, que depuis de ser morta fui raínha, l causo triste, i que bĩẽ merece publicar-se, que deſanterra ls omes de l barranco.

2

Só tu, Amor puro, co' essa força cruda que tanto cöutiba ls coraçones öumanos, fuste l cauſante de la sùe morte anfeliç, cumo s' eilha fura ũna einemiga falsa. Se dizẽ, Amor faróç, que la tùe sede nũ abranda nĩ cũ lhágrimas tristes, ye porque quieres, tirano i malo, lhabar ls töus altares ã sangre öumano.

3

Tu stabas, guapa Inés, a gozar ã paç l fruito de ls töus anhos, naqueilhe anganho cïẹgo de l alma, que la sọrte nũ deixa durar por múito tïẹmpo, nes campos de l Mundego, que fáiẽ suidades, i que las lhágrimas de ls töus ọlhos nunca deixórũ anxugar,—ansinhando las muntanhas i las yẹrbas a dezir l nome que tu tenìẹs screbido ne töu peito.

4

Respundìẽ-t' eilhi las lhẹmbranças que l töu Princepe tenìẹ de ti, i que te traìẽ sïẹmpre delantre de ls söus ọlhos, quando eilhes s' apartábã de ls töus fromoſos: de nuite ã sọnhos doces que te mintìẽ, i de dìẹ ã pẹnsamïẹntos que bolábã; todo aqueilho ã q' él pẹnsaba i todo aqueilho q' él bìẹ érã lhẹmbranças de prazer.

5

Él nũ quijo öutras fidalgas i Princeſas deſiadas por múitos, porque tu, Amor berdadeiro, desprézias todo ã fĩ quando ũ bõ sumbrante te prende. Mas l bïẹlho pai seſudo, que daba öubidos a l pobo, i öusserbaba l eideia de l filho, que se nũ q'rìẹ caſar: quando bìu las böubadas q' él fazìẹ por cauſa de l amor,

6

mandöu matar Inés, pa le tirar l filho q' eilha tenìẹ preſo,—porque cuidaba d' apagar l bibo fogo de l amor

cul sangre d' ũa mort' anjusta. Él sĭempre staba múi böubĭelho, pa deixar alhebantar contr' ũa rapaza tã fromoſa i tã fraca la spada cũ q' él benciu la raiba de ls Möuros de la Möurama!

7

Ls berdugos malos traiẽ-la delantre de l rei, q' yá staba quáij' a perdoná'-le; mas l pobo, cũ rezones falsas i farozes, anteimaba ã le dezir que le disse la morte cruel.

Eilha staba triste, dando ais piadoſos, cũ suidades i pena de l söu Princepe, i de ls filhos q' eilha deixaba, i por quĩẽ tenìe más pena que de morrer.

8

Antöũ, alhebantado pa l cĭelo ls olhos chenos de lhágrimas, ls olhos, porq' ũ de ls menistros l stab' atando las manos; i adespuis, mirando pa ls ninos, q' eilh' amaba tanto, i q' érã tã mimoſos, i q' eilha tenìe pena de deixar tã solícos, dezi' assi pa ·l purberso pai-abó:

9

«— Se ls bichos brabos de l monte, que söũ malos por natureza, i las abes-rapinhas, que solo pénsã ã röubar, tubírũ cumpaixöũ de crianças pequeinhas, cumo eilhes mostrórũ cula mai de Nino i culs döus armanos que fazírũ la cidade de Roma:

10

«bós, que tenéis peito i rostro d' ome (s' yę d' ome matar ũŋa dunzeilha fraca i sĩ fǫrça, solo por tener pre∫o l coraçöũ de quĩę̃ se namoröu d' eilha), perdonai a estes pequerricos, yá que nũ perdonaìs a la mai: oxalá que bós téngades dǫlo de mi i d' eilhes, puis que nũ bos abalha la culpa que nũ tengo.

11

«I se, bȩncindo la rejistencia de ls Möuros, sabeis dar la mǫrte cũ fĩęrro i fogo, dái tamĩę̃ la bida cũ caridade a quĩę̃ nũ fizo mal niũ pa la perder: mas, s' estes ninos bo' l merecę̃ assi, mandai-me pra sĩęmpre tristemente degradada pa la Citia frìȩ, öu alhá pa la Libia calĩęnte, dond' yöu biba sĩęmpre ã lhágrimas.

12

«Ponei-me donde s' u∫e toda la maldade, antre liones i tigres: i brei se pǫdo achar neilhes la cumpaixöũ que nũ achei ne coraçöũ de ls omes: alhi, cul mìu amor prefundo i culs de∫eios de ber aqueilhe por quĩę̃ yöu mǫrro, hei-de criar estas sùȩs relícas, qu' eiqui bistes, i q' hã-de ser le cunsǫlo de la triste mai».

13

L rei bundo∫o qrìȩ perdoná'-le, cumbȩncido d' aqueilhas palabras que l' antristecìę̃; mas l pobo teimo∫o, i la sùȩ sǫrte, q' assi l quijo, nũ l' perdónã. Ls que jul-

gábã q' isto era bĩę feito puxórũ po las spadas d' aço fino. Ah! peitos carniceiros, cumo bos astrebeis a mostrar-bos farozes i cabalheiros contra ũŋa mulhĩęr?

14

Assi cumo l duro Pirro se purpara cula spada contra Policsena, q' era rapaza mui guapa, i l redadeiro cunsǫlo de la mai bĩęlha, porque la selombra d' Aquiles la cundena; mas eilha, botando pa la mai, q' amböubece, ls ǫlhos cũ q' abranda l aire, öufrece-s' a l duro sacraficio, cumo ũŋa öubeilha mansica i múi öumilde:

15

assi ls brutos matadores s' ancarniçábã de∫anfrenados contra Inés, ansopando ne sangre de l culho d' alhabasto (adond' eilha tenìe̯ las obras cũ que l Amor matöu d' amores aqueilhe q' adespuis la fizo rainha) las spadas i las brancas felores, q' eilha regaba culas lhágrimas de ls söus ǫlhos. Cuitados! nũ adabinábã l castigo que los aspraba.

16

Ah sol! tu bĩę podìe̯s scunder naquel dìe̯ ls töus raios, cumo de la me∫a desöumana de Tiestes, quando él comìe̯ ls filhos po la mano d' Atreu. Bós, ah! fǫndos balhes, q' öubistes la redadeira boç de la sùe̯ boca frie̯, por ũ grande rato de tĩęmpo repetistes l nome de l söu Pedro, q' eilha dezìe̯.

17

Assi cumo la roſa branca i guapa, quand' yê cortada antes de l tiẹmpo, i maltratada de las manos deſanquietas de la rapaza que la truxo nũŋa crona, perdiu l cheiro i tẽ la quelor demudada: assi stá mọrt' aqueilha nina desbotada, culas felores de la cara secas, i tenendo perdida cula doce bida la quelor biba i branca.

18

Las filhas de l Mundego, chorando por múito tiẹmpo, lhẹmbrórũ aqueilha mọrte desgraciada: i, por ũŋa lhẹmbrançã nunca squẹcida, fazírũ de las lhágrimas ũŋa «fọnte»: ponírũ-le l nome, q' inda dura, «de ls amores» d' Inés alhi passados. Bede que fọnte tã fresca rega las flores: las lhágrimas söũ l auga, i ls amores söũ l nome.

19

Nũ passöu múito tiẹmpo que Pedro nũ bisse la bingança de las fridas mortales, porque lhöugo q' acomeçöu a goberná' l reino, la tomöu de ls matadores q' habiẹ̃ fugido; agarröu-los de las manos d' öutro Pedro múi cruel, porq' ambos estes reis, einemigos de las bidas öumanas, fazírũ antr' eilhes l cuntrato anjusto i duro q' Àgusto fizo cũ Lépedo i Antonho.

A BATALHA DE ALJUBARROTA

(Lus., IV, XXVIII–XLV)

I

La trumpeta castelhana döu sinal öurrendo, faróç, grande i medǫnho. L mǫnte Artabro öubìu-lo; i l Guadiana tornöu p' atrás culas ondias, amedrancado; l Döuro l' öubìu, i la tı̂ęrra alantjana tamı̂ę̂; l Teijo corrìu dubidoſo pa l mar: i las mais, que scuitórũ l söũ terrible, apertórũ ls felhicos a ls peitos.

2

Quantos rostros eilhi se béię̂ sĩ quelor, porque l sangre amigo fuge pa l coraçöũ, porque nes peligros grandes l mı̂ędo yê múitas bezes maior que l peligro: i se nũ yę, paréce-lo, porque l gusto d' öufęnder u bęncir l duro einemigo fai-mos nũ sęntir que la perda de ls nembros corporales i de la qrida bida yę grande i rala.

3

Ampeça la batalha ancîęrta; d' ambos ls lhados se bǫlbe la prumeira fila: ũs bã lhebados pra defęnder la tîęrra; öutros bã culas sprancias de la ganhar. Lhöugo l grande Preira, ã quîę̃ stá todo l balor, yę l prumeiro que s' amostra: derrúi i ataca, i finalmente sembra la tîęrra co' aqueilhes que tanto la deſéiã, sendo eilha alhena.

4

Yá bólã po l aire múitos tiros. La tîęrra tembra debaixo de ls pîęs duros de ls cabalhos brabos; öubẽ-se strondos po ls balhes alantre; las lhanças spedáçã-se, i las caídas repetidas culas armas peſadas atlóndrã todo; ls einemigos bénẽ ã maior númaro contra la pöuca tropa de l balîęnte Nuno, que ls bái apöucando.

5

Söus armanos bénẽ contra él (cauſo feio i cruel!); mas él nũ se spanta, porque quîę̃ s' arma contra l rei i contra la patria inda tẽ más culpa de l que se matasse ũ armano. Múitos d' estes desquemungados stã ne prumeiro squadröũ, que s' adelantra contra armanos i parîęntes, —cauſo stordinairo—, cumo nas guerras cebiles de Julio i Manho.

6

Ah! Sertorio, ah! nobre Coriolano, Catelina, i bós öutros de ls antigos, que bos fazistes einemigos cũ malo

coraçõ̃u contra las bǫssas patrias: s' alhá ne reino scuro de Sumano recebirdes grandessissemos castigos, dezí-le que tamĩȩ̃ de ls Pertueſes höubo algũ̧as bezes algũs treidores.

7

Rompe-s' eiqui la prumeira fila de ls nǫssos; tantos de ls einemigos bã contra eilhes! Stá eilhi Nuno, cumo nes montes de Ceita stá [l] liö̃u mi fǫrte, que se bei cercado de ls cabalheiros que bã a correr po ls campos de Tetuã: persiguȩ̃-lo culas lhanças, i él, andinado, stá ũ pöuco subressaltado, mas nũ cũ mĩȩ̃do.

8

Bei-los cula bista subressaltada; mas la Natureza faróç i la raiba nũ cunsintȩ̃ que fuja; antes po l cuntráiro s' atir' a l meio de las lhanças, q' öumentã: assi stá l cabalheiro que tenhìẹ la berdura de l chano cul sangre alheno; eilhi mǫrrȩ̃ algũs de ls söus, porque l' alma balĩẹnte perde la coraige contra tanta gente.

9

Joã sẹntìu l' afronta que Nuno passaba, porque cumo capitã sabio corrìẹ i bìẹ todo, i daba a todos coraçö̃u cula sùẹ preſencia i culas sùẹs palabras: cumo la liona parida, faróç i braba, ã quanto busca pástio pa ls filhos, que stã solos ne nial, sinte que l pastor de Massilia le los röubára,

10

corre anraibada, i ruge i atelondra i fai tembrar cũ bramidos ls montes Sięte-Armanos: assi Joã, co' öutros scolhidos de ls söus, correndo acude a la prumeira fila: «Ah! fortes cumpanheiros, ah! grandes cabalheiros, a quię̃ naide se cumpara! defendei la bossa tięrra, porque la sprancia de la libardade stá na bossa lhança!

11

Bós me bedes eiqui bosso Rei i bosso cumpanheiro, que corro i söu l prumeiro a ir antre las lhanças i las öutras armas de ls einemigos: lhuitái, berdadeiros Pertue/es!»

Isto dixo l grande guerreiro; i, tomando l pe/o a la lhança quatro bezes, joga-la cũ força, i, d' ũ solo tiro, múitos dórũ l suspiro redadeiro.

12

Lhöugo ls söus, anflamados nobamente d' ũa nobre bergonha i fogo d' onra, porfiã qual bencerá cũ animo más balięnte ls peligros de la guerra; l sangre ardięnte tinhe las armas; ã prumeiro rompę̃ ls bestidos de fięrro, i adespuis ls peitos: assi juntamente recebę̃ i dã fridas, cumo pessonas a quię̃ nũ l' amporta perder las bidas.

13

Mandã a ber la lhagona de l Stígio a múitos, fazendo antrar nes söus corpos la morte i l fięrro; eilhi morre

l Mestre de Sã Tiago, que lhuitaba fortissemamente; morre tamĩẽ, cöu/ando grande strago, öutro Mestre balĩẽnte de Calatraba; ls Preiras desquemungados tamĩẽ morrẽ, amaldiçonando l cĩẽlo i la sorte.

14

Múitos tamĩẽ de la gente baixa i descoincida, i tamĩẽ múitos de ls fidalgos, bã pa las prefundas de l anfĩẽrno, adonde bibe l perro de tres cabeças, que stá sĩẽmpre cũ fame de las almas que bã d' este mundo; i pa que se amánsie i adome la soberba de l einemigo danhado, la bandeira castelhana, q' ib' alhebantada, fui derribad' a ls pĩẽs de la pertue/a.

15

La faroç batalh' acende-s' eiqui cũ mortes, gritos, sangre i spadagaços; la múita gente que morre tẽ las felores de la sùẹ quelor mudadas. Yá fugẽ i dã la bida; yá falta la força, i hái lhançadas de más; yá l rei de Castĩẽlha se bei bencido, i mudado de la sùẹ öupeniöũ.

16

Bai deixando l campo a l bencedor, cuntento de nũ le deixar la bida; ls que quedórũ acumpánhã-lo; i l mĩẽdo nũ le dá pĩẽs pra fugir, mas dá-l' alas. Ancúbrẽ n' anterior de l söu peito l delor de la morte, de las despe/as que fazírũ, de la pena, de la de/onra i triste descunsolo por ber öutro quedar se cul q' eilhes deixórũ.

17

Algũs bã maldezindo i amaldiçonando l prumeiro que fizo guerra ne mundo; öutros bã acuſando la sede dura de l peito codiçoſo i assedilhado, que fai cũ que l pobo desgraciado, pra tomar l alheno, s' arrisque a ir pa las prefundas de l anfierno, deixando miſarables tantas mais i tantas spoſas, sĩ filhos i sĩ maridos.

18

Joã, bencedor, stubo ne campo, ã grande fiesta, ls dies aquestumados; adespuis, co' öufiertas i romaiges, döu gracias a quie le döu la bitória.

AVENTURA DE VELLOSO

(Lus., V, XXVII–XXXVI)

1

Beio benir rodiado de ls mìus cumpanheiros ũ ome stranho, de çamarra negra, q' eilhes agarrórũ a la fǫrça, ã quanto apanhaba ne monte ls doces trebos de mîẹl.

2

Bẽ culs ǫlhos spantados, cumo aqueilhe que nunca se bìu ã tales apîẹrtos. Nĩ él mos antende a nós, nĩ nós l' antẹndemos a él, q' inda era más salbaige que l bruto Polifemo. Ampeço-l' a amostrar l guapo i suprior metal de l rico beldre de Colcos, la prata fina, la pumîẹnta i la canela que quéimã. A l bruto nu' amportaba nada d' isto.

3

Mando amostrá'-le pîẹças de menos balor, sartas de cristal relhuzîẹnto, algũs cascabeles pequeinhos que stábã

a telincar, ũ gorro burmeilho, quelor biba. Lhöugo bí, por sinales i aceinhos, que s' alegra grandemente co' isto; mándo-lo ir[1] ambóra cũ todas las cöuſas; i assí camina pa l lhugar que le quedaba múi acerca.

4

Mas lhöugo n' öutro[2] dìe ls söus praceiros, todos desnudos, i de la quelor de la nuite scura, bénẽ baixando po ls montes ásparos a baixo, a buscar pîęças cumo las que l öutro lhîęba. Mostrã-se-mos yá tã mansicos i afeitos, que fázẽ cũ que Fernã Beloſo s' astreba a ir a ber la tîęrra, i partir-se cũ eilhes po l mato.

5

Beloſo cunfia ne söu braço, i, por ser arrogante, cuida que bai seguro; mas, habendo yá passado ũ grande cacho de tîęmpo, ã que precuro saber algũ sinal bono, stando yöu cula bista alhebantada, cũ cuidado naqueilhe astrebido, de repente aparece él ne monte brabìu; i, caminando pa l mar, benìe cũ más prîęssa de l que fui.

6

La barca de Coelho fui de brebe pa l recebir; más antes d' acá chegar, ũ negro astrebido botöu-s' a él,

---

1 Ou melhor *mánde-lo ir* (dissimilação).
2 = *ne öutro.*

pa que nũ se le scapasse; öutro i öutro le salírũ; Belo∫o bei-s' ã peligro, sĩ que naide eilhi l' ajudasse; yöu acudo lhöugo, i, anquanto döu a l remo, mostra-s' ũ muntöũ de negros desnudos.

7

Ũa grande nubre de pĩedras i de setas sĩ cọnta chube subre nós; i eilhas nũ fúrũ atiradas ã bano a l aire, porq' yöu truxe frida esta pĩerna d' eilhi: mas nós, cumo pessonas peno∫as, demos-le la repọsta tã lharga, que se spõ q' eilhes lhĩebã d' esta beç quelor burmeilha sĩ ser nes gorros...

8

E quando Belo∫o yá staba fọra de peligro, lhöugo mos arrecolhimos pa ls nabius, bendo la malicia feia i ls rũis pensares d'aqueilha gente bestial, bruta i mala, de quĩe nũ podemos tener melhor noticia de la de∫iada Índia, senó que stábamos múi lõge d' eilha: i assi tornei a dar las belas de ls nabìus a l aire.

9

Antöũ ũ cumpanheiro dixo a Belo∫o (ampeçando-se todos a rir): «Òlá, amigo Belo∫o, aqueilhe monte yẹ melhor de baixar que de chubir?» — «Si, yẹ, respọnde l astrebido suldado; mas, quando yöu bi benir pr' acá tantos d' aqueilhes perros, bení ũ pöuco mas de brebe, por me lhembrar que bós stábades acá sĩ mi...».

10

Cuntöu antöū, que lhöugo que passórū aqueilhe monte, ls negros, de quı̊ẽ̌ falo, nū l' deixórū passar más alantre, qrendo-l' eilhi matar, se nū bǫ̌lbe: i quando él bulbìu, lhöugo s' anfruscorū, pra que, salindo nós [a] arrecebí'-lo, mos pudissẹ̄ mandar a l reino scuro de la mǫ̌rte, pa mos röubarẽ̑ sĩ corrérẽ̑ peligro.

TRAÇOS AUTOBIOGRAPHICOS DE CAMÕES

1. Nasce Camões junto do Tejo.
Começando por cultivar na poesia o genero lyrico, passa a cultivar o epico, e emprehende a composição dos «Lusiadas»

(Lus., I, IV e V)

I

I bós, mìe̥s Tágides, yá que teneis criado ã mi ũ no̯bo angeinho ardi̊e̥nte, se si̊e̥mpre ã be̥rso öumilde l bo̯sso rìu fui múi lomiado por mi alegremente: dai-m' agora ũ söũ alto i grande, ũ stilo de fala que seia guapo i natural, pra que Febo tremine que las bo̯ssas augas nũ tengã ambeija d' las d' Eipocrene.

2

Dai-m' agor' albelidade pra tocar, nó ũŋa fraita rũi, mas ũŋa trumpeta de guerra i bi̊ẽ̯ afinada, q' anima l coraçöũ i muda la quelor a l rostro; ansinai-me ũ cán-

tigo eigual a las aciones de la bǫss' afamada gente, a quĩẽ Marte ajuda tanto: pra q' eilha seia coincida i cantada por todo l mundo, se tã grande balor se le pǫde dar ã berso.

2. Falla das suas viagens em geral, e desgraças

(Lus., VII, LXXVIII-LXXXII)

1

..... Mas ah! cĩẹgo. Q' heide yöu fazer, tonto i astrebido, sĩ bós, Ninfas de l Teijo i de l Mundego, por caminos tã malos d' andar, tã lhargos i tã defrentes ũs de ls öutros! Pido-bos que m' ajudeis, porq' ando a nabegar ne mar alto, cũ aire tã cuntrairo, que, se me nũ ajudais, arrecelo múito que la mìẹ fraca barca s' incha d' auga de brebe.

2

Mirai, q' hai tanto tĩẹmpo que la sǫrte me trai po l mundo a cantar l bǫsso Teijo i ls bǫssos Luſitanos, i a passar por nǫbos trabalhos i nǫbos danhos: ũŋas bezes a sofrir l mar, öutras bezes a sofrir ls peligros deſöumanos de la guerra (cumo Canace, que se cundanhöu él mesmo a la mǫrte), tenendo sĩẹmpre nũŋa mano la spada, i na öutra la pena de screbir;

3

öutras bezes, ã pobreza anfadǫnha, degradado por caſas alhenas; öutras bezes bendo, más que nunca, per-

didas de no̥bo las sprancias q' yöu tenìe̥; öutras, scapando de la mo̥rte, lhebado a las co̥stas, de tal modo que salbar-se la mìe̥ bida, que depe̥ndìe̥ d' ũ filo tã dèlgado, fui ũ milagre inda maior de l que acrece̥ntar-se la de l rei judìu.

4

I inda nũ era bastante, ah! Ninfas mìe̥s, q' yöu me bisse ne meio de tamanhas miʃerias, quanto más inda ã riba darḙ̃-me tal pago de ls mìus bersos aqueilhes omes q' yöu andaba cantando: ã troca de ls descansos q' yöu aspraba, i de las cronas de löureiro que me díssḙ̃ onra, öume̥ntorũ-me trabalhos descoincidos, cũ que me ponírũ neste stado.

5

Bede, Ninfas, q' angeinhos de fidalgos baleroʃos cria l bo̥sso Teijo, q' assi cũ tales fabores sabḙ̃ stimar a quĩḙ̃ cantando le dá glória! Qu' eiʃemplos a ls que benirḙ̃ adespuis de nós i quergã screbir cũ deʃeio de cuntar las cöuʃas que mercírḙ̃ glória eiterna!

3. Naufraga no rio Mecom, na costa de Camboja

(Lus., X, CXXVII e CXXVIII)

I

Stás bendo l rìu Mecom, que passa por Camboja: l söu nome quĩe̥r dezir «capitã de las augas»; tantas arrecibe d' öutro solo ne brano, q' alhaga i anquieta ls campos

lhargos; tẽ las anchenas cumo l Nilo frìu. La gente d' él cuida, cumo eignorante, que ls brutos animales de toda la calidade tenẽ pena i glória apuis de la morte.

2

Est' ha-d' arrecebir, assossegado i brando, ne söu rugaço, l lhibro que bẽ molhado de l nöufraijo triste i anfeliç, scapado de las tempestades de l mar, de las fames, i de ls peligros grandes, quando fur cumprida la órdene anjusta naqueilhe que tenerá más alomiada que bentura.

4. Continúa escrevendo o poema. Difficuldades do assunto.—Só cantará a honra e a glória

(Lus., VII, LXXXIII–LXXXVII)

1

Puis q' yê neçairo, Ninfas, q' ã tantos males só l bosso fabor me nũ falte, principalmente eiquí, que cheguei a ũ punto ã que debo angrandecer bárias aciones, dai-me-lo bós solas, porq' yöu tengo yá jurado que nũ l hei-de ampregar ã quĩẽ l nũ mereça, nĩ hei-d' agabar, sĩ cuncencia, algũ grande ome, cũ pena de nũ ser agradecido.

2

Nĩ penseis, Ninfas, q' yöu disse fama a quĩẽ fur einemigo de la lei debina i öumana, i antes quejir l söu antresse de que l bĩẽ de todos i l de l söu rei.

Nũ cantarei ningũ ambecioſo, que quejisse chubir a grandes ampregos, solo porque podisse, por maneiras bergonhoſas, meter-se más lhargamente nes söus bícios;

3

ningũ que se bala de l söu grande poder pa serbí ls söus feios deſeios, i que p' agradar al pobo tonto, se muda ã más figuras que Proteio; nĩ tamiẽ, Camenas, cuideis q' yöu cante quiẽ biẽno cũ traige öunesto i grabe a desnudar i röubar l probe pobo, solo para cuntẽntar l rei ne nobo cargo;

4

nĩ quiẽ acha q' yẹ justo, i q' yẹ de dereito guardá'-se biẽ la lei de l rei, i nũ acha q' yẹ justo i bõ respeito que se pague l suor de la gente que fai serbicios; nĩ quiẽ siẽmpre cũ pöuca sprencia aprende rezones (cuidando q' yẹ prudente) pra julgar cũ mano rapinheira i garunha ls trabalhos alhenos q' él nũ passa.

5

Falarei solo d' aqueilhes q' arriscorũ la sùẹ qrida bida po l söu Dìus i po l söu rei, adonde, a l perdé'-la, la delatorũ ã fama, sendo eilha tã biẽ mercida po las sùẹs obras. Apolo i las Muſas, que me acumpanhorũ, me dobrarã l öudáç que yá me dorũ, anquanto yöu tomo aliẽnto i descanso, para tornar más fulgado a l mìu trabalho.

9

5. Epocha em que conclue o poema

(Lus., X, VIII e IX)

I

....

Agora, mìe̯ Calíope, chamo por ti ne fĩ de l mìu trabalho, pra que, ã paga de l que scribo i de l q' yöu quie̯ro ã bano, me tornes a dar l gusto que böu perdendo de screbir.

2

Ls anhos bã passando, i desde l brano até l öutonho hai pöuco que passar. La so̯rte fai-me l angeinho frìu, i d' él yá nũ m' agabo. Ls desgustos bã-me lhebando a l rìu de l sque̯cimento. Mas tu, ah! grande Rainha de las Muſas, cunsinte-me q' yöu acabe l que deſeio fazer a la mìe̯ tie̯rra.

6. Desanimos ao terminar os «Lusiadas»

(Lus., X, CXLV)

Nũ más, Muſa, nũ más, porque tengo las co̯rdas deste̯mpradas, i la boç röuca, nó de cantar, mas de ber que bengo cantar a gente xorda i ruda. La patria̯ nũ dá, nó, l premio cũ que l angeinho más s' acende, porq' eilha stá toda chena de codícia i d' ũŋa tristeza bil, apagada i selumbrìe̯.

7. Synthetiza os factos capitaes da sua vida, e offerece-se ainda para cantar as acções futuras de D. Sebastião

(Lus., X, CLIV–CLVI)

1

Mas que stöu a dezir, yöu öumilde, baixo i basto? Sei cũ todo que l löubor sal a las bezes cumpleto de la boca de ls pequeinhos. Nũ me falta na bida studio öunesto, misturado cũ muita sprencia, nĩ angeinho, q' eiquí breis agora preſente,—cöuſas estas que ralas bezes s' achã juntas.

2

Para bos serbir, l mìu braço stá afeito a las armas; i para bos cantar, stöu aquestumado a fazer bersos; só me falta ser recebido por bós, que debeis stimar la bertude. Se l cįelo me purmetir isto, i bós quejirdes ser cantado, cumo la bǫssa debina anclinaciöũ me fai adabínar;

3

u fazendo que l mǫnte Atlante tenga más mįedo de la bǫssa bista de que de la de Meduſa, u bęncendo nes campos d' Ampeluſa ls Möuros de Marrocos i de Trudante: pormeto que la mìę stimada i alegre Muſa ha-de cantar-bos ã todo l mundo, de tal modo, que Lixandre se beia ã bós, sĩ tener ambeija de la fertuna d' Aquiles.

III

GENERO DRAMATICO

(EXCERPTOS)

DO AUTO DE «EL REI SELEUCO»

(Vol. IV, p. 204 sqq.)

Rei

Sinhora, adespuis que la sǫrte me quijo dar-bos a mi por mulhîęr, sinto-me tornar de bîęlho a nǫbo; porque na bǫssa forme∫ura perde la bẹlhéç l söu sér. Ũ ome bîęlho i cansado nũ tẽ fǫrça nĩ bigor para sẹntir amor ã si; senó yę que, por ser bǫsso, stöu mudado ã öutra quelor. Muito grande fẹlcidade tẽ la mulhîęr q' yę fromo∫a!

Raínha

Sinhor, grande! mas se la tal mulhîęr yę bertuo∫a, la sǫrte quîęr-le más bîę̃.

Rei

Si, mas nunca bemos la natureza smerá'-s' adond' haba algũŋa nota, porque quando eilha quîęr fazer ũŋa cöu∫a purfeita, fai-la purfeita ã todo. Yöu falo cumo quîę̃

acha esta calidade ã bós, po l que beio eiqui preſente; i se me minte est' amostra, minte-me la mesma bęrdade. Tengo só ũ̧a tristeza que la meninéç nũ tẽ: que ne maior prazer l trabalho de la belhéç m' ambaraça l coraçõũ.

Rainha

Sinhor, tales nobidades fazẽ-me crer, na bęrdade...

DO AUTO DE «FILODEMO»

(Acto II, sc. VIII)

CAÇADOR

Perdìu-se por estas töuças Venadóro, mìu Sinhor, sĩ yöu tener notícias d' él. Querga Dìus que d' esta perda nũ benga öutra maior. Corrìu por este lhado d' eiquí atrás d' ũ benado. Lhöugo de*ſ*aparcìu. Tanto que l' perdí de bista, perdí l gusto. Yöu i ls öutros caçadores corrimos mǫntes i balhes; falemos co' aradores d' esta öurrȩ̂ta, i cũ pastores, sĩ ancuntrarmos rastros d' él. Quȩ̂ro ber nestes ca*ſ*ales, que stã debaixo d' aqueilhes alboredos, s' acharei öutros pastores que me déȩ̂ algũs sinales cũ q' yöu pǫda quedar más cuntento. (*Bozéia*).— Ah de ls casales! ah bós d' alhá! ah pastores! nũ falais!

PASTÓR

Quȩ̂ sodes! Q' andais a buscar?

CAÇADOR

Öubis? Chegai-bos pr' acá.

PASTÓR

Q' yȩ que bós q'reis!

BÖUBO

Nũ báiades adonde bos chamöu, pai, sĩ saberdes quĩȩ̃ yȩ.

PASTÓR

Porquei?

BÖUBO

Porq' est' yȩ aquel lhadröũ que furtöu l burro de l Pertués. Y se báiades adonde eilhes stã, jur'-bos po l cǫrpo sagrado de S. Pisco i S. Joã que tamĩȩ̃ bos furtarã, porque sodes burro, mas unrado!

IV

CARTAS EM PROSA

(EXCERPTO)

CARTA

(A 1.ª na ed. de Juromenha, vol. v, p. 219 sqq.)

Deʃiei tanto ũŋa carta bǫssa, que cuido que, po la deʃiar múito, nũ la bi, porq' este yę l más ci̊ęrto questume de la fertuna, cunse̥ntir que más se deʃeie l que más de brebe ha-de negar. Mas, para que öutros nabìus me nũ fágã tamanha öufénsia, cumo yę fazérḙ̃-me descunfiar que bós nũ bos lhe̥mbrais de mi, treminei a screbir-bos agora esta pra que tami̊ę̃ bós me screbissedes; neilha breis pöuco más u menos l que qui̊ęro que me screbéiades d' essa ti̊ęrra. Ã paga d' isso, döu-bos notícias d' est' adelantradamente; eilhas nũ será̃ malas ne fǫndo d' ũŋa arca pr' abiʃo d' algũs bagamundos, que cúidã que *todo o mato he ouregãos*[1], i nũ sabḙ̃ que *cá e lá más Fadas ha*[2].

Apuis que salí d' essa ti̊ęrra, cumo qui̊ę̃ salię̭ pa l öutro mundo, mandei anforcar cũ pregöũ público, *por falsifi-*

---

1 Em mir.: *todo l mato yę öuri̊ęganos.*

2 Em mir.: *acá i alhá malas Fadas hái.*

cadoras de moneda, toda' las sprancias a quĩẽ yöu dei de comer até antöũ. I de*ſ*anganhei esses pẹnsamĩẹntos, que traìẹ por ca*ſ*a, pra que ã mi nũ quedasse pĩẹdra subre pĩẹdra. I assi pọsto ã stado que me nũ bìẹ senó por antre lhusques-fusques, las redadeiras palabras que dixe nel nabìu fúrũ las de Çepiöũ Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* Porque, quando cuido que, sĩ tener cometido pecado, que m' öubrigasse a tres dìẹs de purgatorio, passei tres mil de malas lhenguas, piores antẹnciones, danhadas buntades, solo nacidas de l ambeija de bérẽ *su amada yedra de si arrancada, i en otro muro asida...* D' eilha tamĩẽ ami*ſ*ades más brandas que la cera s' acendẽ ã odios que chiçpabã lhume que me deitaba más pingos ne credito q' ã riba de l cuiro d' ũ lheitöũ.

Antöũ ajuntöu-s' a isto achárẽ-me sĩẹmpre na çamarra la bẹrtude d' Aquiles, que nunca pudo ser curto, a nũ ser po las sọlas de ls pĩẹs; cumo nunca me las bírũ, tube yöu que bé' las de múitos, i nũ despreziar cumbersaciones de la mesma ampressiöũ a pessonas a quĩẽ fracos ponìẽ mal nome, bingando cula lhengua l que nũ podìẽ cul braço. Ã fĩ, sinhor, yöu nũ sei cũ que m' hei-de pagar, por saber tã bĩẽ fugir a cantos lhaços nessa tĩẹrra m' armábã ls acuntecimĩẹntos, cumo cula mìẹ benida pr' está tĩẹrra, adonde bibo más benerado que ls töuros de Merceana, i más sossegado que l quarto d' ũ frade prègador. De la tĩẹrra bos sei dezir q' yẹ mai d' omes rũis, i madrastra d' omes unrados. Porque ls que s' acá lhançã a buscar dinheiro, sĩẹmpre se sustentã subr' auga cumo bexigas mas aqueilhes; a quĩẽ la sùẹ öupeniöũ deita *a las armas Mouriscote,* cumo la maré cọrpos mọrtos a la praia, sabei que se sécã

antes que amadúrẽ. Yá estes que tomãbã esta öupeniöũ de balĩentes a las costas, acreditai que nunca

Riberas de Duero arriba
Cavalgaron Zamoranos,
Que roncas de tal soberbia
Entre si fuesen hablando

i quando bẽ al fĩ de l' obra, sálbã-se dezindo que nũ se podẽ fazer dùes cöuʃas tamanhas, cumo ye pormeter i dar. Anformado d' isto bĩeno a esta tĩerra Joã Toscano, que, cumo se achaba ã algũ magosto de rufiones, berdadeiramente eilhí era:

Su comer las carnes crudas,
Su beber la viva sangre!

Calistro de Siqueira bĩeno acá más öumanamente, porque assi l prometìu ã ũŋa tremĩenta grande ã que se bìu. Más ũ Manol Serröũ que, *sicut et nos*[1], tẽ falta d' ũŋa bista, tẽ acá dado de si probas arrezonados, porq' yöu fui tomado por juiç de cĩertas palabras, de q' él fizo desdezir a ũ suldado, l qual po la postura de la sùe pessona er' acá tenido ã bona conta.

Se qreis saber nobidades de las sinhoras de la tĩerra, las quales söũ tã neçairas nũŋa carta, cumo marinheiros na fĩesta de Sã Frei Pedro Gunçales[2], sabei que las Pertueʃas todas cáiẽ de maduras, que nũ hái filo que le tenga ls puntos, se le quejírẽ lhançar pedaço. Puis las que la tĩerra dá? ã riba de sérẽ de la quelor de

[1] Em mir.: *cumo tamĩẽ nós.*
[2] Não ouvi *-ç* no fim, mas *-s,* como indíco.

l pã negro, fazei fabor de le falar ã algũs amores de Petrarca u de Boscã, respondẽ-bos ũŋa linguaige ambǫlta ã arbulhaca, q' amarga na garganta de l antẹndimĩẹnto, la qual bos bota auga na ferbura de la maior calẹntura de l mundo. Ora, julgai, Sinhor, le que sẹntirá ũ stamago aquestumado a rejestir a las falsidades d' ũ rostrico de *tauxia* d' ũŋa sinhora de Lisboa, que chia cumo pucarico nǫbo co' auga, bendo-se agora antr' esta carne salgada, que niũ amor dá de si. Cumo nũ chorará las memorias de *in illo tempore!* Por 'mor de mi dezì a las mulhĩẹres d' essa tĩẹrra que, s' eilhas quérẹ̃ anteiramente tener jurdiçöũ cũ baraço i pregöũ, nũ arrecélẹ̃ seis meſes de mala bida por esse mar, q' yöu las 'pero cũ precissöũ, pálio, rebestido ã *pontifical*, adonde estas sinhoras l' irã antregar las chabes de la cidade, i recoincerã toda l öubediença, a que por sùẹ múita eidade söũ yá öubrigadas. Por agora nũ más, senó que este *Soneto* q' eiquí bai, que fiç a la mǫrte de D. Antonho de Noronha, yöu bos lo mando ã sinal de toda la pena que tube d' eilhe. Ũŋa *Egloga* fiç subre la mesma cöuſa, la qual tamĩẹ̃ trata algo de la mǫrte de l Princepe, que me parece la milhor de todas las que fiç. Tamĩẹ̃ bos la mandára pa la mostrardes ende a Miguel Dias[1], que, po la múita amiſade de D. Antonho, stimarìẹ múito bé'-la; más l öucupaciöũ de screbir múitas cartas pa l reino me nũ döu tĩẹmpo. Tamĩẹ̃ alhá scribo a Luis de Lemos, ã repǫsta d' öutra que bi sùẹ: se le la nũ dírẹ̃, que saba q' yẹ la culpa de la biaige, na qual todo se perde.—*Vale*.

---

[1] Ouvi *Dias*, e não com -ç final.

PARTE V

VOCABULARIO ETYMOLOGICO

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Como os phenomenos linguisticos se operam segundo leis, não sendo a grammatica historica senão a codificação d'essas leis, o ideal de quem fizer um vocabulario etymologico consistirá em, para a explicação de cada vocabulo, se limitar a remetter o leitor para os respectivos §§ da grammatica, com o que dará ao seu trabalho fórma até certo ponto mathematica. No VOCABULARIO que se segue procurei, tanto quanto pude, realizar tal *desideratum*. É evidente que o não consegui por completo, em virtude do atraso em que ainda está a philologia mirandesa; mas fique ao menos consignada a tentativa. — Os numeros postos entre ( ) são os dos §§ da GRAMMATICA MIRANDESA, que constitue a Parte II da presente obra.

Inclui no VOCABULARIO todas as palavras que na fórma ou no sentido differem das que lhes correspondem em português. A transcrição rigorosa, a que no vol. I, p. 194, me referi, adoto-a só em relação àquellas palavras cuja leitura possa offerecer alguma dúvida.

Entenda-se que o VOCABULARIO o é unicamente da CAMONIANA MIRANDESA, que fórma a Parte IV d'estes *Estudos*.

A

ã — em.

Hist. Lat. ĭ n > *en* (52) > *ẽ* (110) > *ã* (75). — A fórma *en* está ainda representada pela hesp. *en;* a fórma *ẽ* pela port. *em*.

abalhar — abalar, mover.

Hist. Lat. e v a l l a r e. — Cf. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, 92. Quanto a -ll- > *-lh-* vid. § 141-*a*.

abe-rapinha — (= àbe-ra̦pinha̦) ou *abe-rapina* «ave que nas rapinas aereas tem o intento».

Hist. Vid. Grammatica, § 301. Cf. hesp. *rapiña* (verbo *rapiñar*).

abiſo — aviso.

Hist. Subst. verbal de *avisar:* √v i s u -. Quanto ao *b* vid. § 101.

abó — avô, avó. — Esta palavra veiu do português.

Hist. Cf. Grammatica, p. 329. — Na raia diz-se *abo̦lo, abo̦la,* segundo informações que ultimamente colhi.

acá — cá.

Hist. Em hesp. *acá*. Em português antigo tambem *acá*, escrito por vezes *aquá;* ex.: nos *Ineditos de Alcobaça*, de S. Boaventura; na *Demanda*

do Santo Graall, edição de Reinhardstoettner: «tanto gram tempo *aca*» (p. 11), «por al nom uym *aqua*» (p. 16); em D. Dinis, *Cancioneiro,* ed. de Lang, v. 1580:

mais, amigo, *acá* tornade.

Do lat. eccu'hac; o *-c* apocopou-se (125); a geminação *cc* deu *c* (139). O *a* inicial talvez seja anterior ao periodo propriamente mirandês.

aceinho (= ạçeinhu) — aceno.

Hist. Em hesp. ant. ha *aceñar,* palavra com que se relaciona o ital. *ceno.* — A etymologia d'estas palavras é obscura.

acender — accender.

Hist. Lat. accendere (139, 152-*c*).

a cerca — perto.

Hist. Vid. Grammatica, p. 446.

achar (= ạtxar) — achar.

Hist. Lat. afflare (142-*g*, 152-*c*).

aciõũ — acção, acções. No pl. *aciones.*

Hist. Lat. actione- (87).

acomeçar (= ạcumeçar) — começar.

Hist. Em gall. *comezar;* noutras lingoas porém a palavra apresenta *n:* port. arch. *començar* (se não é hespanholismo: *Cancioneiro da Ajuda,* p. 105, v. 6), hesp. *comenzar,* ital. *cominciare,* fr. *commencer,* etc.: — do lat. *cominitiare (cum + √initium). A fórma port. *começar,* que corresponde á gallega, e á mirandesa, póde já documentar-se com um texto do sec. xiii: *comezar-la-hei* (apud Teixeira de Aragão, *Descripção das moedas portuguesas,* i, 344), onde porém *z* = *ç.* A falta da nasal em português levou o Sr. Meyer-Lübke a suppôr que *começar* resultaria de *començar* por influencia da terminação de *empeçar,* que é synonima (*Gram-*

matik der romanischen Sprachen, I, § 485); mas não me parece isso, porque a palavra que resultou da influencia de *empeçar* foi *compeçar*, que tambem se usa em dialectos portugueses (a *empeçar* corresponde em mir. *ampeçar*). Talvez a ausencia do *n* nas fórmas citadas se possa explicar phoneticamente: *cominitiare daria por metathese con'meçar, d'onde, por absorpção regular do *n* no *m*, *começar*. — Sobre o *a* prosthetico de *acomeçar* vid. GRAMMATICA, § 151-*a*.

acreçentar —— accrescentar.

HIST. Do thema do lat. accrescente- (partic. de accrescere) + suff. *-ar*.

acumpanhar —— acompanhar.

HIST. Vid. *Revista Lusitana*, II, 33.

acuntecer (= ạcũntẹçér) —— acontecer.

HIST. Lat. *ac-contingescere?: vid. Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, § 91. Nos verbos inchoativos a terminação -scere foi nas lingoas da Peninsula reduzida a -cere: cf. em mir. tambem *nacer*. — Á cêrca do *un* de *acuntecer* vid. § 80.

acuntecimiẹnto (= ạcũntẹcimiẹntụ) —— acontecimento.

HIST. Do thema de *acuntecer* + suff. *-miẹnto* < -mentum. Sobre *-un-* vid. § 80; sobre *-iẹnto* vid. § 52-OBS.

acuſar —— acusar.

HIST. Lat. accusare (115, 139, 152-*c*).

adabinar —— adivinhar. Tambem se diz *dabinar* e *adebinar*.

HIST. Em hesp. *adivinar*. — Do lat. divinare. A cêrca do *a* prosthetico vid. § 151-*a*; do *i* atono mudado em *a*, § 70; da apócope do *-e*, § 152-*c*. A fórma *adebinar* está representada pela port. arch. e pop. mod. *adevinhar*; no *Cancioneiro da Ajuda*, edição de D. Carolina

Michäelis de Vasconcellos[1], p. 39, v. 18, «que punhan en *adevinhar*», p. 869, v. 10, «non vo'-lo poden *adevinhar*», etc.

adelantradamente — adeantadamente.

Hist. De *adelantrada* + *-mente* (293).

adelantrar — adeantar.

Hist. Do thema de *delantre* + suff. *-ar*.

adespuis — depois.

Hist. Vid. vol. I, p. 449.

adomar (= ạdụ̂mar) — domar.

Hist. Lat. d o m a r e. Palavra talvez vinda porém por intermedio do português. Sobre o *a-* cf. § 151-*a*; sobre a apócope do *-e* vid. § 152-*c*.

adonde — onde.

Hist. Vid. Grammatica, p. 448.

agabar — gabar.

Hist. Palavra de origem germanica, com a terminação romanica *-ar*: nord. arch. *g a b b*. Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 3549. — Sobre o *a-* vid. § 151-*a*.

Àgusto — Augusto.

Hist. Lat. A u g u s t u s. — Palavra de origem litteraria; a fórma propriamente pop. é *Agosto* (mês). — Já em português popular se diz tambem *Àgusto* (nome), por dissimilação de *au—u*: cf. lat. vulg. a s c u l t a r e < a u s c u l t a r e, a g u r i u m < a u g u r i u m.

aire — ar, vento.

Hist. Lat. a ë r e - (cf. § 154 e vid. 152-*c*). Na significação do português «ar», tem o mirandês tambem *ar*. Em português não conheço

---

[1] Sempre que me referir ao *Cancioneiro da Ajuda*, entenda-se que é á ed. da Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Posto que a obra ainda não esteja publicada, possuo, por obsequio da mesma Senhora, um exemplar das folhas já impressas.

fórma que corresponda phoneticamente a esta, mas ha derivados: *airado* < *aëratu, *airoso* < *aërosu-.

ala — asa.

Hist. Lat. ala-. — A fórma correspondente em português archaico é *aa,* pela syncope normal do *-l-;* como a contracção, que tinha fatalmente de se operar, se a palavra continuasse a viver, daria *à,* que se confundia com outra palavra da lingoa, foi *aa* substituida por *asa,* que vem do lat. a(n)sa- (metaphora). Em hesp. *ala,* como em mirandês.

alantjano — alemtejano.

Hist. Corresponde á fórma portuguesa popular *alantejano,* e não a *alentejano,* senão *-en-* não daria *-an-* (76); parece que a mudança do *-en-* em *-an-* no port. *alantejano* é devida á influencia do *l:* cf. pop. *Alamquer* (se esta fórma não é primitiva) <> *Alemquer,* popular *lançol* <> *lençol.*

alantre — adeante.

Hist. Vid. Grammatica, p. 448.

albelidade — habilidade.

Hist. Vid. Grammatica, § 151-*b.*

alboredo — arvoredo.

Hist. Lat. arboretu- > *arboredo* (103) > *alboredo* (149-*b*). As fórmas *arboredo* e *alboredo* são tambem do português popular. A dissimilação que se deu em *alboredo* deu-se de outro modo no mir. *árbole,* que corresponde d'essa maneira ao hesp. *árbol.* Tambem em mirandês se diz *arbe,* como no português popular.

algo — alguma cousa.

Hist. Vid. Grammatica, p. 361.

algóç — algoz.

Hist. Do arabe *al-Gozz:* vid. Dozy & Engelmann, *Glossaire,* p. 128; e Diez, *Etym. Wb.,* II-*b,* s. v.

algũŋa — alguma.

Hist. Vid. Grammatica, p. 361.

alhá — lá.

Hist. Vid. Grammatica, § 141-*a*.

alhabasto — alabastro.

Hist. Vid. Grammatica, p. 299.—Parece que tambem em mirandês se diz *alabasto* e *alhabastro*. A primeira d'estas fórmas será de origem portuguesa.

alhagar — alagar.

Hist. Deriv. do thema de *lhago* < lat. lacu- (111) + suff. *-ar*.

alhargar — alargar.

Hist. Deriv. do thema de *lhargo* (111) < lat. largu- (111) + suff. *-ar*.

alhebantar — alevantar, levantar.

Hist. *Alhebantar* = *a-lhebantar; lhebantar* < *lhevantar* < *levantar* (111), do thema do partic. lat. levante-, de levare (cf. *acrecentar*, tambem derivado de um participio). A mesma explicação tem as correspondentes palavras portuguesa e hespanhola.

alhẹmbrança — lembrança.

Hist. Deriv., por meio do suff. *-a-nça*, do thema de *alhembrar* = *a-lhembrar* < *lembrar* (111) < *nembrar* (port. arch.) < *mem'rare.—Cf. Grammatica, § 142-*h*.—Vid. neste Vocabulario *lhembrar*.

alheno — alheio.

Hist. Do lat. alienu- (87-*a*, 109). Cf. hesp. mod. *ajeno*, arch. *alleno*; port. arch. *alhẽo* (sec. xiv), gall. *alleo*.

alhi — alli.

Hist. Vid. Grammatica, p. 447.

alịẹnto — alento.

Hist. Lat. vulg. *alenitu- < anhelitus. Aquella fórma do latim vulgar é tambem pos-

tulada pelo hespanhol *aliento* (sardo *alenu*): cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. **alenitus*.

alomiada (= ḁlu̯mi̯adḁ) — nomeada, fama.

Hist. Deriv., por meio do suff. *-a-da,* do thema do verbo *alomiar,* que é de origem portuguesa < nominare; se *alomiar* não fosse de origem portuguesa, o *n* ter-se-hia mantido em mirandês (109). Na nossa lingoagem popular é frequente ouvir estas duas fórmas: *alomiar* e *alomiada,* no sentido mencionado; o *n-* mudou-se em *l-* por dissimilação de *n — m,* como em *lembrar* < arch. *nembrar,* e em arch. *nembro* < *membro.*

amaldiçonar (= ḁmàldiçu̯nar) — amaldiçoar.

Hist. Deriv. do thema de maledictione- (109) + suff. *-ar.*

amansiar — amansar.

Hist. Do thema de *manso,* com o suff. *-iar* = *-ear* (Grammatica, p. 459).

ambaraçar — embaraçar.

Hist. <> port. *embaraçar.* Á cêrca de *am-* vid. § 75.

ambecioſo (= ãmbeçióſu̥) — ambicioso.

Hist. Lat. ambitiosu-.

ambeija — inveja.

Hist.: invĭdia- > *invedia (52) > *enveja* = *enveija* (87) > **anveija* (75) > *ambeija* (101).

As fórmas *enveja* e *enveija* = *inveija* estão representadas no português.

ambọlto, -a — envolto, envolvido, meado.

Hist. Corresponde ao participio port. *envolto* < *in-voltus; cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. **voltus.*

ambóra — embora.

Hist. De *em boa hora* (cf. *Revista Lusitana,* I, 274) > *embora* (154-*bis*) > *ambora* (75). A fórma *embora* está representada no português.

amböubecer — enlouquecer.

Hist. Do thema de *böubo,* com o suffixo *-ecer* < -escere (208). — *Böubo* < lat. balbu- (p. 286). — Cf. gall. *bouba,* «mentira jocosa». — A existencia do ditongo em gallego e mirandês leva-me a crer que a fórma portuguesa *bobo* não vem directamente do lat. balbus, mas é de origem hespanhola, tendo sido para cá transmittida por intermedio do theatro ou da côrte, onde havia os famosos bobos: de facto em hespanhol diz-se *bobo;* e, se a palavra fosse originariamente portuguesa, devia conservar o ditongo que ainda existe em gallego e mirandês. Julgo pois sem fundamento o que a proposito d'ella diz o Sr. F. Adolfo Coelho no seu *Diccionario etymologico:* «devia escrever-se *boubo,* do mesmo modo que se escreve *outro,* em que o *u* representa um *l* latino»; o citado philologo não viu que em *outro* o *u* se pronuncía, em quanto na pronúncia de *bobo* não existe *u,* e que não ha-de ser a pronúncia que deve sujeitar-se á orthographia, mas o inverso. Outro argumento em apoio da origem hespanhola de *bobo* está no facto de, por exemplo, na Beira-Baixa, se dizer *gôgo de comedia:* a palavra *bobo,* por estranha, foi ahi substituida, em virtude da influencia da etymologia popular, pela mais conhecida *gôgo.* — O Sr. Candido de Figueiredo no seu *Novo Diccionario da lingoa portuguesa,* s. v., *bobo,* pergunta se o etymo do port. *bobo* estará em *balbus* ou em *pupus* (!); no Appendice do mesmo Diccionario decide-se porém afoitamente por balbus. Como se vê, nada adeanta ao que diz o Sr. Adolfo Coelho, e tambem, como este, não viu as difficuldades que offerece o etymo balbus, difficuldades que com a minha explicação ficam resolvidas.

amedrancado — medroso.

Hist. Deriv. do thema de *medranco,* que existe em mir. na mesma significação: *medr-anco;* sobre o suff. *-anco* cf. Grammatica, p. 459. O elemento thematico *medr-,* que corresponde ao de *medo,* existe no port. *medroso, medríca, amedrontar,* e no hesp. *medroso, medrosia, amedrentar;* o *-r-* poderá explicar-se pelo de *temor:* assim, por ex.: *medroso* por * *mederoso,* * *medoroso* como * *temoroso,* d'onde veiu o port. *temeroso,* como *valeroso* de *valoroso, fermoso* de *formoso;* cf. catal. *temerós.*

amiſade (com *ſ,* e não com *ʒ*) — amizade.

Hist. Vid. p. 312.

amor, 'mor, na phrase *por 'mor de,* «por amor de», «por via de», «por causa de».

Hist. De amore- (152-*c*). Tambem no português popular se diz abreviadamente *por 'môr de.* A palavra amor tomou o sentido de causa.

ampeçar (= ãmpẹçar) — começar. — Vid. *acomeçar.*

Ampeluſa — Ampelusa. Fórma unicamente empregada nesta traducção camoniana.

ampério — imperio.

Hist. Fórma de origem portuguesa. Sobre a syllaba *am-* vid. o § 75.

ampobrecer (= ãmpụbreçér) — empobrecer.

Hist. Deriv. do thema de *pobre* com o suff. *-ecer* < -escere. Á cêrca do *am-* vid. § 75, e da apócope do *-e* o § 152-*c.*

amportar (= ãmpụrtar) — importar.

Hist. De im-portare (75, 152-*c*), com alteração de significação.

ampregar (= ãmprẹgar) — empregar.

Hist. Palavra vinda do port. *empregar* (75), que é tambem fórma relativamente moderna < implicare. Com effeito, aqui o grupo lat. -mpl- tanto em port. como em mir. (p. 283) daria *-ch-.*

ampressiöũ (ãmprẹssiöũ) — impressão.
Hist. Lat. impressione- (75, 110-*b*).
ancantar — encantar.
Hist. Lat. incantare (75, 152-*c*).
ancarniçar-se — enfurecer-se.
Hist. *en-carn-iç-ar* (75), palavra representada ainda pelo português. A base é *carne* < lat. carne-.
anchena — cheia (de rio).
Hist. Substantivo verbal que faz presuppôr a existencia do verbo * *anchenar* = * *en-chen-ar* (75), cuja base é *cheno* < plenu- (p. 283). — Cf. hesp. *llenar*.
ancięrto, a — incerto, a.
Hist. Lat. incertu- > *ancięrto* (50, 75).
anclinaciöũ — inclinação.
Hist. Fórma de origem portuguesa: *an-* (75); *-öũ*, pela correspondencia que usualmente ha entre as palavras portuguesas acabadas em *-ão*, e as mirandesas acabadas em *-öũ* (110-*b*).
ancobrir (= ãŋcubrir) — encobrir.
Hist.: *en-cobrir* (75); *cobrir* < *coprire < cooperire (90 e 152-*c*).
ancortar (= ãŋcurtar) — encurtar.
Hist. *en-curtar* (75), do thema de *curto* + suff. *-ar*.
ancuntrar — encontrar.
Hist. *en-contr-ar* (75), de *contra* + suff. *-ar*.
andinado — indignado.
Hist. De origem portuguesa; *an-* (75). Com effeito, em port. arch. ha *dino*, «digno»; e se a palavra mirandesa não fosse de origem portuguesa, o -gn- do lat. dignus teria dado no nosso codialecto *-nh-* (Grammatica, p. 288).
anfadọnho — enfadonho, aborrecido.
Hist. *en-fad-ọnho*, do thema de *enfadar*, com o suff. *-ọnho* (298-*a*). — Á cêrca do etymo de *enfadar* vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, n.º 3169 e Appendice na col. 802, sob igual número.

anfeliç (= ãfe̥líç) — infeliz.
Hist. Lat. infelice- (75, 128).
anfi̊ęrno (= ãfi̊ęrnû̯) — inferno.
Hist. Lat. infĕrnu- (75, 50).
anflamar — inflammar.
Hist. De origem portuguesa: de facto o -fl- do lat. flamma teria dado em mir. *-ch-* (Grammatica, p. 284). Sobre *an-* vid. § 75.
anforcar (= ãfû̯rcar) — enforcar.
Hist. *en-forc-ar* (75); do thema de *forca* + suff. *-ar* e prefixo *en-*.
anformado (= ãfû̯rmado) — informado.
Hist. Lat. informare (75, 152-*c*); ou do port.
anfruscar-se — emboscar-se.
Hist. Cf. hesp. *enfroscarse* = *enfrascarse*, «meter-se en una espesura» (*Diccionario* da Academia Hespanhola). Tanto o mirandês como o hespanhol parece terem por base **frosco* ou **frusco*, que em tal caso se relacionaria com o ital. *frusco*, «raminho», sobre cujo etymo muito se tem dissertado.
anganho — engano.
Hist. Sobre o etymo vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 3589; *an-* (75). — Cf. hesp. *engañar*.
angeinho (= ãjeinho) — engenho.
Hist. Lat. ingeniu-. Á cêrca de *an-* vid. § 75; á cêrca de *-nh-* § 87-*a*.
angnorante (= ãŋgnû̯rante) — ignorante. Outra fórma é *eignorante*.
Hist. Tambem em port. se diz *in-gnorante*, que é a base da palavra mirandesa *angnorante*; *an-* (75). A outra fórma mirandesa vem da port. *ignorante* (73).
angrandecer (= ãgrãndeçér) — engrandecer.
Hist. *en-grand-ecer* (75). Do thema de *grande*.
anho — anno.
Hist. annu- (141-*b*). — Cf. hesp. *año*.

anjusto — injusto.

Hist. Lat. iniustu-. Á cêrca de *ã-* vid. § 75.

anquanto (= ãquãtu) — em quanto.

Hist. *an-quanto; an-* < > *em-* (75); *quanto* < quantu-.

anquietar — inquietar.

Hist. Do port. *inquietar* (75).

anraibado, -a — enraivado, -a.

Hist. *an-raib-ado.* Do thema de *raiba* «raiva»; *an-* (75).

ansinar — ensinar.

Hist. De origem portuguesa (75). No sub-dialecto sendinês diz-se *ansinhar* < lat. in-signare (142-*k*); cf. hesp. *enseñar.*

ansopar (= ãsupar) — ensopar.

Hist. — *en-sop-ar* (75), do thema de *sopa.*

anteimar — teimar.

Hist. *an-teim-ar,* do thema de *teima; an-* (75).

anteiramente — inteiramente.

Hist. *anteira-mente* (293): sobre *anteiro* vid. Grammatica, p. 288.

antenciõũ — intenção, tenção.

Hist. Lat. intentione- ou do português (75, 76).

antender — entender.

Hist. intendere (75, 152-*c*).

antendimiento — entendimento.

Hist. Do thema de *antender* < lat. intendere (75) + suff. *miento.*

anterior — interior.

Hist. Lat. interiore- (75, 152), ou do português.

Antonho — Antonio.

Hist. Em português popular igualmente *Antonho;* palavra de origem ecclesiastica. — Cf. mir. e port. *Demonho;* em Santander (Mugica, *Dialectos castellanos,* p. 22) tambem *Demoño.*

antõũ — então.

Hist. Vid. p. 450.

antrar — entrar.

Hist. Lat. intrare (75, 152-*c*).

antre — entre.

Hist. Vid. p. 446.

antregar (= antrẹgar) — entregar.

Hist. Lat. integrare > **intergar* > *entregar* (154) > *antregar* (75).

N. B. É preciso admittir a fórma intermedia **intergar*, senão *gr* daria *ir* (142-*k*). Esta explicação vale tambem para o português.

antresse — interesse.

Hist. Lat. interesse > *intresse* (152-*b*) > *antresse* (75).

antristecer (= ãntristẹcér) — entristecer.

Hist.: *en-trist-ecer*. Verbo inchoativo formado do thema de *triste*, com o prefixo *en-* > *an-* (75) e o suff. *-ecer*.

anxugar — enxugar.

Hist. Lat. ex-sucare. Sobre o *-g-* vid. § 124; sobre a apocope do *-e* § 152-*c*. Ha outros exemplos de a exs- corresponder *ãx-*: cf. *anxame* < exame-; em port. temos *ẽx-* e em hesp. *enj-*. Creio dever admittir-se que houve confusão com o prefixo in- no começo da palavra; de outro modo não póde explicar-se a nasal: isto vê-se melhor quando se compara, por exemplo, o port. *enxame*, *enxuto*, o mir. *anxame*, *anxuto*, o hesp. *enjambre*, *enjuto*, com o catal. *aixam*, *aixut*, onde não se introduziu o sobredito prefixo; no mesmo caso está o astur. *exame*.

apiẹrto — aperto.

Hist. Subst. verbal de *apertar* (300).

apöucar — apoucar.

Hist. Propriamente *a-pöuc-ar*, do thema de *pöuco* < lat. paucu- (69-*a*).

apuis — depois.
Hist. Vid. Grammatica, p. 449.
aquél — aquelle.
Hist. Vid. Grammatica, § 194.
aqueilhe, -a — aquelle, -a.
Hist. Vid. Grammatica, § 194.
aqueilho — aquillo.
Hist. Vid. Grammatica, § 194.
aquestumar (= ḁkẹ̥stumar) — acostumar, costumar.
Hist. Propriamente *a-questum-ar*, do thema de *questume* (vid. Grammatica, p. 280).
arador — lavrador.
Hist. Do thema de *arar* < a r a r e (152-*c*) + suff. *-dor* < -t o r e- (152-*c*).
arbulhaca — ervilhaca.
Hist. *arbulhaca* < *arbilhaca* (150-*a*), que parece poder decompor-se em *arbilh-aca:* o primeiro elemento será a mesma palavra que o latim e r v i l i a, que deu em mirandês *arbilha*, «ervilha»; o suffixo *-aco* apparece tambem em *poçaco* (Grammatica, p. 459), postoque seja de origem obscura (cf. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, § 499-Obs.). Palavras portuguesas ou gallegas em que ha o mesmo suffixo são, por exemplo, além de *Poçacos* (terra transmontana no districto de Villa-Real), plural de uma palavra correspondente á mir. *poçaco*, as seguintes: *velh-aco* (que não vem porém de *velho*, como poderia parecer, mas talvez de v i l i s), *fam-aco* (de *fame* < lat. f a m e-, cf. *faminto*), *varr-aco* ou *verr-aco* (de v e r r e s). Na Beira-Baixa diz-se *favaco*, que talvez porém seja a mesma palavra que *alfavaca*, onde não entra o suffixo de que me estou occupando.
ardîẹnte — ardente.
Hist. Lat. a r d ĕ n t e- (50).

armano — irmão.
Hist. Lat. g e r m a n u -. Cf. hesp. *hermano.* — Vid. § 73.
arrafar — arrasar.
Hist. *a-rraf-ar,* do thema de *rafo* (que creio existirá em mirandês) < lat. r a s u -.
arrecebir (= ḁrre̥ce̥bir) — receber. Tambem em mirandês se diz *recebir.*
Hist. Lat. r e c i p e r e, com mudança de conjugação (207); cf. hesp. *recibir.* A evolução da palavra em mir. foi: r e - c i p e r e > *recibir* (90) > *recebir* (149-*a*) > *a-(r)recebir* (151-*a* e Obs.). Deve admittir-se *re-cipere,* assim decomposto; o facto de se considerar *re-* como prefixo fez que o *-c-* intervocalico não se mudasse em *-z-* (127), e fosse pois tratado como inicial (126). Esta explicação convem tambem ao português e ao hespanhol.
arrecelar — recear.
Hist. Cf. hespanhol *recelar.* Lat. *r e - z e l a r e: cf. Diez, *Etym. Wb.,* i, 346. O -l- manteve-se (112), o -z- está representado por *-c-* = *ç* (cf. Cornu, *Die portugiesische Sprache,* § 175), e o *a-* foi accrescentado como em *arrecebir* = *a-(r)recebir.*
arrezonadamente — arrezoadamente, arrazoadamente.
Hist. Do thema de r a t i o n e -. Vid. *rezõũ.*
arrumbar — arrombar, romper.
Hist. *a-(r)romb-ar* (80); deriv. do thema de *rombo.*
ásparo — aspero.
Hist. Lat. a s p e r u - (150-*c*). Cf. em port. arch. *asparamente* (sec. x[illegible]
asprar — esperar.
Hist. Lat. *a - s p e r a r e (talvez por analogia com *aspectare*) > *asperar* > *asprar* (152-*b*, 152-*c*). — A palavra não é especial ao mirandês: em astur. ha *asperar,* segundo o *Vocabulario de Colunga,*

de B. Vigón. Em port. ant. ha *asperança, asperar* e *desasperar*. Exs. de *asperança:*

vosso bem que mui servid' ei,
mais nom com *asperança*
d'aver de vós bem ......

mais nom com *asperança*
que aja do mal que mi vem
por vós nem galardom ....

mais nom com *asperança*
que soi ....

vid. *Cancioneiro de D. Dinis,* ed. de H. Lang, Halle 1894, p. 26–27,—onde a repetição da palavra mostra que não ha ahi fusão do artigo *a* com o subst. *sperança.*—Ex. de *asperar:*

Non am' eu mia senhor, par Deus,
por nunca seu bem *asperar:*

vid. *Cancioneiro da Ajuda,* p. 836, vv. 1–2.—Ex. de *desasperar:*

..... e viv' assi por én
sen conselho, e del *desasperado:*

vid. cit. *Cancioneiro da Ajuda,* p. 23, v. 7.

assedilhado (= ąssẹdilhadų) —— sequioso.

Hist. Deriv. do thema de *sêde:* vid. vol. 1, p. 458.

assi —— assim.

Hist. Vid. Grammatica, p. 452.

assossegar (= ąssųssẹgar) —— sossegar.

Hist. Cf. gall. *asosegar, asosego,* hesp. mod. *sosegar,* hesp. arch. *asesegar,* port. arch. *sessegar, assessegar;* nos *Ineditos de Alcobaça,* 1, 152, lê-se *desassessego,* em Viterbo, *Elucidario,* lê-se *sessega.* O etymo d'estas palavras é, como demonstrou a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, o verbo latino popular *s e s s i c a r e (derivado do latim

s e s s u -, combinado com a preposição *sub:* vid. *Studien zur hispan. und port. Wortdeutung,* § 39).

N. B. A pronúncia do hespanhol e do mirandês, as nossas antigas graphias e a etymologia da palavra mostram que é êrro escrever *socegar,* em port., com *c;* a boa graphia é unicamente *sossegar,* com *ss.*

astreber-se — atrever-se.

HIST. Cf. em port. pop. *astrever-se* e *astreber-se;* em port. arch. *astrevimento* e *estrevimento* (Viterbo, *Elucidario,* s. v.); em hesp. arch. *estrever,* que se lê no *Fuero d'Avilés,* v. 53 (ed. de F. Guerra): «et si s'*estrivir* lidiar», e no *Libro de Alexandre* cit. *ibidem* a p. 154. Diez, *Etym. Wb.,* 427, tambem cita o hesp. arch. *treverse.* Este philologo deduz *atrever-se* de a t t r i b u e r e. O mir.-port. *astreber-se* (*astrever-se*) poderá explicar-se pelo cruzamento de *atrever-se* + *estrever-se,* sendo *estrever-se* < *e x - t r i b u e r e. — Cf. o que se disse no vol. I d'estes *Estudos,* pp. 462–463. — O partic. *astrebido* emprega-se substantivamente.

atelondrar — atroar. Tambem, por syncope, se diz *atlondrar.*

HIST. Relaciona-se com *stlondro:* vid. vol. I, p. 295. A base é o lat. t o n i t r u -. Propriamente: *a - t o n i t r a r e > **a-trondrar* (vol. I, p. 298 e § 103) > *atlondrar* (149-*b*) = *atelondrar.*

atlondrar — atroar. Vid. *atelondrar.*

atrás, d'atrás — d'antes.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 449. — Esta palavra, que na origem era preposição, tornou-se adverbio de tempo, como *depuis,* etc.

auga — agua.

HIST. Lat. a q u a. Cf. p. 61. Á cêrca de *g* < -Q- vid. § 124.

B

bã — vão. Flexão do verbo *ir* (288).
bagamundo — vagabundo.
Hist. Cf. hesp. e port. pop. *vagamundo*, port. *vagamundear*. O mir. *bagamundo* vem do port. ou do hesp., e nestas lingoas a respectiva fórma tem origem litteraria no lat. vagabŭndu-, senão o *g* caía: cf. *vàdio* < *vagativu-. — O *m* resulta de influencia de *mundo*, segundo os processos da etymologia popular (pp. 3o3 sqq.).
bai — vae. Flexão do verbo *ir* (288).
báiades — vades. Flexão do verbo *ir* (288).
baixar — descer. «*Baixar* ũŋa scalada» (descer uma escada).
Hist. Deriv. do thema de *baixo* + suff. *-ar*.
bala — valha. — Fórma do verbo *baler:* vid. § 271.
balantìe̥ — valentia.
Hist. Lat. valente- + suff. *-ìe̥* < *-ia* (56). O *-en-* parece ter-se mudado em *-an-* por influencia do *l*, senão soaria *-e̥n-* (76).
baler — valer. Vid. § 271.
balerofo (= bḁle̥ró∫u̥) — valoroso.
Hist. Do port. *valoroso*, tambem na ling. arch. *valeroso*, com dissimilação vocalica (149-*a*).
balhe — valle.
Hist. Lat. valle- (101, 141-*a*).
balie̥nte — valente.
Hist. Lat. valĕnte- > **valìe̥nte* (5o) > *balìe̥nte* (101).
balor — valor.
Hist. Lat. valōre- < *valor* (152-*c*) > *balor* (101).
bano — vão. *Ã bano*, «em vão».
Hist. Lat. vanu- (101).
bárbela — barbara.
Hist. Vid. vol. 1, p. 295.

bário — vário.

Hist. Do port. *vario* (101).

barranco — sepultura aberta no chão.

Hist. Especialização da significação mais generica que tem em port. e hesp. a palavra *barranco*.

bassalho — vassallo.

Hist. Celtico *v a s s a l l o s > *vassallo-* > *vassalho* (141) > *bassalho* (101). A fórma *v a s s a l l o s é hypothetica; mas em celtico é conhecido o thema v a s s o -, que existe em *Dago-vassus* por *Dego-vassos* («optimus puer»); a esse thema corresponde o irl. *foss*, «domestico» (o thema d e g o - está representado pelo irl. *dech*). O suff. - a l l o - póde effectivamente ser celtico: cf. Thurneysen, *Keltoromanisches*, Halle 1884, p. 82. — A fórma *vassalho* está representado pela hesp. *vasallo*; a fórma *vassallo* pela portuguesa correspondente, que se documenta com textos de differentes idades, por ex. do *Cancioneiro da Ajuda*, p. 15, v. 14:

De vosso *vassalo* seer.

basto — rude, grosseiro.

Hist. Cf. hesp. *basto*, «grosero, sin pulimento».

bebir — viver.

Hist. Lat. v i v e r e (101, 152-*c*) com mudança de conjugação: vid. vol. 1, p. 366.

beciofo — vicioso.

Hist. Do port. *vicioso*, ou do thema de *bício* + suff. *-ofo*.

beç — vez. Pl. *bezes*.

Hist. Lat. v ĭ c e - = *v e c e > *vez* (128) > *beç* (101).

bei — vê. — Fórma do verbo *ber*: § 272.

béiẽ — vêem. — Fórma do verbo *ber*: § 272.

béio — vejo. — Fórma do verbo *bér*: § 272.

bela — vela.

Hist. Lat. v e l a - (pl. de v e l u m).

beldre — vello (de lã).

Hist. Lat. *v e l l e r e - > **vell're* (cf. fr. arch. *velre*) > *beldre* (101, e cf. vol. 1, p. 298).

belhéç (= bẹlhéç) — velhice. Tambem ouvi dizer *belhice*.

Hist. Do thema de *velho* com o suff. *-eç* < lat. -itie-, como em *mninéç*, que tambem soa *mninéce* ou *meninéce*. Cf. hesp. *vejez*, *niñez*, port. *meninez*.

bemos — vemos. De *ber* (272).

benado (= bẹnádụ) — veado.

Hist. Lat. v e n a t u - (101, 103).

bẹncedor — vencedor.

Hist. Do português ou do thema de *bẹncir* + suffixo *-dor*.

bẹncir — vencer.

Hist. Lat. v i n c e r e (101, 152-*c*), com mudança de conjugação (207), e mudança de *-in-* em *-ẹn-* (76).

bénẽ — vem (no pl.). De *benir* (285).

benerado (= bẹnẹradụ) — venerado.

Hist. Lat. v e n e r a t u - > *venerado* (103) > *benerado* (101).

benga — venha. — Fórma do verbo *benir*: § 285.

bengo — venho. — Fórma do verbo *benir*: § 285.

benida — vinda.

Hist. Do thema de *benir* com o suff. *-i-da*, que se encontra tambem em port. em *ferida*, *ida*, e nos verbos de outras conjugações em *corrida*, *andada*; em hespanhol em *salida*, etc. O port. *vinda* deve explicar-se do mesmo modo; corresponde á fórma arch. *vĩinda* (cf. *vĩir*, *avĩir*), que representa a prehistorica **venida*, ainda existente em hesp. e mir. (neste último idioma *benida*). — No *Elucidario* de Viterbo cita-se *vinte* (partic. do pres.), e *viir*, que, se não

está por *vĩir*, constitue a fórma intermedia entre *vĩir* e *vir;* no *Cancioneiro da Ajuda*, p. 35, v. 4, *avĩir;* nos *Ineditos d'Alcobaça*, I, 148, *viinr* (= vĩir); Innocencio da Silva, na edição que fez do *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo, transcreve do Glossario dos *Ineditos d'Alcobaça, viites*, que está incorrectamente por *vĩites*.

As fórmas portuguesas archaicas *verrá* («virá») e *averrá* («avirá», «advirá») presuppõe tambem a nasal: *vinrá, avinrá*.

benir — vir. — Vid. § 285.

benisse — viesse. De *benir* (285).

bentura — ventura.

Hist. Lat. ventura- (76, 101), que é propriamente participio de venire.

bér — ver. — Vid. § 272.

berdade (= bẹrdadẹ) — verdade.

Hist. Lat. veritate- > **veridade* (103) > *verdade* (152) > *berdade* (101).

berdadeiramente — verdadeiramente.

Hist. De *berdadeira* + suff. *-mente* (293).

berdadeiro — verdadeiro.

Hist. Do thema de *berdade* + suff. *-eiro*.

berde — verde.

Hist. Lat. vĭr(i)de- (52, 101).

berdugo — verdugo.

Hist. Lat. *viriducu-; cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

berdura — verdura.

Hist. Do thema de *berde* + suff. *-ura*.

bergonha (= bẹrgónhạ) — vergonha.

Hist. De verecundia- > *verecondja (61, 87-*a*) > **veregonha* (124 e p. 282) > *bergonha* (101).

bergonhoso (= bẹrgunhóso) — vergonhoso.

Hist. Do thema de *bergonha* + suff. *-oso*.

berso — verso.

Hist. Do port. *verso,* que tem origem litteraria: lat. versu-; senão *rs* teriam dado *ss* tanto em mirandês (142-*h*), como em português.

bertude (= bẹrtudẹ) — vertude.

Hist. De virtude > *vertude* (103) > *bertude* (101). A fórma *vertude* está representada pelo português archaico e pelo alemtejano; cf. francês *vertu,* provençal *vertut.*

bertuoſo, -a — virtuoso, -a.

Hist. Do port. *virtuoso* (101).

bestido — vestido.

Hist. Participio substantivado de *bestir* < lat. vestire (101, 152-*c*).

biaije — viagem.

Hist. Do port. *viagem* em ling. pop. tambem *viaige* e *biaige.*

bibo, -a — vivo, -a.

Hist. Lat. vivu-: vid. § 101-Obs. 2.

bicho (= bitxụ) — bicho.

Hist. Lat. bestiu. — Vid. a bibliographia em Körting, *Lat.-rom. Wb.,* s. v.

bicio — vicio.

Hist. Do lat. vitium ou do port. *vicio.*

bida — vida.

Hist. Lat. vita- (101, 103).

bìẹ — via. De *ber* (272).

bĩẽ — bem.

Hist. Lat. bĕne (50 e 110-*b*).

bĩẹlho — velho.

Hist. *vĕ'clu- (vol. 1, p. 284) > *vĩẹlho (50) > *bĩẹlho* (101).

N. B. O hesp. *viejo* tem de se explicar pelas fórmas anteriores *vieio, viello.*

bĩẹno — veiu. — Fórma do verbo *benir:* § 285.

bĩẹnto — vento.

Hist. Lat. vĕntu- (50, 101)

bigor — vigor.

Hist. Do lat. vigore- (101, 152-*c*) ou do português.

bil — vil.

Hist. Do lat. vile- (101, 152-*c*) ou do português.

bingança — vingança.

Hist. Do thema de *bingar* + suff. *-a-nça*.

bingar — vingar.

Hist. Lat. vindicare > **vindigar* (124) > *vin-d'gar* (152-*b*) > *vingar* (150-*bis*).

binte — vinte.

Hist. Vid. Grammatica, § 189-Obs. 1.ª

bisse — visse. De *ber* (272).

bista — vista, ôlho.

Hist. Relaciona-se com *visto,* cujo etymo estudei in *Revue Hispanique,* IV, 211.

bitória — victoria.

Hist. Do português, onde é de origem litteraria.

bǫ̃ — bom. Em proclise. Vid. *bǫno.*

boç — voz.

Hist. Lat. voce- (128 e 101).

bolar — voar.

Hist. Lat. volare- (112, 152-*c,* 101).

bolber (= bulbér) — volver, mover. Flexão: *bǫlbe.*

Hist. Lat. volvere (101, 152-*c*), com mudança de conjugação (207).

bǫno, em proclise *bǫ̃* — bom.

Hist. Lat. bŏnu- (58, 109). — Cf. § 58-Obs. 1.

bǫrda — borda.

Hist. Germanico bord-: vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.,* s. v.

bos — vos.

bós — vós.

Vid. vol. I, p. 352. — *Bós* < lat. vos (101); *bos* <> lat. vobis como fórma atona.

bǫsso — vosso.

Hist. Vid. vol. I, p. 365.

botar — deitar.

HIST. O etymo é germanico: *b ō t a n (+ suffixo *-ar*); vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 1296.

bòubada — loucura.

HIST. Deriv. do thema de *bòubo*, com o suff. *-ada* (vol. I, p. 459). Cf. *ambòubecer* neste VOCABULARIO.

bòubięlho, -a — louco, -a.

HIST. Do thema de *bòubo* + suffixo *-ięlho* < latim -ĕ l l u - (vol. I, p. 458). Á cêrca de *bòubo* vid. *ambòubecer* neste VOCABULARIO.

boziar (= bụziar) — vozear.

HIST. Do thema de *boz* < lat. v o c e -, com o suff. *-iar* <> port. *-ear*.

brabìu — bravio.

HIST. De *brabo*, com o suff. *-ìu* < *-io* < - i v u - (101).

brabo — bravo.

HIST. Cf. Cornu in *Romania*, XIII, 110.

brano — verão.

HIST. Lat. *v e r a n u - (deriv. de v e r) > *berano* (101) > *brano* (152-*b*).

brebe — breve. *De brebe*, «de pressa».

HIST. Do lat. b r e v e - (101).

breis — vereis. Do verbo *ber*. Vid. § 272.

buber — beber.

HIST. Lat. b i b e r e (152-*c*, 150-*a*).

bundoſo — bondoso.

HIST. <> port. *bondoſo* (80).

buntade — vontade.

HIST. Do port. *vontade* (80); senão teria *-l-* a palavra mirandesa (112): cf. hesp. *voluntad* < lat. v o l u n t a t e -.

burmèilho — vermelho.

HIST. Lat. v e r m i c u l u - > **vermeilho* (52) > *burmeilho* (101, 150-*a*).

C

cabalheiro — cavalleiro.

Hist. Lat. caballariu- > *cabalheiro* (44, 141-*a*).

N. B. A palavra port. *cavalheiro*, como o mostra o *-lh-* < lat. -ll-, vem da hesp. *caballero*, por aportuguesamento do suff. *-ero*.

cabalho — cavallo.

Hist. Lat. caballu- (141-*a*).

cacho — pedaço. «*Cacho* de tiempo», como «rato de tiempo». Emprega-se em diversas circumstancias. É palavra muito usada em Tras-os-Montes; até a ouvi applicar no sentido de quadras ou cantigas, por estas serem pequenas!

Hist. Á cêrca da etymologia cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

caída — quéda.

Hist. Do thema de *caír* ou *caér*, com o suff. *-ida*, como *benida*; cf. hesp. *caída*.

calentura — quentura.

Hist. Do thema do lat. calente- + suff. *-ura*.

calhar-se — calar-se.

Hist. Cf. hesp. *callar*; a etymologia que d'esta palavra se tem proposto offerece difficuldades por causa do *ll*.

calidade — qualidade.

Hist. Ou do lat. qualitate (103), ou do português, onde tambem em lingoagem popular se póde ouvir *calidade*.

caliente — quente.

Hist. Lat. calĕnte- > *caliente* (76).

Calistro — Callisto.

Hist. Gr. Κάλλιστος. Tambem na lingoagem popular portuguesa se diz como em mirandês. Á cêrca do *r* da syllaba *-tr-* vid. Grammatica, § 151-*b*.

caminar — caminhar.

Hist. Deriv. de *camino*.

camino — caminho.

HIST. Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 1538.

cansado — cansado.

HIST. Muita gente escreve em port. *cançar*, com *ç*, mas, não só pela pronúncia da palavra mirandesa, e pela da hesp. *cansar*, como pela etymologia, a boa graphia é com *s*. Com effeito o etymo está no lat. campsare: vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 1549.

cántigo — canto. Sobre tudo emprega-se *cántigo* no sentido de musica vocal.

HIST. L. cantĭcu- > *cántigo* (124). — Cf. port. do Norte e gall. *cántiga*.

canto — quanto.

HIST. —Variante de *quanto:* § 204-*b*.

capitã — capitão.

HIST. De origem portuguesa ou hespanhola. Tanto o port. *capitão* como o hesp. *capitan* (ital. *capitano*) são de origem litteraria: *capitanus; cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

caſa — casa.

HIST. Lat. casa- (115).

caſal — casal.

HIST. Lat. medieval *casale- (115). — Sobre a história d'esta palavra vid. Alberto de Sampaio in *Portugalia*, I, 303.

cascabél — guiso pequeno que anda ao pescoço dos cães e dos cordeiros (cascavel).

HIST. Cf. hespanhol *cascabel* e *cascabillo*, provençal *cascavelh*.

Castię̂lha — Castella.

HIST. Lat. Castĕlla- (50, 101). O hesp. *Castilha* passou primeiro pela fórma ditongada *Castiella* (vid. vol. I, p. 221).

cauſante — causador, causa.

HIST. Participio primitivo de *cauſar;* ou directamente do port. *causante*.

cauſar — causar.

Hist. Do port. *causar*, que é fórma de origem litteraria: lat. < causare.

cauſo — caso.

Hist. Cf. § 295-*b*.

cautibo e *cöutibo* — cativo.

Hist. Do port. *cautivo*, que é fórma semi-litteraria.

cebil (= ce̥bil) — civil.

Hist. Do português: o *i* mudou-se em *e* por dissimilação (149-*a*), e o *v* normalmente em *b* (101).

chabe (= txabe) — chave.

Hist. Lat. clave- (vol. I, p. 284; e § 101).

chamar (= txḁmar) — chamar.

Hist. Lat. clamare (vol. I, p. 284; e § 152-*c*).

chano (= txanu̯) — chão.

Hist. Lat. planu- (142-*g*).

chegar (= txe̥gar) — chegar.

Hist. Lat. plicare (vol. I, p. 283; § 152-*c*).

cheiro (= txeiru̯) — cheiro.

Hist. Deriv. de *cheirar* < lat. flagrare (vol. I, pp. 284 e 288). Derivação regressiva (300).

cheno (= txenu̯) — cheio.

Hist. Lat. plenu- > *cheno* (142-*g*).

chiçpar (= txiçpar) — chispar.

Hist. Assim se pronuncía, com *ç*, apesar de em hesp. ser *chispar*.

chober (= txu̯bér) — chover.

Hist. Do thema de *chuba* > lat. pluvia-. Escreve-se com *o*, tanto em português como em mirandês, por causa da flexão, *chobe, chove*, onde ha *o*.

chorar (= txu̯rar) — chorar.

Hist. Lat. plorare (vol. I, p. 283; § 152-*c*).

chubir (= txu̯bir) — subir.

Hist. Cf. § 114.

cię̨go — cego.

Hist. Lat. caecu- > *cię̨go* (69-*b*, 124).

cięlo — ceu.
Hist. Lat. caelu- > *cięlo* (69-*b*).
cięrto — certo.
Hist. Lat. cĕrtu- (50).
circo — cêrco, assedio.
Hist. Do hesp. *circo*, fórma litteraria < lat. cĭrcus. O hesp. e port. *cerco* é que são de origem popular.
climencia — clemencia.
Hist. Do port. *clemencia*.
co', por *cũ*, antes de vogal.
Hist. Vid. p. 446.
codícia (= cudíçia) — cobiça.
Hist. Lat. *cupiditia- (< > cupiditas) > **cobdícia* (representada pelo hespanhol arch. *cobdicia*) > *codicia* (com assimilação seguida de absorpção). Cf. § 53. — O português *cobiça* tem a mesma origem; sem embargo, o Sr. Candido de Figueiredo no *Novo Diccionario da lingoa portuguesa* dá-lhe como etymo o latim *cupiditas!*
codiçoſo (= cudiçóſu) — cobiçoso.
Hist. Por *codicioso*, do thema de *codicia*.
coincer (= cuĩçér) — conhecer.
Hist. Vid. § 109-Obs. 2.
conta — conta.
Hist. Do thema de *cuntar*, por derivação regressiva (300). Cf. hesp. *cuenta*.
coraçõũ (= curaçõũ) — coração. No pl. *coraçones*.
Hist. Cf. port. *coração*, hesp. *coraʒon*. Á cêrca da etymologia vid.: Diez, *Et. Wb.*, s. v. «corazon»; J. Cornu in *Romania*, IX, 129; e A. Thomas *ibidem*, XXVIII, 177.
coraije (= curaije) — coragem.
Hist. Do português.
corda — corda.
Hist. Lat. chŏrda- (58). — Cf. hesp. *cuerda*.

corpo — corpo.
HIST. Lat. c ŏ r p u s (58).
costa — costa.
HIST. Lat. c ŏ s t a - > *costa* (58).
cöusa — cousa.
HIST. Lat. c a u s a (69-*a*).
cöutiba. Vid. *cautiba*.
cöutibar — cativar.
HIST. Deriv. do thema de *cöutibo* < lat. c a p t i v u -. A fórma intermedia anterior de *cöutibo* é *cautibo*. A origem é semi-litteraria, senão o -*v*- da terminação -ivv- não se conservaria (101). — Cf. vol. 1, p. 279.
creminoso (= creminósu) — criminoso.
HIST. Do português, com dissimilação (149-*a*).
crestiandade (= crestiãndade) — cristandade.
HIST. Lat. c h r i s t i a n i t a t e - > **cristianidade* (103) > *cristiandade* (§ 152-*b*). — Cf. hesp. *cristiandad*.
crona — coroa.
HIST. Lat. c o r o n a - (152-*b*).
crudo — cru.
HIST. Lat. c r u d u -.
cũ, em proclise — com. Antes de vogal toma a fórma *co'*. Em ligação com o artigo definido: *cul*, pl. *culs; cula*, pl. *culas*.
HIST. Vid. p. 446.
cubrar (= cubrar) — quebrar.
HIST. Tambem na lingoagem popular portuguesa ha *cubrar*, com *o* por *e* (150-*a*). Lat. c r e p a r e > **crebar* (90) > *quebrar* (154) > *cubrar* ou *cobrar* (150-*a*).
cuiro (= cúiru) — coiro.
HIST. Vid. § 59.
cuitado — coitado.
HIST. Corresponde ao port. *coitado*, participio do verbo archaico *coitar*, que se lê a cada passo

nos nossos Cancioneiros. Ao verbo *coitar* corresponde tambem o português archaico *coita* como substantivo: «dor», «pena», etc. Tanto o verbo como este substantivo tinham antigamente tambem, em certos documentos, o ditongo *ui* (*uy*), como em mirandês é normal: *cuita, cuitado, cuyta, cuytado.* Lat. cogitare, d'onde igualmente veiu o port. e mir. *cuidar,* embora por via differente.

cul — com o; no pl. *culs.* — Vid. vol. I, § 199.

cula — com a; no pl. *culas.* — Vid. vol. I, § 199.

culho — collo.

Hist. Vid. § 58-Obs. 4.

culidade (= cṷlidade) — qualidade.

Hist. Ou do lat. qualitate-, ou do port., onde popularmente tambem se diz *culidade,* como *curesma* < quaresma, *curenta* < quarenta, etc. Cf. port. *coirella* < *quadrella <> *quadrula,* e neste Vocabulario *calidade.*

cumbe̥ncido — convencido.

Hist. Do lat. convincere com mudança de conjugação (§ 207, 101, 80), ou do português.

cumbersạciöũ — conversação.

Hist. Do lat. conversatione- (87, 101, 80), ou do port., com correspondencia do suff. *-iöũ* a *-ão* (arch. *-om*).

cumo e *cume* — como (conj. e adv.).

Hist. Lat. quomodo, com syncope do *-d-* (106); para o mais vid. § 63. — A fórma *cume* corresponde a port. arch. *come,* ex.: «*come* melhor poderdes», do sec. XIII (in *O Instituto,* XLVI, 943); *come* no *Elucidario,* s. v.; «achasse *come* de quanto servi» (*Cancioneiro da Ajuda,* 278, v. 2, e passim); «*come* cada huũ», sec. XIV (*Ineditos da Academia,* IV, 585); «*come* son postos (*Port. Mon. Hist.,* Leges et consuetud., p. 850). Cf. ital. *come.*

cumpaixõũ — compaixão.
Hist. Lat. compassione- (80, 110). Com -ssi- + vog. > *ix* cf. *baixo* < *básˢsiu- <> *bassu-.
cumpanheiro — companheiro.
Hist. Vid. s. v. *acumpanhar*.
cumparar — comparar.
Hist. Lat. comparare > *comparar* (152-*c*) > *cumparar* (80).
cumpleto — completo.
Hist. Do port. (80).
cuncencia — consciencia.
Hist. Do port. (80).
cuncertado, — concertado.
Hist. *con-certado* (80).
cundanhar — condemnar. Flexão: *cundanho*, *cundanhas*, *cundanha*.
Hist. Do lat. *condamnare (cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.); -mn- > -*nh*- (vol. 1, p. 280). Tambem se ouve *cundanar* e *cundenar*, que revelam influencia do português.
cundenar — condemnar.
Hist. Vid. *cundanhar*.
cunfiar — confiar.
Hist. *con-fiar* (80); *fiar* < *fidare (106) <> fidere.
cunfiança — confiança.
Hist. Do thema de *cunfiar* + suff. -*a-nça* (vol. 1, p. 459).
cunsentir e *cunsintir* — consentir. Flexão: *cunsinte*, «consente».
Hist. Lat. consentire > *consentir* (152-*c*) > *cunsentir* (76, 80). — Á cêrca de *cunsintir* vid. tambem § 76.
cunsolo — consôlo.
Hist. De *cunsolar*, «consolar» < lat. consolare (152-*c*).

cuntar — contar.

HIST. Lat. cŏmp(u)tare > *contare (vol. I, p. 279) > *contar* (152-*c*) > *cuntar* (80).

cuntẹntamiẹnto — contentamento.

HIST. Do thema de *cuntẹntar*, «contentar».

cuntẹntar — contentar.

HIST. Deriv. do thema de *cuntento*.

cuntento, -a — contente.

HIST. Vid. vol. I, § 80.

cuntino — contínuo.

HIST. Do português, senão o ĭ do lat. contĭnuus teria dado *e*. A fórma portuguesa é de origem litteraria.

cuntráiro — contrário.

HIST. Do port. *contrário* (80), que é de origem litteraria.

cuntrato — contracto.

HIST. Do port. *contracto*, senão *-acto* teria dado *-eito* (44).

curto — cortado, ferido.

HIST. Vid. § 249-OBS. 3.

Ç

çamarra — pelle.

HIST. — Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 2776.

N. B. É curioso que na Beira-Alta se diga *ensamarrado* no sentido de «pessoa que tem coryza ou bronchite», sobretudo no último: a evolução sematologica partiu de «pessoa que por causa d'essa doença se envolveu numa pelle»; d'ahi *samarreira*, «bronchite», etc. — Na Beira-Baixa usa-se a palavra *samarrudo* no sentido de «mono», «que não falla»; parece relacionar-se essa palavra tambem com *çamarra*. — A melhor graphia d'essas palavras populares beirãs será pois com *ç*.

D

dabinar — adivinhar. Tambem se diz *adabinar* e *adebinar*.

Hist. Lat. divinare > *adevinar* (151-*a*, 152-*c*, 149-*a*) > *adabinar* (101). — A fórma *adevinar* está tambem representada pelo asturiano moderno (B. Vigon, *Vocabulario de Colunga*). A mudança de *e* em *a*, de mais a mais ao contacto da labial, é difficil de explicar: cf. no emtanto o port. pop. *Sabastião* < Sebastião.

danhado — danado.

Hist. Lat. damnatu- (vol. 1, p. 280, 103).

danho — damno.

Hist. Lat. damnu- (vol. 1, p. 280).

debino — divino.

Hist. Lat. divinu- (149-*a*, 101).

defęnder — defender.

Hist. Lat. defendere (com mudança de conjugação: § 207) > *defender* (152-*c*) > *defęnder* (76).

defrente — differente.

Hist. Lat. differente- (70, 152-*b*).

déię̃ — dêem. Do verbo *dar*. Vid. § 270.

delantre — deante.

Hist. Vid. vol. 1, p. 448. Em hesp. arch. *delantre* e *adelantre*, in *El Fuero d'Avilés*, ed. de Fernandez Guerra, p. 139.

delatar — dilatar.

Hist. Do port. *dilatar*, que é de origem litteraria: lat. dilatare. Na lingoagem popular portuguesa tambem se usa *delatar*.

delor — dôr.

Hist. Lat. dolore- > *dolor* (152-*c*) > *delor* (149-*a*). — A fórma *dolor* está tambem representada no hespanhol.

deloroſo (= dẹlụró∫ụ), *-a* — doloroso, -a.
  Hist. Deriv. do thema de *delor* (459).
depẹnder — depender.
  Hist. Ou do lat. d e - p e n d ē r e, ou do port. *depender*, o que julgo mais provavel.
deprumado, -a — sem *prumas* (pennas).
  Hist. Deriv. do thema de *pruma;* propriamente a palavra decompõe-se em *de-prum-ado.* — Cf. *deſalado.*
depuis — depois. Vid. vol. 1, p. 449.
dereito — direito.
  Hist. Lat. d e r e c t u - (vol. 1, p. 287) <> d i r e c t u; cf. hespanhol *derecho*, português archaico *dereito.*
deſalado — sem *alas* (asas).
  Hist. Do thema de *ala;* propriamente: *deſ-al-ado.* Cf. o participio *de-prum-ado.*
deſanfrenado (= dẹ∫ãfrenadụ) — desenfreado.
  Hist. Em virtude do § 76, poder-se-hia esperar *deſẹnfrenado;* mas a palavra é formada de *anfrenado* <> port. **enfrenado*, com *an-*, segundo o § 75. A base é *freno* < lat. f r e n u -, «freio». Propriamente: *deſ-an-fren-ado.*
deſanganhar — desenganar.
  Hist. Formada de *anganho.* Propriamente a palavra decompõe-se em *deſ-anganh-ar.*
deſanquîẹto — inquieto.
  Hist. Vid. vol. 1, p. 461 (onde se lê *deſanquieto* em vez de *deſanquîẹto*). A fórma primitiva é *quîẹto*, tambem com *îẹ*, correspondente ao send. *quito.* O mir. *quîẹto* rima com *prîẹto*, «preto»; o send. *quito* rima com a palavra port. *mosquito.* Na origem devia dizer-se *quieto*, com o dissyllabo *ie*, que depois se condensou em *îẹ;* condensações analogas offerece-as o português a cada passo na pronúncia familiar, por ex.: *âu* = a + o, *éu* = é + o.

desanterrar — desenterrar.

Hist. Propriamente *des-an-terr-ar*. A base é *terra*. Cf. quanto á phonetica *desanfrenado*.

desaparcer — desapparecer.

Hist. <> port. *desapparecer* = *des-apparecer*, do lat. apparescere.

desarranjo (e *desarrãijo?*) — desarranjo.

Hist. Formado de *arranjo*. Propriamente temos: *des-arranjo*.

descoincer (= dẹscũĩcér) — desconhecer.

Hist. Formado de *coincer*. Propriamente a palavra decompõe-se em *des-coincer*.

descunfiar — desconfiar. Em lingoagem descuidada póde dizer-se *dscunfiar*, com syncope de *e* (cf. 152).

Hist. Formado de *cunfiar*. Propriamente temos: *des-cunfiar*.

descunsọlo — desconsolo.

Hist. Propriamente: *des-cunsọlo*. Vid. s. v. *cunsọlo*.

desdezir — desdizer.

Hist. Propriamente: *des-dezir*. Vid. s. v. *dezir*.

desditoso — desditoso.

Hist. Do port. *desditoso*.

deseio — desejo.

Hist. Vid. *desiar*.

desgracia — desgraça.

Hist. Formado de *gracia*. Propriamente temos: *des-gracia*.

desgraciado, -a — desgraçado, -a.

Hist. Deriv. de *desgracia*.

desgusto — desgusto.

Hist. Propriamente: *des-gusto*. Vid. s. v. *gusto*.

desgustoso, -a — desgostoso, -a; descontente.

Hist. Do th. de *desgusto* + suff. *-oso* (vol. I, p. 459).

desiar — desejar.

Hist. Esta palavra postula como base *deseio:* cf. hesp. *desear*, de *deseo;* todavia em mir. ouvi

dizer *desseio*, com *ss*, a par de *deſeio*, *deſiar* e *deſioſo*. Em português antigo encontra-se tambem *dessejar* (a par de *desejar*). Diz o Sr. Epiphanio Dias na sua bella edição das *Obras* de Christovão Falcão, a proposito da fórma *dessejar* empregada por este auctor: «A graphia *dessejar* ..... representa, em nosso entender, a pronuncia originaria conforme á etymologia (do latim popular dissidium por desiderium)»: p. 31 nota. Todavia é preciso admittir tambem *desĭdium: cf. J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, § 111; Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, n.º 2521; e ainda outros AA. (Diez, Meyer-Lübke).—Quanto a *deseio* > *desĭdium cf. § 87-*a*.

desnudar — despir.

HIST. Do th. de *nudo*. Propriamente: *des-nud-ar*.

desnudo — nu.

HIST. Cf. *desnudar*.

deſonra — deshonra.

HIST. Propriaente: *deſ-onra*. Quanto a *onra*, port. e hesp. mod. *honra* (em hesp. ant. *ondra*, em port. pop. *honlra* = *hõlra*), esta palavra creio ser substantivo verbal tirado do verbo *honrar* < honorare.

deſöumano — deshumano, inhumano.

HIST. Propriamente: *deſ-öumano*. Vid. s. v. *öumano*.

despeſa — despesa.

HIST. Lat. dispensa, lat. vulg. *dispesa ou *despesa.

desprezîar — deprezar.

HIST. Lat. *dispretiare: vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. Quanto á phonetica cf. § 87-*a*.

despuis — depois.

HIST. Vid. vol. I, p. 449.

desquelorado — descòrado.

HIST. De *quelor*. Propriamente: *des-quelor-ado*.

desquemungar — excommungar.

Hist. Vid. vol. 1, p. 461. Formado do lat. *de-ex-communicare (152-*b*, 124, 103). — Substantivamente: *desquemungado*. — Cf. nos *Port. Mon. Hist.*, Leges et consuet., p. 850: «todo christiano que auer dere a renouo seia *descomungado*». Em hespanhol ha tambem *descomulgado*.

destęmprar — destemperar.

Hist. Propriamente: *des-tęmprar* < lat. *de-ex-temperare (152-*b*, 152-*c*).

dezi — dizei. Do verbo *dezir*. Vid. § 287.

dezir — dizer.

Hist. Lat. dicere (127) com mudança de conjugação (207).

Diabro — Diabo.

Hist. Lat. Diab'lu- (vol. 1, pp. 283–284).

diç — diz. — Flexão do verbo *dezir* (287).

dię — dia.

Hist. Vid. vol. 1, § 54-*d*.

dírẽ — derem. Flexão de *dar*. Vid. § 270.

disse — désse. — Flexão do verbo *dar* (270).

díssẽ — dessem. Flexão de *dar*. Vid. § 270.

Dìus — Deus.

Hist. Vid. vol. 1, 51-*a*, 159.

dixe, dixo — disse (1.ª e 3.ª pess.). — Flexões do verbo *dezir* (287).

dǫlo — dó.

Hist. Substantivo verbal correspondente ao latim dolere. Cf. hesp. *duelo*, port. arch. *doo*, mod. *dó* (lat. vulg. iberico *dŏlu-); cf. ainda fr. *deuil*.

donde, adonde — onde, aonde.

Hist. Vid. vol. 1, p. 448. — Lat. ŭnde (161).

dórũ — deram. Flexão de *dar*. Vid. § 270.

döų — deu. — Flexão do verbo *dar* (270).

döus — dois. Vid. vol. 1, p. 348.

dùes — duas. Vid. vol. 1, p. 348.
dunzeilha — donzella.
  Hist. Lat. *dom'nicella- (49, 80, 127, 141).

E

eidade — idade.
  Hist. Lat. aetate- (103, 73).
eideia — ideia (phantasia).
  Hist. Do port. *ideia* < lat. idea, accentuado como o gr. ἰδέα.
eignorante — ignorante. —Tambem se diz *angnorante* e *einorante*.
  Hist. De origem portuguesa (73).
eigual — igual.
  Hist. Lat. aequale- > egual (124, 152-*c*) > *eigual* (73).
eilha — ella.
  Hist. Vid. vol. 1, p. 352 sqq.
eilhes — elles.
  Hist. Vid. vid. 1, p. 352 sqq.
eilhí — alli.
  Hist. Vid. vol. 1, pp. 447-448.
eimortal — immortal.
  Hist. Lat. immortale- (73), ou do português.
einemigo — inimigo.
  Hist. Lat. inimicu- > *inemigo* (149-*a*) > *enemigo* > *einemigo* (73).—A *enemigo* corresponde a palavra hespanhola que tem a mesma fórma.
  N. B. A palavra portuguesa *inimigo*, na pronúncia ordinaria *inemigo*, é de origem moderna, refeita sobre o lat. inimicus; a genuina palavra port. ant. é *enmigo*, *imigo*, esta ultima conservada ainda na poesia até tarde.
einocente — innocente.
  Hist. Palavra de origem ecclesiastica (cf. «os Santos Innocentes») ou portuguesa, porquanto no latim

innocente- os *-nn-* dariam *-nh-* em mir. (141). Á cêrca de *ei-* vid. § 73.

Eipocrene — Hippocrene.

Hist. Não fiz mais que amirandesar o português *Hippocrene* < lat. Hippocrene = gr. Ἱπποκρήνη. Tal palavra é desconhecida em Miranda.

eiqui — aqui.

Hist. Vid. vol. 1, § 292.

eiſemplo — exemplo.

Hist. De origem portuguesa, como o prova a conservação do grupo *-mpl-* (Grammatica, p. 283).

eiterno, -a, — eterno, -a.

Hist. De origem ecclesiastica (cf. «Padre Eterno») ou portuguesa, senão no lat. aeternu- o *-t-* teria dado *-d-*. Á cêrca do *ei-* cf. § 73.

él — elle.

Hist. Vid. vol, 1, p. 352 sqq.

ende — ahi.

Hist. Vid. vol, 1, p. 447. A significação primitiva é «d'ahi», e, por extensão de significação, «d'isso»: cf. no *Cancioneiro da Ajuda,* ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 8, v. 23:

E o que m'*ende* guardar não podér...

É essa a significação do lat. inde, conservada no fr. *en,* etc.; mas, assim como unde, que significa «d'onde», passou a significar «onde», tambem inde passou em mirandês a ter o significado de «ahi». — Fórma port. arch. parallela é *en.*

F

fabor — favor.

Hist. Do lat. favore- (101), ou directamente do português.

fágã — façam.

fágades — façaes (277).

fai — faz (277).
fáiẽ — fazem (277). — Flexão do verbo *fazer* (277).
fame — fome.

HIST. Vid. vol. I, p. 216, n. 1. — A palavra *fame* é, como lá digo, tambem portuguesa archaica. Por exemplo, vid. *Ineditos d'Alcobaça*, de Fr. Fortunato S. Boaventura, I, 135, 142, 146, 162. No *Cancioneiro* de Rèsende, I, 184:

Sobre todos vem doença,
Sobre todos vem tal *fame*.

Cf. prov. *fam*, port. *faminto*, etc.
fantesia — phantasia.

HIST. Do port. *phantasia*, que tem origem litteraria: lat. *phantasia*, accentuado como o gr. φαντασία. Em ling. pop. port. tambem se diz *fantesia*.
faróç — feroz. Pl. *fazores*.

HIST. Lat. feroce- > *feroç* (128) > *faróç* (150-c).
fazírũ — fizeram (277).
fazistes — fizestes. Do verbo *fazer* (277).
fedlidade — fidelidade.

HIST. Do port. *fidelidade*, que tem origem litteraria: lat. fidelitate- (senão -D- ter-se-hia syncopado como em *fiel* < fidele-).
felcidade — felicidade.

HIST. De origem portuguesa. O port. *felicidade* é de origem litteraria: felicitate-.
felhico — filhinho.

HIST. Deminutivo com *-ico* (174 sqq.). Propriamente: *filh-ico* > *felhico* (149-*a*).
feliç — felis.

HIST. Do lat. felice-, ou do port. *feliz*, que é fórma de origem litteraria; a fórma portuguesa popular que lhe corresponde está hoje ainda representada pelo appellido *Fins* = *Fĩiz*, e pelo nome geographico *Sanfins* = *Sã Fins*.

felor — flor.

Hist. Do port. *flor*, que é fórma litteraria provinda do lat. flore- > *flor* (152-*c*) > *felor* (151-*b*). — Cfr. *Revista Lusitana*, II, 371; e III, 327.

ferbura — fervura.

Hist. Subst. verbal de *ferber* < lat. fervĕre- + suff. *-ura*.

fermoso, -a — formoso, -a.

Hist. Lat. formosu- (149-*a*). — Cf. port. ant. *fermoso*, hesp. *hermoso*.

fertuna — fortuna.

Hist. Do lat. fortuna- (149-*a*), ou do português, que tem origem litteraria.

fiẹrro — ferro.

Hist. Lat. fĕrru- (50).

fiẹsta — festa.

Hist. Lat. fĕsta- (50).

filo — fio, cabo.

Hist. Lat. fīlu-.

finar — findar, acabar.

Hist. Lat. *finare (152). — A fórma latino-vulg. *finare, derivada de finis (<> litt. finire, que deu em port. arch. *fĩir*, mal transcrita no *Elucidario* de Viterbo por *fiir*) é postulada pelo hesp. *finar*, ital. *finar*, etc. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 3274.

fizo — fez. Do verbo *fazer* (277).

fondo, -a — fundo, -a.

Hist. Lat. fŭndu-. Cf. prov. *fond*, fr. *fond*, ital. *fondo*, hesp. *hondo*, astur. *fondu*.

fọnte — fonte.

Hist. Lat. fŏnte- (58).

fọra — fóra.

Hist. Vid. vol. I, p. 448.

fọrça — força.

Hist. Lat. fŏrtia- (58), plural neutro de fortis, empregado com funcção de substantivo femi-

nino, como tantos outros, por ex.: debita, vir'dia, pigmenta.

formesura — formosura.

Hist. De *fermoso*. Propriamente: de **fermesura* (149-*a*), apparecendo depois *o* por *e* na primeira syllaba, por influencia da labial inicial, cuja acção foi de mais reforçada pela da labial seguinte (150-*a*).

forte — forte.

Hist. Lat. fŏrte- (58).

fortissemamente — fortissimamente. Superlativo adverbial de *forte*.

fráita — flauta.

Hist. Tem-se proposto como base o verbo *flatuare; cf. português antigo *fraita*, popular *fráuta*, hespanhol *flauta*, etc. —Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 3318. — Etymologia duvidosa.

frida — ferida (subst.).

Hist. De *ferir*, como *benida, caída*.

frìe — fria. Vid. *frìu*.

frir — ferir.

Hist. Lat. ferire (152-*c*).

frìu — frio. Fem. *frìe*, em proclise *frì'*.

Hist. frigidu- (57).

fromoso, -a — formoso, -a.

Hist. Variante de *fermoso*.

fruito — fruto.

Hist. Lat. fructu- (vol. I, p. 287).

fui — foi. Do verbo *ser* (261).

fulgar — folgar. Tambem se usa *fòlgar*.

Hist. Lat. follicare > **foligar* (124, 152-*c*) > *fòlgar* (152-*b*) > *fulgar*.

funga — funda.

Hist. Vid. vol. I, p. 304 (base lat. funda-).

fur — for (261).

fúrũ — foram (261).

fusse — fosse (261).

G

ganado — gado.

Hist. Cf. hesp. *ganado.*

garunho, -a — escasso, sovina. Tambem se diz *subino* e *apunhado.*

Hist. Cf. astur. *gorullo?*

generoſo (= jẹnẹróʃụ), *-a* — generoso, -a.

Hist. Do port. *generoso,* que é de origem litteraria: lat. g e n e r o s u s.

grabe — grave.

Hist. Lat. g r a v e - (101).

gracia — graça, agradecimento.

Hist. Lat. g r a t i a - (87).

grandessissemo — grandissimo.

Hist. Vid. vol. I, § 186.

guapo — lindo.

Hist. Vid. Diez, *Etym. Wb.,* I, s. v. «guappo».

gusto — gôsto.

Hist. Não directamente do lat. g ŭ s t u s, cujo *ŭ* daria *o* (61), mas sob a influencia do verbo *gostar,* isto é, *gustar* < lat. g ū s t a r e. Cf. hesp. *gusto,* catal. *gust,* que devem ter a mesma explicação.

H

haba — haja (260).

haber — haver (260).

hai — ha (260).

höubo — houve (260).

I

i — e.

Hist. Lat. ĕ t > *e,* que, por ser sempre proclitico, se tornou *i.* A mudança deu-se talvez primeiro só antes de vogal, generalizando-se em seguida. A mesma explicação convém ao português, onde *e* sôa hoje *i;* no *Cancioneiro da Ajuda* encontra-se por vezes *et* e *ed.*

incha — encha (no conjunctivo). Do verbo *ancher*.
Hist. Lat. implere > *incher* (283) > *encher* > *ancher* (75).

J

Joã — João.
Hist. Lat. *Joane- (110-*b*) = Johanne-.
judìu — judeu.
Hist. Lat. Iudaeu- (69-*b* e 51-*a*).
juíç — juiz.
Hist. Do port. *juiz*, provavelmente.
jurdiçõũ — jurisdição.
Hist. Vid. vol. 1, p. 299.

L

l — o.
Hist. Vid. vol. 1, § 198.
la — a (art. fem. sing.).
Hist. Vid. vid. 1, 198.
ladrõũ — ladrão.
Hist. Lat. latrone-. Ao lado da fórma *ladrõũ*, com *l-*, tambem se usa, segundo o § 111, *lhadrõũ* com *lh-*; assim como se usa *lhadra*, a par de *lhadrona*.—Em asturiano, onde, como disse (111-Obs. 3), a l- corresponde *lh-* como em mirandês, encontro a mesma incerteza: o *Diccionario* de Vigón cita *lladrón*; o de Rato cita *ladra*.
le — lhe, lhes.
Hist. Vid. vol. 1, § 193.
lhabar — lavar.
Hist. Lat. lavare- > **lavar* (152-*c*) > *lhabar* (111, 101).
lhaço — laço.
Hist. Lat. laqueu- > (§ 87-*a*, pois que em lat. vulg. foi -quĕu tratado como -cĕu, -cĕa) > *lhaço* (111).

lhado — lado.
  Hist. Lat. latu- (111, 103).
lhadrõũ. Vid. s. v. *ladrõũ*.
lhagona — lagoa.
  Hist. Vid. vol. 1, p. 123.
lhágrima — lagrima.
  Hist. Lat. lacrima- (124, 111).
lhança — lança.
  Hist. Lat. lancea- (87, 111).
lhançada — lançada.
  Hist. Do thema de *lhançar*, com o suff. *-a-da*.
lhançar — lançar.
  Hist. Lat. lanceare- (152-*c*, 87, 111).
lhargo, -a — largo, -a.
  Hist. Lat. largu- (111).
lhebantar. Vid. s. v. *alhebantar*.
lhebar — levar. Flexão: *lhiẹbe* (leve).
  Hist. Lat. levare (152-*c*, 111, 101).
lheitõũ — leitão.
  Hist. Lat. *lectone (142-*j*, 110-*b*, 111). — Á cêrca de **lectone-* vid. o vol. 1, p. 126, nota.
lhẹmbrança — lembrança.
  Hist. Deriv. do thema de *lhẹmbrar* + suff. *-a-nça*. Propriamente: *lhembra-nça*.
lhẹmbrar — lembrar.
  Hist. Lat. memorare > *mem'rar (152-*b*, 152-*c*) > **membrar* (142-*h*) > *nembrar* (149-*b*) > *lembrar* (149-*b*) > *lhẹmbrar* (111). — Á fórma *lembrar* corresponde em português moderno fórma igual; a *nembrar* corresponde tambem fórma igual em português archaico, por exemplo no *Cancioneiro da Ajuda*, v. 6067:

> Quando me *nembra* o prazer

  e outros muitos passos podia aqui citar.
lhengua (= lhéngua) — lingoa.
  Hist. Lat. lĭngua- (52, 111).

lhibrar — livrar.

Hist. Lat. liberare (152-*b*, 152-*c*).

lhibre — livre.

Hist. Lat. *lībre- (111). — A fórma *libre- por *libru-* deve ter sido motivada pela analogia com outros adjectivos em *-e;* cf. *contente* (vol. 1, p. 242, n. 1 e p. 460).

lhibro — livro.

Hist. Lat. lĭbru- (111), com *i,* porém, em vez de *e* (52), porque a palavra é certamente de origem erudita, embora introduzida em epocha remota, como o mostra o *lh-*.

lhiona — Vid. *liona.*

lhogar — logar.

Hist. Lat. *locare- (111) <> locale-.

lhöugo — logo.

Hist. Vid. Grammatica, § 58-Obs. 5. Sobre *lh-* vid. § 111.

lhuitar — lutar.

Hist. Lat. luctare > (142-*j*, 152-*c*).

lhume — lume.

Hist. Lat. lume(n) (111).

lhusques-fusques — lusco-fusque. Tambem se diz *lhusque-fusque, lhôsque-fosco* e *lhôsque-fôsques.*

Hist. Cf. port. litter. *lusco-fusco,* port. de Lisboa *lusque-fusque,* gall. *entre lusco e fusco.* — O gallego representa talvez a phrase primitiva, que se originou da rima de *lusco* com *fusco;* cf. *nem chus, nem buz,* onde *buz* foi pedido por *chus* («mais», do lat. plus). Vid. a respeito de factos semelhantes a Grammatica, p. 309, n.º 7. Depois a expressão, ainda em virtude da rima, tornou-se uma palavra unica, *lusco-fusco;* cf. num ensalmo popular do Minho a fórmula *Pedro-Paulo foi a Roma* (rima allitterante), em vez de *Pedro e Paulo foram a Roma* (isto é, «S. Pedro e S. Paulo»). De *lusco-fusco* pas-

sou-se para *lusco-fusque, lusque-fusque,* por dissimilação dos *uu;* cf. na ling. fam. *tude-nada* por *tudo-nada.* A explicação até aqui convem ao português e ao mirandês, só neste o *l-* é *lh-*. De *lhusque-fusque* fez-se *lhusques-fusques,* por a expressão ter certo sentido adverbial, e ser frequente juntar *-s* aos adverbios; cf. na ling. pop. *entrementes, sòmentes,* ant. *mentes,* etc. É provavel que antes de *lhusques-fusques* se dissesse * *lhusque-fusques,* havendo propagação do *-s* final ao primeiro elemento da expressão. — As fórmas com *o* explicam-se pelo *ŭ* do lat. pop. *lŭscus e *fŭscus: cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.,* s. vv. O latim classico tem *ū* nas duas palavras.

lialdade — lealdade. Tambem com *l-,* e não *lh-,* se diz *lial.*

Hist. Do português.

limõũ — limão.

Hist. Arabe leimôn: vid. Dozy, *Glossaire,* s. v., e Sousa, *Vestigios,* s. v.

linguaije — linguagem.

Hist. Do português.

liona — leoa.

Hist. Do lat. *leona <> *leaena.* Com quanto me conste que em alguns logares da Terra-de-Miranda se usa *lhiona* (segundo o § 111), o Sr. Bernardo Fernandes Monteiro assevera-me que só conhece *liona.* — Cf. o que digo a respeito de *liõũ.*

liõũ — leão. Pl. *liones.*

Hist. Do lat. leone- (110-*b*). — Consta-me que tambem se usa *lhiõũ* (segundo o § 110), mas o Sr. Bernardo Monteiro só conhece *liõũ,* que, em todo o caso, é a fórma usual. Não admira que se dê esta apparente infracção ás leis phoneticas do L- (§ 111), por isso que o leão é animal

estranho á Terra-de-Miranda, e só podia ahi ser conhecido por intermedio dos contos populares ou da Igreja.

Lixandre — Alexandre. Litt.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 152. — Em português popular tambem se diz *Lixandre*.

lo — o. Pronome.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 193.

lõje ou *lõije* — longe.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 142-*f* (mas a palavra, por causa do *l-*, deve ser de origem portuguesa); em asturiano tem *ll-*: *llonxe, lloñe*.

lomiar (= lũmiar) — nomear.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 149-*b* (mas a palavra deve ser de origem portuguesa; do contrário o *n* do lat. nominare não cairia).

löureiro — loureiro, louro.

HIST. Lat. *laurariu-. — Cf. vol. I, p. 260.

löuro, -a — louro, -a (côr).

HIST. Etymologia obscura (vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. «aureus»). — Cf. tambem o vol. I, p. 260.

lusitano, -a — lusitano, -a.

HIST. Esta palavra não se usa em Miranda. Empreguei-a por necessidade da rima, mas d'accôrdo com os habitos do idioma mirandês.

M

magosto — magusto.

HIST. Cf. gall. *magosto*, astur. *magüestu, amagüestu, amagostar*. Na Beira diz-se *magusto*. — A etymologia é difficil; parece entrar nella a palavra lat. *ustus*: mas o que significa o elemento *mag-*?

mai — mãe.

HIST. Vid. vol. I, p. 281.

mal — mau. Em proclise. Vid. s. v. *malo.*

malo — mau. Em proclise *mal,* ex.: «mal nome», «mal negócio» (cf. GRAMMATICA, p. 472, § 307).

HIST. Lat. malu-.

mano — mão.

HIST. Lat. manu-.

mansico, -a — mansinho, -a.

HIST. Deminutivo de *manso.*

mansidõũ — mansidão.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 110-*b.*

mantenér-se — manter-se.

HIST. Lat. manu-tenere, com syncope do *u* (152-*b*).

más — mais, mas. No sentido de «mais», e «mas» tambem se diz *mais.*

HIST. Vid. vol. 1, pp. 452 e 455. — É frequente *mais* por «mas» em português archaico, como ainda hoje na lingua vulgar; cf. no *Cancioneiro da Ajuda,* p. 28, v. 4 (e passim), «*mais* se o sei».

Medusa — Medúsa.

HIST. Palavra desconhecida em Miranda. Empreguei-a para ser fiel á traducção, mas de accôrdo com os habitos phoneticos do mirandês.

medọnho — medonho. Parece que tambem se diz *medunho.*

HIST. Derivado do thema de *medo* (298-*a*): propriamente *med-ọnho.*

meninéç — meninice. Em lingoagem descuidada póde dizer-se *mninéç,* por syncope do *e* (152-*b*).

HIST. Do thema de *menino* com o suff. *-eç* < -ĭtie, variante do suff. -ĭtia- (87-*a*). A terminação -tie teve o mesmo resultado phonetico que *-ce* (128).

mercida — merecida.

HIST. Participio de *mercer* < > português *merecer* < latim *merescere, fórma inchoativa de *merere.*

meʃa — mesa.

HIST. Lat. mensa-, lat. vulg. *mesa (vol. I, p. 283).

meʃes — pl. de *mes,* «mes».

HIST. Lat. mense-, menses, em lat. vulgar *mese, meses (vol. I, p. 283).

1. *mi* — mim.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 193. — A fórma *mi* encontra-se a cada passo no português archaico.

2. *mi* ou *múi* — mũi.

HIST. Vid. vol. I, p. 452. A evolução foi: *muito* > *mui* > * *muí* > *mi.*

mi' em proclise por *mìę* — minha.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 206.

mìę — minha.

HIST. Vid. vol. I, p. 364.

międo — medo

HIST. Lat. mĕtu- (50).

mięl — mel.

HIST. Lat. mĕl (50), ou, se prefere, *mĕlle- (152-*c*).

milhor — melhor.

HIST. Lat. meliore (184, 87-*b* e 152-*c*).

mimoʃo — mimoso.

HIST. Do th. de *mimo* + suff. *-oʃo* (vol. I, p. 459).

mintir — mentir.

HIST. Lat. mentire <> *mentiri* (152-*c*, 76).

mintiroʃo — mentiroso.

HIST. Do th. de *mintira* + suff. *-oʃo* (vol. I, p. 459).

mirar — olhar.

HIST. Lat. mirare (152-*c*) <> *mirari* (209).

N. B. É do thema d'este verbo que vem a palavra *Miranda,* e por tanto o adj. *mirandês,* segundo o que se disse no vol. I, p. 33 sqq.

miʃarable — miseravel.

HIST. Lat. miserabile- (150-*c*, 152-*b*). A palavra deve ter vindo por intermedio do português.

miſeria — miseria.

Hist. De origem portuguesa.

mìu — meu.

Hist. Vid. Grammatica, § 206.

'mor — Vid. s. v. *amor*.

morrer — morrer. Tambem se diz *morrer-se,* ex.: «*morrìu-se-m'* ũŋa canhona» (morreu-me uma ovelha).

Hist. O lat. *mórere <> *mori,* — por isso que os depoentes receberam fórmas activas em romanço (209), e este verbo é da 3.ª conj. —, dava naturalmente em mir. (e port.) **morre* (cf. prov. *querre* < quaérere): por isso este infinitivo, que não tem a terminação usual, foi alongado em *morrer* (cf. ital. *essere* < esse). Tal é a explicação que pouco mais ou menos se tem dado d'este verbo. Todavia poderá pôr-se uma objecção: porque é que succedeu isto com *morrer,* e não com *querer,* que estava nas mesmas circumstancias?

morte — morte.

Hist. Lat. mŏrte- (58).

morto, -a — morto, -a.

Hist. Lat. mŏrtu(u)- (58).

Möurama — *Mourama,* terra dos mouros.

Hist. Tanto em português como em mirandês ha nesta palavra um suff. *-ama,* que parece ser o mesmo que se encontra em *courama* (*cour-ama*), e terá por origem o suff. lat. -amen, estudado pelo Sr. Meyer-Lübke na *Gramm. der roman. Sprach.*, ii, § 444.

möuro, -a — mouro, -a.

Hist. Lat. Mauru- (69-*a*).

mos — nos.

Hist. Vid. vol. i, p. 354 e 407, nota 2.

múi — mũi.

Vid. *mi*.

muitissemo — muitissimo.

Hist. Vid. Grammatica, § 186.

múito — mũito.

Hist. Lat. multo (142-*g*).

mulhi̯er — mulher.

Hist. Lat. muliére- (147, 51-*e*, 87-*a*).

N. B. No hesp. mod. diz-se *mujer;* mas no hesp. arch. o *e* ditongava-se como em mirandês, pois se lê em mss. do «Fuero Juzgo» *mugier* (apud Galindo, *Idioma castellano,* p. 35; cf. p. 118, nota; outros exemplos de *mugier* no sec. XIV, *ibidem,* 148 nota). Usou-se *mugier* em hespanhol até o sec. XV (*ibidem,* p. 165). — Por isso ha correspondencia entre mirandês e hespanhol.

muntanha — montanha.

Hist. Lat. *montanea- (87-*a*, 80).

N. B. A fórma *montanea, — que está para *mons,* como o lat. *campanea* (campaneus) para *campus* —, justifica-se tambem pelo prov. *montanha,* fr. *montagne,* etc.

muntõũ — montão (magote).

Hist. Augmentativo de *monte,* que tanto póde ser formação propriamente mirandesa (173), como ascender a um protótypo latinò-iberico *montone- (vol. 1, p. 126, nota): cf. hesp. *montón.*

Musa — Musa.

Hist. Palavra desconhecida em Miranda, mas que adoptei por fidelidade de traducção, e de accôrdo com os habitos phoneticos do mirandês.

N

nabegar — navegar.

Hist. Lat. navigare > *navegar* (70, 152-*c*) > *nabegar* (101).

nabìu — navio.

Hist. Lat. navĭgiu- (53, 135, 57).

nacer — nascer.

Hist. Lat. nascere (com mudança de conjugação §§ 207, 208 e p. 287).

nariç — nariz. Pl. *narizes*.

Hist. O Sr. Adolfo Coelho no *Diccionario etymologico* explica *nariz* pelo latim *naris*, mas o -*z* do port. *nariz* e do hesp. *nariz*, e o -*ç* do mirandês *nariç* contradizem esta explicação; só uma fórma como *narix, *narīce- póde explicar aquellas palavras, e outras do romanço (cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 5541); assim se explica tambem o -*g*- do derivado português *narigão* (< *naricone-) e *nariganga*. — O Sr. Candido de Figueiredo não segue o melhor caminho quanto á etymologia que propõe d'esta palavra; diz elle: «*nariz*... do baixo lat. *naricus* ou de outra fórma analoga, do lat. *naris*». O lat. *narix é postulado não só pelo consenso das lingoas romanicas, mas ainda pelo verbo lat. *naricare*, que tem o aspecto de derivado de um thema em -*ic*, qual é o de *narix.

naide — ninguem.

Hist. Vid. Grammatica, § 202 e Obs. 2.

n', *ne* — no. Pl. *nes*.

Hist. Vid. Grammatica, § 199.

neçairo — necessario.

Hist. Vid. o vocabulo *necidade*, na Grammatica, § 152-*c*. — Outra prova a juntar á que dei s. v. «necidade», de que esta palavra não data do latim vulgar, está na terminação -*airo* < -ariu, que, se fosse popular, devia ter-se tornado -*eiro* (44).

necidade — necessidade.

Hist. <> lat. necessitate- > *necessidade* (103) > *necidade* (152). Mas a palavra, tanto em mirandês como em português, é relativamente mo-

derna, senão a syllaba -CE- estaria representada nos dois idiomas por -ẓ- (127). Em mirandês deve ella ter origem portuguesa.

neilhe — nelle.

HIST. A fórma *neilhe* é por analogia com *ne* (199), e tem a mesma explicação que o port. *nelle, neste,* etc.: vid. o meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (análise crítica), Porto 1893, p. 50 sqq.

nẹl — no (199).

nembro — membro.

HIST. A palavra é de origem portuguesa, e não ascende directamente ao lat. m ĕ m b r u - cujo *ĕ* teria dado *ię* em mir. (50); cf. hesp. *miembro.* Em todo o caso, *nembro* (mir. e port. arch.) é dissimilação de *membro* (149-*b*); cf. tambem port. arch. *nembrar.*

nĩ — nem.

HIST. Vid. vol. I, p. 455.

nial — ninho.

HIST. Vid. vol. I, p. 458.

niębe — neve.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 54-*c*.

ningũ, a par de *niũ* — nenhum.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 202.

nino, -a — menino, -a.

HIST. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.,* § 5617.

niũ — nenhum.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 202. — Cf. port. arch. *niun* no *Cancioneiro da Ajuda,* p. 23, v. 6 (e passim); e *neun, ib.,* p. 25, v. 285.

nó, em pausa — não.

HIST. Vid. vol. I, p. 451.

nọbamente (de) — novamente.

HIST. Locução adverbial. Sobre *-mente* vid. GRAMMATICA, § 293. O *ọ* conservou-se na syllaba inicial, por ahi recair o accento secundario;

em syllaba propriamente atona creio não haver ọ (vid. GRAMMATICA, p. 177).

nobidade (= nũbidade) — novidade.

HIST. Lat. novitate- > *novidade* (103) > *nobidade* (101).

nọbo — novo.

HIST. Lat. nŏvu- (58 e 101).

nöufraijo — naufragio.

HIST. Do port. *naufragio* (154).

nu', por *nũ* — antes de vogal e *y*.

HIST. Vid. vol. I, p. 451.

nubre — nuvem.

HIST. Lat. *nubine-. Cf. *sangre* < sanguine.

N. B. A fórma *nubine- é justificada tambem pelo port. *nuvem*: vid. Meyer-Lübke, *Gram. der roman. Sprach.*, II, § 16.

núite — noite.

HIST. Vid. GRAMMATICA, §§ 142-*g* e 59.

númaro — número.

HIST. Lat. numeru- (150-*c*), por intermedio do português *número*, que tem origem litteraria (*numbro* é fórma semi-popular).

numaroſo — numeroso.

HIST. Do thema de *númaro* + suff. *-oso* (GRAMMATICA, p. 459), ou do port. *numeroso*.

nũŋa — nunca (200).

O

ọlho — olho.

HIST. Lat. ŏc'lu- (58, 142-*g*).

ome — homem.

HIST. Lat. homine-. — No vol. I, p. 280, expliquei *ome* por *home(ne); todavia póde propor-se outra explicação: *hom'ne- > *hon'me e por assimilação: **omme*, *ome*. No hespanhol antigo encontra-se de facto *onme* (*Fuero de Salamanca*, ed. de Ruano, pp. 1 e 6), mas encon-

tra-se no mesmo documento tantas vezes tambem *ome*, que pouco valor se póde faz pois ligar áquella fórma.

ondia (= ondi̯a) — onda.

Hist. Lat. ŭ n d a - (61). — Cf. no port. pop. *ondia*, que provém de *onda*, por desenvolvimento da terminação *-a* em *-i̯a*, como em *Elysia* < *Elysa*; etc. Vid. vol. 1, p. 488.

órdene — órdem.

Hist. Lat. o r d i n e (152-*b*).

öubedecer — obedecer.

Hist. Na origem é inchoativo de o b e d i r e, propriamente * o b e d e s c e r e (152-*c*, 78).

öubediença — obediencia.

Hist. Lat. o b e d i e n t i a -, certamente por intermédio do port. *obediencia* (78).

öubeilha — ovelha.

Hist. Lat. o v ĭ c ' l a (142-*g*, 78).

öubido — ouvido. No pl. *öubidos*, «attenção».

Hist. Lat. a u d i t u - (subst.). Cf., s. v., *öubir*.

öubir — ouvir.

Hist. Lat. a u d i r e > * a u i r e > * a u w i r e > *ouvir* (69-*a*, 152-*c*) > *öubir* (101). A epenthese (suarabacti) que se realizou nesta palavra realizou-se noutras em português; por ex.: *couve* > * c a u w e > * c a u e < c a u l e -, que está representada em mirandês no deminutivo *cöulina*. Todavia em português archaico tambem ha *oir*.

öubrigar — obrigar.

Hist. Lat. o b l i g a r e > **obligar* (152-*c*) > **obrigar* (142-*g*) > *öubrigar* (78).

öucasiöũ — occasião.

Hist. Lat. o c c a s i o n e -, certamente por intermédio do port. *occasião*, que é fórma semi-popular; a fórma popular portuguesa genuina é a antiga *cajom*.

öucupaciõũ — occupação.

Hist. Lat. o c c u p a t i o n e - > * *ocupaciõu* (110-*b*) > *öucupaciõũ* (78).

öudáç — audacia, capacidade. «Tener *öudáç* para todo»; «tener *öudaç* para cantar».

Hist. Lat. * a u d a c i e - <> *audacia* (161) > * *oudáç* (69-*a*, 128) > *öudaç* (78).

öufe̥nder — offender.

Hist. Lat. o f f e n d e r e > * *ofender* (152-*c*) > * *ofe̥nder* (76) > *öufe̥nder* (78).

öufénsia — offensa.

Hist. Lat. o f f e n s a > * *ofensa* (78) > * *öufensa* > *öufénsia* (vol. I, p. 488).

öufi̊e̥rta — offerta.

Hist. Lat. * o f f ĕ r t a - <> *oblata-*, por analogia com outros participios em *-e-rta*, isto é, *-e-rtu-s* (ex.: *apertus, coopertus*) > * *ofi̊e̥rta* (50) > *öufi̊e̥rta* (78).

öufrecer-se — offerecer-se.

Hist. Lat. * o f f e r e s c e r e > * *ofrecer* (152-*c*) > *öufrecer* (78).

öuguardar — aguardar. «Öuguardar por F.» Tambem se diz *àguardar*.

Hist. * *aguardar* > * *auguardar* (cf. vol. I, pp. 61–62) > *öuguardar* (84). De *a-guardar:* do thema do germ. *w a r d a;* cf. all. *warten.*

öumanamente — humanamente.

Hist. Do thema de *öumano* + suff. *-mente* (293).

öumano, -a — humano, -a.

Hist. Lat. h u m a n u - (78).

öume̥ntar — augmentar.

Hist. Lat. a u(g)m e n t a r e (69-*a*, 152-*c*).

öumilde — humilde.

Hist. O *öu-* em relação ao port. *(h)umilde* explica-se pelo § 78.

öunesto — honesto.

Hist. Lat. h o n e s t u - (78).

öupeniöũ — opinião
  HIST. opinione-; por intermedio do portugués (78).
öurdenado — ordenado.
  HIST. Lat. ordinatu- > **ordenado* (103) > *öurdenado* (78).
öurîęgano — ourégão.
  HIST. Cf. port. *orégão,* hesp. *orégano.* Lat. orīgănu-. O *ou-* explica-se pelo § 78. O ditongo *îę* é porém irregular, como o é tambem o *e* em português e hespanhol.
öurrendo — horrendo.
  HIST. Lat. horrendu- (78).
öurrîęta — orreta, valle.
  HIST. Vid. este volume, p. 20.
öutonho — outono.
  HIST. Lat. autumnu- > **outom'no* (84) > *öutonho* (142-*c*).
öutro, -a — outro, -a.
  HIST. Lat. alt'ru- > **autru-* (286) > *öutro* (69-*a*).

P

pa — para.
  HIST. Vid. vid. 1, p. 446.
pã — pão.
  HIST. Lat. pane- (110-*b*). Cf. hesp. *pan,* e o pl. port. *pães* < panes.
paç — paz. Pl. *pazes.*
  HIST. Lat. pace- (128).
pacer — pascer, pastar.
  HIST. Lat. pascere (207, 208).
pai-abó — avô (vol. 1, p. 329).
parięnte — parente.
  HIST. Lat. parĕnte- (50).
pástio — pasto.
  HIST. Vid. vol. 1, p. 308 (lat. pastu-).

peligro — perigo.
Hist. Lat. peric'lu- > **perigro* (142-*g*) > *peligro* (149-*b*). — Cf. hesp. *peligro*.

pelo — cabello.
Hist. Vid. vol. I, p. 65.

penoſo, -a — magoado, -a.
Hist. De *pena* + suff. *oſo* (vol. I, p. 459). *Pena* < lat. poena (§ 69-*c*), a que corresponde a fórma ant. port. *pea* (ou *pẽa*); a moderna *pena* é de origem litteraria.

pensamiento — pensamento.
Hist. Lat. pensamentu- (50, 76).

pensar — pensar.
Hist. Do português, onde é de origem litteraria < lat. pensare; se o não fosse, -ns- teria dado *-s-*, como deu no allótropo *pesar*.

pequeinho — pequeno.
Hist. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 5912. O etymo parece dever ser *picquennu-.

pequerrico — pequenino.
Hist. Propriamente: *peq(u)-err-ico*.

perdigõũ — perdigão.
Hist. Vid. § 110-*b*.

perdonar — perdoar.
Hist. Lat. *per-donare (152-*c*). — O mirandês neste, como em muitos outros casos, representa uma phase prehistorica do português; de facto, entre o lat. *per-donare e o port. mod. *perdoar*, houve *perdonar* (português prehistorico) e *perdõar* (português archaico); nos nossos textos antigos encontra-se a cada passo: *perdõar, perdõ* (< perdonet).

'pero = *spero*. De *sprar*. Vid. s. v.

perro — cão.
Hist. Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 6100.

pertués, -eſa — português, -esa.
Hist. Vid. vol. I, pp. 272–273.

pesar — pesar.
HIST. Lat. pensare > *pesare. Cf. *pensar*.— Ou derivado de *peso*.
peso — peso.
HIST. Lat. pensu- > *pesu > *peso*. Cf. *pesar*.
pessona — pessoa.
HIST. Lat. persona- (142-*h*).
piadoso, -a — piedoso, a.
HIST. Formação analoga á port. *piedoso*, na ling. pop. tambem *piadoso*; como *saudoso, bondoso, cuidoso*.
pide — pede (imperat.). De *pedir*.
HIST. Lat. petere; com mudança de conjugação: *petire (207) > *pedir* (103, 152-*c*).
pido — peço. De *pedir*. Vid. s. v.
piȩ — pé.
HIST.
piȩça — peça.
HIST. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 6101.
piȩdra — pedra.
HIST. Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 6101.
piȩrna — perna.
HIST. Lat. pĕrna- (50).
pior — peor.
HIST. Vid. § 184.
po — por. Só usado antes do artigo definido: *po l*; póde tambem escrever-se *pul*, etc.
Pobo — povo.
HIST. Do port. *povo*, pois popŭlu- teria dado outra fórma: cf. *Proba* no vol. I, p. 97.
poda — possa. De *poder* (279).
podo — posso. De *poder* (279).
poner — pôr.
HIST. Vid. § 280.
ponię̃ — punham. De *poner* (280).
Poniente — Poente, Occidente.
HIST. Lat. ponente- (50).

ponírũ — puseram. De *poner* (280).
pormeter — prometter. Tambem se diz *prometer.*
Hist. Lat. promittere com mudança de conjugação (207) e metathese na syllaba inicial (154).
porquéi — porquê (interrogativo).
Hist. Vid. Grammatica, § 205-*b*.
pọsto — posto. De *poner* (280).
pöuco — pouco.
Hist. Lat. paucu- (69-*a*).
pra — para.
Hist. Vid. Grammatica, p. 446.
praceiro — parceiro, companheiro.
Hist. Lat. partiariu- > **parcieiro* (44) > *parceiro* (*ti* + vog. > *ç*, cf. vol. 1, p. 92) > *praceiro* (154).
prázio — prazo.
Hist. Lat. placitu- > **plázido* (127) > **plad(i)zo* (metathese, cf. *rezar* < **redzare* < recitare) > *prazo* (283) > *prazio* (vol. 1, 308).
prebenido, -a — prevenido, -a.
Hist. De *prebenir* < lat. prae-venire, ou directamente do português, o que julgo mais provavel, onde a palavra é de origem litteraria.
precissöũ — procissão.
Hist. Lat. processione- > **procissöũ* (110-*b*) > *precissöũ,* com troca de *pro-* por *pre-*, o que é frequente na lingoagem popular. Palavra de origem ecclesiastica.
precurar — procurar.
Hist. Provavelmente do português *procurar* < lat. pro-curare. Na nossa lingoagem popular este verbo tem a fórma *prècurar.*
prefundo, -a — profundo, -a. *Prefundas de l anfîęrno.*
Hist. Do port. *profundo* (149-*a*).
prẹgador — pregador.
Hist. praedicatore- > **predegador* (103, 124) > **preegador* (106) > **prègador,* e por

attenuação do *e* aberto, por ser atono, *pregador* (cf. *Revista Lusitana,* I, 245).

pregõũ — pregão.

Hist. Lat. praecone- (124, 110-*b*).

presencia — presença.

Hist. Lat. praesentia- (115).

presente — presente.

Hist. Lat. praesente- (125).

preso — preso.

Hist. Lat. praehensu- > *prensu > *presu- > *preso* (115).

priessa — pressa.

Hist. Vid. vol. I, 450.

proba — prova.

Hist. Subst. verbal de *probar* > lat. prŏbare.

probe — pobre.

Hist. Vid. Grammatica, § 69-*a*.

pruberso, -a — perverso; barbaro, -a. Tambem se diz *purberso*.

Hist. Do port. *perverso,* onde a palavra é de origem litteraria: lat. perversu-. Se a palavra não fosse de origem litteraria, o grupo -rs- não se teria conservado. O *u* explica-se por influencia da labial vizinha (150-*a*).

pruma — penna.

Hist. Lat. pluma- (142-*g*).

prumeiro — primeiro.

Hist. Vid. vol. I, p. 351.

pruparar-se — preparar-se.

Hist. Lat. praeparare = prae-parare > **preparar* (152-*c*) > *pruparar* (150-*a*). Ou o *-p-* não se abrandou em *-b-* (90), por haver consciencia da independencia do segundo elemento da palavra; ou esta veiu por intermedio do português.

pudírũ — puderam. De *poder* (279).

pudo — pôde. De *poder* (279).

puis — pois.

Hist. Vid. Grammatica, p. 449-450.

pumiẹnta — pimenta. Com a expressão «*pumîẹnta i canela que quéimã*» traduzi a expressão camoniana «quente especiaria» (*Lusiadas,* canto V, estância xxix).

Hist. pigmenta- > **pigmenta* (142-*k*) > *pimîẹnta* (50) > *pumîẹnta* (150-*a*).

punto — ponto.

Hist. Lat. pŭnctu-. Ha outros exemplos de *ŭ* seguido de nasal se tornar *u* em mirandês; por exemplo: *nunca, segundo, mundo, funga;* cf. Grammatica, § 190.

purfeito — perfeito.

Hist. Lat. perfectu-, com *u* por *e* (150-*a*).

purmetir — permittir.

Hist. Do português.

purparar — preparar. *Purparar-se de nọbamente,* «refazer-se».

Hist. Do lat. prae-parare, ou directamente do português, onde tambem existe *purparar* e *pruparar,* com *u* por influencia da labial (cf. Grammatica, § 150-*a*).

puſo — pôs (280).

Q

quaije — quasi.

Hist. Vid. Grammatica, p. 452.

quedar — ficar.

Hist. Do thema de *quedo* < lat. *quetu- (103) <> *quietus* + suff. *ar.*

qrer — querer (281).

quejir — quiser (281).

quejisse — quisesse. De *qrer* (281).

quelor — côr.

Hist. Lat. colore- > **color* (122-*c*) > *quelor* (149-*a*).

querga — queira (281).
questume — costume.
Hist. *costume* (vol. 1, p. 280) > *questume* (149-*a*).
quĩẽ — quem.
Hist. Vid. Grammatica, § 204.
quĩębra — quebra. (Verbo ?).
Hist. Lat. crĕpat > *quĕprat (metathese) > *quĩębra* (50).
quĩęr — quer. De *qrer* (281).
quijo — quis (281).

R

raiba — raiva.
Hist. Lat. *rabia <> rabie-.
ralo — raro.
Hist. Lat. raru- > *ralo* (149-*b*).
rapaza — rapariga, menina, donzella.
Hist. De *rapaç*.
rapinheiro, -a — rapace.
Hist. De *rapinha:* vid. vol. 1, p. 463 e nota 2.
rastro — rasto, vestigio.
Hist. Lat. rastru-.
rato — espaço. «*Rato* de tiẽmpo».
Hist. Lat. raptu- (142-*a*).
rebestido — revestido.
recebir (= reçebir) — receber.
Hist. Lat. re-cipere com mudança de conjugação (207). Por haver consciencia da formação do prefixo *re-*, o -ce- tornou-se *ç*, sendo pois considerado como inicial (126).
Hist. De *bestir* < latim vestire, com o prefixo *re-*.
recoincer (= recuĩçér) — reconhecer.
Hist. Propriamente: *re-coincer*.
redadeiro — derradeiro.
Hist. Vid. Grammatica, § 154.

rejestir — resistir.

Hist. Lat. resistere com troca de conjugação (207): *resistire > **resestir* (149-*a*) > *rejistir* (115-Obs. 1).

rejistencia — resistencia.

Hist. Formado do thema de *rejestir*.

relhuzi̊ęnto, -a — reluzente.

Hist. Propriamente: *re-lhuzi̊ęnto*. O elemento *lhuzi̊ęnto* corresponde ao port. *luzente*, porque este adject., de uniforme, se tornou biforme, como *rudo:* o inverso se deu no port. *contente* < > mir. *cuntento* < lat. contentu-.

relica — reliquia.

Hist. Do port. *reliquia,* fórma litteraria: lat. reliquia- (reliquiae).

repǫsta — resposta.

Hist. Lat. re-pŏsita.

respunder — responder.

Hist. Lat. respondere > **responder* (152-*c*) > *respunder* (80).

rezöũ — razão. Pl. *rezones*.

Hist. ratione- > **razöũ* (87-*a*, 110-*b*) > *rezöũ* (149-*a*).

N. B. Em port. arch. *rezão,* por exemplo em Sá de Miranda, *Obras,* ed. de D. Carolina Michaëlis, pp. 172, 190, 197:

Pois contigo a *rezão* val . . .
Abastem as *rezõis* velhas . . .
I sua fraca *rezão*.

Em port. pop. tambem ha *rezão*. — É notavel que o lat. ratione- désse num caso *razão* e noutro *ração,* por dissimilação *reção*. Talvez *ração* corresponda antes a *racione- do que a ratione-, tendo-se já no lat. vulg. *ti* + vog. tornado *ci* + vog. Ou é uma d'essas fórmas semi-popular, e só a outra puramente popular?

riba — cima. *Ã riba de,* «em cima de».
 Hist. Lat. r ī p a -, (90).
romaige — romagem, romaria.
 Hist. A base etymologica é *Roma,* tanto do mirandês como do português; com ella se relaciona tambem o português moderno *romeiro* = *rom-eiro* e o port. ant. *romeu* = *rom-eu* <> gr. Ῥωμαῖος (cf. *Judeu*). — Suff. *-aige* <> port. *-agem.*
rofa — rosa.
 Hist. Lat. r o s a - (115).
rostrico (= rustrícu) — rostinho. Deminutivo de *rostro.*
rostro — rosto.
 Hist. Lat. r o s t r u -.
rõubar — roubar.
 Hist. Germ. (alto-all. ant.) *r o u b ô n,* em all. mod. *rauben,* — com a terminação romanica -ARE.
rõuco — rouco.
 Hist. Lat. r a u c u - (69-*a*).
rudo, -a — rude.
 Hist. Lat. r u d e - tornado biforme (cf. *relhuzięnto*). É provavel que a mudança de terminação se désse já no latim vulgar da Iberia: cf. hesp. *rudo,* e tambem português archaico, e ainda popular, *rudo.*
rufiõũ — rufião. No pl. *rufiones.*
 Hist. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.,* § 7016.
rugaço — regaço.
 Hist. Cf. port. *regaço,* hesp. *regazo.* — O mirandês tem *rug-,* por influencia talvez de outras palavras começadas pelas lettras *rog-* (*rug-*), como *rogar.*
rũi — ruim. Esta palavra pronuncia-se como no Minho, em um monosyllabo (ás vezes mesmo em mirandês *rǫĩ*).
 Hist. Explica-se geralmente esta palavra pelo lat. r u i n a . — Port. ant. *roim.*

S

saba — saiba. De *saber* (283).
sacraficio — sacrificio.
Hist. Do port. *sacrificio,* que tambem tem fórma popular *sacraficio*. A mudança de *i* em *a* explica-se por influencia do *a* de *sacramento, sacratissimo*. Palavra de origem litteraria: latim sacrificium.
sal — sae. De *salir* (216-Obs. 4).
salbar — salvar.
Hist. Lat. salvare (152-*c,* 101).
salbaige — selvagem.
Hist. <> port. *selvagem,* pop. *salvage* (ant. *salvagem*), hesp. *salvaje,* ital. *salvatico*. Do lat. silvaticus, com troca do suff. -aticus por *-agem*.
salir — sair.
Hist. Lat. salire (152-*c*).
sangre (masc.) — sangue.
Hist. Lat. sanguine > **sangne* > *sangre;* hesp. mod. *sangre*. Cf. hesp. ant. *sangne* no *Fuero d'Avilés,* ed. de Fernandez Guerra, p. 178; e o português *sangrar, sangrador, sangria, sangrento*.
sano — são.
Hist. Lat. sanu-.
sarta — conta (de vidro, etc.); «um roſairo de *sartas* de bidro», «ũŋa bǫlta de *sartas*» (um collar de contas).
Hist. Em hespanhol tambem existe *sarta* na significação de «serie de cosas metidas por orden en un hilo, cuerda, etc.» (*Diccionario* da Academia, s. v.).—Em astur. ha *sates,* que significa «sarta, y sartas» (Argüelles, *Vocabulario,* s. v.).—Em port. ha *sarta* como termo nautico, enxarcia.—

Diez, no *Etym. Wb.*, II, s. v., explica o hesp. *sarta* pelo lat. serta.

scapar — escapar.

HIST. Lat. *ex-cappare (152-*c*). Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 2894.

scolher — escolher.

HIST. Lat. ex-colligere, com mudança de conjugação (207).

screbir — escrever.

HIST. Lat. scribĕre com mudança de conjugação (207).

scuitar — escutar.

HIST. Lat. auscultare > lat. vulg. ascultare > *ascuitar* (142-*g*) > *scuitar* (152-*a*). — Entre *ascuitar* e *scuitar* póde admittir-se ainda a fórma intermédia *escuitar*. Tanto esta como *ascuitar* se encontram em textos portugueses archaicos; exemplo de *escuitar:* em Sá de Miranda, *Obras*, edição de D. Carolina Michaëlis, pp. 909–910; exemplo de *ascuitar:* «vus faç' aver de m' *ascuitar*» (*Cancioneiro da Ajuda*, p. 50, v. 27); no Codice Alcobacense da Bibliotheca Nacional, n.º 328 (*Regra de S. Bento*), no princípio, *ascuytar*. Cf. *ascoytar* no *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, p. 13, n.º 15.

scunder — esconder.

HIST. Lat. abscondere > *asconder* > *esconder* > *sconder* > *scunder* (cf. *scuitar*). A fórma *asconder* está representada pelo português archaico; ex.: *asconderſe* no Codice Alcobacense n.º 244, fl. 75, v.; *ascondudamente* nos *Ineditos d'Alcobaça*, I, 149; «por me vus *asconder*» no *Cancioneiro da Ajuda*, p. 568, v. 22. A syllaba atona inicial *-as* passou a *es-*, e d'esta phase a *s-*, como em *scuitar;* cf. tambem mir. *sturiano* < *esturiano* < *asturiano*, e o port. arch. *Estorga* < *Astorga* < Astŭrica.

scuro — escuro.

Hist. Lat. obscūru- > **oscuro* (150-*bis*) > *escuro* > *scuro*. A fórma *oscuro* está representada pela ital. e pela hesp. ant. *oscuro;* a fórma *escuro* pela hesp. mod. e pela port. *escuro* (nesta última lingoa porém *es-* soa como *is-*).

seia — seja. Do verbo *ser* (261).

séiades — sejaes. Do verbo *ser* (261).

selombra — sombra.

Hist. Propriamente lat. su(b) (il)la- umbra- > *solombra* (cf. hesp.) > *selombra* (149-*a*).— O port. *sombra,* arch. *soombra,* está tambem por **solombra* = **so l' ombra.* O Sr. Candido de Figueiredo, no *Novo Dicc. da ling. port.,* deduz *sombra* de umbra; o *s* inicial ficou-lhe porém no tinteiro, por isso que o não explica.

selumbrìu, -ìȩ, e *selòmbrìu, -ìȩ* — sombrio. A fórma *selumbrìu,* com *-um-,* é mais geral que a com *-om-*.

Hist. Deriv. de *selombra* com o suff. *-ìu* < *-io.*

sȩmbrar — semear.

Hist. Vid. vol. p. 280.

senó — senão.

Hist. Vid. Grammatica, p. 453.

sȩntìȩ — sentia.

Hist. Lat. sentire > (152-*c*, 76).

serbicio — serviço.

Hist. Lat. servitium.

seſudo — sisudo.

Hist. Lat. *sensūtu- > *sesūtu-, do thema de sensus, com o suff. -ūtus, que se encontra, por exemplo, no port. *narigudo, carnudo, telhudo,* etc. Cf. port. arch. *sesudo,* por exemplo em Sá de Miranda, *Obras,* ed. de D. Carolina Michaëlis, pp. 161 e 169:

> Sofre, que sofre o *sesudo*...
> Falou-te como *sesudo.*

Este vocabulo conserva-se ainda hoje como substantivo na lingoa popular («jogar o *sesudo*»). Em hesp. *sesudo*. Deduzo o mir. *sefudo* directamente do latim, porque o substantivo mirandês correspondente á fórma primitiva é *sifo*, onde não ha *e;* em hesp. é que se diz *seso;* no *Cancioneiro da Ajuda* tambem por vezes se encontra *seso*, mas será hespanholismo.

sforçado (= sfu̯rçado) — esforçado.
  Hist. Deriv. de *força*.

sĩ — sem.
  Hist. Vid. vol. I, p. 447.

sîẹmpre — sempre, em verdade, effectivamente.
  Hist. Vid. vol. I, p. 449.

sîẹte — sete (189).

sinhor — senhor.
  Hist. Lat. s e n i o r e - (87-*a*).

sinhora — senhora.
  Hist. Masc. de *sinhor* < lat. s e n i o r e.

smerar-se — esmerar-se.
  Hist. Lat. *e x - m e r a r e: Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 2963.

sodes — sois (261).

sofrir — soffrer.
  Hist. Vid. Grammatica, § 207.

sọla — sola.
  Hist. Cf. hesp. *suela*. Comquanto haja em latim s ŏ l e a, que póde comparar-se com esta palavra pela significação, não está ahi directamente a origem da palavra mirandesa, nem da hespanhola e portuguesa correspondentes, porque *-lĕa* daria nestes idiomas *-lha*, e não *-la*. Só uma fórma como *s ŏ l a podia explicar a palavras hespanhola e a mirandesa; a palavra port. *sola* veiu talvez do hespanhol, o que creio aconteceu a *chinela*, palavra que, quanto ao sentido, se aparenta com *sola*.

solico (= sulico) — sòzinho.

Hist. Deminutivo de *solo*.

solo — só (adjectivo e adverbio), sòmente. — Tambem se usa *só* em mir. no sentido de «sòmente»; é portuguesismo.

Hist. Lat. s o l u.

sonho — sonho.

Hist. Lat. s ŏ m n i u - (58 e p. 280).

sorte — sorte.

Hist. Lat. s ŏ r t e - (58).

sossegado — sossegado. Vid. *assossegado*. — A palavra port. *sossegado* deve tambem escrever-se com *ss*, e não com *c*, como erradamente escreve quasi toda a gente.

Hist. Lat. *s e s s i c a r e, √s e s s u s. O port. arch. *sessegar* representa a fórma intermedia entre o latim e o mirandês (e português moderno); na producção da fórma *sossegar* influiu o suff. s u b. — Vid. s. v. *assossegar*.

söu — seu.

Hist. Vid. Grammatica, § 65.

söũ — som.

Hist. Do port. *som*.

söũ — são [verbo] (261).

söubírũ — souberam. De *saber* (283).

söubo — soube [3.ª pess.] (283).

spada — espada.

Hist. Lat. s p a t h a = s p a t a (103).

spadagaço — espadagada, cutilada.

Hist. Vid. vol. 1, p. 458.

spalhar — espalhar.

Hist. Lat. *e x - p a l e a r e (152-*c*, 87-*a*), ou do thema de *palha*.

spantar — espantar.

Hist. Lat. *e x - p a v e n t a r e > *s p a u e n t a r < *spantar*. — «Dizem os Portugueses *espantar*, os Italianos *espaventar*, os Franceses *espouvan-*

ter, que todos vaõ a hum»: Duarte Nunes do Lião, *Origem da lingua portuguesa,* Lisboa 1606, p. 89.

spedaçar — despedaçar.

Hist. Do thema de *pedaço.*

spõ — suppõe. Do verbo *sponer.*

Hist. Cf. Grammatica, § 216-Obs. 4.ª — O português archaico offerece phenomenos semelhantes: assim no *Cancioneiro da Ajuda,* lê-se, p. 27, v. 3, «si Deus me *perdon*» (= *perdonet).

sponer — suppor. — Flexão: *spongo,* etc.

Hist. Lat. supponere > *s(u)poner* (cf. no Entre-Douro-e-Minho *stafeira* = sexta-feira).

spoſa — esposa.

Hist. Lat. sponsa- > sposa- > *spoſa* (115).

sprancia — esperança.

Hist. Lat. *sperantia-.

sprar — esperar. Vid. s. v. *asprar.*

sprencia — experiencia.

Hist. Lat. experientia- (vol. I, p. 448, e Grammatica, § 152-*b*).

squadrõũ — esquadrão.

Hist. Lat. *exquadrone-; cf. ital. *squadrone,* fr. *escadron,* port. *esquadrão*: √quadrum.

squecido, -a — esquecido, -a.

Hist. Partic. de *esquecer* < lat. ex-cadescere. A fórma intermédia está representada pela portuguesa archaica *escaecer* (e *escaescer*): vid. *Elucidario,* s. v.; *Cancioneiro da Ajuda,* p. 93, v. 13, etc.

squecimento — esquecimento.

Hist. Do thema de *squecer* + suff. *-mento,* variante de *-miento* (50-Obs. 4.ª).

stã — estão. De *star* (270).

stablecer — estabelecer.

Hist. Do português.

stado — estado.
Hist. Lat. statu- (103).
stamago — estomago.
Hist. Da fórma pop. port. *stamago* (*istamago*).
star — estar.
Hist. Lat. stare (152-*c*).
stender — estender.
Hist. Lat. extendere, com mudança de conjugação (207).
stilo — estylo, modo de fallar.
Hist. Do port. *estylo,* fórma litteraria: lat. stylus.
stimar — estimar.
Hist. Do lat. aestimare (152-*c,* 73), ou do português, onde a palavra é litteraria ou semi-litteraria; a fórma portuguesa genuinamente popular é a arch. *esmar,* que existe a par de *osmar.*
stlondro e *strondo* — estrondo.
Hist. Cf. *atelondrar.*
stordinairo e *sturdinairo* — extraordinario.
Hist. Do port. *extraordinario,* com dissimilação de *r — r* (149-*b*), e metathese da terminação (154).
stöu — estou. De *star* (270).
stranho, -a — estranho, -a.
Hist. Lat. *extraneu- (87-*a*).
streilha — estrella.
Hist. Lat. stella (141-*a,* e vol. 1, p. 305).
stubo — esteve (270).
stúdio — estudo.
Hist. Lat. studiu-.
subre — sobre.
Hist. Vid. vol. 1, p. 447.
subressaltado — sobresaltado, torvo.
Hist. Propriamente: *sobre-saltar; saltar* < lat. saltare.
sùę — sua.
Hist. Vid. Grammatica, § 206.

suidade — saudade.

Hist. Do port. *soidade* < *so(l)idade < lat. solitate-. Á cêrca de *ui* <> *oi* vid. Grammatica, § 59.

suldado — soldado.

Hist. Lat. *solidatu- > *soldado*.

sumbrante — semblante, gesto (no sentido archaico).

Hist. Lat. simulante- ou similante- > **sem'lante* > **sembrante* (vol. I, p. 285) > *sumbrante* (150-*a*).

sumbrar. Vid. *se̥mbrar*.

s̥ustęntar — sustentar.

Hist. Lat. sustentare (152-*c*).

T

tã — tão.

Hist. Como o port. *tão*, sobre o qual vid. Grammatica, § 97-Obs. 2.

tamiẽ̯ — tambem.

Hist. Vid. vol. I, p. 452. — Em dialectos hespanhoes igualmente se usa *tamién* (Mugica, *Dialectos castellanos*, pp. 13, 54).

Teijo — Tejo.

Hist. Do português.

teimoſo — teimoso.

Hist. Do thema de *teima* + suff. *-oſo* (Grammatica, p. 459).

telincar — tlintar (tilintar).

Hist. Vid. vol. I, p. 461.

tembrar — tremer.

Hist. Vid. Grammatica, § 142-*g*. Cf. na Bizcaia *tremblar* (Mugica, *Dialectos castellanos*, p. 51).

temible — temivel.

Hist. Do português.

t̥empestade — tempestade.

Hist. Lat. tempestate- (103).

tener — ter (258).
téngades — tenhaes. De *tener* (258–259).
tengo — tenho (258).
tenhir — tingir. Flexão: *tinhe*.
Hist. Vid. vol. I, p. 282.
tenìe̯ — tinha. Do *tener* (258-259).
terrible — terrivel.
Hist. Do lat. terribile- ou do português.
Tetuã — Tetuão.
Hist. Palavra aqui empregada, por fidelidade da traducção, pois ella é desconhecida em Miranda; adòtei esta fórma por analogia com a hespanhola *Tetuán*, que no presente caso póde servir-nos de guia.
tie̜mpo — tempo.
Hist. Lat. tĕmpu- (50).
tie̜rra — terra.
Hist. Lat. tĕrra- (50).
tinhe — tinge. Do verbo *tinhir*.
todo — tudo.
Hist. Lat. totu- (103).
tódolos, -as — todos os, todas as.
Hist. Por *todos los, todas las*. Assimilação de *-s* a *l-*, seguida de absorpção (cf. 150-*bis*).
töu — teu.
Hist. Vid. Grammatica, § 206.
töuça — mata, mato, matagal.
Hist. No onomastico português ha *Touça* (aldeia); em gall. ha *touza*, pouco mais ou menos no sentido mirandês; em hesp. *toza*, «pedaço de corteza del pino y otros arboles», e *tozal*, «lugar alto y eminente» (*Diccionario* de Barcia).
töuro — touro.
Hist. Lat. tauru- (69-*a*).
trái — traz (284).
traìe̯ — trazia. De *traier* (284).
traier — trazer (284).

traige — trage, trajo.

HIST. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 8300.

tráio — trago. De *traier* (284).

trebo — favo de mel.

HIST. Em mirandês é usual a expressão: *doce como ũỹa faba de mięl* (mais vulgar que *doce como ũ trebo de mięl*). A palavra *faba* talvez seja de origem portuguesa, de *favo:* por etymologia popular (155-2).

treidor — traidor.

HIST. Lat. traditore- > *traidor* (103, 106) > *treidor* (84).

tremięnta — tormenta.

HIST. Lat. tormenta > * *tromięnta* (50) > *tremięnta,* onde *tro-* se mudou em *tre-,* por influencia de *tremer:* cf. na lingoagem popular da Extremadura *atremizado,* deformação da palavra litteraria *atemorizado.*

tremięnto — tormento.

HIST. Lat. tormentum. Vid. *tremięnta.*

treminar — determinar.

HIST. Vid. vol. I, p. 462.

truxe — trouxe (1.ª pess.). De *traier* (284).

truxo — trouxe (3.ª pess.). De *traier* (284).

tube — tive. De *tener* (258).

tubo — teve (258).

trumpeta — trombeta.

HIST. Por *trompeta* (80); cf. fr. *trompette,* port. *trombeta,* etc. Sobre todas estas fórmas vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 8381.

U

u — ou.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 295-*a*.

ũỹa — uma.

HIST. Vid. GRAMMATICA, §§ 200 e 202.

unrado — honrado.

HIST. Lat. honoratu- > *onrado* (103) > *unrado* (80). A fórma *onrado* está representada no português *honrado*.

uſar — usar.

HIST. Do thema de *uſo* + suff. *-ar*.

X

xordo, -a — surdo, -a.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 114-OBS. 1.

Y

yá — já.

HIST. Vid. vol. 1, p. 449.

yẹ — é (261).

yẹrba — herva.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 51-*d*.

yöu — eu.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 193.

APPENDICES

APPENDICE I

Documentos antigos que se referem á Terra-de-Miranda

Os originaes de todos os documentos seguintes estão em Lisboa, no nosso Archivo Nacional. Publico-os aqui, por servirem de illustração ao que escrevi em varios lugares d'estes *Estudos,* sobretudo quando me occupei do onomastico mirandês, no vol. I, p. 61 sqq.

Foi o Sr. Pedro A. de Azevedo, official da Torre do Tombo e actualmente professor do Curso Superior de Bibliothecario-archivista, quem não só m'os descobriu, mas teve alem d'isso o incómmodo de m'os copiar, o que lhes assegura a authenticidade, visto que elle aos conhecimentos historicos que possue, e de que, sem nenhum alarde, e com a maior modestia, faz constantemente liberalidade a todos os que frequentam a Torre do Tombo, reune o merito de ser excellente paleographo.

---

1. *Ao moesteiro de Moreirola doaçam do Regemgo que se chama Infanys e Costamtino acerca de Surraga em termo de Miramda etc. com encarrego de huũ aniversairo em cada huũ anno.*

In dei nomine hec est carta donacionis et perpetue firmitudinis quam iussi fieri Ego Sancius dei grácia

Portugalensis Rex una cum filio meo Rege dono Alfonso et vxore eius Regina dona Vrraca et ceteris filijs et filiabus meis vobis dono Herberto Abbati de Moreirola[1] de illo nostro regalengo quod vocatur Infaneis[2] cum *Cōstantino*[3] iuxta Surraga et sunt in termino de Miranda: Damus igitur uobis et Monasterio uestro predicta loca que sunt in nostro Regalengo cum omnibus que in eis ad ius nostrum pertinent et concedimus uobis et cunctis successoribus uestris ut eā habeatis atque possideatis absque omni callumnia et contradicione iure hereditario in perpetuū. Insuper do uobis .C. aureos in helemosinam pro remedio anime méé ad hedificandum supradictum locum scilicet Ifaneis cum Constantino. Quicumque igitur hoc nostrum factum integrum obseruauerit sit benedictus a deo. Amē. Facta fuit hec carta apud Sanctam Herenam. Mense Januario. E.ª M.ª CC.ª R.ª viiij.ª (Era de 1249). Nos Reges qui hanc cartam fieri precepimus coram subscriptis testibus eam roborauimus et in ea hec signa fecimus. Qui affuerunt Donus Gonsaluus Mendiz maiordomus curie conf. Donus Martinus Fernandiz signifer domini Regis conf. Donus Martinus Petriz conf. Donus Gil Valasquiz conf. Valascus Martini dapifer domini Regis conf. Petrus bracarensis electus conf. Martinus Egitaniensis conf. Petrus colimbriensis conf. Suerius vlixbonensis electus conf. Suarius Elborensis conf. Julianus cancelarius curie. Ego frater Herbertus Abbas de Morerola una cum conuento nostro promitto singulis annis fieri aniversariū pro anima doni Sancij piissimi Regis Portugalie scilicet post obitum[4].

---

1 = Moreruela (provincia de Zamora).
2 = Ifánez.
3 = Constantim.
4 Livro 2.º de *Doações* de D. Affonso III, fl. 15 e Livro 2.º de *Alem-Douro*, fl. 157.

2. *A Pero Memdez cavaleiro doaçam do Regemgo de Miranda de Senhorio de Hulgoso .s. Atenor e Palaciola com tall condiçam, etc.*

In dei nomine et eius gracia. Noscant omnes homines qui hanc cartam audierint legere quod ego Alffonsus Rex Portugalensis una cum filio meo Rege Sancio et filia mea Regina Tharasia facio uobis nostro militi Petrus Menendiz et cognominatus Tyu karta donacionis et firmitudinis de nostro regalengo quod habemus in terra de Miranda[1] sub dominio de Ilgoso[2] scilicet Atenor et Palaciola[3] cum omnibus suis terminis sed sciendum quod omnes homines cultores debent morari in Atenor et etiam in utraque laborare. Et concedimus tibi ut ubicumque volueritis ponere uillas uestras et sedes uestras construatis preter autarium de Palaciolo et caput de ipso auctario non populetur. Damus et concedimus uobis ipsum supradictum reganengum (*sic*) quomodo superius diximus cum omnibus suis terminis pro bono seruicio quod semper de uobis recepimus et adhuc recipiamus (*sic*). Igitur ab hac die in antea habeatis uos ipsum supradictum Reganengum cum omnibus terminis uos et quoscumque uolueritis et faciatis de eo quicquid uobis placuerit in perpetuum. Facta karta donacionis et firmitudinis mense Julio. Era M.ª CC.ª R.ª (Era de 1240)[4]. Ego Alfonsus Rex Portuga-

---

1 O livro original diz de baixo do riscado: *Bragancia.* No livro da Leitura nova escreveram: *Miranda.*

2 = Algoso.

3 = Palaçoulo.

4 No livro de *Doações* vem o *x* (ou R) aspado que representa 40. Reduzindo ao anno christão a era de 1240, fica 1202, anno em que reinava D. Sancho I; tendo nós com isto de acceitar que houve um engano da parte do escrivão, que assentou o *x* aspado em vez do *x* simples. Lendo a era 1210 (anno de Christo 1172) tudo se harmoniza. Cf. João Pedro Ribeiro, *Diss. Chron.*, III, 202. (Nota do Sr. Pedro A. de Azevedo).

lensis una cum filio meo rege Sancio et filia mea regina Tarasia hanc kartam roboramus et concedimus tempore quo comes Ualascus erat meus maiordomus et Petrus Fernãdi maiordomus regis Sancij et Petrus Presbyter Feisaj (*sic*) meus scribanus coram bonis hominibus hoc signum facio. Petrus Odorij testis. Suarius Diaz Testis. Martinus Suaris (*sic*) Testis[1].

3. [*Extracto das Inquirições de D. Affonso III* (*sec.* XIII)].

«Incipit Judicatum de Vlgoso[2] que est in terra de Miranda. x.ª die decenbris»[3].

. . . .

«Petrus Cortes de Ulgoso iuratus et interrogatus dixit quod scit quod Ulgoso et totam terram de Miranda fuit domini Regis et scit quod Pena Roya fuit domini Regis sicut diuidit cum Legione per antas[4] qui stant ultra Crasto de Latronis. ergo uillas de Malada etc.»[5].

. . . .

Didacus Didaci de Villa Plana de Barceosa iuratus e interrogatus dixit quod scit quod tota terra de Miranda fuit regalenga domini Regis sicut diuidit per Petram de Sandeu que stat in diuisio Regnj Port. et Legion. ultra uillam de Castro de Latronis et scit quod totas rendas de Miranda dabant domino Regi et modo non habent rendas de ipsa terra propter milites et ordines qui tenent totam terram de Miranda. Interrogatas unde ipsi

---

1 Livro 2.º de *Doações* de D. Affonso III, fl. 15 *v* e Livro 2.º de *Alem-Douro*, fl. 157.

2 = Algoso.

3 Livro 2.º de *Inquirições* de D. Affonso III, fl. 106 *v* e sqq.

4 *Antas* são monumentos sepulcraes dos tempos prehistoricos. Esta designação ainda hoje se usa no Alemtejo. Vid. as minhas *Religiões da Lusitania*, I, 252.

5 *Id.*, fl. 106 *v*.

milites et ipse Ordines habuerunt ipsam terram dixit quod nesciebat et scit quod Petrus Saluatoriz arciprestes de ipsa terra populavit uillam de Biberes[1] in diebus Regis dõni. S. fratris istius et ipsa villa stat in termino de Miranda. Et ipse Arciprestes dedit eam in commenda dõno Petro Poncij de Leon et modo tenent ipsam villam filij supradicti dõni P. Poncij et nichil inde habet dominus Rex et scit quod villa de Vime(o)so fuit domini Regis et scit quod dõnus Ffernandus Fernandi populauit villam de Viminoso in tempore Regis dõnj S. ffratris istius et ipse donus Ffernandus Fernandi dedit eam donno Petro Poncij de Leõ et modo filij et vxor ipsius dõnj Petri Poncij tenent ipsam villam et nichil inde habet donus Rex et scit quod Rodericus Pelagij et Ffernandus Pelagij milites populauerunt villam de Sancto Johane in Miranda in diebus istius Regis et nõ faciunt inde forum domino Regi et dixit quod scit quod Monasterium de Moreyrola inpetrauit et comparauit villam de Angueyra de filijs de dõno Telo in tempore istius Regis et non facit inde forum dõno Regi. et scit quod Monasterium de Sancto Martino de Castineyra que est in Legione populauit uillam sancti Martinj de Riparia[2] in terra de Miranda in tempore istius Regis et non facit inde forum domino Regi. et scit quod Rex dõnus .S. senex dedit uillam de Maladas dõno Nuno de Zamora et dõno Petro Poncij et donno Michaeli et dõno Andree et dõno Saluatorj per tale pactum quod si ueniret cercum ad uillam de Bragancia quod ipsi intrarent ibi et quod defenderent eam; et post ea uenit en (*sic*) cercum ad ipsam villam e nõ intrarunt ibi nec defenderunt eam. et modo filij de dono Nuno et Monasterium de Moreyrola habent ipsam villam et nichil inde habet dominus Rex. Interrogatus unde habuit eam

---

1 = Campo de Viboras.
2 = S. Martinho da Ribeira. Vid. o vol. 1, p. 38, nota.

predictum Monasterium dixit quod audiuit dicere hominibus qui sciebant quod supradicti quibus Rex dederat eam ad supradictum pactum dederant eam supradicto Monasterio et non faciunt inde forum. et scit quod donus Nunus[1] populauit Crasto de Latronis citra Petra de Sandeus in terra de Miranda in termino Port. et modo tenent ipsam villam filij predicti donnj Nuni et nichil inde habet donus Rex. et nec ipsi obediunt sibi de ea. et scit quod Ifanes[2] fuit dominj Regis et populauit eam donus Fernandus Fernandj quando tenebat terram donj Regis et leixauit eam monasterio de Moreirola in diebus Regis doni .S. fratris istius et non faciunt inde forum dono Regi. et scit quod fratres de Moreyrola populauerunt villam de Costantj̃[3] in Miranda in diebus istius Regis et non faciunt inde ei forum.

Saluator Bonus de Cerceo iuratus et interrogatus dixit sicut Didacus Didaci.

Stephanus Exeminis de Villa Chana de Barceosa..... etc.[4]

«Petrus Maurus de Maladas iuratus et interrogatus dixit quod scit quod tota terra de Miranda fuit regalenga regis et scit quod milites domini Regis stabant in Ulgoso de manu Regis et ipsi milites leuabant omnes rendas et montadigos de terra de Miranda pro ad dominum Regem..... etc.»[5].

«..... scit quod diuisio Regni Port. erat per Petram de Sandeus..... villa de Crasto de Latronis stat in Regno Legion.....»[6].

---

1 O mesmo que teve Malhadas.
2 Ifanez já nos apparece no tempo de D. Sancho I.
3 Constantim já nos apparece no tempo de D. Sancho I.
4 *Id.*, fl. 108 *v.*
5 *Id.*, fl. 109 *v.*
6 *Id.*, fl. 109 *v.*

4. *Carta de foro duũ logar que chamã Villar en Terra de Mirãda que e chamado Lagõaça*[1].

Dom Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue a todos quantos esta carta vyrẽ ffaço a ssaber que eu dou a .xiiij. Pobradores o meu villar que he ẽ terra de Mirãda que he chamado Lagoaça que o pobrẽ áá tal preyto que façã foro e vezinhãça. assy como he conteudo eno foro de Mogodoyro e doulhys por termho como parte pela carreyra que vay per o Freyxeo[2] e des y como parte pelo termho do Freyxeo apróó dereitamente como feryr vay ẽ Doyro e des y como parte per Doyro a festo e vay ferir eno termho de Bruçóó e como parte cono[3] termho de Braçóó (*sic*) e como sse vay dereitamente áá cabeça do Forno Telheyro e daly como sse uẽ dereytamente áá estante que sta a so a sculca e des y como sse uay áá Carualheyra grande que esta na carreyra da esculca que sse parte da de Bruçóó e des y como sse vay ao Porto de Maçééinhas que esta ẽna carreyra que vay pera Freyxeo. E essa Rybeyra de Maçééinhas nõ fazerem prado coutado nẽhuũ. Mays deuẽ a ffazer Moynhos de suũ conos de Lagoaça os da Esculca e os da Esculca conos da Lagoaça e pacerẽ e mõtarẽ e cortarẽ todos de consuum saluo seus prados anaes e sas façeyras. En testemõyo da qual cousa dey a eles esta mha carta. Dãte ẽ Lixbõa .xxvj. dias dabril. ElRey o mãdou pelo chãceler. Durã Perez a fez. Era M.ª e CCC.ª xxiiij.ª (1324)[4].

1 *Lagõaça:* contemporaneo.

2 Isto é, *Fréixeo,* ou talvez *Fréixẽo,* < lat. fráxinu-.

3 «Com o». Por *cõ lo,* tendo-se o *l* assimilado á nasal precedente, como em *eno* = *ẽ lo,* hoje «no».

4 Chancellaria de D. Dinis, liv. 1.º de *Doações,* fl. 166.

5. *Carta per que El Rey fez merçee aos moradores e vizinhos do Cõcelho de Mirãda. e per que os Caualeiros dEspada Çinta seiã seus uassalos e que aiã seus marauidis e outrossi como todos os vizinhos da dita vila seiã esscusados de todo foro Real.*

(E)no nome de deus Amẽ. Sabham quantos esta carta virem como Eu dom Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue. Querendo fazer bem e mercee aos moradores e vjzinhos e ao Concelho da mha vila de Miranda. Outorgo e tenho por bẽ. que os Caualeiros dEspada Cinta vjzinhos que moraren per seus corpos ena vila de Miranda sem outro engano cõ casas pobradas en essa vila seiã. meus vasalos e aiã meus marauidis e que tenhã Caualos e armas cõ que me seruhã e que nõ dem luitosa nẽ na leue eu deles. E outrossi outorgo e tenho por bẽ que todos aquelles que morarem na dita vila de Miranda cõ seus corpos sen outro engano cõ sas pobradas seiã escusados de todo foro real que soyam a dar e fora posto de darem e de pagarẽ per rrazõ da pobrança desa vila. saluo uoz e coomha que a pague o que fezer porque. E outrossi outorgo e tenho por bẽ. que a dita vila de Miranda seia senpre mjnha e que a tenha a mha maão. eu e os Reis que depos mjn ueeren e que a nõ de a nẽguũ en prestamo nẽ en doaçõ e que as Igreias dessa vila e de seu termho feitas e por fazer seiã mjnhas e que eu ffaça bẽ e merçee aos Clerigos dignos naturaes moradores desse logar. E outrossi lhis outorgo que os vizĩos moradores dessa villa. nõ dem portagẽ en todos meus Reinos. En testemunho desta cousa dey aos moradores e aos vizjnhos e ao Concelho de Miranda esta carta seelada do meu seelo do chũbo pendente. Dada en Miranda. vijnte sete dias de Setenbro. ElRey o mãdou Lourenço Affonso a ffez. Era M.ª CCC.ª e trijnta cinque anos (Era de 1335)[1].

---

[1] Chancellaria de D. Dinis, liv. 3.º de *Doações*, fl. 1.

6. [*Inquirições que Fernão de Pina tirou em Miranda, para se lhe dar novo foral (o de 1510)*].

A vynte oyto dias doutubro de b^c bj (1506) na quamara da villa de Mirãda perante Joane Anes e Afonso Roiz Jujzes e Joã Vara e Joã Pirez vereadores e Martym Pirez procurador hofyciaes da dita villa e Luys Nunez prioll da dita villa e Aluaro Manhoz e Aluaro Mendez e Aluaro Fereira e Martym Vara e Afonso Barata e Giralldo Pirez homẽs boõs da camara e Regimento da dita villa. Per Fernã de Pina caualeiro da casa delrrej nosso Sñor lhe foy dado e mostrado huũ mãdado atras esprito e lhe foy dado Juramẽto pello dito Fernã de Pina ẽ forma etc. aos quaes foy mostrado ho forall da dita villa e preguũtado pellos foros e cousas conteudas ẽ elle sẽdo yso mesmo Lourenço Pimẽtell alquaide presente ẽ nome de Aluaro Pirez[1].

it. primeiramente preguntados se faziã deferença de quinze e vynte e vynte coatro solldos seguũdo forma do forall diserõ primeiramente que aos moradores da villa de dẽtro da çerqua nõ paguã nenhuũ foro asy dos beẽs que tẽ na dita villa como nos do termo segundo forma de seu priuillegio o qual tem e vy cõfirmado per elRey e tambẽ da sisa aa villa.

it. disserõ que na villa nẽ no termo nõ avya nenhũa deferença na pagua dos soldos porque todos os moradores do termo da dita villa paguã nos termos do dito forall trinta e seys reaes por ano nas ditas duas paguas .s. a dezoyto por pagua e ysto per Respeyto dos vynte soldos que se mãdam pagar pello dito forall.

it. preguntados se avya aqui memorja quaes fosẽ as villas velhas de que se avyam de pagar os vynte e coatro soldos diserõ que o nõ sabyã em certo nẽ se vsaua ja soomente todos pagauã por huũa cousa a contia.

---

1 De Tavora.

putados peras cousas da camara E asy estando hy todos Juntos eu sobredito Memdafonso de Resemde lhes amostrey a proujsão que trazia dell Rey noso senhor pera me darem conta da demarcaçã desta vjla E semdo per elles vista a dita proujsão lhes pergumtey loguo se esta vjla partyá cõ Castella e cõ que lugares partia e se per o lugar cõ que partia estava o termo bem demarcado per marcos e malhões dyuisões per que conste o termo está demarcado sem duujda diserão que ho termo desta vjlla partya cõ os lugares de Castella sygintes[1] .s. primeiramente parte cõ a vjla de Fermoselha que esta ao lõgo do Doyro abaixo desta vjlla pello Doyro abaixo a quall vjla he do bispo de Camora camara do bispado e Jurdiçã e tudo. A quall vjlla estamdo ẽ esta vjlla cõ ho Rostro pera õde ora nace o soll fyqua Fermoselha casy nas costas que he abaixo desta vjlla e que des esa vjlla ao Doyro aõde pello dito Ryo se partem os termos ãbos .s. desta vjla cõ ho de Fermoselha ha quatro legoas e do dyto Ryo do Doyro que he aRaia a vjla de Fermoselha ha dous tercos de legoa e que começa esta vjlla a partyr cõ ho termo de Fermoselha pello Ryo do Doyro em o lugar õde entra no Doyro hũ Rybeiro que se chama o Redõdall o quall Rybeiro está entre o termo desta vjlla e o de Allgoso e dahy pera cyma vẽ partymdo os termos per o meo e fyo dagoa do Ryo do Doyro o termo desta vjlla cõ termo de Fermoselha legoa e mea e se acaba de partyr o termo entre hũas alldeas que estã em Castella que chamã Fornilho e Mamoles[2] e vão ao lõgo do Doyro dapar dallem. E acabado de partir cõ termo de Fermoselha vem logo partymdo esta vjla seu termo dahy pello Doiro acyma cõ termo da cydade de Ca-

[1] *Á margem por outra mão:* «Começa a partir Miranda com Castella ao longo do Douro de Fermoselha que he de Castella pello ribeiro do Redondal .s. de frõte delle».

[2] *Á margem:* «Fornilho e Mamoles, aldeas de Castella».

mora[1] a quall cidade de Camora está do Ryo do Doiro dõde esta vjla parte cõ Castella per elle ha dez legoas. A quall cidade de Camora he cydade Realenga e de Sua Magestade e cercada e forte e gramde e esta per syma (*sic*) desta vjlla[2] hũ pouco ao nacente do soll e vay partymdo esta vjla seu termo pello Rio do Doyro acyma per o meo da vea dagoa cymquo legoas hymdo pelas volltas do Doyro asy como elle vay e que desta vjla ao Rio do Doyro õde parte cõ termo de Camora per o meo da vea dagoa os termos ha quatro tyros de besta e que do dito lugar dõde esta vjla comeca pello Doyro a partyr cõ termo de Camora pello Doyro acyma vay partymdo o termo desta vjla[3] cõ termo de Camora ate õde entra no Doyro a Rybeira do Crasto no Rio do Doyro e ffaz hy hũa ffoz o Ryo e da bãda dallem do Ryo do Doyro na parte de Castella está hũ mojnho antigo que he de Castella e desta ffoz do Doyro esta hũ marco[4] que he a dyvysão dantre o termo desta vjlla e o termo da vjlla dAllcanjca que he de dõ Francisco Anrriquez que hora novamente[5] he feito marquez (*sic*) dAllcanjças e dahy do dito marco que está desta parte

---

1 *Á margem:* «Camora, cidade da coroa de Castella». *Camora* está por *Çamora,* que era assim que d'antes se escrevia, tanto em português, como em hespanhol.

2 *Á margem:* «Agoa açima».

3 *Á margem:* «Parte Miranda cõ Camora pollo Douro acima ate onde entra no Douro a ribeira de Crasto».

4 *Á margem:* «Daqui começa a demarcaçam dos regnos de Portugal e Castella per marcos em terra fora do Douro».

5 O adverbio *novamente* significa que D. Francisco Henriques era criado *novo Marquês* e não que elle fosse feito *de novo* ou segunda vez. Esta palavra, tão usada nas cartas de nomeação, póde prestar-se, e tem-se prestado, a equivocos. Haja em vista um documento sobre Bernardim Ribeiro, publicado pelo Sr. Visconde de Sanches de Baena no estudo que lhe dedicou. Vid. o artigo da Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos sobre a litteratura portuguesa de 1891 a 1894 no *Rom. Iahresbericht,* IV, 211. (Nota do Sr. Pedro A. de Azevedo).

do Doyro deyxa esta villa de partyr o seu termo cõ termo de Camora pello Doyro acima õde parte pello dyto Ryo per elle abayxo cymquo legoas como ja dyto tem e sempre vão partymdo os termos esta vjla cõ termo de Camora e Fermoselha pelo meo dagoa e a metade do dito Rio he termo desta vjlla e a outra metade he do termo de Castella e que ao lomgo do Ryo do Doyro desta parte de Portugall e termo desta vjlla ha allguas moendas de persoas desta vila e termo sem contradyçã dos de Castella e que ho mesmo os de Castella tem outras moendas no dito Ryo do Doiro da parte de Castella por que esta vila está em pose paçyfica e Jmmoriall de posoyr por seu termo a metade do dito Ryo do Doyro[1] de cento e dozentos annos e mais a esta parte té o dia doje sem nenhũa contradyçã e que aõde esta vyla começa partir cõ termo de Camora pello Ryo do Doyro anda hũa barqua[2] no dito Ryo que he toda desta vjlla o Rẽndymento della sem ter parte nella nenhũa Castella nem nunca a teve ate oje. E que ha doze mojnhos e quatro açenhas ao lõgo do Doyro em quanto vay o Doiro partymdo o termo desta vjlla cõ Castella e estes estão no termo desta vjlla do meo do Rio do Doyro pera esta parte.

E que ahy no dito Ryo do Doyro a ffoz da Rybeira do Castro õde esta o marco a borda do Doiro da parte desta vjlla começa dahy pera dyante esta vjlla a partyr o seu termo per terra cõ termo da vjlla dAllcanjcas[3] que he do Marquez dAllcanicas e nã parte majs o termo per o Ryo do Doyro que ja dahy pera cyma vay o Doyro per Castella asyma o quall Ryo do Doyro nace em huas serras que estão junto de Sorea[4] abaixo das Manchas dAra-

---

1 *Á margem:* «Vea dagoa».

2 *Á margem:* «Barqua de Portugal onde Miranda começa a partir com termo de Camora».

3 *Á margem:* «Demarcaçã per terra com Alcanices».

4 *Á margem:* «Nace o Douro junto de Soria abaixo das manchas dAragão. E o Tejo nace da outra parte da serra».

gão e nace em hũa serra de hũa banda e da outra parte da serra se diz que nace o Tejo, que Camora[1] terá tres mjll vyzinhos e tem hũa ponte no Doyro cõ duas tores em ella e que a vjlla dAllcanicas he lugar que he cercado e tem hũa fortaleza boa e que terá a vila cento e vynte vyzinhos fora o termo e que a vjlla dAllcanjcas[2] esta per cyma destá vjlla ao direito della contra o norte hũ pouco per cyma desta vjlla a mão esquerda que fyqua ao direito do norte, e que tem a dita villa dAllcaniças sesenta e duas alldeas no seu termo. E que desta villa ao marco aonde está a foz no Doyro que se chama de Paravella que he õde esta vjlla começa de partyr seu termo cõ termo da vjlla dAllcanjcas ha duas legoas e do dyto lugar e arraia a vjlla dAllcanicas ha tres legoas e do dito lugar pera diante deixando o Doiro a mão direita que se vay per dentro de Castella dõde elle vem vay dahy per terra esta vylla partymdo seu termo cõ termo dAllcaniças quatro legoas até chegar ao termo de Vymjoso[3] e chega o termo desta vila partymdo cõ Allcanicas ate ho lugar que chamã Vall de Frades que he ja a dita alldea do termo da vjlla do Vymjoso, e esta outra alldea do termo desta vjla ahy pegado em a arraia que chamã Avelenoso (*sic*). E que per o termo desta vjla ao lõgo da arraia de Castella em quanto vay partymdo cõ termo dAllcanicas estã as alldeas sygyntes[4] .s. Paradella que esta da arraia dous tiros de besta. E mais ao

---

[1] *Á margem:* «Camora teraa iij vezinhos».

[2] *Á margem:* «Alcanizes he lugar cercado e tem boa forteleza, teráa c.to xx. vezinhos, mas tem grande termo, porque diz que teraa de termo lxij aldeas. He de dom Francisco Anriquez, Marquez do dito lugar».

[3] *Á margem:* «Chega o termó de Miranda atee o Vimioso partindo com Alcanizes .s. ate aldea de Auellanoso de Miranda e Val de Frades do Vimioso».

[4] *Á margem:* «Paradella, Infanes, Constantim, Cicoiro, Sam Martinho dAngueira, Auellanoso, Todas estas aldeas sã do termo de Miranda e vam partindo ao longo da raya com Alcânizes».

dyante outra aldea que chamã Infanes que esta da araia hũ terco de legoa.

E outra alldea que chamã Comstãtym que esta da arraia o voo de hũa perdyz daçor que sera dous tiros de besta e mais não. E está outra alldea que chamão Cycoiro que esta da raia outros dous tiros de besta.

E está outra alldea que chamã Sã Martinho dAngeyra que está da Raia mea legoa.

E está outra alldea que chamã Avelanoso que esta da Raia hũ terço de legoa.

E que em toda esta terra per onde esta vjlla vay per terra partymdo os termos cõ Allcaniças vão sempre postos malhoes de hũ cabo ate o outro e ja ha anos que os de Castella mudarã hos malhois e se tornarã a concertar e por em seu lugar, e que o Ano pasado hymdo esta vjlla corer e prover os malhoes da aRaia como costumã fazer cada hũ ano acharã mudado hũ só marco ãtyguo que esta acyma dalldea de Paravella junto de hũa rrybeira e que este cõcelho tornou a cõcertar seu marco no propio lugar õde sempre esteve e despois os dAllcanica tornarã a desmãchar e espalhar as pedras do dito malhão e marco que estava no dito lugar. E que disto asy elles derã dyso conta a Fernão Lopes Corregedor que ora he desta comarqua e não proveo niso nada. E estamdo o marco em termo desta vjla em o propio lugar dõde esta dãtygo tempo e que os de Castella não meterão marco nenhuũ em outro lugar. E que isto causa allgũs castelhanos que tem comprado teras no termo desta vylla ao longo da araya e eles morão em Castella e quando lavrã as taes teras que estã no termo desta vjlla se vão metendo e dã caso aos dAllcaniças quererẽ tomar o termo desta vjlla como ora fizerã no dito marco que desmãcharão que se se provese per provysão forte que nenhuũ castelhano nã tyvese tera em este termo ao longo da aRaia de Castella nẽ lavrasẽ nella nã se farya a dita dyferença que se ora ffez e outra que já se fez á anos e seria proveitoso mãdar se que vendesẽ os cas-

telhanos as teras que tem ẽ este termo ao longo daraia em termo certo e nã lavrasẽ mais em elle[1] e que de como isto tudo asy pasa ha persoas em esta vila ãtygos que ho sabẽ que pesue seu termo per os lugares ja dytos os quaes lugares per õde vão os marcos não lhe sabem nẽ tem nomes que elles ao presente saybão os antygos cõ que se ffor ver esta terra da Raya lhe poderã dyzer os nomes por õde vay a malhoeyra. E que em a camara desta vjlla nã ha nenhuũ forall nẽ scryptura que diga por omde o termo della parte cõ Castella por que o forall antygo onde podia estar deve ser na Tore do Tõbo que se levara pera se fazer o forall novo e com elles Juizes e ofycyaes catey o cartoryo da camara todo e não lhes achey nenhuũs papes nẽ scripturas que fallẽ em nenhũa cousa de termos[2]. E que nunca cõ Castella tyverão ate ora outras mais diferenças senão hũa que ha anos que se ẽmendou e ora este marco que lhe desmãcharã e espalharã as pedras por se meterẽ mais pera dentro deste Regno e o lugar õde se desmãchou o dyto marco he terra boa de pão por que a mais terra dahy pera dyante he terra e vay a demarcaçã per hũa sera callva de pouco proveyto, e que os antygos e persoas que no termo auya que dysto sabyã parte se cataryã pera cõ elles hyrmos ver a demarcaçã desta vjlla cõ Castella e por verdade asynarã aquy todos. Mendaffonso de Resende que ho scpreuy.=Antonio de Reuoreda=Pero Çapyquo=Luys Anrriquez=Francisco Fernandez=Diogo de Miranda=Fernam Pimentell.

Vista dos marcos com testemunhas ajuramentadas

E despois aos xbij dias do mes de Junho de mjll e b^c e xxxbiij^o anos eu sobredito Mendaffonso de Resende

[1] *Á margem:* «Asy o tẽ Oliuença per proujsão dellRey que deus aja».

[2] *Á margem:* «Não se acharã papes na camara do Concelho».

estamdo nalldea de Paravella[1] termo da vjlla de Miranda com Amtonio de Revoreda, cavaleyro da casa dellRey noso senhor, Juiz da villa de Miranda e cõ os vereadores e procurador da dyta villa e por testemunhas por parte do comcelho que pera jso me nomearão .s. Joã Pegas scripvão da camara e tabelliam em a dita vjlla e asy Affonso de Queiros e Gonçalo Roiz e Fernã Pymintell que sabyão por homde ora partia o termo desta vjlla cõ o termo dAllcanicas e asy certos moradores dalldea de Paravella que tãbem sabyão a demarcaçam da parte que tocava ao lymyte da dita sua alldea de Paravella por que des ho marquo que está a borda da rybeyra do Doyro a ffoz donde entra a rybeira do Crasto no Doyro ate õde estava o marco que os de Castella ho ano pasado desmancharão pera tomarẽ ho termo desta vjlla e lloguo aos marcos que estão desde homde está o marquo a borda do Doyro na ffoz até hũ marco que está a borda da estrada que vay de Mirãda e say dalldea de Paravella e vay pera alldea do Castro termo de Allcaniças e que são sete marcos des ho da foz do Doyro até o que esta a borda da dita estrada já dita e decrarada os quaes marcos mandey ver e os fforão ver Joã Affonso e Pero Migell e Francisco Ortega moradores em a dita alldea de Paravella que hos sabyão e por estarem em lugar tam aspero e fragoso de pynjdia que nã se podia ver per homes e persoas que fosem a cavallo e por isso hos forão ver estes. E des que vyerão de os ver lhes dey aos ditos Yoã Affõso e Pero Migell e Francisco Ortega juramentos dos avãjelhos em que poserão as mãos direitas e por o Juramento lhes perguntey se os dytos sete marcos que forão ver des ho marco que esta a foz do Doyro des hõde esta villa de Myranda começa

---

1 Por vezes o escrivão tem escrito Paradella, que logo foi emendado para Paravella.

partyr ho termo cõ ha vjla dAllcanicas per terã ate ho marco que esta a borda da estrada que vay da villa de Miranda e alldea de Paravella pera alldea de Castro se estavão os dytos marcos todos em seu propio lugar donde soem e estão des que se acordã a esta parte. E elles por o dito Juramento diserão que os forã hora ver os ditos marcos e que os vyrã e estavã alevantados no lugar propio onde soem destar sem estarem nenhũa cousa mudados e tanto que isto asy todos Jurarã nos ffomos todos direitos ter a huũ teso allto que se chama o dito cabeço do Reto[1] do Callvo. E no dito cabeço no meo delle em cyma estava hũ aryffe de pedra de comprimento de tres llanças e a borda do dito arryfe estava hũ marco de pedras cõ mujtas pedras darredor delle e ao de trás deste cabeço e marco em outro cabeço que fyqua logo atras antes deste que se chama a Pena do carquejall onde está no meio do cabeço outro marco e entre estes dous cabeços core hũ Regato per entre elles e no cabeço do Reto do Callvo onde esta ho marco ao pe do aryffe na testa da dita pynjdia e aryffe contra o Doiro e contra o marco que hy esta pegado cõ elle mamdey llogo ffazer hũas quynas que tem o rostro contra o Doyro. E ffeito asy as ditas quinas em a dita pedra junto do dito marco pera ficar pera llembrança pera o dyante. E aas dytas testemunhas que se por parte da villa de Miranda que o Concelho deu e nomeou atras nomeados logo dey Juramento dos santos avanjelhos em que poserão as mãos direitas e por o dito Juramento lhes mãdey que disesem se era verdade do que lhes per my fose perguntado e elles asy o prometerã de dizer e ffazer e do costume diserã que erã da villa de Miranda e que diryão verdade e sendo perguntados

---

[1] É *do Reto* o que está escrito, mas nada impede que se interprete como *dorreto* ou *do Urreto*. Cf. em dialecto transmontano *orreta* ou *urreta* (mir. *òurrîẹta*).

pella Rezão atrás dada na emformaçam do Concelho e do lugar por omde partia o termo desta vjlla cõ Castella dyserão que des que se acordão ate ora de dez vynte trynta anos e mays a esta parte sabem e vyram sempre que Miranda do Doyro partyo e parte seu termo per o Ryo do Doyro per o meo e metade e fio dagoa do Rio do Doiro cõ terra de Fermoselha e cõ termo de Camora ate que começa partyr ho termo per terra cõ termo dAllcanicas e que sempre vyo que partya o termo cõ Castella per a metade do Ryo do Doyro e asy a seus paes e avos sempre ouuyrão dyzer que a metade do Rio do Doyro emquanto partia esta vjla cõ Castella per elle hera termo desta villa e que nunca sobre iso vyrã esta villa de Miranda ter nenhuũ debate contenda nem demanda e Refferta cõ Castella sobre o partyr dos termos per o Ryo do Doyro senã Miranda ter a metade do dito Rio do Doiro e a outra metade ser termo de Castella e que do Doyro a ffoz onde começa de partyr o termo desta villa cõ termo dAllcaniças ssabẽ que ora vem os marcos desta villa des ha foz do Doyro corendo ate este marco que esta em este cabeço onde ora estavamos do Reto do Callvo atrás dito e decrarado. E do dyto marco do Reto do Callvo dyserão que dahy por diante me hyryão mostrando os marcos pello lugar per onde sabyão que esta vjlla posoya o seu termo e me forão dahy mais ao dyante mostrando outro marco sobymdo hũ lombo e estava outro marco e dahy hymdo por diante amostrarão outro marco e mais ao dyante outro marco e mais a dyante outro marco e mais ao dyante outro marco e mais ao dyante outro marco e mais ao dyante outro marco acyma do rygeiro de Vall de Fontes e mais ao dyante amostrarã outro marco e mais amostrarã outro marco que he hũ sexo branco em a serra de Vall de Fontes. E ao dyante amostrarã outro marco a borda do caminho que vay pera Brandylanes e vẽ de Mjranda. E ao dyante vay outro marco aos Galegos aomde mandey no pé ffazer

as quynas. E ao djante amostrarã huũ pousyo entre hos paes (pães?) semeados onde diserã que soya destar o marco[1] que os dAllcaniças lhe tyrarã ho ano pasado por respeyto de se meterem por dentro deste Regno por que a terra toda de hũa parte e da outra he de persoas de Castella do termo dAllcanicas e por que elles amostrarã o lugar onde soya destar sempre o marco logo hahy por niso se afirmarẽ mandey o hy outra vez tornar a reformar e fazer o dito marco e ffoy logo ffeyto e levantado o quall está em cyma de hũ teso que he e se chama a Pena Corvaceira. E dahy fforã decendo a Vall Cenheiro decendo a hũ valle onde estava outro marco e na metade do Valle de Vall de Cynheiro amostrarã outro marco e ao dyante amostrarã outro marco entre Vall Cynheiro e os Valles e ao diante amostrarã outro marco, e mais ao diante amostrarã outro marco a boca dos Valles, e mais ao dyante amostrarã outro marco ao caminho que vay dalldea de Ifanes pera Brandilanes alldea de Castella termo dAlcaniças e mais ao dyante amostrarã outro marco e ao dyante mais amostrarã outro marco e hymdo mais pera diante amostrarã outro marco a cabeça de Ureta dagia e hyndo mais ao dyante amostrarã outro marco e dahy hymdo mais ao dyante contra e ao direito de Nosa Senhora da Luz Irmida que esta na Raia estava outro marco E dahy hymdo pera ao dyante forã ter em hũ cabeço onde esta hũa Irmida de Nosa Senhora da Luz no termo desta vjlla e nas costas da dita Irmida em hũ cabecynho mais allto que ha Irmida estava posto outro marco e a Irmida toda fyqua no termo desta vila. E do dito marco que esta nas costas da Irmida em ho mais alto do dito cabeço da

---

[1] *Á margem:* «Aquy achou duuida que pode releuar hũ tiro de pedra em comprido e em largo huũ jogo de malhão que tomarã os castelhanos aueraa ij anos e diz que mandou poer malhão e marco onde estaua dantes etc.».

dita Irmida dahy se começa hũa pequena de sera que vay ter la dyante a sera de Santo Adryão e fforã pello meo da sera e cume della agoas vertentes a mão direita he termo dAllcanicas e a mão esquerda he termo de Miranda õde hyã marcos per o meo do cume da dita serra õde estava outro marco junto de hũ caminho que vay pera Moveiros e vem de Costamtym termo desta vjlla e vẽ da serra que está entre o Couçe e Vall de Godinho. E hymdo mais adyante amostrarã outro marco junto de hũ caryll que vay pera Lhama la Grulha em hũ cabeço dentre ambos os prados dos Couçes e hymdo mais adyante amostrarã outro marco e hymdo mais ao dyante no meo do lombo junto de hũ caminho que vae de Cyqueiros pera Moveiros antes que chegem ao caminho amostrarã outro marco e em hũa pedra nadyvell atras do dito marco em direito delle mandey ffazer as quynas e hymdo mais ao dyante amostrarã outro marco pegado ao caminho que vay de Costantym pera Arzileira alldea de Alcaniças em cima de Vall de Godinho.

E hymdo mais ao diante per a dita sera ao meo do lombo e cume dele amostrarã outro marco de pedras junto de hũa cova pegado ao caminho e estrada que vem de Miranda e Costantym e vay pera Allcaniças e pera tras pera dentro deste Regno a borda do dito caminho meo jogo de bolla esta hũa cruz gramde de pedra que se chama a Cruz de Candena. E do dito caminho onde está o dito marco e cruz torna dahy por dyante corer outra sera que se chama a Sera de Santo Adryão e o termo desta vyla de Miranda diserã que partya cõ Castella per o cume e meo da dita serra agoas vertentes a mão direita pera Castella e a mão esquerda per termo de Portugall e vay sempre partymdo os termos per o meo da dita serra até decer della pera baixo pera a Rybeira que se chama de Sã Martynho que nace acyma dAllcaniças e uem per junto dalldea de Sã Martynho termo desta vjlla e em decendo per a dita rybeira no meo da decyda sobre a Rybeira esta e amostrarã

outro marco e na dita Rybeira de São Martynho esta hũ mojnho no termo de Castella de Fernã Vicente de Vmjneira (*sic*) termo dAllcaniças e té o dito mojnho pera tras per a dita serra partyã os termos per o lombo della e da dita Rybeira de Sã Martinho tornã a sobyr ao direito pera outra sera que está per cyma do dito mojnho e em cyma no allto esta outro marco e per a dita serra vão partymdo os termos per o meo do cume e allto della agoas vertentes pera Castella e pera Portugall até onde chega ho caminho de Carvalho Retorto que vay pera Allcanicas e vem dAngeira alldea de Miranda que se chama o dito caminho o dito nome e junto do dito caminho estava hũ marco allto em o quall mandey ffazer as quynas pera fycar por lembrança e do dito marco torna a demarcaçã sobyr per a cumiada da serra de Cerdeira per o meo della e em cyma no meo e lombo da sera estava outro malhão grande de pedras e a demarcaçã vay sempre por cyma da dita sera per o meo da cumiada até que torna a decer e ffazer hũ baixo a dyta sera e vẽ per o meo dantre a dita sera e baixo della hũa Rybeira que chamã a rybeira de Samta Ana que vẽ de Castella e corre pera Portugal e vem per a alldea de Avellenoso a quall Rybeira na borda della abaixo da decyda da dita serra pasado a Rybeira estã hy dous marcos hũ de hũa banda do camjnho que por hy pasa e outro da outra banda e em o primeiro marco que he de hũa lagea mandey por as quynas cõ ho rostro contra Portugall e dahy torna a demarcaçã a corer e sobir sera acima té em todo cyma e vay per o dito lombo da dyta sera e lombadas e meo dos lombos os marcos agoas vertentes pera Castella a mão direita e pera Portugall a mão esquerda e pasado a dita serra decem abaixo em hũa grande collada e tornã logo sobir a demarcaçã per outra serra que vay ao direito e pera dyante que esta defronte da alldea de Valarynhó que se chama a Serra de Sam Mamede em a quall serra per o meo della em cyma vã os marcos desta vjlla e agoas

vertentes pera Castella a mão direita della está em baixo della na parte de Castella a alldea de Sã Mamede onde tem hũa Igreja Sã Mamede que está em termo dAllcaniças e do cabo e cume da dita serra quando querem deçer pera baixo torna logo a demarcaçã desta villa corer o direito sobre a mão esquerda o seu termo e vem ter qua a outros marcos que estão em outros outeiros abaixo que está hy hũ marco que se chama Morygo e o dito marco está pegado cõ hũ caminho que vem do Vymioso e Vall de Frades sua alldea pera alldea de Santana e pera Castella e ahy ao dito marco chega tambem o termo dAllcaniças do lymite dalldea de Vilarinho e o termo do Vymioso, e a dita alldea de Vilarinho estava dahy pera baixo ao direito entre hũas serras e defronte da villa dOuteiro .s. houteiro parece e está per cyma delle e que a terra de Vylarynho pareçe ser deste Regno por ter naquella parajem tomado hũa legoa pequena de terra em comprido e outra em largo que segundo a demarcaçã desta vylla vem ter a do Outeiro que esta defronte das seras atrás já decraradas esta alldea segundo per ella parece se mete todo o lymite della para este Regno segundo os marcos que desta vylla fycã postos atrás e a tera e termo douteiro que está ao dyante que parece que ho cerca o dito lymite da dita alldea e allgũs antygos de Miranda a tem e dizem que a dita alldea foy ja termo de Miranda[1] por em por ora se nã pode mais saber e em tudo o atras da demarcaçã já vista per os ditos oficyaes e testemunhas que ma forã apegando e mostrando e afyrmando que por hy posoya esta vylla seu termo pacyficamente sem contradyçam de persoa allgũa

---

[1] *Á margem*: «Diz que parece que Vilarinho era antigamente termo de Miranda e que o comendador de Vera Cruz que se chama Pimenta (*sic*) tem scrituras que fallã niso e que iso lhe dise frey Joam Borralho comendador dAlgoso».

e que nisto se afyrmarã pello Juramento que tomado tynhão e Fernã Pymintell nã foy presente comigo a todos os marcos senão veo de tras vendo os que vynhamos provendo e chegou a nos ao moinho de Fernã Vicente e dahy coreo até o cabo a demarcaçã e aprovou toda que estava pelos marcos atrás já vystos e decrarados e afyrmou que os vyera detras vysitando sempre despos nos pello juramento dos avanjelhos que tomou que per mjm lhe ffoy dado por que a partyda da dita aldea fycou detrás e por tudo asy pasar na verdade asynarão aquy todos. Mendafonso de Resende o screpvy. = Joam Pegas = Antonio de Reuoreda = Francisco Fernandez = Fernã Pimentell = Nuno de Queiros = Diogo de Myranda = Luys Anryquez = Goncalo Royz.

Desta Vila de Miranda a Vimioso ha quatro legoas e he daquy alcaide mor Luis Alluez de Tavora[1].

8. [*Noticia de um mestre de grammatica da Terra-de-Miranda no tempo de D. Sebastião* (*sec.* XVI)].

Dom Sebastião etc. Faço saber que Pero Martinz, filho de João Martinz, morador no lugar dUros, termo da vila dAlgoso[2] da comarqua de Tra los Momtes me enviou dizer por sua pitição que ele fora preso por se dizer que ele e outros saltarão dasuada cõ huũ Amtonio Fernandez mestre da gramatica e Maria Roiz e Joana Garcia etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos quatro dias do mes de feuereiro... de j̄ b^c lxij (1562) anos[3].

---

[1] *Liuro do Tombo das Demarcações dos luguares das comarcas de Tra los Montes e dantre Douro e Minho que estam ao longuo da raia estremo de Castella e Gualiza*, fl. 24 sqq.

[2] Algoso, como se viu no vol. I, p. 38, pertencia outr'ora á Terra-de-Miranda.

[3] Livro 6.º de *Legitimações* de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 23.

APPENDICE II

Apreciações litterarias mencionadas no Vol. I d'estes «Estudos», pp. 22–23

Como o meu trabalho *O Dialecto mirandês,* dado a lume em 1882, foi o primeiro ensaio que se publicou sobre o idioma de Miranda-do-Douro, poderão acaso despertar alguma curiosidade nos leitores as cartas e notícias bibliographicas a que me referi no vol. I d'estes *Estudos,* pp. 22–23, e por isso aqui as transcrevo,— umas e outras escritas por philologos competentes.

A) Cartas particulares

1. Do Sr. Dr. J. Cornú, professor de Philologia romanica na Universidade de Praga, auctor de muitos trabalhos a respeito da lingoa portuguesa e de outras, publicados em francês e allemão[1]:

«Prague, Salmgasse 9, le 31 janvier 1883.—Monsieur.—N'attribuez point à la négligence le retard que j'ai mis à répondre à votre aimable envoi. Vos recherches sur le *D(ialecto) Mirandês* m'ont entièrement inté-

[1] Vid. na *Revista Lusitana*, II, 359–364, a resenha dos que se referem a Portugal.

ressé et me fournissent les moyens de localiser des textes anciens espagnols qui apporteront de nouvelles lumières à votre belle étude. A plus tard, plus de détails».

2. Do Sr. Dr. F. d'Ovidio, professor de Philologia Romanica na Universidade de Napoles, auctor tambem de muitos trabalhos á cêrca das materias que professa, e entre elles alguns a respeito de Portugal[1]:

«Gent.mo signore.—Ho ricevuto il Suo lavoro e ne la ringrazio vivamente. L'ho letto subito e con grandissimo piacere e istruzione. Se non mi trovassi ammalato, come sono da un mese, m'affreterei a farne una recensione in una qualche rivista italiana o straniera. Sono però obbligato a non lavorare. Ad ogni modo, mi gioverò assai del su bel lavoro in una ristampa che tra non molto si dovrà fare del *Manualetto portoghese*»[2].

3. De D. Manoel Milá y Fontanals, hoje fallecido, professor que foi de Historia Litteraria na Universidade de Barcelona, e, pelas numerosas obras scientificas que publicou, uma das glórias da Hespanha em assuntos de philologia[3]:

«Barcelona, 17 Febrero 1883.—Muy señor mio y de mi aprecio.—Recibi a debido tiempo su *O Dialecto mirandês*, de que le doy gracias. Atendiendo exclusivamente a la parte filológica (que es el objeto principal

1 *Manualetti agli studj neolatini*, em collaboração com o Sr. E. Monaci, vol. II, *Portoghese* (*e gallego*), Imola 1884: cf. *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*, I, 336. O Sr. Ovidio publicou ainda, na revista italiana *La Cultura*, de 1 de Agosto de 1884, uma apreciação crítica das edições de Eutropio e Phedro annotadas pelo Sr. Epiphanio Dias.

2 A edição do *Manualetto*, de que o Sr. Ovidio falla, não chegou, que eu saiba, ainda a fazer-se.

3 Milá y Fontanals, no seu livro *De los trovadores en España*, Barcelona 1861, refere-se a Portugal em capitulo especial.

y poco menos que único de este trabajo) me parece una monografía hecha con mucho saber y esmero y que figurará dignamente entre los mejores estudios dialectales de la península. Son tambien muy interesantes las noticias que dá acerca de los demás dialectos portugueses.

Este es mi parecer. En caso de que le pareciese a V. oportuno darle publicidad, le autorizo con la condición de que lo inserte V. *entero,* por motivos que puede V. comprender».

4. Do Sr. D. Rufino José Cuervo, collaborador da *Romania* e da *Revue Hispanique,* auctor do *Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana,* das *Apuntaciones críticas sobre el lenguage bogotano,* das *Notas á la Grammática castellana* de Bello:

«París, 9 de Agosto de 1883.—Muy señor mio y de mi mayor aprecio.—Acabo de recibir el valioso trabajo de V. sobre el *Dialecto Mirandés,* y estando con el pie en el estribo, pues mañana salgo de ésta á fin de pasar unos dias en el campo, no he querido dilatar la satisfación de leerlo y dar á V. las gracias por la exquisita muestra de benevolencia que V. se ha dignado darme.

He devorado el libro de V., y, dejando aparte mi afición á estos estudios, la importancia del asunto y la lucidez con que V. lo ha tratado, me han hecho tan grata como provechosa su lectura, al propio tiempo que me han avivado el anhelo de que V. saque á luz la *Dialectologia portuguesa,* que sé que V. está preparando».

B) Artigos impressos

1. «..... O exame attento das diversas publicações do Sr. L. de V. permitte-nos considerar o auctor como um espirito progressivo, animado de um grande e sin-

cero zelo pela sciencia. Ha pouco lemos d'elle um ensaio sobre um interessante dialecto hispano-português, o dialecto fallado nos campos de Miranda do Douro, phase intermedia entre o português e o leonês, e folgamos de ver que o Sr. L. de V. tem uma vocação, bem rara entre nós, para as investigações dialectologicas, que, alimentada pelo estudo, lhe dará em breve um logar distincto na pleiada dos dialectologos peninsulares».

(F. Adolpho Coelho, in *Jornal do Commercio* n.º 8706, de 28 de Novembro de 1882).

2. «O DIALECTO MIRANDÊS. Contribuição para o estudo da dialectologia romanica no dominio glottologico hispano-lusitano por J. Leite de Vasconcellos, alumno da Escola Medica do Porto. Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.ª Editores, 119 Rua do Almada 123, 1882, 39 p. 8.º, 300 reis.

Die melancholischen Worte, mit welchen F. A. Coelho vor sieben Jahren seine treffliche 'Bibliografia critica' abschloss, sollen nicht für alle Zeit Berechtigung haben. Jede wissenschaftliche Saat, welche unter einem civilisirten Volke ausgestreut wird, pflanzt sich sicherlich fort; bald rascher, bald langsamer. Coelho ist geraume Zeit der einzige —wenigstens der einzige produktive— Vertreter der methodischen Linguistik in Portugal gewesen; aber schliesslich bleibt sein Beispiel nicht ohne glückliche Nacheiferung. Ein junger Mann, der in Porto dem Studium der Medizin obliegt, fühlt sich durch die neue Wissenschaft angezogen, erwirbt sich in ihr eine feste Basis und wendet sich zunächst der Darstellung einer einzelnen ihm naheliegenden Mundart zu. Bei ihm, wie bei Coelho, steht dieses Interesse mit dem für Volkskunde im engen Bunde, so dass, wenn wir die schon ältere Thätigkeit der Katalanen und die dialektologischen Velleitäten der südspanischen Folkloregen-

sellschaften in Betracht ziehen, über die ganze iberische Halbinsel hin sich parallele Entwickelungen ergeben.

Leite de V. legt uns in guter Ordnung und mit zweckdienlichen Anmerkungen, welche auch eine ausgebreitete Literaturkenntniss verrathen, ein sehr interessantes Material vor. Nach der wissenschaftlichen Analyse des Dialektes von Miranda-do-Douro (einer in Tras-os-Montes hart an der spanischen Grenze gelegenen Stadt) wird uns in einer Reihe von kleineren Texten (Geschichtchen, Zwiegesprächen, Räthseln, worunter einige zweideutige, Liedchen, Sprüchen) eine Gesammtvorstellung von demselben gewährt. Gehen wir von dem Schlusswort aus, in welchem seine Stellung erörtert wird. Vielleicht hätten hier die Dialektverhältnisse der Halbinsel eine stärkere Veranschaulichung erfahren können. Sie ist von Norden nach Süden in drei Zonen zu theilen, wobei das Baskische ausser Betracht bleibt, nämlich die (galizisch-)portugiesische, die (asturisch-)kastilische und die katalanische. Die mittlere gehört mit der westlichen innig zusammen, während die östliche ihre Fortsetzung jenseits der Pyrenäen findet. Im Norden stehen sich die drei Sprachcharaktere theils an sich näher, theils sind sie durch allmähliche Uebergänge mit einander verbunden; nach Süden zu scheiden sie sich immer schroffer, was aus den geschichtlichen Thatsachen sich unmittelbar erklärt. Abgesehen davon, dass ursprünglich das Aragonesische das Bindeglied zwischen Kastilisch und Katalanisch bildete, so ist es nach den zu wenig bekannten und auch von Leite de V. nicht angeführten Untersuchungen Joaquin Costas (im Boletin de la Institucion libre de enseñanza 1879 Nr. 46 ff.) ein ziemlich breiter Streifen, das ribagorzanische Gebiet, welchen die aragonesisch-katalanischen Uebergangs- oder Mischdialekte einnehmen; aus dem Süden fehlen zwar bestimmte Mittheilungen, doch wird im Allgemeinen der ziemlich plötzliche Wechsel zwischen Kastilisch und Valencianisch bezeugt. Der westliche und der mittlere Sprachzweig, welche an der

Guadiana und am Tejo sich scharf von einander abheben (wenn hier vermittelnde Mundarten vorkommen sollten, so müssen sie auf sehr enge Räume beschränkt sein), scheinen nördlich von den kantabrischen Bergen fast noch einen einzigen Stamm auszumachen. Im Flussgebiet des Douro ist das gegenseitige Verhalten ein mittleres. Durch die Bierza hin geht das Kastilische stufenweis in das Galizische über; weiter südlich bestehen zwischen der Mundart von Tras-os-Montes und dem Leonesischen zahlreiche Berührungspunkte. Freilich geht uns die Kenntniss des heutigen Leonesisch ab; das Altleonesische, wie es von Gessner und Morel-Fatio behandelt worden ist, schlechtweg mit den heutigen Mundarten zusammenzustellen, hat wenigstens da, wo es die Bemessung von Differenzen gilt, sein Missliches.

Das Mirandesische weist, abgesehen von seiner besonderen Beziehung zum Altleonesischen, eine ganze Reihe von Uebereinstimmungen mit dem Asturisch-Kastilischen auf, wobei es hie und da vom Galizischen begleitet wird, und einige mit dem Asturischen, wo dies sowohl vom Galizischen, wie vom Kastilischen abweicht. Hingegen sind mir unter den wesentlichen Zügen des Mirandesischen keine aufgefallen, die es mit dem Kastilischen allein, ohne Betheiligung des Asturischen, gemein hätte, wie $\chi = \check{s}$ oder $h = f$ (das allerdings im Ostasturischen auftritt). Der Charakter unseres Dialektes beruht im grossen Ganzen auf älterer, nicht auf neuerer Mischung. Im Vokalismus ist besonders bemerkenswerth mir. = span. *ie* und *ue* = ę und ǫ, welche jedoch vor einfachen Nasalen nicht Statt zu haben scheinen: *bên, tên, hóme* (welches sich nicht nur im Altleon., sondern auch im Altkast. findet = *homin[e]*), *bôno* (vgl. altleon. *bono* neben *bueno,* astur. *bon* neben *güen,* franz. regelm. *o* vor *n* und *m*). Altleon. astur. *ye* (*est*) begegnet uns hier als *ghiê*. *Nôbe* wohl zur stärkeren Scheidung von *nuebo* (so?), wie ital. *nove* neben *nuovo*. Ob in dem von

Leite nicht verzeichneten *fuônte* S. 32. 33 das *uo* dem *uô* gleich ist, welches sich neben jüngerem *ue* im Altleonesischen findet, oder ob hier *u* sich parasitisch nach dem labialen Konsonanten entwickelt hat, muss sich durch weitere Beispiele von *uo* unmittelbar feststellen lassen. Unter den Konsonanten sind es *l* und *n*, deren Behandlung zu der in den mittleren Gruppen stimmt. Intervokalisch bleiben beide (*ciêlo, pêlo, animales — tener, rana, panes*); wo Formen wie *só* (*solo*), *ũa* erscheinen, haben wir späteren Einfluss durch die Schriftsprache vorauszusetzen. Aus *-ll-* wird, wie im Span., *-ly-;* aus *l-*, wie im Astur., *ly-* (*cabalho, streilha — lhado, lhôbo*); wohl auch aus *-nn-*, wie im Span., *-ny-*, obwohl wenig Beispiele zu Gebote stehen (*anho, cabanha*). Anderes ist an sich von geringerer Bedeutung oder tritt nur vereinzelt auf. Die Neigung, den Ton von einem *i* auf den unmittelbar folgenden Vokal zu verlegen, macht sich im Mirandesischen wie im Asturisch-Kastilischen stark geltend; so haben wir *iúga* (= **éuga* = *equa*, wozu betreffs der sog. Attraktion wohl *oghero* 32, 1 = *agulhero?* zu vergleichen ist), *riú, friú, tiú* (wenn ich S. 14 N. 6 recht verstehe; zu Porto *fugiú, mentiú* u. s. w. = span. *-ió*), *iou* (span. *yo*), aber *míu* (astur. *mió*); ferner *miê, friê, deviê* u. s. w. = *-ía* (altleones. *avién* u. s. w.). Das *n* von *-gin-* fällt ab wie im Span. und Galiz.: *viage, romaige;* auch *virge* (gal. *virxe*, aber span. *virgen*). *I* schreitet nicht zu *j* vor in *veio, seia, ya*. *X* = lat. *ss, x*, mit dem Span. und Galiz., während das Port. *ss* bietet: *paixaro, dixo* (auch vulgärport. *dixe*); mit galiz. astur. *quixo* stimmt mir. *quijo* gegen port. *quiz*, span. *quiso;* für *-si-* steht mir. *-iz-* in *queizo, beizo*, welchem span. *queso, beso* entspricht, während das Port. *queijo, beijo* bildet. Man bemerke noch *-ng-* aus *-ny-* wie im Span.: *têngo, bêngo, pongo*. *Am* = *em* ist mir aus der Nachbarschaft des Mirandesischen nicht bekannt (obwohl alt- und vulgärport. *antão, anojar*,

antre, antrar herbeigezogen werden können); aber ich finde *an* im Extremeñischen (*an ca* = *en casa* El Folk-Lore Frexnense S. 39. 40. 41). *Boubéla* ist nicht Deminutiv von lat. *pūpa* (wie S. 14 und 15 gesagt wird), sondern von lat. *upŭpa* und = span. *abubilla*. In *freijom* hat *frei* kaum eingewirkt; man vergleiche galiz. *freixó*, span. *frejol, frisol*, an dessen Ableitung von *phaseolus* Diez zweifelte, indem er port. *feijão* übersah. Zu *atronar* war nicht span. *tonar*, sondern span. *tronar* und altport. *troar* anzuführen.

Aus der Morphologie, sofern hier morphologische Ursachen wirken, wäre etwa folgendes hervozuheben. Im Possessivpronomen der 2. und 3. P. Sg. fallen Maskulinum und Femininum zusammen: *tou, sou* (altleon. astur. *to, so*); aber in dem der 1. P. Sg. bleiben die Geschlechter getrennt: *míu, miê* (astur. *mió* für beide). Wie im Spanischen, mit Einmischung des Reflexivums, so auch im Mirandesischen *se lo* u. s. w. = *xe lo, je lo, ye lo, lye lo* (vgl. ital. *giglio* = **yilyo* = **lyilyo*). Im Perfekt der *a*-Konjugation beruhen *-éste, -êmos, -éstes* (auch altleon.) nicht auf der Analogie mit der 1. P. Sg., sondern sind = *-aisti, -aimus, -aistis*. Die 3. P. Pl. *-órũ* = *-arunt* mag sich nebenbei nach der 3. P. Sg. gerichtet haben; jedenfalls liegt zunächst Assimilation des *a* an das folgende *o* vor, wie im ital. *-orono, -orno*. Die *e*-Konjugation unterscheidet sich in den perfektischen Zeiten nicht mehr von der *i*-Konjugation, ebenso wenig wie im Spanischen; nur steht an Stelle des span. *ie* im Mir. *i* (*devira, devírum, devisse*), wie im Altleonesischen und (in der *i*-Konjugation) im Portugiesischen. Die 3. P. Sg. des starken Perfektums hat wie im Span. und Galiz. dem schwachen Perfektum das auslautende *-o* entnommen: *stubo, andubo, quijó, fizo*; sind *coube, tube* S. 24 nicht etwa Druckfehler (ebd. auch *têna* statt *tên*)? Zugleich beachte man *-ub-* = span. *-uv-* gegen port. galiz. (theilweise auch astur.) *-ev-* oder *-iv-*. Die 1. P. S. Ind. Praes. stimmt mit den übrigen, wie im Span.

und Galiz., überein, wo sie im Port. von ihnen abweicht: *pido* (auch vulgärport. so; sonst *peço*), *pides* u. s. w., *pôdo* (port. *posso*), *pôdes* u. s. w. Die 2. P. Sg. richtet sich nach der ersten: *sós* für *ghiês* nach *sou*, so auch in gewissen Orten in Andalusien. *Traho* und *facio* werden ganz gleich abgewandelt, was sie weder im Kastil., noch Port., noch Galiz. thun: *trago, traix, trai* — *fago, faix, fai. Iba,* nicht *ia,* nach Analogie der *a*-Konjugation, wie im Span. und Galiz.

Wir hoffen, dass Herr Leite d. V. auf dem glücklich betretenen Weg rasch vorschreiten wird. Zunächst hat er uns eine Dialectologia portuguesa versprochen, auf welche uns einige auf der ersten Seite des vorliegenden Werkchens gegebenen Andeutungen recht begierig machen. Danach würde sich der keltische Vorposten *é* = *á* (*buréco, aguilhéda*) sogar in Portugal finden, freilich in einer ganz isolirten Stellung (in einem Dorfe von Beira-Baixa). Eine eigenthümliche Entwickelung des *u*-haltigen silbenschliessenden *l* wird aus dem Nordport. angeführt: *áurdeia, áurma* u. s. w. Ebendaselbst käme ein scheinbar hiatustilgendes *i* vor (*a-i-agua, a-i-égua*).

Auf zweierlei innigst mit einander Zusammenhängendes möchte ich mir erlauben die Aufmerksamkeit des Herrn Leite d. V. hinzulenken. Zunächst auf das Studium der Lautphysiologie, die allerdings von einigen älteren berühmten Sprachforschern noch in geringer Achtung gehalten wird. Aber selbst diese, wenn sie meinen, dass durch dieselbe die Erklärung der Lauterscheinungen nicht gefördert werde, können nicht in Abrede stellen, dass ohne sie eine genaue und zuverlässige Darlegung des Lautbestandes unmöglich ist. Da Herr Leite d. V. seinem Beruf nach zu den Medizinern gehört, so liegt es ihm sehr nahe, sich eingehend über die Beschaffenheit und die Thätigkeit der Sprachwerkzeuge zu unterrichten; vielleicht lockt ihn der Ruhm, die Disciplin der Lautphysiologie auf der iberischen Halbinsel eingeführt zu haben. Auch in den andern

romanischen Ländern besteht noch das Bedürfniss eines kompendiösen Leitfadens hierfür, welches durch die Uebersetzung des Buches von Sievers oder des von Sweet nicht wirklich befriedigt werden würde. Dass zur Theorie auch gründliche Uebung hinzukommen muss, versteht sich von selbst. Es werden dann die wenigen Unsicherheiten schwinden, an denen die Darstellung des Herrn Leite de V. noch leidet. Er ist z. B. in Zweifel über die Aussprache des männlichen Artikels im Plural (*els* oder *les* oder *lus*); *els,* welches im Katalanischen selbstverständlich ist, scheint mir im Mirandesischen nicht wohl möglich, da ja das *o* der letzten Silbe bleibt (*als* ist eine verhältnissmässig junge Form für *a los*). In *ghiês, ghiê* soll das *g* 'muito leve, talvez uma branda aspiração' sein (S. 23). S. 37 heisst es: 'o som *rô* [= *rua*] é difficil de representar'. Ganz unklar ist mir S. 27: 'É difficil representar o som d'esta palavra *dúês:* o accento está no *ê* que é quasi *â*'. Wenn *ê* den Accent trägt, was hat *ú* zu bedeuten? Und steht nicht *é* dem *â* näher, als *ê*? Allerdings sehen wir auch sonst *ê* und *â* wechselsweis gebraucht: *deviêm* S. 22 und *uniâm* S. 23; *vânha* S. 33 ist wohl eine portugiesirende Form (sie steht im Reim) für *bênga*.

Dieses führt mich nun auf das andere, was für die portugiesischen Dialektologen beherzigenswerth erscheint, nämlich die Transkription. Das portugiesische Schriftsystem ist allzu konventionell, um ohne grosse Nachtheile für dialektische Aufzeichnungen verwandt zu werden. Die Accente drücken die Qualität der Vokale aus; können sie zugleich in allen Fällen als Betonungszeichen fungiren? Wenn auslaut. *e* und *o* im Port. fast wie *i* und *u* gesprochen werden, was habe ich zu thun, wenn ich den ursprünglichen, den spanischen Werth dieser Vokale darstellen soll? Die gleiche Verlegenheit besteht bezüglich des *a*. Warum wird der weibliche Artikel im Mirandesischen *lâ* geschrieben, wenn hier keine andere Vokalnüance vorliegt, als im

port. *a*? Da auslaut. *s* und *z* im Port. so viel als *š* bedeuten, wie bezeichne ich den Laut *s* am Schluss der Wörter? Schreibt Herr Leite d. V. *diess, lhuss* = port. *dez, luz*, um vor der Aussprache *dieš, luš* zu bewahren? Zu alledem kommen noch manche Inkonsequenzen, besonders in der Wiedergabe der Nasalvokale, so S. 21 ff. Ind. *âmă*, Konj. *âmam* — Ind. *úná*, Konj. *únam* — Ind. und Konj. *dévă*; *amórũ*, aber *devírum*.

Graz, 5. Febr. 1883.

Hugo Schuchardt»[1].

(In *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*, IV (1883), p. 108).

3. «Un librettino che non deve sfuggire agli studiosi di lingue romanze. Miranda-do-Douro é, come si sa, nella provincia di Oltremonte; e la sua parlata si frappone a' rami *asturiano-leonese* e *gallìziano-portoghese*. L'autore dá paradimmi e osservazioni, con brevitá e chiarezza..... Tutto questo nostro mondo latino si avviva e si agita: le *mani negre* lo minaccino: le bianche mani s'adoperano intorno al suo onore e al suo bene».

(Emilio Teza, in *La Cultura*, rivista di scienze, lettere ed arti, IV, (Roma 1883), pp. 182-183)[2].

---

[1] O Sr. Dr. Schuchardt, professor de Philologia romanica na Universidade de Graz, tem-se occupado muitas vezes da nossa lingoa, ou em artigos especiaes, ou em críticas bibliographicas. São célebres os seus estudos sobre os crioulos portugueses. Os seus principaes artigos acham-se comprehendidos nas duas series: *Kreolische Studien* e *Beiträge zur Kenntniss des kreolischen Romanisch.*—Cf. *Revista Lusitana*, IV, 278-280, e V, 242.

[2] O Sr. Teza, professor na Universidade de Padua, é auctor do primeiro trabalho scientifico que se publicou sobre os nossos crioulos, o qual se intitula *Indoportoghese*, 1872, extrahido do periodico italiano *Il Propugnatore*, vol. V (trata do dialecto de Ceilão).

4. Do Relatorio do concurso philologico e litterario celebrado em Montpellier em 1883 sob os auspicios da *Société pour l'étude des langues romanes,* extrae-se o seguinte:

«Le troisième prix de la Société était destiné à recompenser le meilleur travail philologique ayant pour objet un idiome populaire néo-latin.

Trois mémoires ont attiré particulièrement l'attention de la Société.

L'un a pour auteur M. Leite de Vasconcellos, étudiant à l'École de médecine de Porto, et pour sujet le dialecte de Miranda de Douro, dans la province portugaise de Tras-os-Montès. L'ouvrage est imprimé et rédigé en portugais. Dans cette monographie très-méthodique, M. Vasconcellos donne d'abord un rapide aperçu sur les dialectes de la langue portugaise, puis il s'occupe spécialement de l'idiome parlé dans les environs de Miranda. Il en étudie la phonétique et la morphologie, les compare à celles d'autres dialectes hispaniques, tels que le gallicien, le léonais, l'asturien, l'andaloux et le catalan; constate ensuite que la syntaxe de Miranda ne diffère pas essentiellement de la syntaxe portugaise, et termine par une collection de devinettes et de contes populaires, accompagnée d'un court lexique comparatif.

Ce travail un peu succinct est très-bien fait. L'auteur est au courant de la science, il connaît les bonnes méthodes et les applique. Si M. Adolphe Coelho, comme le dit M. Vasconcellos, est l'introducteur de la science du langage en Portugal, il a tout lieu d'être fier de son œuvre et de son élève.

Le mémoire de M. J.-P. Durand de Gros, qui a pour objet le dialecte rouergat, n'a pas le plan sévère de la monographie sur le dialecte de Miranda; mais, disons-le vite, il n'en avait pas besoin. L'auteur n'essaye pas encore de synthèse; il étudie et constate des phénomènes

linguistiques, et cherche à les expliquer.............
.....En comparant ce travail si estimable avec celui de M. de Vasconcellos, la Société était assez embarrassée pour choisir; mais la générosité du Conseil municipal de Montpellier, qui vient d'instituer un prix de trois cents francs pour un mémoire provenant d'un savant étranger, la met à l'aise. Elle décerne le prix du Conseil à la monographie portugaise, et donne à M. Durand l'objet d'art annoncé par son programme.

M. Guichard, professeur à l'École normale primaire d'Avignon, avait aussi présenté une grammaire du patois de Mens, en Dauphiné[1]. L'auteur y fait preuve d'intelligence et d'aptitude linguistique; il connaît bien le dialecte qu'il étudie, mais il n'a pas encore la sûreté de méthode de M. de Vasconcellos et l'érudition sagace et pénétrante de M. Durand.

La Société lui accorde une mention très-honorable».

(Vid. *Revue des langues romanes,* t. XXIV (1883), pp. 17-19).

[1] Mens, chef-lieu de canton de l'Isére, arrondissement de Grenoble.

APPENDICE III

Communicação feita ao Congresso Internacional de Sciencias Geographicas pelo Sr. Gonçalves Vianna, em Paris, em 1889, a proposito de um mappa linguistico da Europa

«J'ai lu sur le programme des travaux de ce groupe qu'il s'agissait de dresser une carte générale des langues et des dialectes parlés en Europe.

Je voudrais, avant que cette carte soit dessinée, signaler l'existence de deux langues, parlées sur la frontière de l'Espagne et du Portugal, dans la province portugaise de Trás-os-Montes, lesquelles ont été découvertes par le philologue portugais, M. Leite de Vasconcellos. Elles sont parlées dans deux petits villages, Guadramil et Rio-d'Onor, et M. L. de V. les a dénommées g u a d r a m i l a i s et r i o d o n o r a i s (g u a d r a m i l ê s, r i o d o n o r ê s). Elles sont, comme le mirandais, une autre langue déjà connue, parlée également sur cette frontière du Portugal, en voie de disparaître bientôt, puisque, partout, le portugais les envahit.

Il me paraît donc nécessaire d'en prendre note, avant qu'elles s'éteignent, ce qui arrivera fatalement dans une ou deux générations, l'isolement où les individus qui parlent ces langues ont vécu jusqu'à présent, faisant place à des rapports continuels avec les Portugais des autres provinces.

En ce qui concerne le mirandais, qui, quoique connu chez nous, est à peine soupçonné ailleurs, je profite de

cette occasion pour solliciter l'attention de Messieurs les Membres du Congrès sur ce fait, que le *l* initial latin y devient, comme en catalan, un *l* mouillé, que l'on écrit d'après l'orthographe portugaise par *lh*, comme dans l'ancien provençal, quoiqu'on ne puisse voir dans cette particularité phonétique aucune influence du catalan, vu la grande distance qui sépare la Catalogne du territoire de Miranda-do-Douro, et le manque de rapports entre les individus parlant ces deux langues, entre lesquelles s'interpose un territoire castillan. Au contraire de ce qui arrive pour le portugais, le *l* et le *n* médials latins s'y maintiennent, comme c'est le cas pour le castillan et le catalan, tandis que les groupes de consonnes explosives sourdes suivies de *l* (*pl, cl*), ainsi que *fl*, y subissent la même altération qu'en portugais, ne devenant point comme en castillan *ll*, c'est-à-dire *l* mouillé.

En combinant ces faits, on ne saurait donc considérer le mirandais comme un dialecte du portugais ou du castillan, et, d'un autre côté, son vocabulaire, qui se rapproche de celui des dialectes portugais de Trás-os-Montes, empêche de le regarder comme un dialecte catalan, ce que déjà sa grammaire ne permettrait point.

La phonétique du mirandais se rapproche, d'ailleurs, bien plus de celle du portugais de Trás-os-Montes, que de celle de tout autre langue ou dialecte parlé dans la Péninsule Ibérique: elle maintient la distinction entre *ç* et *s* sourd, entre *z* et *s* sonore, distinction tout-à-fait disparate de tout autre dialecte portugais que ceux de Trás-os-Montes, le *s* sourd et le *s* sonore y constituant une classe de fricatives particulières, qui se rapprochent des cacuminales, classe qui existe, il est vrai, dans d'autres dialectes du nord du Portugal, ainsi qu'en castillan, à l'exclusion cependant des linguales apicales ordinaires.

Le mirandais possède le *y* castillan, c'est-à-dire la fricative palatale sonore, quelquefois allant même jusqu'à devenir l'affriquée *dy*; il n'a pas cependant la gutturale *j*, pas plus que l'interdentale *z*, du castillan.

Le mirandais, le guadramilais, le riodonorais n'ont aucune littérature, le peu de contes populaires qui aient été recueillis dans ces trois villages n'étant que des emprunts faits à des versions portugaises connues dans les peuplades qui les avoisinent.

M. L. de Vasconcellos a, il est vrai, publié, outre des renseignements précieux sur le mirandais, un volume (*Flores Mirandesas*) contenant des poésies, composées par lui-même dans cette langue; ces petits poèmes, cependant, ayant une origine tout-à-fait artificielle et une forme littéraire, ne traitant d'ailleurs pas de sujets vraiment populaires, et M. L. de Vasconcellos, de son côté, n'étant pas un Mirandais, on ne saurait regarder de telles compositions comme des produits de littérature locale.

En résumant, on peut donc, dès á présent, constater l'existence, en Portugal, de trois langues nouvelles, indépendantes entre elles, aussi bien que par rapport au gallicien-portugais et au castillan, langues en voie de disparition rapide, et qui n'ont aucune littérature qui puisse en conserver le souvenir, mais qui n'en ont pas moins le droit de prendre place dans la carte générale qu'on veut dresser».

(Vid. *Compte rendu publié par le Secrétaire général du Congrès* t. I, Paris 1890, pp. 659-660).

APPENDICE IV

Additamentos ao Vol. I d'estes «Estudos»

A) A palavra CAÇURRO.

Depois do que escrevi no vol. I, pp. 15–17, á cêrca de *caçurro,* recolhi mais algumas informações. Em várias localidades da Extremadura, por exemplo, nos concelhos do Cadaval, de Obidos e da Arruda, usa-se na lingoa commum a palavra *caçurro,* que significa monticulo natural, pedregoso e inculto, no meio de uma propriedade cultivada. Um poeta popular da mesma provincia fez, por gracejo, a seguinte quadra onde entra a palavra:

Eu vinha da Rabiçaca,
E passei pelo *caçurro:*
Depois atirei um salto
Para cima do mê burro.

Ao pé de Aldeia-Gallega-de-Merciana (Alemquer) ha uma propriedade que se chama *Caçurral.*—Não é improvavel que o vocabulo mirandês, embora seja adjectivo, se relacione com o vocabulo estremenho, apesar de este ser substantivo. Cf. na lingoa usual: *rustico,* que tanto significa «campestre», como «grosseiro».—Temos por tanto a serie: *caçurro, Caçurral, Caçurrães* (= Caçurraes).

Em hespanhol era *cazurro* o nome de uma especie de jograes: «Había además las denominaciones de albardanes y las de *cazurros* y segriers ó cosa semejante». Milá y Fontanals, *De los trovadores en España* [*y Portugal*], Barcelona 1861, p. 511 nota.

No *Cancionero de Baena,* na ed. de Madrid 1851:

Burleria é *casurrya* (*sic* com *s*)

e traduz-se no *Vocabulario* esta palavra por «bufonada».

B) A palavra PEINHA.

No vol. I d'estes *Estudos,* pp. 96 e 278, propus como etymo do mir. *peinha* (hesp. *peña,* port. *pena*) o celtico *penna ou PENNO-; mas tal etymo não póde admittir-se, porque na referida palavra celtica o *e* é breve, como se vê no *Altceltischer Sprachschatz,* de A. Holder, (o fasciculo em que vem esta palavra foi publicado posteriormente á impressão do meu volume); e um *e* breve teria dado em hespanhol o ditongo *ie,* e em mirandês o ditongo *ię̂*. A doutrina que sustentei em relação á correspondencia de *ñ* hesp., *nh* mir. e *n* port. a -NN- originarios fica porém a mesma; se o etymo das citadas palavras não é *penna, é outro onde haja tambem -NN-, talvez pinna, como primeiro lembrou Diez, *Etymologiches Wörterbuch,* s. v.

C) BIBLIOGRAPHIA.

Ás indicações bibliographicas publicadas no vol. I, pp. 21-31, tenho de accrescentar mais algumas:

1. *Dialecto Mirandez* por Albino J. de Moraes Ferreira, Lisboa 1898, LXXXVIII-108 pp., com um mappa, estampas e musicas (entre as estampas conte-se o retrato do auctor!), — trabalho cheio de erros, e destituido de todo o valor scientifico. Vid. o que sobre elle escrevi no vol. I, pp. XI-XIX. — Poderão acaso alguns leitores imaginar que eu censuro este trabalho só pelo facto de seu auctor se occupar do mesmo assunto que eu.

Engano! A vinha não é só minha, é de todos. Eu proprio, no primeiro opusculo que dei a lume sobre o mirandês, instiguei o nosso público em geral, e os Mirandeses em especial, a tratarem litteraria e scientificamente d'este idioma. N-*O dialecto mirandés,* 1882, p. 9, digo: «Sería ..... muito conveniente que ..... os Mirandeses fizessem todos os esforços, não direi já por meio de uma sociedade ou um jornal especial, mas ao menos pela conversação familiar, pela correspondencia epistolar, pela publicação de artigos litterarios e tradições populares, para manterem o seu dialecto intacto o mais possivel contra as invasões do português e do hespanhol». E nas *Flores mirandesas,* 1884, pp. 29–30: «..... esta pequena publicação cuja curiosidade attrairá por ventura outros, que, colligindo contos e poesias populares, e escrevendo trabalhos originaes, possam em breve dotar de uma litteratura variada essas lingoas [referia-me ao mirandês, e ao mesmo tempo ao rionorês e guadramilês], que vivem desterradas e ignoradas no meio das asperezas da provincia de Tras-os-Montes». Vêem, pois, os leitores que eu sería o primeiro a applaudir o Sr. Moraes Ferreira se elle, em vez de se apresentar modesto e consciencioso, não viesse a público com tanta philaucia e com tão completo desconhecimento da philologia em geral e da mirandesa em especial.

2. O citado trabalho serviu de objecto a alguns artigos da nossa imprensa periodica. Cito aqui apenas alguns d'aquelles de que tive conhecimento:

a) Artigo do Sr. Trindade Coelho nas *Novidades* de 26 de Dezembro de 1898. Diz-se ahi: «..... o sr. Moraes Ferreira não afinára a orthoepia do seu livro pelo diapasão do gaiteiro de Genizio,—o que é o mesmo que dizer, pelo da linguagem da Terra de Miranda. E pois que o Sr. Moraes Ferreira affirma que a gram-

matica deve ser o padrão, o modelo, o diapasão typico para cotejar a linguagem, encontrei, procedendo á operação inversa, isto é, aferindo pela linguagem fallada em Terra de Miranda a orthoepia do seu volume, que a orthoepia do seu volume estava errada».—Nem por ser pittoresca esta conclusão, deixa ella de ser exactissima.

b) Na *Tribuna* de 8 de Janeiro de 1899 trata o Sr. Candido de Figueiredo do livro do Sr. Moraes Ferreira, não o elogiando abertamente, mas tambem não o condemnando. Neste caso póde dizer-se que tanto sabe o crítico, como o criticado. *Arcades ambo*... «Nós, os homens de lettras...», como o mesmo Sr. Candido de Figueiredo solemnemente se exprime, fallando a respeito de si proprio no referido artigo![1] Julguem da sciéncia philologica do Sr. Figueiredo os leitores, pelo seguinte trecho: «a grande maioria constitutiva dêsse dialecto é constituida por termos lidimamente hispanhoes, ou hispanhoes ligeiramente alterados, e por termos portuguêses, modificados na prática de algumas povoações beirôas, minhotas e até alemtejanas». E entre os «castelhanismos puros» cita *coraçones, pido* e *aqueilha.* Mas esta última palavra não é hespanhola: em hespanhol diz-se *aquella,* sem o ditongo *ei,* que existe em mirandês! Se os leitores se derem ao trabalho de comparar aquelle trecho com o que escrevi na *Grammatica mirandesa* e na Parte III d'este volume, p. 43 sqq., onde mostrei que o mirandês occupa lugar especial entre o português e o hespanhol, sem ser mixto d'estes, e onde deduzi as leis phoneticas e morphologicas a que obedece *aqueilha, pido* e *coraçones,* verão que o Sr. Candido de Figueiredo, se desconhece o hespanhol, não desconhece menos

1 Comparavel, só a irreverencia de certo sacristão, que, tambem fallando de si, dizia: «Nós cá, os padres...» (authentico)

o mirandês. Para que se metteu pois a fallar d'aquillo de que não entende?

c) O Sr. Augusto Moreno consagrou tambem na *Tribuna* (vid. os numeros de 15 e de 22 de Janeiro de 1899) um artigo ao livro do Sr. Ferreira. O auctor conhece praticamente o mirandês, e faz por isso correcções acertadas. A synthese da apreciação contém-se nestas palavras: «Scientificamente considerada, a brochura do Sr. Moraes Ferreira não passa de um tentame tão audaz quanto infeliz!»[1]. — O Sr. Moraes Ferreira respondeu

---

1 Visto que me estou occupando de philologia, não posso deixar de fazer uns reparos a umas palavras do Sr. Moreno: «Aqui lhes confesso á puridade, diz elle, que ainda até hoje os meus ouvidos não puderam conformar-se com as palavras *pudíco* e *pudíca*. *Púdico* e *púdica* soava-me melhor. E, se eu mandasse, visto que é *cúbico* e *público*, é porque tambem havia de ser *púdico*». Francamente, não entendo nada, poisque *público* e *cubico* não se parecem com *pudíco* nem com *pudíca*. De certo saberá o Sr. Moreno que a nossa pronúncia se regula, em geral, pela latina, poisque o português não é senão latim modificado. Ora, se em latim se dizia *publĭcus* e *cubĭcus*, com ĭ (*i* breve), as palavras portuguesas que lhes correspondem são *público* e *cúbico*, com o accento na antepenultima; e se na mesma lingoa se dizia *pudīcus* e *pudīca*, com ī (*i* longo), é claro que a nossa pronúncia correcta é unicamente *pudíco* e *pudíca*, com accento na penúltima, agrade ou não agrade a ouvidos delicados. Em Camões, *Lusiadas*, II, LIII, lê-se mesmo:

A victoria trazia e presa rica,
Preso da Egypcia linda e não *pudica*

onde a rima prova (e não se cuide que Camões empregou uma *licença poetica!*) que o nosso epico tambem dizia, como devia dizer, *pudíca*. O mesmo se hade notar em relação a *Thrasybúlo*, etc. (latim *Thrasybūlus*, etc.), que o Sr. Moreno tambem cita. — Não póde ser mais justa, do que é, a seguinte maxima do Sr. Gaston Paris, na sua lição inaugural de *Grammaire historique de la langue française*, p. 23: «pretender fazer a grammatica de uma lingoa, sem lhe conhecer a história..... é renunciar a resultados scientificos».

na *Folha do Povo*, numero de 1 de Fevereiro de 1899; mas, em vez de refutar os erros que o Sr. Moreno lhe citou, limitou-se a subterfugios desgraçados.

3. Phonologia mirandesa, artigo publicado por mim na *Romania* (Paris 1889), vol. XXVIII, pp. 598–620.—É, com levissimas modificações, a parte contida na *Grammatica mirandesa*, pp. 171–193, e 205–211.—A este artigo se referiu o Sr. Meyer-Lübke in *Zeitschrift für romanische Philologie*.

4. Philologia mirandesa—Historia do L, artigo publicado tambem por mim in *Revue Hispanique* (Paris 1899), t. VI.—É a parte contida na *Grammatica mirandesa*, §§ 111–113.—D'este artigo fez-se separata (1 vol., in-8.º, de 16 pp., Paris 1899).

APPENDICE V

Litteratura mirandesa local

A litteratura mirandesa local é muito pobre, como já se disse no vol. I, p. 161. Os textos que vou aqui publicar distribuem-se da seguinte maneira:

1. Um *entremês* escrito originariamente em mirandês pelo Sr. Francisco Garrido Brandão, camponês natural de Cércio. Como seu auctor não possue propriamente cultura litteraria, este texto tem o merito da espontaneidade, e revela, o menos possivel, influencia da lingoa portuguesa.

2. *Tradições populares*. Nestes textos distinguem-se ainda duas classes: uma, que se compõe de contos, fabulas e poesias de origem portuguesa, vertidos por várias pessoas do povo, a meu pedido, para mirandês; outra, que consta de alguns rifões e dos versos da *gaita gallega* ou *de fòlle,* ditos, uns e outros, sempre em mirandês. Estas duas classes tem porém o mesmo valor, por isso que em ambas collaborou o povo. É possivel que os contos populares se narrem tambem muitas vezes em mirandês, e nem sempre em português, por isso que não tem fórma litteraria tão fixa como, por exemplo, as cantigas.

I

ENTREMÊS — por Francisco Garrido Brandão

Já no vol. I d'estes *Estudos*, p. 30, me referi ao interessante entremês que adeante transcrevo[1]. Consta de duas partes: do entremês propriamente dito, e de um prologo, a que seu auctor chama *Prophecia*, escrito em português. No entremês (em mir. *antremés*) os personagens fallam mirandês, gallego e português. Os protagonistas são *Sturiano*, palavra que quer dizer «Asturiano», e *Marcolfa*, palavra de origem germanica (não sei aonde o A. a foi buscar, talvez a alguma peça theatral antiga, da litteratura chamada *de cordel*). Segundo o que me dizem, o thema do entremês assenta em factos reaes. É curioso que *Sturiano* falle gallego, e não bable; isto explica-se pelo facto de o auctor ignorar este dialecto, e suppôr que, como o que queria era fazer que o seu personagem fallasse comicamente uma lingoa estranha, o gallego bastaria.

Eis a lista dos personagens com a indicação dos idiomas de que se servem:

Sturiano, taberneiro, namorado de Marcolfa...	*falla gallego*
Marcolfa, mulher de Jacó	*falla mirandês*
Jacó, marido de Marcolfa	»
Gaspar, filho dos dois antecedentes	»
Ambrosio, freguês da taberna de Sturiano......	»
Albernó, mulher de Sturiano	*falla português*
Bertoldim, filho de Sturiano e Marcolfa	»
Lòriano (Lauriano), mendigo	»

[1] Uma pequena parte d'elle (ao todo uns 88 versos) foi já publicada, mas com muitas inexactidões, no *Dialecto mirandez* do Sr. Moraes Ferreira, Lisboa 1898, p. 33-37. Este Sr., quando soube que eu, como digo no vol. I, p. 30, havia começado a copiar o entremês da boca do proprio auctor, F. G. Brandão, apressou-se tambem a copiá-lo; porém, ao que parece, não o copiou todo.

Eis as regras que me dirigiram na transcripção do texto.

O ms., como disse no vol. I, p. 30, foi-me enviado pelo meu amigo o Rev. José Bernardo de Moraes Calado, conego-prior da Sé de Miranda; mas eu, como tambem digo *ibidem*, copiei parte do entremês da bôca do proprio auctor, aqui em Lisboa, por occasião das festas do Centenario da India, em que cá vieram os pauliteiros de Miranda; a cópia chegou até o verso 182 do entremês propriamente dito. De modo que até esse verso possuo dois textos originaes: o do auctor, escrito com as naturaes incertezas orthographicas de quem, sem tradições litterarias que pudesse seguir, escreve uma lingoa popular como a mirandesa; e o meu, feito segundo a transcrição phonetica que nesta obra adoto. Para ministrar aos estudiosos e especialistas documento espontaneo da orthographia mirandesa, publíco o texto do auctor do ms. tal como o recebi; mas, para facilitar ao commum dos leitores a intelligencia d'elle, colloco ao lado o meu texto, com a transcrição scientifica por mim empregada: sendo até o verso 182 em conformidade com o que ouvi ao auctor, e d'ahi por deante segundo o que me pareceu que devia ser.

O texto gallego não é perfeito no original. O A. contentou-se com empregar algumas palavras gallegas, substituindo outras vezes estas pelas portuguesas respectivas, por isso que elle, como verifiquei, tem consciencia de que o gallego é português. Na minha transcrição emprégo, tanto quanto pude, o gallego puro, porque da parte que colhi dos labios do auctor vi que elle, embora no ms. tenha, por ex., *fumão, vem, tambem, ninguem, já*, etc., pronunciava *fuman, bén, tambén, ninguén* (com *-en* ou com *-ẽ*), *xá*, etc.: não hesitei pois em o corrigir, deixando apenas algumas particularidades, como *cabanhola, ficestes* e outras, conforme digo em nota.

Pelo que respeita ao texto português, tanto do entremês propriamente dito, como do prologo, ponho-o de

accôrdo com a pronúncia popular, sempre que a orthographia official a encobre. Julguei-me auctorizado a fazer isso, já pelo conhecimento geral que tenho da lingoagem portuguesa popular da Terra de Miranda, já pela parte do entremês que ouvi ao auctor, e cuja pronúncia notei tambem nestes pontos. Ainda assim, procedo com certa moderação.

D'esta maneira, os textos que adeante apresento são todos populares. Alem do merito do texto propriamente mirandês, por ser devido a um indigena sem grande instrucção, o entremês tem o de representar no seu conjuncto o caracter idiomatico da região. Como disse no vol. I, p. 158, os Mirandeses fallam mirandês, português e hespanhol, e entendem o gallego, facto este de que geralmente se gabam; como disse a p. 75, d'este volume, o mirandês estabelece transição do asturianò-leonês para o gallecò-português: ora o entremês é asturiano (hespanhol), pelo nome de um dos protagonistas; é gallego, português e mirandês pela lingoagem dos personagens.

Na apreciação da parte litteraria não entrarei, porque não publíco este texto como documento de litteratura, mas como documento de lingoa. Em todo o caso notarei que, sendo elle destinado *ad mores ridendo castigandos,* não deixa de revelar certa veia comica[1].

---

[1] Entre os versos 112 e 113 ha no manuscrito mais 24 versos (6 quadras) um tanto licenciosos, que o proprio auctor riscou, podendo porém ainda elles ler-se perfeitamente debaixo dos riscos.

STURIANO I MARCOLFA

PROPHECIA

Böu-bos cuntar um conto,
Para entreter o serão;
Bamos falar dos öutros,
Que os öutros de nós falarão.

Já que temos tanto tempo,
Para q' hemos de star calados?
Böu cuntar-bos a bida
Cá de dois namorados.

Mettem horror á gente,
Bê-los por esse lugar:
Rua a baixo, rua a cima,
Sempre se andam a encuntrar.

E, quando não se encontram na rua,
Logo bem [= *vem*] saindo ella;
E elle se põe logo á porta,
Muito pronto a recebê-la.

E diz-lhe d'esta maneira:
—Aonde ides, querida?
E ella diz que bem (*vem*) chamar
O cumpadre da sua bida.

E dizer-bos böu tambem
Para que ella o bem [= *vem*] chamar:
É somente para o fim
De s' irem embebedar.

Porq' isto só elles fazem,
Não lh' importa de mais nada;
Elles só estão a aguardar
Que o homem se bá de caſa.

E böu dizer-bos o nome
D'este dito namorado:
Elle beiu da Esturia,
Por isso tem o nome Esturiano.

E ella tambem o digo
Que Marcolfa tem por nome;
Por q'rer bem um Esturiano,
Até já aborrece o homem!

E o homem, coitadinho,
Anda mui triste e chorando;
Já não lhe importa por elles,
Só quer que o bão deixando...

Porque ella tem um genio
Muito caro de aturar:
Põe-lhe o dedo no nariz,
Até que o faz calar.

Este homem, Jacó chamado,
Bem bundoſo poderá ser...
Senão, não lhe aconteciam cöuſas
Que sempre lhe estão a acuntecer.

Este Jacó tem um filho,
Póde-se chamar Gaspar;
E heis de ber como bem [= *vem*] zangado,
Capaz de os atrabessar!

E bereis como Albernó,
Mulher do dito Esturiano,
Bem [= *vem*] com uma criança ao collo,
E um burro carregado.

A carga que traz o burro
São dois latos de gaz;
E bai chamar o Esturiano
E bereis o que ella faz.

Está alli um pöuco a 'sp'rar;
Mas já lhe parecendo tarde,
Determina ir chamá-lo
A caſa de sua comadre.

Esta diz para o filho,
Que lhe chamam Bertoldim:
—Não deixa de estar lá,
Que elle nunca sai d'alli.

Depois de o ter chamado
Para ir descarregar os latos,
Elle diz-lhe que não bai,
Não quer saber de seus tratos.

Depois a pobre Albernó
Bai-se d'alli mui zangada,
E se põe logo a caminho
P'r' a sua triste morada.

Depois diz para Marcolfa,
Zangada da sua bida:
—Se não fosse por me manter os filhos,
Parece-me que até a comia!

Bereis como pobre Lòriano
Bai com elles par' a adega,
E, logo que chegam lá,
Bereis o sermão que lhe prega.

E bindo Embroſio a buscar binho
Em caſa do dito Esturiano,
Não no topando alli,
Fica todo enraibado.

Quereis saber uma cöuſa
Que passöu o öutro dia
Com Esturiano e Macolfa,
Que deve cauſar alegria?

Esturiano estaba jogando,
E diz para o filho Bertoldim:
— Bai dizer á comadre
Que faça de m'rendar p'ra mim.

E logo que Marcolfa
Lhe chegöu este recado,
Parte logo uma chöuriça,
E ao rapaz disse-lhe que era rabo.

E depois ella vai lebá-lo
Ao cumpadre da sua bida;
Mas o diacho foi comê-lo
Öutra (*outrem?*) para quem não ia!

Pöuſöu-lhe o petisco alli,
Foi-se, deixöu-o só;
Mas depois d'alli a um pöuco
Comeu-o Albernó.

E já não bos conto mais,
Que isto nunca se acaba;
Se fossemos a contar tudo,
Por ahi dois annos lubaba!

Por isso mesmo me calo,
Que já bai chegando o tempo
De dizerem as figuras
O certo acuntecimento.

ENTREMÊS

Original	Transcrição phonetica
MARCOLFA	MARCOLFA
Dieus bus de bunus dies Compadre esturiano, Já quanta que num bus bie Cuidaba que estabades malo.	Dius bos dé bo̮nos die̯s, Cumpadre Sturiano! Yá quant' ha que nũ bos bie̯! Cuidei que stábades malo.
Agora desque mudestes La casa para aquel lhado, Ando ruo baixo ruo riba Raios parta el diabo.	Agora, de̮sque mudestes La caʃa par' aquel lhado, Ando rùe̯ 'baixo, rùe̯ 'riba... Raios parta l diabo!

STURIANO

Eu, se mudei a casa,
Ca levava seu camiño,
É por causa dos rapaces,
Que me beben muito viño.

E non é só polo viño
É tambén polos cigarros:
Desde que eu sayo de casa,
Fuman cómo diabos!

Original	Transcrição phonetica
MARCOLFA	MARCOLFA
E vos quando salis Digovos la verdade, Deixai la chabe antregue A esta buossa comadre	I bós, cando salis, P'ra bos dezi-la berdade, Deixai la chab' antregue A esta bo̮ssa comadre.
Pudeis andar pul mundo A correr e a saltar Mas comadre cumo iou Num la eisde encontrar.	Podeis andar po l mundo, A correr i a saltar: Mas comadre como̯ yöu, Nũ la heisd' ancuntrar:

Original	Transcrição phonetica
Quiem bus faga las cousas	Quĩẽ bos faga las cöuʃas
Tanto a la buossa buntade,	Tant' a la bǫssa buntade,
Num encontrais no mundo	Nũ ancuntrais no mundo,
Digovuslo iou cumpadre.	Digo-bos-lo yöu, cumpadre.
Porque vós eisde saber	Porque bós heis de saber,
Compadre esturiano	Cumpadre Sturiano,
Que nuca (*sic*) me fui dalhi	Que nunca me fui d'alhi
Quando estabades malo	Quando bós stebistes malo.
Vós estubistes a la murte	Bós stebistes a la mǫrte,
A punto de abalhar	A punto d' abalhar,
E iou a laborda de vós	I yöu a la borda de bós,
Num fazie se non churar	Derretindo-me a chorar.
Deixaba lus filhos an casa	Deixaba ls filhos ã caʃa,
Estaban siempre a esperar por mi	Stábã sįęmpre a 'sprar por mi;
Mas iou nun pudie ir a lha	Mas yöu nunca ib' alhá
Por nun me tirar da lhi	Por nu' me tirar d' alhí.
Umas bezes tenie calma	Ųnas bezes tenię calma,
Outras vezes tenie friu	Öutras bezes tenię friu,
Mas iou nun miva dalhi	Mas yöu nu'-m' iba d' alhi:
Quierovos mais que al mio tio.	Quįęro-bos máis q' a l miu tiu!

STURIANO

Cando eu estive doente
Vi o que me queriádes de ben:
Ficestesme una *cabanhola*,
Mesmo como a de Belén!

Eu non tiña mal *nenhun*,
Mas ali estaba quente:
Estabádes vós a miña beira,
Eu faciame doente.

Original — Transcripção phonetica

MARCOLFA

Vós quedavades milhor
Estardes siempre malo
Que vos dava el que iou tenie
Del milhor e del mais malo.

Olhai compadre esturiano
Se estubirades siempre na cama
El prusuntico milhor
La mie familia num el pruvaba

Vós siempre teneis comido
Aqueilhas febras mais burmeilhas
Mas el mio home jaco
Arreda las oureilhas.

MARCOLFA

Bós quedábades milhore
Stardes sie̯mpre malo,
Que bos daba l q' yöu tenie̯,
De l milhor i de l mais malo.

Olhai, cumpadre Sturiano,
Se stubírades sie̯mpre na cama,
L pru∫untico milhore
La mie̯ familia nũ l probaba!

Bós sie̯mpre teneis comido
D' aqueilhas febras mais burmeilhas;
Mas l miu ome Jacó
Arreda-le las öureilhas...

STURIANO

Tambén eu a vós vos dou
Boas canecas de viño...

MARCOLFA

Antom calhemonos ambos
Queda a cunta del toucino.

MARCOLFA

Antõũ calhemo-nos ambos,
Qued' a cǫnta de l töucino...

STURIANO

Pois agora, olhai, comadre,
Deixemo-nos de razois:
Vâmos beber unha pinga,
Eu e vós ambos a dous!

MARCOLFA

Hoge vamos a bussa casa
E manhana a la mie dega
Bós ide andando de lantre
Agora quiero ver qual se nega.

MARCOLFA

Oije bamos a bǫssa ca∫a,
I manhan' a la mi' adega:
Yöu böu andando delantre;
Agora quie̯ro ber qual se nega...

Vae Sturiano deante, e Marcolfa detrás, e entram para casa de Sturiano, e diz

STURIANO

Ora pegai la no viño,
Bebei p'ra baixo, comadre!
E asomaivos ahi a fora,
A ver se ven o compadre.

Marcolfa pega no vinho, bebe, e depois diz

Original	Transcrição phonetica
MARCOLFA	MARCOLFA
Biem me emporta ami que benga	Bi̊ẽ̬ m' amport' a mi que benga!
Deixaime beber outra pinga	Deixa-me buber öutra pinga,
Porque inda quel cuorra e salte	Porqu', inda q' él co̬rra i salte,
De la mie ideia num me tira.	D' la mìe̯ eideia nu' me tira!
Porque iou compadre mio	Porq' yöu, cumpadre mìu,
Para vus dezir la berdade	P'ra bos dezi' la berdade,
Eide venir a bussa casa	Hei-de benir a bo̬ssa caſa,
Quando me dir la buntade.	Quando me di' la buntade.

Aqui vem Gaspar zangado, e diz

Original	Transcrição phonetica
GASPAR	GASPAR
Se iou governara casa	S' yöu gobernára caſa,
Cumo governa mio pai	Como goberna mìu pai,
Nun bus farie la bontade	Nũ bos fazìe̯ las buntades,
Cumo el bus la fai.	Como él bos las fai.
Mas se me fazeis tirar	Mas, se me fazeis tirar
Ca del (*sic*) mios cuidados	Acá de ls mìus cuidados,
Dou cabo de la familia	Döu cabo de la familia,
E de todos lus esturianos.	E de todos ls Sturianos...
Porque esta raça maldita	Porq' esta raça maldita
Num la pudo aturar	Nu' la po̬do aturare:
Alem de governar iou	Alẽ de gobernar yöu,
Quierem eilhes governar.	Qui̊e̬rẽ̯ eilhes gobernare!

Original

Digovos la berdade
Agora todos encomum
Por via destes esturianos
Num tengo mando nium.

Transcrição phonetica

Digo-bos la berdade,
Agor' a todos ã comũ:
Por bias d' estes Sturianos
Nũ tengo mando niũ.

Alto:

Original

Eide derribar la casa
Eide cahir las purtas
Eide matar els esturianos
Eidelus fazer an pustas.

Eide matar a mio armano
Eide desfulha (*sic*) a mio pai
Eide matar a mie armana
Que nun faga cumo mie mai.

Transcrição phonetica

Hei-de derribá' la caſa,
Hei-d' atirar culas pǫrtas,
Hei-de matar ls Sturianos,
E hei-de ls fazer ã pǫstas!

Hei-de matar a mìu armano,
Hei-de desfolhar a mìu pái,
Hei-de matar a mìę armana,
P'ra que nũ faga cumo mìę mái.

Vai-se Gaspar e vem Marcolfa, chamando os p i r ú s, *e passa pela borda da casa de Sturiano, e diz*

MARCOLFA

A compadre esturiano
Vistes parqui lus mius prus
Perdironse esta manhana
Valhame dius ai Jesus.

MARCOLFA

Ah! cumpadre Sturiano,
Bós bistes por 'qui ls mìus p'rus?
Perdirũ-s' esta manhana,
Balha-me Dìus, ai Jasus!

Marcolfa chama os p i r ú s:

Pru, pru, pru, pru, pru,
Pru, pru, pru, pru, pru.

STURIANO

Oh comadre Marcolfa,
Os perus non están por 'hi?

MARCOLFA

Lus prús que iou buscaba
Estulos bendo deiqui.

MARCOLFA

Ls p'rus q' yöu buscaba
Yá ls stöu bendo d' eiqui.

Original

You só bus buscaba a vós
Desbelo de lus mios cuidados
Nun buscaba a mais naide
Lus prús iá estan encerrados.

Transcrição phonetica

Yöu só bos buscab' a bós,
Dẹsbélo dẹls mius cuidados!
Que nũ buscab' a mais náide..
Ls p'rus yá stã ancerrados.

STURIANO

Pois aqui estou, comadre,
Vós que me queredes agora?

MARCOLFA

Quiro que vaiamos a buber
Cum la graça de nussa Senhora.

Iou vou pa la casa de baixo
Andai nun bus demoreis
Que vós bim pudeis saber
Lu qui a mi me fazeis.

MARCOLFA

Quiẹro que báiamos a buber
Cula graça de nọssa Sinhora:

Yöu böu pa la ca∫a de baixo,
Andai, nũ bos demoreis,
Que bós bĩẹ̃ podeis saber
L q' a mi me fazeis.

STURIANO

Pois eu xa bou nun momento,
Xá estaba pra vo-lo decer,
Vâmos aqui por baixo,
Escusa ninguén de nos ver.

MARCOLFA

Ide andando para baixo
Cum la graça de nusso Senhor
Que iou bou a buscar un chouriço
Para bebermos milhor.

MARCOLFA

Id' andando para baixo,
Cula graça de nọsso Sinhore,
Q' yöu böu buscar ũ chöuriço,
Pra poder buber milhore.

Vão para a adega. Aqui vem o pobre (LÒRIANO) *da comadre, e vae tambem para a adega, e, chegando á porta, diz*

LÒRIANO

Abrí a porta, tia Marcolfa,
Que mandöu o tio Jacó,
Que me désseis ũa pinga,
Agora que stöu eu só.

Marcolfa abre a porta, e diz o pobre

LÒRIANO

É preciso cerrar a porta
A este pobre que aqui bem [= *vem*]?
Não sabeis que eu, beija [= *veja*] o q' beija,
<Que> não digo nada a ninguem?

Original

MARCOLFA

Antrai e cerrai la purta
Senó iou la bou a cerrar
E ide sacando vino
Que mus emos amburrachar.

Transcrição phonetica

MARCOLFA

Antrai, i cerrai la pǫrta,
Senó yõu la bõu a cerrar,
I ide sacando bino,
Que mos hemos amborrachar.

Ambrosio ia á taberna buscar vinho.
Não achou o taberneiro, mas o rapaz, e disse-lhe

AMBROSIO

Bai a chamar a tõu pai,
Di-le que stá eiqui um ome:
Que beng' atéiqui de brebe,
I di-le que nũ se demore.

Di-le que y' ha mais de dûęs oras
Que stõu eiqui a 'spera d' él,
I que quiẹ̄ro múito bino...
Quiẹ̄ro esta calabaça d' él.

Aqui vem um filho de Sturiano chamado Bertoldim,
e chama á porta da adega, e diz

BERTOLDIM

O tia Marcolfa,
Elle stá ahi meu pai?
Que sái' até 'qui fora,
Diga-lhe que de pressa bai.

Sae STURIANO *e diz:*

Que queres tu, oh meu filho,
Que queres tu, oh Bertoldin?
Ha por ahi xente en casa,
E vens m' a chamar a min?

BERTOLDIM

Èstá alli um homem a 'sp'rar,
Já passa de duas horas,
E diz que bá lá de pressa,
Que não *èsteje* com demoras.

STURIANO

Vai lá, meu fillo, a correr,
Dice-ll' ô meu home que ali está,
Que a nossa comadre Marcolfa
Non me deixa chegar lá.

Original

MARCOLFA

Num anpunteis el rapaz
Sin lu anchermos de vino
Que quiem quiere vien al pai
Tamien quiere vien al filho.

Transcrição phonetica

MARCOLFA

Nũ ampunteis l rapaç,
Sĩ l' anchermos de bino,
Que qui̊ẽ̬ qui̊è̬r bi̊ẽ̬ a l pai
Tami̊ẽ̬ qui̊e̬r bi̊ẽ̬ a l filho.

Entra Bertoldim para dentro e bebe; e depois diz

MARCOLFA

Agora baite a correr
Toma este cacho de pam
Vaite a dezir a quel tio
Que estes que inda nun vam.

MARCOLFA

Agora bai-t' a correr,
Toma este cacho de pã,
Bai-t' a dezir a 'quél tiu
Q' estes q' inda nũ bã.

Corre e leva o recado.

STURIANO

Deixaime sahir, comadre,
Teño presa, xa me bou...

MARCOLFA

Quieto aiqui compadre
Que vós bien sabeis quien iou sou.

MARCOLFA

Qui̊e̬to eiqui, cumpadre,
Que bós bi̊ẽ̬ sabeis qui̊ẽ̬ yöu söu!

Aqui vem Jacob e Gaspar para a [adega], comendo pão e cebola, e chegando á [adega] di{

Original	Transcrição phonetica
GASPAR	GASPAR
Nós venimos comendo	Nós benimos comendo
Um cacho de pam e cevolhas	Ũ cacho de pã i cebolhas,
E la nussa dega chena	I la nọss' adega chena
Desta corja de Mariolas.	D' esta corja de mariolas!
MARCOLFA	MARCOLFA
Calhate filho Gaspar	Calha-te, filho Gaspar,
Tenes pouca caridade	Tenes pöuca caridade:
Aiqui a dentro só está	Eiqui a dentro só stá
El nusso pobre e el compadre.	L nọsso pobre i l cumpadre.
GASPAR	GASPAR
E chegam bien esses dous	I chegã bĩę esses döus
Para acabar cun la cuva	Par' acabar cũ la cuba,
De la maneira que estais todos	D' la maneira que stais todos
Burrachos como uva.	Borrachos cumo uba.
Para las escabar só sou iou	Pra las scabar só söu yöu,
E para vever el vino son lus estu-	<I> pra buber l bino <söũ> ls Stu-
Mas antes de salir deiqui [rianos	Mas antes de salir d' eiqui [rianos...
Adelus lhevar mil diabos.	Há-de-los lhebar mil diabos!

STURIANO

Deixaio falar, comadre,
Eu cuasi que lle acho graça:
Sempre anda decendo así,
E lògo vamos ambos â caça!

Original	Transcrição phonetica
JACÓ	JACÓ
Ja tengo dito vien vezes	Yá tengo dito bĩę bezes,
Compadre esturiano	Cumpadre Sturiano,
Que nun tornais a nussa casa	Que nũ tornéis a nọssa caſa,
[Por] vias de este tirano.	Por bias d' este tirano.

Original	Transcrição phonetica
Este rapaz ie mui malo	Este rapaç ye̯ múi malo,
[E] mui caro de aturar	I múi caro d' aturar;
Nós dezimos a las vezes	Nós dezimos a las bezes
..... nusso Senhor te pudie lhevar.	Que nosso Sinhor te podie̯ lhebar.

Saem da adega todos, e Sturiano faz que quer ir para casa d'elle; e diz

MARCOLFA	MARCOLFA
Agora nun baiades parende	Agora nũ báiades par' ende,
Pouca vergonha teneis	Pöuca bergonha teneis:
Acompanhestesme até baixo	Acumpanhestes-m' até baixo,
Acompanhai-me agora se quereis.	Acumpanhai-m' agora, se qreis.

STURIANO

Aonde vamos, comadre,
Aonde vamos, querida?

MARCOLFA	MARCOLFA
Vamos para mie casa	Bamos para mie̯ caʃa,
Compadre de la mie vida.	Cumpadre d' la mie̯ bida.

Vão para casa de Marcolfa; e diz

JACÓ	JACÓ
Ora se vós compadre	Ora se bós, cumpadre,
Num queredes aiqui tornar	Num qredes eiqui tornar,
Por vias d'aquel tirano	Por bias d' aquél tirano,
Desse mio filho Gaspar.	D' esse mìu filho Gaspar!

Pobre LÒRIANO

E tem razão, tio Jacó,
Que o bosso rapaz é mui mau:
Se elle fosse meu filho,
Já lhe daba co' este pau.

Original	Transcrição phonetica
GASPAR	GASPAR
Calhate pobre demonio	Calha-te, pobre, —demonio!
Tamiem sós a contra a mi	Tamĩẽ sós a contra mi!
Ja te ferro un puntapie	Yá te döu ũ puntapĩẽ,
Se nun te tiras daiqui.	Se nũ te tiras d' eiqui...

O pobre vae-se, e diz:

Eu ja me böu d'aqui,
Adeus, adeus, tia Marcolfa!
Por ũa reles pöuſada,
Scuſo de öubir esta solfa.

Aqui vem Albernó, mulher de Sturiano, com um burro, e uns l a t o s *em cima do burro, e uma criança ao collo; e chegando a casa de Sturiano diz:*

Ó Sturiano, sái cá fóra,
Que já chegöu a bagagem:
Bem-me descarregar os latos,
Que eu tenho pöuca coragem.

Sái Bertoldim, e diz:

Olhe que o pae não está aqui,
Eu digo-lhe a berdade...

ALBERNÓ

Então facelmente stá
Lá p'ra caſa da comadre!

Albernó vai chamá-lo a casa da comadre, e diz.

Ó comadre Marcolfa,
Elle stá ahi o Sturiano?
Nunca ha-de sahir d'ahi...
Raios parta o Diabo!

Sae Sturiano e diz:

Tu que me queres, Albernó,
Que tanto estás a chamar?

ALBERNÓ

Tenho os latos no burro,
Bai-os descarregar.

STURIANO

Non me importa polos latos,
Nen tampouco xá por ti,
Vai-os ti descarregar,
E tirateme xa daqui.

ALBERNÓ

Isso sabia-o eu,
Que me dabas esse galardão!
Anda... que, se o sei,
Não te binha chamar, não.

Em entrando para aqui,
Sei eu já como tu fazes:
Nunca bos tirais d'aqui,
Entre tu e os rapazes.

Por isso é que me eu calo,
Porque me mantem [1] a familia,
Que senão, não me calaba:
Parece-me que até a comia!

Original

MARCOLFA

Calhaivos demonio mulhir
Parece que nun sodes mie comadre
Idevos para casa
E deixai estar el compadre.

Transcrição phonetica

MARCOLFA

Calhai-bos, demonio-mulhi̊ẹ̬r,
Parece que nũ sodes mi̯ẹ comadre!
Ide-bos para caſa,
E deixai star l cumpadre!

---

[1] [Refere-se a Marcolfa].

ALBERNÓ

Inda lhe custa p'lo pöuco,
O demonio da mulher!
Eu ja me böu parà caſa,
Faça d'elle o que quiſer!

Vae-se Albernó. Sae Marcolfa e Sturiano. E diz

Original

MARCOLFA

La bussa mulhir compadre
Parcie que venie danhada
Cuidavà que el devien
Por ahi algua cevada.

Transcrição phonetica

MARCOLFA

La bǫssa mulhi̯ẹr, cumpadre,
Parciẹ que beniẹ danhada...
Cuidaba que l' debiẹ̃
Por hi algũ̯a cebada...

STURIANO

A nosa vida, comadre,
A todos dá que entender...

Original

MARCOLFA

Mais tontos somos nos
Da-la tanto a conhecer.

Transcrição phonetica

MARCOLFA

Mais tontos somos nós
Dá-la tanto a coincer...

Original

JACÔ

A este traste manhoso
Nun el pudo tirar la manha
Se agora na coresma nun imenda
Ai que data me apanha.

Transcrição phonetica

JACÔ

A este traste manhoſo
Nũ l' pǫdo tirá' la manha!
S' agora na coresma nũ eimenda,
Ai que data m' apanha!

STURIANO

Eu xa me vou d'aqui.
Valha-o Deus, oh compadre!
Non vaa por causa miña
Talvez matar a comadre!

Vem ALBERNÓ *e diz:*

Inda não sáis d'ahi,
Balha-te Deus, Sturiano:
Para tu stares á böua bida,
Olha eu que röupa trago!

O que te bale a ti é
O tio Jacó ser como os rapazes:
Senão na sua preſença
Não fazias o que fazes!

Original

GASPAR

Iou ia estou emfadado
De tanta cousa ver
Vai-se ademirar la gente
Del que iou vou a fazer.

Vou a matar lus esturianos
A tira-los deste mundo
Arrancalle las orelhas
E punela (*sic*) al fumo.

Por via d'esta vil raça
Nunca mos chega el pan
La culpa tenan-la mios pais
Dale la liverdade que el dan

Quando mie mai amassa
Entran alhi lus esturianos
E quando salan para fura
Traiam um volho nas manos.

Transcrição phonetica

GASPAR

Yöu yá stöu anfadado
De tanta cöuſa ber:
Bai-s' admirar la gente
De l q' yöu böu a fazer!

Böu a matar ls Sturịanos,
A tirá-los d' este mundo,
Arrancá-le las öureilhas
I poné-las a l fumo!

Por bias d' esta bil raça
Nunca mos chega l pã!
La culpa ténẽ̯-la mius pais,
Dá-le[1] la liberdade que l' dã.

Cando mie̯ mai amassa,
Entrã alhi ls Sturianos:
I cando sálẽ̯ para fọra,
Tráiẽ̯ ũ bolho nas manos.

Aqui vem Bertoldim de casa de Marcolfa com um bolo correndo na mão, e diz:

Deram-me este bolo ainda agora,
Que Deus lh'o pagará.
Ai! ah tia Marcolfa,
Benha bindo para cá!

---

1 [A Asturiano].

ALBERNO

Deixa ber, meu filho, o bolo,
Que o hemos de comer:
Se não stá bem cozido,
Que se acabe de cozer!

Come

Oh! que bolo tão bom!
E que miolo elle tem!
A mim estes bolos quentes
Sempre me sabem bem!

A tia Marçolfa é ũa mulher...
Tem de má e tem de bŏua...
Como bá dando bolos,
É uma boa pessŏua!

Por isso é que me eu calo!
Soccórre-me muito, entendeis?
Que senão, não me calaba
Nem por um conto de reis!

Diz para Jacob:

Ó cumpadre Jacó,
Como não deia em begiar,
Berá o seu presunto
O pago que bae lubar!

Porque o ŏutro dia em minha casa,
Em cima d'aquella mesa
Staba alli um lenço,
Sim, que tinha ũa presa:

Eram ovos com presunto;
O petisco não era mau!
E stabam mettidinhos
Entre dois bocados de pão.

Pose-os alli a vossa tia
(Ella pensa que eu que não sei!)
Mas eu pos-me a comer nelles,
Até que me fartei!

Original

JACÓ

La vida de eilhes seila iou
Mas iou que le eide fazer
Tengo que me calhar
Que alas vezes quier-me bater

Iou ando mui anobrado
A punto de morrer
Já tengo passado a tres dies
Sim comer nin beber.

Transcrição phonetica

JACO

La bida d' eilhes sei-la yöu!
Mas yöu que l' heide fazer?
Tengo que me calhar,
Q' a las bezes quiẹr-me bater.

Yöu ando mui anubrado,
A punto de morrer!
Yá tengo passado a tres dìẹs
Sĩ comér nĩ buber!

ALBERNÓ

Sim, terá, sim, coitadinho!
Quaſi que me dá dó de si!
Desde que se querem ambos,
Acontece-lhe como a mim!

Sabe Deus o que cá bai,
Ó cumpadrẹ Jacó!
Eu tambem passo as minhas,
Que não as passais bós só!

Escondem-se. Aqui vem Marcolfa e Sturiano; e diz

MARCOLFA

A compadre esturiano
Tenemos tuvido fertuna
Ia tanto tiempo que nos queremos
E nun mos a vido gente niun-a.

Mas agora si desconfian,
Porque el mio tio ia lo save
Olhai se vos guardais del
Nun armeis algun-a compadre

Nós pudemonos querer vien
E pregala vien pregada
Aguardamos mais uns vies
Até que se anpece la arada

MARCOLFA

Ah! cumpadre Sturiano!
Tenemos tubido fertuna:
Y(á) ha tanto tiẹmpo que mos qremos,
I nũ mos ha bido gente niũŋa.

Mas agora si, descunfíã,
Porque l miu tìu yá lo sabe:
Olhai se bos guardais d' él,
Nũ armeis algũŋa, cumpadre!

Nós podemo-nos qrer bĩẹ̃,
I prẹgá-la bĩẹ̃ prẹgada:
Öuguardamos mais uns dìẹs,
Até que s' ampẹce l' arada.

Original	Transcrição phonetica
El apuis vai por alhá	Él apuis bai por alhá,
Anda todo el die arar	Anda todo l die̯ ȃ (a)rar,
E nós quedamos an casa	I nós quedamos ã caſa:
Siempre la estamos a pregar	Sĭe̯mpre la stamos a pre̥gar!
Olhai compadre esturiano	Öulhai, cumpadre Sturiano,
Quando lo veiades salir	Cando lo béiades salir,
Olhai selo teneis vien de ulho	Öulhai se lo teneis bĩẽ d' o̜lho,
A ver para donde quiere ir	A ber pra donde quĭe̯r ir.

STURIANO

N-isso non temos nós dúbida,
Ese coidado teño-o eu:
El non vai para parte
Que non o vexa eu.

MARCOLFA	MARCOLFA
Iou ia nun fago couso (*sic*)	Yöu yá nũ fago cauſo
Del que la gente diga	De l que la gente diga:
Iou só quiero a mio compadre	Yöu só quĭe̯ro a miu cumpadre,
Ai compadre de la mie vida.	Ai! cumpadre d' la mie̯ bida!

NOTAS AO ENTREMÊS

1. *dé*, pres. do conj. de *dar:* assim ouvi, mas na GRAMMATICA, p. 430, tenho *déia*, como tambem ouvi.

3. Esperar-se-hia *hai* por *ha*.

4. *malo*, «mal de saude». Cf. adeante, p. 315.

6. Variante que ouvi ao auctor: *De caſa pa l' öutro lhado.*

7. O *a* de *abaixo* e o de *arriba* foram absorvidos pela vogal precedente: cf. GRAMMATICA, § 38.

8. *Raios parta* é uma expressão petrificada, como nos contos *era uma vez*, embora o sujeito esteja no plural. O corrente sería *pártã*.—Tambem em português se usa a mesma expressão na lingoa popular.—Cf. v. 254.

9. Note-se que em gallego, nesta palavra, como nas outras em que o *s* é intervocalico, este se pronuncía *ss*. De facto o ms. tem *cassa*. Mas, como disse no texto, não posso deixar de seguir a orthographia gallega nos casos em que ella não estiver em completo desacôrdo com a pronúncia do narrador.

10. O narrador pronunciava *lubaba*. O *Diccionario gallego* de Nuñez tem só *levar*, mas é provavel que na Galliza se diga *lovar*, isto é, *lubar*, do mesmo modo que se diz *somana* por «semana».—O texto do ms. tem este verso assim:

Cá leva seu caminho

mas eu pus como ouvi ao auctor.

11. No ms.:

E por via dos rapaces,

mas o narrador dizia como indíco.

12. *viño*. Escrevo com *v*, comquanto a pronúncia, quer do narrador, quer dos gallegos, seja *b*. Não altero a orthographia usada na Galliza: de facto, desde o momento que se estabelece que *v* soa *b*, nada ha que mudar. O mesmo acontece com o hespanhol.

13. Escrevo *non*, segundo a orthographia gallega, mas a pronúncia do narrador era *nun* ou *nũ*.—Tanto neste verso, como no seguinte, o ms. tem *pelo*, mas o narrador dizia *polo*.

17. Em mir. diz-se *cando* e *quando*.

18. Preferi esta lição, que é a que ouvi ao narrador, á do ms.

19. Ao narrador ouvi este verso assim:

Que nũ deixais la chab' antregue

em interrogação.

27. Aqui ouvi *no*, não *ne*.

28. A pronúncia propriamente é, como ouvi: *digo-bos-lhyöu*, o que se explica pelo § 87-*a* da GRAMMATICA: *lo yöu* > *l' yöu* = *lhyöu*; o *l*, ao contacto da semi-vogal, palatizou-se.

32. *Stebistes*: assim ouvi. D'ahi vem *stubistes*, que se acha na GRAMMATICA, § 270.—Preferi a lição que apresento, que é a oral, á do ms., por causa da exactidão metrica.

36. É indifferente adoptar esta lição ou a do ms.—*Derretindo* é participio de *derretir*, «derreter». Cf. hesp. *derretir*.

38. Escrevo *'sprar* porque a palavra, quando independente, pronuncía-se *asprar*; aqui o *a* foi absorvido pelo precedente.

40. *Nu' me* por *nũ me*. O mesmo noutros passos. A nasal foi absorvida pelo *m* seguinte. Cf. GRAMMATICA, § 38.

45. Em gallego ha *estive* e *estiven*.

47. Comquanto em gallego corrente se diga *fixeche*, o narrador pronunciava *ficestes* (no ms. *fizestes*). Entendo não dever alterar. *Cabanhola* é mirandesismo; o gallego diz *cabana*, como em português; o deminutivo gallego usual d'esta palavra é *cabaniña*.

48. Em vez d'este verso o narrador dizia «Como a do menino em Belen», mas preferi a lição do ms., por ser mais correcta.

49. Em gallego diz-se *nengun* e *ningun*; a fórma *nenhun* é portuguesismo. Os Mirandeses tem consciencia de que o gallego é em certos casos mais vizinho do português do que o mirandês. Em mirandês diz-se *ningũ*, *nĩ ũ*, *niũ*: GRAMMATICA, § 202.

51. O narrador dizia *stabeis*. Conservei a lição do ms., por ser melhor.

55. No ms. vê-se *el*, que deve pronunciar-se *ẹl* (GRAMMATICA, § 198-*a*). No entanto o narrador pronunciava como transcrevi.

66. No *Diccionario gallego*, de Nuñez, não encontro *caneca*; todavia é possivel que a palavra seja realmente gallega, como é portuguesa.

70. Escrevo *razois*, com o *z*, segundo a orthographia gallega, mas melhor seria escrever *raçois*, com *ç*. O narrador pronunciava *rações*, fazendo um mixto de gallego e português.

71. O narrador pronunciava *buber*. Cf. a nota ao verso 10.

72. O narrador pronunciava *ambos i dois*, isto é, *ambossidois*. Todavia nos escritos gallegos que consultei acho *dous* e não *dois*. Curros Henriquez, *Aires d'a miña terra*, La Coruña 1886, p. 52, tem *ambos a dous*.

78. O narrador dizia *bubei*. É provavel que tambem assim se diga na Galliza, mas adoto a fórma que encontro nos livros gallegos que consultei.

79. Não encontro nos diccionarios gallegos o verbo *asomar*; todavia, como elle existe em português, conservo-o aqui.

84. Sobre *nu' me* vid. a nota ao verso 40.

86 e 88. *Dezi' la* e *di' la* por *dezir la* e *dir la*: vid. GRAMMATICA, § 256.

91. No ms. *farie*; o narrador pronunciava *fazie*.

106. Ha, como se vê, uma pequena differença entre o ms. e a versão oral.

110. *desfolhar*, «esfolar»: < lat. *d e - e x - f o l l a r e.

128. Emendei *quereis* (como tambem ouvi) em *queredes*.

150. Colloco entre parenthesis angulares a palavra que póde supprimir-se sem alteração de sentido, e com melhoria do metro.

154. Á cêrca de *hemos amborrachar*, «havemos de emborrachar», vid. GRAMMATICA, § 309-B-*a*.

155–162. Estes versos, com a respectiva explicação em prosa, não vem no ms., mas tudo me foi assim dito pelo narrador.

163. O narrador deu-me aqui esta explicação: que o filho de Asturiano falla português, por ter nascido em Portugal.

164. *Elle stá ahi meu pai.* O pronome *elle* usa-se pleonasticamente na nossa lingoagem familiar em circumstancias analogas a esta. A sua funcção vê-se melhor em orações impessoaes, ou em casos em que o sujeito esteja no plural ou seja de outro genero, por ex.: «elle agora fallou», «elle as cousas não correm como a gente quer».—Cf. v. 252.

165. No ms. lê-se *Que saia até aqui fora,* mas o narrador, ditando, empregava a lição que adoto.

171. *Èstá:* assim ouvi, com *è,* ou com *ê,* na primeira syllaba. É claro que temos aqui pronúncia emphatica. Cf. *èsteje,* no v. 174.

174. No ms. lê-se *esteje;* o narrador dizia *èstéja:* adopto *èsteje* que representa aquellas duas. Na lingoa vulgar de Portugal usa-se tambem *esteje* (*steije,* etc.).

185. Como em mirandês não se faz crase de $a + a$ (vid. GRAMMATICA, § 38), o ms. tem *a quel* = *a* (*a*)*quel:* o *a* que escrevo entre parenthesis não se pronuncía. Identica observação se ha-de fazer a respeito de outros versos em analogas circumstancias.

202. A expressão mirandesa mais corrente é *borracho cum' ũ bóto,* «borracho como um odre». Com o mir. *bóto* cf. o hesp. *boto,* «pellejo para echar vino, etc.» (*Diccionario de la Academia*), o ital. *bottina, bottiglia,* fr. *bouteille.* Viterbo, no *Elucidario,* ao definir *embolhas,* diz: «*bottas* de vinho, muito maiores que odres, feitas de couro». A ideia de recipiente e a de calçado foram aproximadas uma da outra por metaphora.

210. O ms. está só roto no princípio do verso.

219. *Par' ende,* «para ahi».

234. No original está por engano *malo* e *palo.*

236. Não sei se a expressão *a contra* é corrente.

252. *Elle stá ahi o Sturiano.* Cf. v. 164.

254. *Raios parta o Diabo* é phrase estereotypada. Cf. v. 8.

257. *Lato* (em mir. *lhato*), vasilha de lata para azeite. Palavra usada em Terra-de-Miranda, pelo menos.

260. No ms. lê-se *tu* em vez da fórma gallega *ti.*

270. *Entre tu e os rapazes,* «tu e mais os rapazes», «tu, e contando tambem os rapazes».

293. Na *coresma,* «quaresma», por ser tempo de penitencia.

322. *Bolho,* «bolo».

344. *Deia,* fórma usual na lingoagem popular por «dê».

355. No ms. lê-se *posios.* É modo de dizer muito vulgar no país por «pô-los». Cf. *Dialectos beirões,* v, 23.

357. *Pos,* «pôs». Cf. v. 355.

363. *Anubrado,* propriamente: «ennevoado». Corresponde a *asselumbrado,* isto é, «assombrado», «espantado», etc.

365. Aqui *a* é preposição. A phrase corresponde á *a ls tres dies.*

378. *Bido,* «visto». Grammatica, § 272.

386. *Arada,* «lavrada» (subst.). A palavra hoje acha-se circumscrita a certas regiões; outr'ora foi porém mais geral, como o prova o conhecido romance que começa:

> Vindo o lavrador da *arada,*
> Encontrou um pobrezinho...

A mesma palavra existe tambem em gallego e hespanhol.—Cf. *arar* no v. 388.

II

Tradições populares mirandesas

A) Contos (e fabulas)

A palavra mirandesa que corresponde á portuguesa *conto* é *conta*, — «cuntar ũŋa conta». Alem de contos propriamente ditos, publíco adeante tambem tres fabulas, ou contos de animaes, no gôsto esopico.

1. *Conto de Marìẹ de l Palo*

Era ũŋa beç ũ tìu que staba caſado, i era la filha múi guapa, i querìẹ-se namorar d' eilha, i apúis morrìu-se la mai d' eilha, i quedöu la filha sola, i querìẹ l pai fazer zumbarìẹ d' eilha, i apuis la filha fui-s' a cunfessar a l cunfessor:

—Z-ah![1] mìu cunfessor: mìu pai querìẹ fazer zumbarìẹ de mi!

—Di-l' a töu pai si yẹ capaç de traier aqui ũ bestido que tenga tantas flores cum' arenas tẽ l mar.

Depuis bai a dezir a söu pai que era sùẹ amiga, se le traíra ũ bestido cũ tantas flores cum' arenas tẽ l mar.

—Pus si[2], mìẹ filha!

Depuis l pai chubìu-se[3] ne l cabalho i fui ã cata de l bestido. Depuis ancuntröu ã meio de l camino ũ camarada que le pròcuröu[4] par' onde iba[5].

---

1 Sobre este *z*- vid. Grammatica, § 39.
2 «Pois sim».
3 «Subiu-se», «montou».
4 Tambem se diz *precuröu*.
5 «Ia».

—Z-böu ã cata d' ũ bestido que tenga tantas flores cum' arenas tẽ l mar.

—Bai para caſa; l bestido alhá[1] t' irá.

Chigöu l pai a caſa, i l bestido yá 'lhá staba. La filha, 'sque[2] bìu l bestido, toda s' admiröu. Fui a l cunfessor:

—Ah! mìu cunfessor: l bestido yá stá ã caſa.

—Z-di-l' a töu pai que traga ũ bestido que tenga tantas flores, cumo tẽ l campo.

Fui la filha para caſa:

—Z-ah! mìu pai: hei-de ser sùe amiga, se me traíira[3] ũ bestido que tenga tantas flores, cumo l campo.

—Pus si, mìe filha.

Torna l pai a saber de l bestido, i ancuntröu l mesmo camarada que le preguntöu aonde iba.

—Böu a saber d' ũ bestido cũ tantas flores cumo l campo.

—Bai para caſa, l bestido alhá t' irá.

Quando l pai chigöu, yá l bestido staba ã caſa. La filha, 'sque bìu l bestido, toda s' admiröu, i fui dezí-l' a l cunfessor.

—Di-l' a töu pai que te traga öutro bestido que tenga tantas flores cumo streilhas tẽ l cielo.

—Z-ah! mìu pai: hei-de ser bossa amiga, se me traírdes ũ bestido que tenga tantas flores cumo streilhas tẽ l cielo.

—Pus si, mìe filha.

Fui l pai a saber de l bestido, i ancuntröu l mesmo camarada que le pròcoröu aonde iba.

—Böu saber d' ũ bestido que tenga tantas flores cumo streilhas tẽ l cielo.

---

[1] «Lá».
[2] «Desde que».
[3] Assim ouvi. Na GRAMMATICA, p. 439, tenho *traira*, que tambem ouvi.

—Z-isso ye̬ malo d' arranjar, mas tengo yöu ũŋa filha que ye̬ santa, i bai buscar l bestido a l cie̬lo; mas bai para caſa, que l bestido alhá t' irá.

Quando él chigöu, yá l bestido staba ã caſa. La filha, 'sque bìu l bestido, toda s' admiröu, i fui pa l cunfessor:

—Tengo ũ bestido ã caſa q' acupa ũŋa sala[1].

—Z-bai a l carpinteiro milhor q' haba[2].

Fui la filha para caſa, dixo-l' a söu pai:

—Z-ah! mìu pai: deimingo[3] heide ser bo̬ssa amiga.

—Pus si, mìḙ filha.

Depuis söu pai tenìḙ múita buntade que chigasse lhöugo[4] l deimingo, i la filha mandöu fazer ũŋa caixa a l carpinteiro para se meter ã drento. Depuis la filha todos ls dìḙs iba ã caſa de l carpinteiro a preguntá-le s' yá staba la caixa feita. L carpinteiro dixo-le que inda faltabã las manos (porque l carpinteiro fazìḙ ũŋa caixa cumo era eilha). Söutro[5] dìḙ fui-l' a preguntar s' yá tenìḙ la caixa feita. Dixo-le q' inda faltaba la cara. Söutro dìḙ tornöu-l' a preguntar que le faltab' a la caixa. Tornöu-l' a dezir que inda faltabã ls o̬lhos. Söutro dìḙ tornöu-l' a preguntar que le faltab' a la caixa. Faltaba l naríç. Tornöu-le inda öutro dìḙ a preguntar que le faltab' a la caixa: que inda le faltaba la boca. Tornöu-le öutro dìḙ a preguntar que le faltab' a la caixa:

—Z-agora yá la po̬des lhebare, que yá stá pronta.

La moça agarröu la caixa i metìu-se neilha, i scapöu co' eilha po lo mundo. Chigöu a la po̬rta d' ũ rei, i pedìu-le pöuſada; mandórũ-l' antrar pa <l>[6] lhume,

---

[1] Pronuncia-se: *acúpãuŋa sala.*

[2] «Haja».

[3] «Domingo». Tambem se diz: *doimingo, duimingo.* São casos de metaphonia.

[4] «Logo».

[5] «Outro».

[6] Aqui o *l* do (artigo) não se pronuncía.

i eilha sẹ̥ntöu-se a <l> lhume, i agarraba de l seno[1] la granína[2] de las urzes, i botaba-las ne <l> lhume, i dezìệ q' erã piolhos. Depuis dixo-le se q'rìệ ampreitar[3] ũŋa criada pa las parras[4]. Dezírũ-le que si. Söutro dìệ po la manhana furũ co' eilha para ũŋa cortina[5], i tenìệ la cortina ũ chafariç; eilha bestìệ-se múi guapa, apuis que s' ibã ls amos de la cortinạ: peinaba-se[6] múi peinada, i assiaba-se mui assiada, i chamaba las parras, i dezìệ-le par' eilhas:

Parrinh' aqui,
Parrinh' alhi,
Se l filho de l rei benira,
Namoraba-se de mi!

I depuis dezirũ[7] las parras:

Si, sinhora, si!

I las parras que nũ dezìẽ̂ *si, sinhora, si,* agarraba-las, i afogaba-las ne l chafariç; agarraba-las i lhebaba-las para caſa, i antregaba-las a l amo.

—Z-ah! Marìẹ de l Palo! Tu que fais[8] a las parras?

—Caìẽ̂-se-me ne l chafariç.

Tod' ls dìẹs lhebaba las parras mọrtas para caſa. Le principe mandöu fazer tres romarìệs, para s' caſar, para

---

1 «Seio». Lat. sĭnu-.
2 «Baga» (da urze). √granu-.
3 «tomar», «acceitar» (por ajuste).
4 «patas».
5 «Campo da porta». No Minho, etc. «cortinha». Lat. *cortina (√cohors).
6 «penteava-se». De *peine* < lat. pectine-.
7 Assim ouvi, mas a syntaxe exigia *dezìẽ̂* em vez de *dezirũ*.
8 «Fazes».

achar moça bonita, i Marìe de l Palo söubo que ſas fazìe, i fui a dezir a la mai de l princepe que eilha que tamĩẽ querìe ir. La mai de l princepe dixo-le que le fura preguntar a l princepe se la deixaba ir.

—Se te deixa ir, bai.

Preguntöu-l' a l princepe:

—Ah sinhor princepe, deixe-me ir a la romarìe.

Quando Marìe de l Palo chigöu, staba él c' ũŋa bota na mano.

—Se Marìe de l Palo nũ bai alhá, nũ se fai la romarìe!... Lhebas co' esta bota po la cara!

Marìe de l Palo fui pa la mai de l princepe i dixo-le que l princepe que nũ la deixaba ir.

—Z-olha, bai, mas nũ te deixes ber d' él.

Depuis l amo fui a la romarìe, i eilha tamĩẽ fui. Chigöu a l meio de l camino, atiröu cul palo[1] para ũŋa cortina; lhaböu-se múi lhabada, i peinöu-se múi peinada, i assiöu-se múi assiada, i bestìu l bestido que tenìe tantas flores cum' arenas tẽ l mar. Fui nũŋa cidade, i ajuntöu-se múita moça: s' ũŋas erã múi guapas, öutras erã múito mais; mas cum'[2] Marìe de l Palo, nu' era ningũŋa. L princepe iba falar cũ todas; mas cũ Marìe de l Palo era cũ quĩẽ gastaba l tĩempo. Falaba culas öutras, porque nũ parcíra malo a las öutras, i purguntöu-le de d' onde era:

—Ó nina, d' onde sodes?

—Söu de la *tĩerra de la bota.*

—Z-ond' ye la *tĩerra de la bota?*

—Ye por essas tĩerras a riba.

Derramöu-se[3] la romarìe, i fui l princepe para caſa. Quando l princepe chigöu a caſa, yá Marìe de l Palo

[1] «Pau», «madeira», isto é, com a caixa de madeira dentro da qual ella costumava andar.

[2] *Cum'* ou *cume.* Vid. VOCABULARIO, s. v. *cumo.*

[3] «Desfez-se», «dissolveu-se».

alhá staba sẹ̊ntada a la squina assando piolhos, i dixo la mai a l princepe:

—Antöũ, mìu filho, cumo stub' isso?

—Z-múito bĩę̃, mìe̯ mai. Z-habìe̯ ũn̯a moça múi guapa.

—Z-d' ond' era?

—Diç que era de la *tĭęrra de la bota.* Böu por esses lhogares a riba, a ber se l' ancontro.

Chubìu-se ne l cabalho i fui a saber d' eilha. Preguntöu pela[1] *tĭęrra de la bota,* que nũ l' ancuntraba; naide[2] le daba rezöũ d' eilha. Fui múi anraibado para caſa, i chigöu a caſa i dixo-l' a sùe̯ mai:

—Yöu nu' acho la *tĭęrra de la bota.* Z-manhana[3] böu fazer öutra romarìe̯.

Tornöu Marìe̯ de l Palo a preguntar-le se la deixaba ir. L princepe staba a scobar ũn̯as calças, i öufreciu-le co' a scoba. Tornöu pa l' ama, i dixo-le que nũ la deixaba ir. Mas fui cumo da öutra beç, i bestìu l bestido que tenìe̯ tantas flǫres cumo l campo. Todas erã múi lindas, mas eilha múito mais. L princepe iba falar cũ todas, mas mais cũ eilha. Preguntöu-le d' ond' era, i eilha dixo-le que era de la *tĭęrra de la scoba.* Quando l princepe fui para caſa, yá eilha stab' <a> assar piolhos. La mai preguntöu a l princepe:

—Antöũ, que tal stub' isso?

—Stubo todo múi bǫno; se la d' onte era múi guapa, la d' oije inda múito mais: dixo que era de la *tĭęrra de la scoba.*

Fui ã cata d' eilha, naide le daba razöũ d' eilha. Fui para caſa tod' anraibado. Chigöu a caſa, i dixo que manhana tornab' a fazer öutra romarìe̯. Tornöu 'tra[4] beç

[1] Assim ouvi. Será portuguesismo em vez de *pula.*

[2] «Ninguem».

[3] «Amanhã».

[4] = *öutra.* O *öu* inicial fundiu-se com o *öu* final da palavra antecedente.

Marìe̯ de l Palo a preguntá-le se la deixaba ir. Staba cũ chapeu na mano. «S' ib' alhá, que l' atiraba co él a la cara». Marìe̯ de l Palo fui, i bestìu l bestido que tenìe̯ tantas flores cumo stréilhas tẽ l cìe̯lo. S' ũŋas erã múi guapas, eilh' ind' era mais. Falaba [l princepe] cũ todas, mas co' eilh' inda mais. Preguntöu-le d' ond' era: dixo que era de la *tìe̯rra de l chapeu.* Fui para caʃa. Eilha stab' <a> assar ls piolhos öutra beç. Preguntöu-<l'> la mai que tal stub' aquilho:

—Stub' bĩe̯; se la de ls öutros dìe̯s era múi linda, aqueilh' ind' era múito mais.

—D' ond' era?

—De la *tìe̯rra de l chapeu.*

Fui [l princepe] saber de la tìe̯rra: naide le daba rezöũ d' eilha. Chigöu a la caʃa, i ampuntöu[1] la Marìe̯ de l Palo culas parras; cada dìe̯ le traìe̯ parras mo̯rtas. L princepe dixo pa la mai q' iba ber Marìe̯ de l Palo que fazìe̯ a las parras. Bẽ por trás d' ũŋa parede i bìu-la star múi guapa: staba eilha somada[2] <a> ũŋa parede, i eilha de̯sque l bìu metìu-se ne l palo i deixöu ũŋa fita fo̯ra.

—I esta fit' eiqui[3] para que la quìe̯res, ó Marìe̯ de l Palo?

—Puʃ'-me-l' eiqui la Sinhora de l Palo, para que parcíra bĩe̯.

Fui l princepe para caʃa i fizo-se múi malo [isto é, «doente»]; dixo que nũ comìe̯ nada sĩ ser ũŋa palomba[4] po las manos de Marìe̯ de l Palo. Chigöu Marìe̯ de l Palo a caʃa, i dezirũ-le que l sinhor princepe staba múi malo, que nũ comìe̯ nada sĩ ser po la sùe̯ mano, q' habìe̯ de guiʃar ũŋa palomba i lheba-l' a la cama.

---

[1] «mandou embora».

[2] = assomada.

[3] «Aqui».

[4] «Pomba». Feminino de *palombo* < lat. p a l ŭ m b u -.

—Z-ora eu, nũ la guiſo! Stöu chena[1] de piolhos, i boto-los alhá! S-pus[2] si, fago-la, mas heis-bos ir todos d' eiqui.

Puis[3] fizo la comida i fui-la lhebar a la cama d' él. Puis agarröu-la [l princepe] pa la cama, i deitöu-se co' eilha.

[Conto ouvido por mim em Duas-Igrejas].

2. *Conto da princesa e da velha*

Era ũ̯a beç um rei i tenìe̯ ũ̯a filha, i depuis staba cũ sùe̯ mái no jardĩ, peinando-se ambas a dùe̯s c' ũ peine d' öuro, i dixo la mái pa la filha:

—Olha, este peine quĩẽ̯ te lhebar ha-de ser quĩẽ̯ ha-de caſar cuntigo.

Depuis la mái murrìu, i la filha cul peine guardado. Achöu-se dolĩe̯nte[4], i tã dolĩe̯nte q' yá staba ã finamente spedida de todo, e dixo ũ̯a bĩe̯lha bezina[5]:

—Yöu böu a bé' la sinhora princeſa.

Depuis dixo-l' a gente d' eilha que nũ fuss' alhá, q' eilha nũ fallaba a las öutras, quanto mais a eilha, q' era bĩe̯lha! I respundìu la bĩe̯lha:

—Quĩẽ̯ sabe l que m' a mi assecederá[6] po l camino?

I nũ chigöu la bĩe̯lha a l palacio sĩ cair ne camino a ũ rigueiro, i fui a bater a ũ[7] palacio, adond' ancuntröu ũ̯a sala fermoſa cũ tres camas armadas, ũ̯a azule, öutra branca, öutra berméilha; e depuis antröu a ũ̯a cozinha

---

1 «Cheia». Lat. plena.
2 Sobre o valor do *s-* vid. GRAMMATICA, § 39.
3 «Depois».
4 «Doente».
5 «Vizinha». Port. arch. *vezinha*. Lat. vicina-.
6 «Succederá».
7 Pronuncia-se *ãu* (ditongo nasal).

i ancuntrõu ũ jantar pronto, i fui a tirar d' él i õubìu ũŋa[1] boç que perguntaba:

—Quîę me come?

—Ũŋa bîęlha.

—Dai neilha!

La bîęlha retirõu-se pa la sala, adonde stabã las camas, metìu-s' ã baixo d' ũŋa, i nisto benírũ tres palombos, batírũ las alas[2] i fazírũ-s' ã tres moços, i ponírũ-s' a jantar, i depuis que jantórũ fúrũ a come-la fruita, cada ũ sua maçana, i sobrõu ũŋa, i dixo l palomb' azul:

—Esta era pa la sinhora prince∫a; mas, a éilha nũ star aqui, comerei-la yõu.

Depuis comìu-la, i tornórũ a batę-las alas, i furũ-se ls palombos. La bîęlha fui a dá' la noticia a la prince∫a de l que le tenìę acuntecido po l camino, i la prince∫a, scuitando la bîęlha, ampeçou a milhorar, i lhebantõu-se, i fui co la mesma bîęlha a ber se tornab' a chigar a l mesmo palacio, cumo de feito que chigórũ: dórũ bǫlta ambas a dùęs, i furũ a la cozina, i tornórũ õutra beç a tirar do jęntar, i õubirũ ũŋa boç:

—Quîę me come?

—Ũŋa bîęlha.

—Dai neilha.

Depuis fui antõũ la prince∫' a tirar.

—Quîę me come?

—La sinhora prince∫a.

—Puis que coma, i que beba.

Depuis fúrũ pa la sala, i benírũ antõũ ęls tres palombos i jantórũ. Depuis quando acabórũ de jantar, ampeçórũ a comé'-las maçanas de sobreme∫a.

—Ora ésta era pa la sinhora prince∫a; mas, a-i-eilha nũ star eiqui, comerei-la yõu, — dixo ęl palombo azul (que era ęl que le tenîê tirado ęl peine d' õuro ne jardĩ).

---

1 Pronuncia-se *õubiũŋa*.

2 «Asas». Lat. ala-.

Depuis appar'cìu-l' la princeʃa debaixo la cama.

Depuis la princeʃa comìu la maçana i caʃou cul palombo azule que eilha asi deʃancantöu.

[Ouvido por mim, em Duas-Igrejas, a uma mulher].

3. *Fabula da vacca e do lobo*

Er' ũŋa beç ũ lhobo, ancuntröu ũŋa cochina que tenìe̯ ũs cochinicos, i chigöu l lhobo a la borda d' éilhes i dixo que ls qrìe̯ comer, i la cochina dixo-le que nó, q' aguardára mais ũs dìe̯s.

—Puis bĩẽ̯, acá be̯narei[1].

Fui par' ũ arador, i dixo-le q' habìe̯ de comé-las bacas. Depúis dixo l' arador:

—Nó, q' inda stã múi fracas. Deixaremo-las mais ũs dìe̯s.

Apúis fui par' ũŋa que staba nũ cerrado <a>[2] angordar:

—Ah! baca, que t' hei-de comer!

—Agora nũ me comas; deixa-m' mais ũs dìe̯s, q' agora stöu múi fraca.

D' alhi a uito dìe̯s fui <l>[3] lhobo a cumé-la baca, i dixo-<l> lhóbo:

—Agora böu-t' a comer!

—Puis come, come!

Depuis pre̥ndìu <l> lhobo ũŋa co̧rd' a la baca, i dixo-l' la bac' a <l> lhobo:

—Mete la co̧rda ne cachaço; z-agora quers qe t' ansine cumo fáiẽ̯ las bacas ne brano[4], quando dá-la mósca?

—Ansinai, ansinai. Tod' ye̯ bĩẽ̯ saber.

---

1 «Virei».
2 Este *a* não se pronuncia.
3 Este *l* não soa, por ser absorvido pelo *lh* seguinte.
4 «Verão».

I puis saltöu la bac' a fugir cu<l> lhobo a la rastra[1]. Apuis cobröu-se la cǫrda i fui <l> lhobo pa la rapoſa, i dixo-le:

—Si, si, comadrica,

Se la cǫrda qebra
I l nǫlo[2] nũ deſata,
Yöu iba parar a caſa
Dẹl dǫnho[3] de la baca.

[Versão de Duas-Igrejas].

4. *Fabula da raposa e da cegonha*

Er' ũŋa beç la rapoſa. Andaba eilha i la cigǫnha a fazé' l caldo, i apuis dixo la cigǫnha pa la rapoſa:

—Adonde quîẹrs qe faga l caldo?

—Fai-lo nũŋa sartiã[4].

Apuis furũ a comé' l caldo, i la rapoſa fui i comìu l caldo todo; i la cigǫnha nũ comìu nada. Apuis la cigǫnha fiz' öutro nũŋa barrila de l' auga, i apuis la rapoſa nũ comìu nada del caldo.

[Ouvido por mim a um homem de Villa Chã de Freixeosa (em mir. *Bila Chana de la Freixenoſa*), em 1886].

5. *Fabula do mocho e da raposa*

Ũŋa beç 'stába ũ möucho nũŋa fraga, a cantar i fui la rapoſa i agarröu-lo, i apuis fui l möucho i dixo-le pa la rapoſa:

---

[1] «De rastos».

[2] «Nó».

[3] «Dono».

[4] «Sertã». Em lingoagem popular portuguesa tambem se diz com *a* na primeira syllaba: *sartã* (este *a* é etymologico; latim sartagine-; cf. hesp. *sartén*).

—Ah! rapoſa, nu' me comas!
—Porquei? Antõũ porque nũ t' hei-de comer?
—Hás-<d'> dezir purmeiro: «möucho comi» (eilha yá l tenìe̯ na boca).
I apuis eilha fui a dezir: «möucho comí», i a l tìe̯mpo d' abri-la boca, salìu-se l möucho para fo̯ra. I apuis dixo la rapoſa pa l möucho:
—Para q' yöu abririe̯ la boca!
Apuis dixo l möucho:

—Möucho comi;
Comerás öutro,
Más nu' ha-de ser a mi.

[Ouvido por mim a um homem da mesma localidade, na mesma data].

B) Cancioneiro mirandês

Á palavra portuguesa *cantiga* corresponde em mirandês outra igual. As cantigas que publíco aqui são de várias especies: amorosas, devotas, etc., como indíco nos cabeçalhos.

a) *Cantigas de amor*

Yá nu' me lhembrã cantigas,
Yá nũ sei q' hei-de cantare:
Nu' me lhembrã senó[1] penas,
Nũ ſago[2] senó chorare.

L limõũ ye̯ fruit' azeda
Colhida no berde scuro:
Ye̯ cumo l amor de ls omes,
Nĩ bĩẽ̯ lial, nĩ seguro.

---

[1] «Senão».
[2] «Faço».

L limõũ yẹ fruit' azeda
Què se stila na botica:
Ama-s' a quĩẽ yẹ de gusto,
Quĩẽ nu' yẹ de gusto, fica.

Teng' ũŋa chag' ã mìu peito
Feita cul pĩẹ d' ũŋa flor:
Nũ hai cerjano[1] que cure
Chaga que faga l amor.

Nũ quĩẹro amor pastor,
Anque[2] tenga mil çurzados:
Pastores durmẽ a la lhuna,
Sĩempre quedã alhunados[3].

L mìu amor yẹ rapaç,
Yõu tamĩẽ sõu rapariga:
Tomei-l' amor de pequeinho,
Ha-de-me dar bọna bida.

Adìus, adìus, a Miranda,
Las cọstas te bõu birando:
La mìẹ boca se bai rindo,
L mìu coraçõũ[4] chorando.

Nũ s' m' lhẹmbraba Miranda,
Nĩ que tal cidade habìẹ:
Agora yá nũ me squeço,
Nĩ de nuite, nĩ de dìẹ.

Se l bĩẽ querer se pagára,
Quanto me stabas debendo!
Nĩ cũ quanto tenes, pagas
L bĩẽ q' yõu te stõu qrendo.

---

1 «Cirurgião».
2 «Aindaque». Cf. port. arch. *emque,* hesp. *aunque.*
3 «Aluados».
4 Ouvi realmente: *l mìu coraçõũ bai chorando;* mas o *bai* é superfluo.

Se acaʃo de mi t' apartas,
Cula tristeza me morro:
La pena que por ti tengo..
Que farei, se te nũ logro!

Screbira-t' yöu ũŋa carta,
Se me la söuberas ler:
Para dar a ler a öutro,
Descubre-se l bĩẽ querer.

Ne sabado böu pa l Porto,
L fato yá bai ne barco:
Na sesta ye l feliç[1] die
Que de ti, amor, m' aparto.

Esses söus olhos, menina,
Yá de ls mius fúrũ amantes:
Eilhes de die söũ dues fontes,
I de nuite döus diamantes.

Esses söus olhos, menina,
Söũ candenas[2] de mal'[3] fĩerro:
Aique[4] me lhĩebẽ a la forca,
Öutros amores nũ quĩero.

Quĩẽ canta, söu mal spanta,
Quĩẽ chora, tẽ sentimento,
Quĩẽ se ri, tẽ alegrie,
Quĩẽ ama, passa tromento.

Cantigas a l deʃafio,
Naide s' aponga comigo:
Qu' yöu tengo na mie sala
Ũ papel d' eilhas screbido.

---

1 Ou *anfeliç?*
2 «Candeias».
3 = *malo.* Vid. Vocabulario, s. v. *malo.*
4 Em duas syllabas. Variante de *anque,* citado supra.

Cantigas a l deſafio
Comigo naide las cante:
Tengo qui̊ẽ̬ me las ansine,
L miu amor ye̬ studante.

Hei-d' ir a ci̊e̬lo, hei-d' ir,
Só por bé' las nůo̬bas[1] roſas:
Tres negras i tres brancas,
I tres amari̊e̬lhas cheiroſas.

Bamo-nos d' eiqui ambora,
Eiqui nu' hai que fazer:
Stöũ nas jinellas fichadas,
Stá dromindo l bi̊ẽ̬ querer.

Adius que me böu ambora,
Adius que me qui̊e̬ro ir:
Dá-me cá esses töus braços,
Que me qui̊e̬ro despedir[2].

Manůo̬l, por bé' las moças,
Fiz' ũŋa fůo̬nte de prata:
Las moças nũ bã a eilha,
Manůo̬l todo se mata.

Manůo̬l, por bé' las moças,
Fiz' ũŋa fůo̬nte de bidro:
Las moças nũ bã a eilha,
Manůo̬l ficöu perdido[3].

L sol anda i deſanda,
Para tornar a nacer:
Yöu nũ ando, nĩ deſando,
Söu firme ne bi̊ẽ̬ querer.

---

[1] Originariamente devia ser *nobe*, o que se vê dos versos seguintes.

[2] As tres últimas cantigas ouvi-as em Lisboa a um homem de Prado-Gatão; as outras ouvi-as em Duas-Igrejas a várias mulheres.

[3] As duas últimas quadras ouvi-as a um homem de Prado-Gatão. As mesmas cantigas noutras terras applicam-se a S. João.

Se l bĩẽ querer se pagasse,
Quanto me stabas debendo!
Nĩ cũ quanto tenes me pagas
L bĩẽ que te stöu querendo.

Yöu fui l que dixe a l sol,
Que nũ tornasse a nacer,
Qu' á la bista d' esses töus olhos,
Que bẽ l sol acá fazer?

Las streilhas menudicas[1]
Fazẽ l cielo bĩẽ cumposto:
Todos me dizẽ que te deixe...
Nũ quiero nĩ ye miu gusto.

Se tu me quijesses bĩẽ,
De la raíç d l coraçöũ,
Tu me benisses a ber,
Que las tardes bĩẽ grandes söũ...

L miu amor ye ũ crabo,
Yöu bĩẽ l sube scolher...
Ne crabeiro nũ hai öutro,
Solo se tornar a nascer...

L nome de José ye joia
I l de Julia joia ye:
Quando me falã ã joia,
Lhöugo me lhembra José.

Olhos negros, olhos brancos,
Olhos azules, olhos berdes,
Ls olhos acastanhados
Ã pöucas caras ls bedes.

Ls olhos negros söũ traidores,
Ls brancos söũ lijunjeiros[2],
Ls olhos acastanhados
Esses söũ ls berdadeiros.

---

1 «Miudinhas».
2 «Lisongeiros».

Sie̯te-streilho rundador,
Capa de quiẽ̯ se quie̯r biẽ̯,
Deixa benir[1] la nuite scura,
Que yöu irei rundar tamiẽ̯.

L sie̯te-streilho bai alto,
Mais alto bai l lhunar[2],
Mais alta bai la fertuna
Que Dius tẽ para mos dar.

L sie̯te-streilho bai alto,
Marie̯ bai-te de̯itar:
Yöu tamiẽ fago[3] l mesmo,
P'ra manhana madrugar[4].

b) *Cantigas graciosas*

S' tu biras e̥l qu' yöu bi
Na ribeira de la bila:
Binte cinco questureiras
A matar ũŋa formiga...

S' tu biras e̥l qu' yöu bi
Na ribeirinha d' Algoſo:
Binte cinco çapateiros
A cabalho num rapoſo[5]...

---

[1] «Vir».
[2] «Luar».
[3] «Faço».
[4] As doze últimas cantigas foram traduzidas em mirandês por uma pessoa da Póvoa, e copiadas para mim pelo Sr. Bernardo Fernandes Monteiro.
[5] A 1.ª d'estas cantigas, que ouvi em Duas-Igrejas, é uma variação da conhecida satira dirigida contra os alfaiates; vid. sobre esta as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 262; e *Revista Lusitana,* I, 256 (artigo do Sr. F. Adolfo Coelho), e II, 84 (artigo do Sr. Armando da Silva). A 2.ª cantiga parece ser, por sua vez, variação da 1.ª

c) *Cantigas devotas*

1. Da Senhora do Monte

A Senhora do Monte venera-se em Duas-Igrejas: cf. o vol. 1 d'estes *Estudos*, p. 82. Em sua honra se cantam muitas cantigas portuguesas, algumas das quaes me ditaram naquella localidade, traduzidas pelo proprio povo em mirandês. Ei-las aqui:

Ó miȇ̯ Birje[1] de l Monte,
Alhá sodes[2] ũŋa roſa:
La mais guapa na tiě̯rra,
Ne ciě̯lo la mais fermoſa.

Ó miȇ̯ Birje de l Monte,
Chabeira de l Paraiſo:
La mocidade yě̯ löuca,
Sinhora, dai-mos juizo!

Ó miȇ̯ Birje de l Monte,
Inda lá hei-de tornar,
Que me quedöu la mantilha
Dobrada no bǫsso altar.

Ó miȇ̯ Birje de l Monte,
Madrina de Santo Aleixo:
Bós teneis na bǫssa beiga
Ũ folharanco[3] i ũ freixo[4].

Ó miȇ̯ Birje de l Monte,
Madrina de l melitar,
Ls suldados d' estas tiě̯rras
Nũ le̯s deixeis ambarcar!

---

[1] Tambem se diz *Birjẹ̄* e *Birʒẹ̄* (com um som final quasi igual a *-ῑ*).

[2] «Lá sois».

[3] «Olmo branco».

[4] Em Duas-Igrejas diz-se *freixo;* noutras terras diz-se *freſno* (cf. o vol. 1 d'estes *Estudos*, p. 125, nota 1).

Ó mię̑ Birje de l Monte,
Teneis la fita burmeilha[1],
Que bos la dórũ ls suldados,
Quando benírũ d' Almeida.

Ó mię̑ Birje de l Monte,
Teneis la fit' amarîẹlha,
Que bos la dórũ ls suldados,
Quando benírũ d' la guerra.

2. Da Senhora do Rosario

A l' antrada de l' eigreija
Resbalei, caí no adro:
Chamei po la mię̑ madrina,
La Sinhora de l Roſairo[2].

3. De Santo Antonio

Pára l sol i pára la lhuna,
Párã tamîę̃ las streilhas:
Parai bós, debino Sant' Antonho,
Bós sodes l capitã d' eilhas.

Debino Sant' Antonho,
D' onde benis tã öurbalhado?
Benís de por esses mundos,
De lhibrar algũ suldado?

Debino Sant' Antonho,
Santo mìu de l coraçöũ,
Tirai ls dîẹntes a l rato,
Nu' me rompę̑ l cerröũ[3]...

Estas tres quadras ditou-m'as um homem de Prado-Gatão. Notam-se nellas certas liberdades, que o povo

---

[1] Variante de *bermeilha*.
[2] Esta quadra foi-me ditada por um homem de Prado-Gatão.
[3] «Çurrão» (dos pastores). A boa maneira de escrever em português é com *ç* e não com *s*-.

muitas vezes toma para com os santos, o que tambem succede, por exemplo, com S. Pedro e S. João.

O Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, de quem tanta vez tenho fallado nesta obra, teve o incómmodo de traduzir outras cantigas de Santo Antonio, que adeante transcrevo, nas quaes transparece o mesmo espirito zombeteiro. Estas cantigas chamam-se *löuas* em português local. Pertencem á tradição da Póvoa. São assim:

Páre l sol, páre la lhuna,
Párḙ̃ tami̊ẽ̯ las streilhas,
I bós, debino Antonho,
Que sódes l capitã d' eilhas.

Ah debino Sant' Antonho,
Ai que fermoſo stais!
Bós i l bo̯sso nino[1]
Nada bos acabais.

Bós nũ me conheceis?
Yöu chamo-me Manoel;
Tengo ũŋa filha Roſa,
I öutra chama-se ſabel[2].

Ah debino Sant' Antonho,
Santo de la miḙ debociöũ,
Tirai ls di̊e̯ntes a ls ratos,
Que me rompḙ̃ l cerröũ[3].

Ah debino Sant' Antonho,
Santo bi̊ẽ̯ abinturado[4]
Dai-me pélo na cabeça,
P'ra que nũ me chamẽ pelado.

---

[1] «Menino».
[2] = *(I)ſabel*.
[3] Vid. p. 327, nota 3.
[4] Tambem se diz *bintura,* com *-in-:* cf. GRAMMATICA, p. 238.

Ah debino Sant' Antonho,
Cara de jinja madura,
Fai hoje um anho[1]
Que passièstes la rùe̯.

Ah debino Sant' Antonho,
Santo d l mìu coraçöũ,
Dai-me d' aqueilhas moças
Que lhebais na preciöũ[2]:

Nũ me deis de las delantreiras,
Que söũ múi repenicadas;
Nĩ tã pöuco de las traʃeiras,
Que söũ bi̯e̯lhas cansadas:
Dai-me de las de l meio
Que söũ moças asse̯ntadas[3].

Eiquí teneis este cordeiro,
Pequéinho i mal criado:
Ponei[4] la culpa a l regidor,
Que nũ l deixöu andar ne prado.

L cordeiro nũ ye̯ mìu,
Bós, Santo, bĩe̯ l sabeis,
Mas ye̯ de l regidor...
L pago bós l dareis.

4. Cantiga avulsa

Se furdes p'ra Dùe̯s Eigreijas,
Nũ téngad's pena ningũa[5];
Adonde qui̯e̯ra[6] stá Dius,
Nunca falta la fertuna[7]!

---

1 «Anno».
2 Tambem se diz *precessiöũ*, «procissão».
3 «Sérias».
4 «Ponde».
5 Assim ouvi, sem *ŋ*, e não *ningũŋa*. No entanto a mesma pessoa dizia *ũŋa*.
6 Assim ouvi, e não *querga* (Grammatica, § 438).
7 Esta quadra ditou-m'a um homem de Prado-Gatão.

d) *Adivinhas*

As palavras portuguesas *adivinha* e *adivinhação* correspondem em mir. *adabina* ou *adebina*, e *adebinaciõũ* (no pl. *adebinaciones*). Estas palavras mirandesas derivam do verbo *adabinar* ou *adebinar* = *a-debinar*, do lat. d i v i n a r e.

No meu primeiro opusculo, *O Dialecto Mirandês*, Porto 1882, p. 31, publiquei já algumas adivinhas. As que tenho de novo para publicar aqui, são em número muito pequeno.

1. La lhengua

Conheço ũ̯na sinhora
Múi assinhorada:
Nunca sai à la rùẹ,
I sị̂empre stá molhada.

2. La silba

Que serás, que serás?
Lhargo cum' ũ sobeio[1],
Tẽ dị̂entes cum' ũ coneilho[2].

3. L rìu

Lhargo cum' ũ camino,
Funga cum' ũ cochino[3].

e) *A gaita de folle*

Bi benir la gáita
A l cimo de l lhugar:
Pöuſei la mię rọca[4]
I pus-m' a beilar.

---

[1] Correia com que se atam os bois ou vaccas ao carro. Cf. hesp. *sobeo*, astur. *sobeu*.
[2] «Coelho».
[3] «Porco».
[4] «Roca».

I tanto beilei
A la pǫrta de l fórno,
Tanto beilei
Que me dórũ ũ bólho[1].

Tanto beilei
Cula gaita galhega,
Tanto beilei,
Que me namorei d' eilha.

Os precedentes versos, que me foram ditados por uma pessoa de Duas-Igrejas, dizem-se ás crianças, quando começam a andar. São originariamente mirandeses, e não traducção do português. Referem-se á famosa *gaita gallega.*

f) *Rifões e ditados*

Em mirandês diz-se *rifrã,* «rifão», no pl. *rifranes* (cf. hesp. *refrán*); tambem póde dizer-se *adage,* «adagio». A palavra portuguesa *ditados* tem ahi a mesma fórma.

1

A quiẽ pinheira[2] i amassa
Nũ le fúrã la fogaça.

2

Madalena tripa chena,
Por beilar perdiu la cena[3].

3

Las forfalhicas[4] de l cerrõũ[5]
Pa la tarde bǫnas sõũ.

---

1 «Bolo».
2 «Peneira» (verbo).
3 «Ceia».
4 «Migalhas». Cf. port. *farfalhas.*
5 «Çurrão», sacola dos pastores.

4

Mais bale um paixarico[1] na mano
Que döus a bolar.

5

Pã i bino,
Anda camino.

6

Quiẽ̬̊ cůo̜̬nta ũ cůo̜̬nto
Acrecénta-l' ũ půo̜̬nto[2].

7

Cesteiro que fai ũ cesto
Fai ũ cie̬̊nto,
Dando-le berga (ou *bie̬̊rga*) i tie̬̊mpo[3].

8

Malo háia quie̬̊ mal de mi diç̣:
Malo háia quie̬̊ mu̯[4] l chega a l nariç̣.

---

[1] «Passarinho».
[2] Diz-se *puo̜̬nto* (ou *po̜nto*) e *punto*.
[3] A fórma ordinaria d'este proverbio em português é:

Cesteiro que faz um cesto
Faz um cento.

Nos *Adagios* de Rolland vem assim:

Quem faz um cesto
Fará cento.

Todavia no N. de Portugal, por exemplo no Baixo-Douro e no Baixo-Minho, tenho ouvido tambem uma variante correspondente á mirandesa:

Cesteiro que faz um cesto
Faz um cento,
Dando-lhe verga e tempo.

O ultimo verso é de certo mais moderno.
[4] Por *me*. Influencia da labial.

9

Nu' me fáis e̜l niu trás de l' öureilha

10

Nũ te fíes ã perro que nũ lhadra,
Nĩ ã omi̯ que nũ fala.

11

Cada galho ã söu muradal[1] tẽ múita fo̜rça.

12

Antre primos i armanos
Nu' metas las manos.

13

Filho sós,
Pai serás,
Cumo fazires,
Assi ancuntrarás (ou *acharás*).

14

Quiê̯ a las onze nũ benir
Comerá de l que traír[2].

15

Na tie̯rça, nĩ töu cochino mates, nĩ tùe̯ filha caſes, nĩ tùe̯ tela urdas.

16

Lhuna no̜b' atrobejada
Trinta die̯s ye̜ molhada.

17

Quie̯ sembr' abrolhos co̜lhe spinos.

---

[1] «Muladar», «monturo», «estrumeira».

[2] Parece que ha aqui uma allusão á hora do jantar. *Trair* «trouxer».

18

Qui̊e̬ bo̬na semi̊e̬nte sembra[1] bo̬n trigo co̬lhe.

19

Nũ se cáçã truitas
A bragas[2] aĩxutas.

20

Nesta ti̊e̬rra terruca[3]
Qui̊ẽ̬ nũ trabalha nũ manduca.

21

Se fures a Miranda,
Lhi̊e̬ba l pã na manga.

22

Alhá, alhá riba,
Contra[4] la ráia,
Stá ũn̜a perra parida,
Que mo̬rde que rábia[5].

23

Todas las de Malhadas
Paridas i prenhadas[6].

---

1 «Semeia».

2 *Braga* era termo usado antigamente em mirandês. Quem me disse o rifão, pessoa já de idade, ainda em criança ouviu esse termo na lingua commum. No correspondente adagio português costuma substituir-se *bragas* por *barbas*, por se ter perdido a noção do sentido primitivo de *bragas*.

3 *Terruca* emprega-se aqui por causa da rima; todavia o suffixo *-uca* de *terr-uca* existe noutras palavras mirandesas: vid. GRAMMATICA, § 178.

4 «De frente de» («para o lado de»). É o sentido do lat. c o n t r a, em expressões como *contra Galliam*.

5 Verbo *rabiar*, «estar zangada, raivosa». Outro ex.: *stá ũ frìu que rábia*. Cf. GRAMMATICA, § 264.

6 Quem fôr a Malhadas, basta dizer «Todas...», para logo ser corrido!

Dito da andorinha (mir. *andorina*) á tecedeira preguiçosa.

24

Fụi a l mar,
I bī de ƚ mar,
La mie̯ tela ne̥ telar[1],
I la tùe̯ inda por filar[2].
Preguiceira, que faziste[3]?

Estes rifões, que ouvi a pessoas da Póvoa e de Duas-Igrejas, correm na tradição oral já com fórma mirandesa, e não foram traduzidas expressamente para mim. Podem addicionar-se á pequena collecção que publiquei no opusculo *O Dialecto Mirandês*, Porto 1882, pp. 33 e 34.

[1] «A minha teia no tear».
[2] «Fiar».
[3] «Fizeste».

APPENDICE VI

Sobre o sendinês

Em additamento ao que neste volume, p. 34 sqq., escrevi sobre o sendinês posso aqui expôr algumas observações que ultimamente fiz, conversando no Porto, em Outubro de 1900, com o Sr. Dr. Aleixo Guerra, natural de Sendim, e que falla perfeitamente o seu dialecto natal.

a) O tratamento mais geral na conversação é na 3.ª pess. do sing., e não na 2.ª do pl., como em mirandês normal; ex.: *sente-s' ende* («sente-se ahi»), fallando-se a outrem.

b) Existem duas especies de *i:* um, igual ao *i* português commum; outro, igual ao *ì* ou *ẹ̯* mirandês (vid. Grammatica, pp. 173–174). Represento o primeiro por *i*, e o segundo por *ì*. O som lat. *ī* torna-se em send. *ì*; o som lat. *ĕ* torna-se em send. *i*. Exs.:

Lat. *ī*	Send. *ì*
thīu-	*tìo* (= *tẹ̯o*)
fīlu-	*fìlo* (= *fẹ̯lo*)
fīliu-	*fìlho* (= *fẹ̯lho*)

Lat. *ĕ*	Send. *i*
mĕu-	*miu*
tĕrra-	*tirra*
fĕsta-	*fista*

Ao german. *lista* corresponde *lìsta*. É assim que *lìsta* não rima com *fista*. Cf. Grammatica, § 50.— Correspondentemente ao port. *crista* diz-se em send. *crìsta,* como se na palavra latina respectiva houvesse ī; igualmente se diz em send. *Crìsto* < *Chrīstus,* com o mesmo *ì*.

c) Factos analogos se dão com ū e ŏ latinos, que estão representados em sendinês respectivamente pelo som mir. *ù* (<> *ọ*, Grammatica, p. 177), e por *u* normal português. Exs.:

Lat. ū	Send. ù
ūva	*ùba* (= *ọba*)
nūdus	*des-nùdo* (= *desnọdo*)
cūpa	*cùba* (= *cọba*)

Lat. ŏ	Send. u
fŏrte-	*furte*
bŏnu-	*buno*

Igualmente: *ru* < > port. *rua*. Correspondentemente ao *u* do port. *cruz*, diz-se em send. *crùç,* como se esta palavra tivesse em latim *u* longo.—Cf. Grammatica, § 58.

d) O *-g-* < -c- está em sendinês representado pela semi-vogal *y*, igual ao *y* mirandês; ex.: *fìyo* < fīcu-, *comìyo* <> cum + mecu- sob a influencia do *i* de mihi (vid. Grammatica, § 54-*b*). Ficam assim interpretadas as fórmas que cito neste volume, p. 40, nota: o primeiro *i* que ahi se lê em *amiio, cumtiio,* e o *e* que se lê em *cunteyo, comeyo, ameio* e *feio* tem o mesmo valor,—o qual é *ì* = *ẹ*. Essas palavras podem escrever-se *cuntẹyo* ou *cuntìyo,* etc.

e) A dúvida que neste volume, p. 36, nota 2, propus á cêrca do *-ão* em sendinês, desfi-la agora com o Sr. Guerra, que me assevera que nesse dialecto se diz *mulão* («melão»), *testão* («tostão»), *rapazão,* embora no plural lhe corresponda *-ones: mulones, testones, rapa-*

zones, phenomeno semelhante ao que se passa em português, onde á moderna terminação singular *-ão* corresponde a antiga terminação plural *-ões.*

f) Em virtude do que se notou a cima, no § *b,* diz-se em send. *iuga* (em duas syllabas *iu-ga*) com *i* port. e o ditongo *iu,* como em send. *miu* (em mirandês normal é porém *ìuga* e *mìu*). A palavra send. *tìo* (< lat. thiu) e a palavra send. *miu* (< lat. mĕu-), não rimam entre si, porque na primeira ha *ì* e dissyllabo, e na segunda ha *í* e ditongo.

g) Ao *y* mirandês em *yöu* corresponde em sendinês um som differente, que represento por *ẏ;* este som ouve-se dialectalmente na Hespanha na palavra *yo.*

h) Alem d'estas differenças, e das mais que assignalei neste volume, p. 34 sqq., não conheço outras entre o sendinês e o mirandês normal; aquelle tem, como este: *pöuco, stöu;* distingue *ç* de *s,* como *ʃ* de *z;* nelle o ditongo *ui* não é nasalado em *muito;* o artigo definido é *l* no singl., *ls* no pl. (*l poço, a ls poços, bé' l rìu*); não existe *ê* nem *ô* portugueses, mas *é* e *ó* hespanhoes, etc.

*

Talvez, sem grande inconveniente, pudessemos deixar de considerar o sendinês como sub-dialecto do mirandês, e pudessemos pelo contrário collocá-lo na mesma escala que este em relação aos outros idiomas vizinhos. Com effeito, se elle apresenta phenomenos importantes que o ligam ao mirandês normal, taes como a manutenção do -L- e -N- latinos, e apresenta outros que são evolução adeantada ou desvio dos do mirandês, taes como *-i* = mir. *-ìę, -u* = mir. *-ùę, -i* = mir. *-íę, -u* = mir. *-úǫ,* tem tambem caracteres que o separam bastante, taes como *l-* = mir. *lh-,* e *-ão* = mir. *-õũ.* Vinha assim a haver na raia trasmontana quatro idiomas populares especiaes: rionorês, guadramilês, mirandês e sendinês.

Mas, de qualquer maneira que consideremos o sendinês, ou como sub-dialecto do mirandês, ou como co-dialecto do português (todas as classificações, sejam de que natureza forem, offerecem de ordinario inconvenientes), o facto que importa notar é a relativa independencia de alguns phenomenos do sendinês a respeito dos que no mirandês normal lhes ficam parallelos, e ao mesmo tempo o ar de familia que se manifesta em todas as fallas raianas.

INDICE

PARTE III

Theoria do mirandês

I. Origem do mirandês, condições em que se constituiu, e sua evolução geral 3
II. Variedades dialectaes do mirandês 27
III. Caracteres e classificação do mirandês 43

PARTE IV

Camoniana mirandesa

Advertencia 81
I. Genero lyrico (excerptos):
I. Tu q' eras la mię alma 87
II. Quiero que me röubeis l' alma 88
III. Pus ls mius ǫlhos nũŋa funga 89
IV. Hái ũ bię̃ que chega i fuge 90
V. Ls bǫnos bi-los siempre 91
VI. Perdigöũ perdiu la pruma 92
VII. Inda nũ pǫdo coincer 93
VIII. L trabalh' unrado 94
IX. Aqueilha cautiba (traducção em verso e em prosa) 95
X. Berdes söũ ls campos 98

II. Genero epico (excerptos):
Proposição dos Lusiadas (traducção em verso) 101
Proposição dos Lusiadas (traducção em prosa) 102
Excerptos varios 104
Façanha de Egas Moniz 106
Morte de D. Inês de Castro 109
A batalha de Aljubarrota 115
Aventura de Velloso 121
Traços autobiographicos de Camões:
1. Nasce Camões junto do Tejo.—Começando por cultivar na poesia o genero lyrico, passa a cultivar o epico, e emprehende a composição dos Lusiadas 125
2. Falla das suas viagens em geral, e desgraças 126
3. Naufraga no rio Mecom, na costa de Camboja 127
4. Continúa escrevendo o poema.—Difficuldades do assunto.—Só cantará a honra e a glória 128
5. Epocha em que conclue o poema 130
6. Desanimos ao terminar os Lusiadas 130
7. Synthetiza os factos capitaes da sua vida, e offerece-se ainda para cantar as acções futuras de D. Sebastião 131
III. Genero dramatico (excerptos):
Do auto de El Rei Seleuco 135
Do auto de Filodemo 137
IV. Cartas em prosa (excerpto):
Carta 141

PARTE V

Vocabulario etymologico

Observação preliminar 147
Serie dos vocabulos 149

APPENDICES

Appendice I:
Documentos antigos que se referem á Terra-de-Miranda:
1. Ao Moesteiro de Moreirola: doaçam do Regemgo que se chama Infanys e Costamtino acerca de Surraga em termo de Miranda etc., com encarrego de huũ aniversairo em cada huũ anno [sec. XIII] 229

2. A Pero Memdez, caualeiro: doaçam do Regemgo de Miranda de Senhorio de Hulgoso .s. Atenor e Palaciola com tall condiçam, etc. [sec. XIII] 231
3. [Extracto das Inquirições de D. Affonso III (sec. XIII)] 232
4. Carta de foro duũ lugar que chamã Villar en Terra de Mirãda, que e chamado Lagõaça [sec. XIV]..... 235
5. Carta per que El Rey fez merçee aos moradores e vizinhos do Cõcelho de Mirãda. e per que os Caualeiros dEspada Çinta seiã seus uassallos e que aiã seus marauidis, e outrossi como todos os vizinhos da dita vila seiã esscusados de todo foro Real [sec. XIV]... 236
6. [Inquirições que Fernão de Pina tirou em Miranda, para se lhe dar novo foral (o de 1510)].......... 237
7. Demarcaçã do termo da vjlla de Myranda do Doiro diocisy do arcebispado de Braga [sec. XVI]....... 239
8. [Notícia de um mestre de grammatica da Terra-de-Miranda no tempo de D. Sebastião (sec. XVI)]..... 253

Appendice II:
Apreciações litterarias mencionadas no vol. I, pp. 22–23:
A) Cartas particulares 255
B) Artigos impressos 257

Appendice III:
Communicação feita ao Congresso Internacional de Sciencias Geographicas pelo Sr. Gonçalves Vianna, em Paris, em 1889, a proposito de um mappa linguistico da Europa.............................. 269

Appendice IV:
Additamentos ao vol. I d'estes *Estudos*................. 273

Appendice V:
Litteratura mirandesa local:
I. Sturiano i Marcolfa (entremês—por Francisco Garrido Brandão):
Profecia 283
Entremês propriamente dito................. 287
Notas ao entremês 303
II. Tradições populares mirandesas:
A) Contos (e fabulas):
1. Conto de Marie de l Palo.............. 309
2. Conto da princesa e da velha 316
3. Fabula da vacca e do lobo............. 318
4. Fabula da raposa e da cegonha 319
5. Fabula do mocho e da raposa.......... 319

B) Cancioneiro mirandês:
a) Cantigas de amor 320
b) Cantigas graciosas 325
c) Cantigas devotas:
1. Da Senhora do Monte 326
2. Da Senhora do Rosario 327
3. De Santo Antonio 327
4. Cantiga avulsa 329
d) Adivinhas:
1. La lhengua 330
2. La silba 330
3. L riu 330
e) A gaita de folle 330
f) Rifões e ditados 331

Appendice VI:
Sobre o sendinês 337



Acabou de imprimir-se

Aos 16 dias do mez de março do anno

MDCCCCI

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA



ASTURIAS

Franco

Navia

Boal

Llanes

Parres

Lena

El Vierzo

LEÃO

GALLIZA

Rio Minho

Puebla de Sanabria

Rionor

Guadramil

Deilão

Petisqueira

Bragança

Rio Frio

Quintanilha

Paradinha

Avellanoso

V. de Frades

Vimioso

Rio Maçãs

Rio Angueira

Miranda do Douro

Zamora

Vimioso

Bermillo de Sayago

Mogadouro

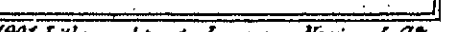
Lagoaça

Rio Sabor

Rio Douro

TRAS OS MONTES

ENTRE DOURO E MINHO



1901. Lithographia da Imprensa Nacional, L.da